

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PATRÍCIA RUAS DIAS

**IMAGENS SIMBÓLICAS NO INSTAGRAM:
MÃES INFLUENCIADORAS E SEUS BEBÊS**

PORTO ALEGRE

2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PATRÍCIA RUAS DIAS

**IMAGENS SIMBÓLICAS NO INSTAGRAM:
MÃES INFLUENCIADORAS E SEUS BEBÊS**

Porto Alegre

2023

PATRÍCIA RUAS DIAS

**IMAGENS SIMBÓLICAS NO INSTAGRAM:
MÃES INFLUENCIADORAS E SEUS BEBÊS**

Tese apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Cultura e Tecnologias das Imagens e dos Imaginários

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre

2023

PATRÍCIA RUAS DIAS

**IMAGENS SIMBÓLICAS NO INSTAGRAM:
MÃES INFLUENCIADORAS E SEUS BEBÊS**

Tese apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva - PUCRS (Orientador)

Profa. Dra. Cleusa Maria de Andrade Scroferneker – PUCRS

Profa. Dra. Renata Cristina de Oliveira Tomaz - UFF

Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro - PUCRS

Profa. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes - Unisul

Porto Alegre

2023

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, meu orientador, que me acolheu de forma carinhosa e respeitosa após caminhos tortuosos no decorrer do doutorado.

À Profa. Dra. Juliana Tonin, minha primeira orientadora do doutorado, que me ensinou muito e mostrou-me caminhos antes desconhecidos na pesquisa em Comunicação.

À minha mãe, Sônia Maria Jeckel Ruas, que acreditou na minha trajetória e vibrou comigo a cada conquista.

À minha irmã, Francine Ruas Dias, que me auxiliou em diversos momentos e ouviu pacientemente as minhas angústias.

Ao meu pai, Gelon José Acosta Dias, que me deu suporte para a realização exclusiva do doutorado.

Aos queridos colegas, companheiros e amigos de jornada Raquel Schneider, Jerônima Daltro Milton e, especialmente, Anderson dos Santos Machado, que leu e revisou tudo o que escrevi nestes últimos quatro anos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que permitiu, por meio de seus recursos, que eu pudesse concluir esta etapa.

RESUMO

A presente tese trata de uma pesquisa sobre como os bebês são acionados simbolicamente nas redes sociais. O objetivo geral do estudo é identificar e compreender quais imagens simbólicas de bebês são difundidas nos perfis do Instagram mais assistidos por mães brasileiras, de acordo com a plataforma Globo Gente, pertencente ao Grupo Globo. O conceito utilizado para analisar as imagens simbólicas é o de bússola arquetípica fundamentada nos eixos biofisiológicos, segundo Durand (1993, 2012). O olhar sobre os bebês é situado de acordo com as diretrizes da Sociologia da Infância (SIROTA, 2001, 2007, 2012; PLAISANCE, 2004). A partir disso, elabora-se um resgate histórico e dos campos do saber sobre as concepções do que são os recém-nascidos socialmente, procurando compreender como se dão as afetações entre as redes sociais e as pessoas na vida cotidiana (LEFEBVRE, 1958, 1981, 1991). A metodologia de pesquisa aplicada na etapa empírica é a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), que norteou a coleta, a classificação e a análise dos dados do *corpus*, obtidos em três perfis selecionados (@flaviacalina, @amandacomenico e @tiadani). As conclusões do estudo desvelam o resgate de imagens simbólicas históricas, como “bebê engraçadinho”, “bebê exaustivo” e “bebê anjo”, que são ressignificadas de acordo com o momento social e histórico em que nos situamos.

Palavras-chave: Comunicação; bebês; imagem simbólica; Instagram.

ABSTRACT

This thesis deals with a research on how babies are symbolically activated in social networks. The general objective of the study is to identify and understand which symbolic images of babies are disseminated in the Instagram profiles most watched by Brazilian mothers, according to the Globo Gente platform, belonging to Grupo Globo. The concept used to analyze the symbolic images is that of an archetypal compass based on biophysiological axes, according to Durand (1993, 2012). The look on babies is situated according to the guidelines of the Sociology of Childhood (SIROTA, 2001, 2007, 2012; PLAISANCE, 2004). Based on this, a historical review and of the fields of knowledge are elaborated on the conceptions of what newborns are socially, seeking to understand how affectations occur between social networks and people in everyday life (LEFEBVRE, 1958, 1981, 1991). The research methodology applied in the empirical stage is Content Analysis (BARDIN, 2011), which guided the collection, classification and analysis of corpus data, obtained from three selected profiles (@flaviacalina; @amandacomenico; and @tiadani) . The study's conclusions reveal the rescue of historic symbolic images, such as "funny baby", "exhausting baby" and "angel baby", which are re-signified according to the social and historical moment in which we are situated.

Keywords: Communication; babies; symbolic image; Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Taxa de mortalidade infantil	27
Figura 2 - Total de trabalhos na área da Comunicação <i>versus</i> trabalhos sobre infância	45
Figura 3 – Alcance total de público potencial em anúncios no Instagram	99
Figura 4 - Perfil de Flavia Calina no Instagram	134
Figura 5 - 1º de junho de 2022	135
Figura 6 - 21 de junho de 2022	135
Figura 7 - 02 de junho de 2022	136
Figura 8 - 12 de junho de 2022	136
Figura 9 - 03 de junho de 2022	137
Figura 10 - 09 de junho de 2022	137
Figura 11 - 14 de junho de 2022	138
Figura 12 - 30 de junho de 2022	138
Figura 13 - Charlie protagonista	140
Figura 14 - Charlie sendo parte do contexto	140
Figura 15 - Charlie: 22 de junho de 2022	141
Figura 16 - Charlie: 11 de junho de 2022	141
Figura 17 - Charlie: 21 de junho de 2022	142
Figura 18 - Charlie: 27 de junho de 2022	142
Figura 19 - Charlie: 07 de junho de 2022	143
Figura 20 - Charlie: 28 de junho de 2022	143
Figura 21 - Charlie: 23 de junho de 2022	144
Figura 22 - Charlie: 28 de junho de 2022	144
Figura 23 - Perfil de Amanda Domenico no Instagram	146
Figura 24 - 03 de junho de 2022	148
Figura 25 - 08 de junho de 2022	148
Figura 26 - 04 de junho de 2022	149
Figura 27 - 14 de junho de 2022	149
Figura 28 - 06 de junho de 2022	150
Figura 29 - 15 de junho de 2022	150
Figura 30 - 1º de junho de 2022	151

Figura 31 - 07 de junho de 2022.....	151
Figura 32 - 22 de junho de 2022	152
Figura 33 - 25 de junho de 2022.....	152
Figura 34 - 12 de junho de 2022	153
Figura 35 - 30 de junho de 2022.....	153
Figura 36 - 10 de junho de 2022	154
Figura 37 - 16 de junho de 2022.....	154
Figura 38 - 07 de junho de 2022	155
Figura 39 - 30 de junho de 2022.....	155
Figura 40 - Maya: 23 de junho de 2022	156
Figura 41 - Maya: 05 de junho de 2022.....	156
Figura 42 - Maya: 1º de junho de 2022	157
Figura 43 - Maya: 29 de junho de 2022.....	157
Figura 44 - Maya: 13 de junho de 2022	158
Figura 45 - Maya: 21 de junho de 2022.....	158
Figura 46 - Maya: 06 de junho de 2022	160
Figura 47 - Maya: 16 de junho de 2022.....	160
Figura 48 - Maya: 05 de junho de 2022	161
Figura 49 - Maya: 06 de junho de 2022.....	161
Figura 50 - Perfil de Tia Dani no Instagram.....	163
Figura 51 - 02 de junho de 2022	165
Figura 52 - 21 de junho de 2022.....	165
Figura 53 - 02 de junho de 2022	166
Figura 54 - 05 de junho de 2022.....	166
Figura 55 - 26 de junho de 2022.....	167
Figura 56 - Aldinho: 25 de junho de 2022	168
Figura 57 - Aldinho: 08 de junho de 2022.....	168
Figura 58 - Aldinho: 16 de junho de 2022	170
Figura 59 - Aldinho: 18 de junho de 2022.....	170
Figura 60 - Aldinho: 02 de junho de 2022	171
Figura 61 - Aldinho: 12 de junho de 2022.....	171

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparativo dos perfis do Instagram	172
Quadro 2 - Categorização das imagens simbólicas de bebês por perfil do Instagram	173

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nascimentos e óbitos no ano de 1776 no Brasil.....	24
Tabela 2 - Flavia Calina: categorias da pré-análise.....	134
Tabela 3 - Amanda Domenico: categorias da pré-análise	147
Tabela 4 - Tia Dani: categorias da pré-análise	164

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS BEBÊS EM SUAS INFÂNCIAS	17
2.1 OS BEBÊS NA HISTÓRIA DO BRASIL	19
2.2 PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA EM RELAÇÃO A OUTRAS ÁREAS DO SABER	28
2.2.1 O modelo determinista	30
2.2.2 O modelo construtivista	38
2.3 AS LINGUAGENS DOS BEBÊS	50
3 REDES SOCIAIS NO COTIDIANO	57
3.1 VIDA COTIDIANA	58
3.1.1 O entendimento de vida cotidiana	61
3.1.2 A temporalidade	66
3.1.3 A alienação	68
3.2 AS TECNOLOGIAS E SEUS USUÁRIOS	77
3.2.1 Construção Social das Tecnologias (SCOT)	79
3.2.2 Teoria Ator-Rede (TAR)	81
3.2.3 Papel das mediações nas redes sociais	87
3.2.4 Percepções sobre as redes sociais	90
3.2.5 O Instagram	96
4 IMAGEM: ENTRE O TÉCNICO E O SIMBÓLICO	102
5 ANÁLISE DE <i>STORIES</i> DO INSTAGRAM	129
5.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	129
5.2 FLAVIA CALINA	132
5.3 AMANDA DOMENICO	145
5.4 TIA DANI	162
5.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	172
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICE A - Figuras referentes ao bebê do perfil de Flavia Calina	193
APÊNDICE B - Figuras referentes ao bebê do perfil de Amanda Domenico	201
APÊNDICE C - Figuras referentes ao bebê do perfil de Tia Dani	210

1 INTRODUÇÃO

A ideia de infância como uma construção social, ancorada no contexto social e no discurso das ciências, tem como um dos seus marcos a obra de Philippe Ariès, de 1976¹, chamada *História Social da Criança e da Família*. Nela é pontuado o papel da criança no âmbito familiar e nas instituições de ensino, e, a partir disso, o autor afirma que a compreensão sobre a infância veio de um processo gradual ocorrido entre o final do século XVI e o decorrer do século XVIII. Isso se deu pelo aumento na quantidade de escolas, que eram instituições que acolhiam as crianças, mas as deixavam longe dos adultos. Essas descobertas históricas e sociais trouxeram questionamentos sobre a essencialidade da infância. O “sentimento de infância”, que Ariès afirma ser uma percepção da sociedade a respeito de diferenças qualitativas entre as categorias infância e adultez, está entranhado nas práticas cotidianas e na organização das instituições, sendo também natural que bebês precisem de cuidados diferenciados em relação às crianças maiores.

O processo de escolarização e as normatizações médicas com foco no desenvolvimento físico e psíquico dos infantes foram pontos centrais para uma separação entre adultos e crianças. Para Castelli e Delgado (2017), processos sociais e econômicos que percebiam os bebês como oportunidades para ascensões familiares foram os propulsores para o desenvolvimento de diretrizes com base em ciência, técnica e progresso. Segundo esses autores, os estudos evolucionistas compreendem que a sociedade caminha em uma trajetória linear e igual para todos, a qual visaria a um estatuto de civilização e, dessa forma, ao progresso do sujeito. Os bebês, nessa concepção, encontram-se em um estágio rudimentar, incipiente e incompleto, evoluindo em direção à sua completude na adultez.

De acordo com Costa (1979), a educação nos aspectos físico, moral, intelectual e sexual tinha como intuito salvar as pessoas da desordem. Sendo assim, quaisquer movimentos do corpo, da moral e do intelecto começaram a ser observados, controlados e anotados. A vigilância das especificidades de cada indivíduo fez com que as pessoas fossem vistas como valorosas no âmbito individual e que suas histórias físico-emocionais fossem importantes. Os predicados corporais e morais dos adultos passaram a ser analisados como determinados pelas formas como eles tinham sido tratados na infância.

¹ O ano de 1976 corresponde à primeira edição da obra. Nesta tese foi utilizada a segunda edição, do ano de 1981, conforme consta no capítulo de Referências.

² No original: “*Pour l'individu, tout s'évalue d'abord à la mesure de sa vie quotidienne, de ce qui en fixe les régularités comme de ce qui les perturbe, les modifie ou menace de les briser*” (BALANDIER, 1983, p. 3).

³ No original: “*C'est d'ailleurs cette caractéristique qui fait qu'elles délimitent le domaine privé,*

Para o autor supracitado, os comportamentos “civilizados” foram desenvolvidos com base em autculpabilização. O indivíduo viu-se obrigado a desempenhar “um autocontrole tirânico sobre si mesmo” (COSTA, 1979, p. 14), e as mais simples falhas passaram a ser intoleráveis, fossem suas ou dos seus semelhantes. A busca pela criação de crianças produtivas passou a ser um dos objetivos das famílias. Se seguissem certos padrões e modos de ser, elas seriam premiadas com oportunidades em lugares de destaque da sociedade (TURMEL, 2008).

A apropriação da subjetividade e do corpo dos bebês é um processo que teve origem no interesse do Estado pelas questões privadas das famílias e pelas problemáticas que dizem respeito à saúde. Procurava-se mostrar que as pessoas que erravam ou se equivocavam nos cuidados faziam-no por ignorância e desconhecimento; por isso a dependência dos saberes científicos médicos. Costa (1979, p. 73-74) afirma que “sem ele [o médico] nada restava, senão o caos, a loucura, a doença e a morte”. Quanto mais especializadas e detalhadas fossem as medidas recomendadas, menor a compreensão da família e maior a dependência de um suporte externo.

Ainda hoje, as mais variadas possibilidades de cuidado e de preparo para o cuidado, como cursos para ensinar a massagear bebês com cólicas, especialistas em rotina de sono do recém-nascido, babás eletrônicas que acionam os cuidadores a qualquer movimento do bebê, entre outras, não proporcionam maior liberdade para os adultos; ao contrário, cada vez mais aumentam a dependência referente aos “detentores do saber” (MEURER, 2009). O autor diz que a racionalização das esferas da vida social faz com que a infância seja percebida como precária e essencial ao mesmo tempo, exigindo ações positivas para que exista. Dessa forma, além de ser uma problemática moral e política, essa racionalização é técnica, jurídica e mercadológica. Nascem assim a preocupação com as condições da infância, a elaboração de legislações específicas, ações governamentais e sociais para garantir a integridade física e psicológica dos infantes, a visão de que as crianças são um público valorizado pela cultura e pelos meios de comunicação, entre outros aspectos.

A percepção de que os bebês são distintos das crianças de mais idade e também dos adultos, juntamente com a percepção da essencialidade dessa fase da vida, origina sentimentos de compreensão e preocupações no que se refere a cuidar e suprir necessidades, a fim de que nada falte ao recém-nascido. Tais preocupações em algumas circunstâncias passam pela não compreensão da comunicação dos bebês.

A palavra “infância” vem do latim *infantia*, em que *in* significa a negação e *fan* diz respeito à fala. Significa, portanto, indivíduo que não possui a capacidade de falar. Em

conformidade com Gottlieb (2009), além de não falarem, não caminharem, não se alimentarem sozinhos e somente conseguirem realizar movimentos simples, os bebês são alvos de pensamentos que os colocam em um lugar de incompetência. A impossibilidade de expressar-se por meio de palavras entra em um embate com a ideia da cultura ocidental segundo a qual, para alguém se fazer presente socialmente, é preciso falar. Assim sendo, as expressões corporais não costumam ser entendidas como forma de linguagem, não sendo compreendidas como propriedade cultural, e sim como pré-cultural.

Souza (1994) esclarece que, de acordo com a teoria mimética, a linguagem é oriunda da mímica de gestos primitivos. Nos primórdios da humanidade, o som não era um objetivo, mas apenas um acompanhamento de determinado gestual. Com o passar do tempo, a manifestação sonora apartou-se das manifestações corporais e tornaram-se predominantes por serem compreendidas como mais práticas. Essa teoria afirma que a fala era somente uma imitação do gesto, o que se equipara ao instinto animal de mimese e expressão por meio do corpo. Conforme Benjamin (1987), essa competência mimética da linguagem transformou-se em paralelo com a trajetória dos humanos. Pela perspectiva ontogenética, pode-se observar nas brincadeiras infantis que elas não se limitam a imitações de outras pessoas, mas também abarcam imitações de objetos e seres reais, da maneira que a imaginação desejar.

Em consonância com Benjamin (1987), os gestos corporais são uma espécie de escrita realizada no ar, sendo a representação simbólica da trajetória vivida pela criança. Compreender a linguagem como uma função simbólica é permitir o entendimento das mudanças significativas que aconteceram no decorrer da história. Dessa forma, não se tem motivo para a separação entre “linguagem com o mundo e com a vida, reduzindo-a a um simples veículo de razão instrumental” (SOUZA, 1994, p. 139). Para Benjamin (1987), a linguagem não se trata de signos convencionais; ela é uma ferramenta para que se possa refletir sobre acontecimentos reais.

Ainda segundo Benjamin (1987), a predominância da linguagem falada atrofiou a gama de significados da linguagem gestual. O fato de limitar determinado signo comunicacional a apenas um significado é uma barreira no que concerne à profundidade e à variação de sentidos. Nesse sentido, Françoise Dolto (*apud* LEDOUX, 1992) recomenda que os adultos sejam mais tolerantes em relação aos movimentos e às atividades corporais exploratórias dos bebês. O período de exploração exige contato físico com tudo que os rodeia; assim, a criança faz comparações no que tange ao seu corpo, aos seus conhecimentos e à realidade que está ao seu redor. Além do desenvolvimento intelectual e afetivo, a criança também aprende a diferenciar o que é permitido do que não é, coisas que só podem ser

observadas de coisas que podem ser tocadas. Por meio de brincadeiras e dos objetos é que o bebê “domestica os mistérios da vida, lida com a vida e com a morte, suporta a realidade” (LEDOUX, 1992, p. 226, tradução nossa).

Para Dolto (1999, 2007), puxar coisas, manusear, empurrar, jogar, chorar, sorrir e imitar são marcos de desenvolvimento estabelecidos através de trocas e formas de expressão dos recém-nascidos. Os bebês, diz a autora, são sujeitos de cultura e seres comunicativos desde o momento em que estão no útero (DOLTO, 1999). Assim que nascem, são capazes de perceber e compreender tudo o que acontece ao seu redor. Nesse sentido, os contatos e os cuidados diários entre o bebê e o cuidador são momentos de comunicação, com alto valor de significados e de trocas, as quais acontecem de diversas formas, desde o cheiro, o olhar, os carinhos, o som e até os momentos das necessidades básicas. Desde que chegam ao mundo exterior, os bebês são seres ativos, receptivos e verbais que anseiam por trocas gestuais, de linguagem vocal e que prestam atenção em todas as pessoas que com eles interagem.

As questões relacionadas à comunicação dos bebês, aos vínculos com os adultos que os cuidam, às mudanças relacionadas às formas de criação, à necessidade da escola e à confiança nas diretrizes dos especialistas são fatos sociais. Essas características das sociedades são definidas e transformadas de acordo com as relações sociais e culturais, que podem ser determinadas pela economia, pela técnica e pela tecnicidade. Diante disso, desde a década de 1980, o campo da Sociologia dedica-se a pesquisar a ontologia, a epistemologia e a metodologia das tecnologias, as quais, em consonância com os seus usos, alteram a forma de as pessoas relacionarem-se entre elas e entre sujeito e máquina.

Salgado (2018) entende que as mídias sociais permitem o encontro, a vinculação e a afetação dos usuários por meio do intercâmbio entre conteúdos produzidos e divulgados por todos que as utilizam. A forma peculiar de organização e de orientação das vidas cotidianas a partir de tais ferramentas faz com que elas sejam importantes nas interações sociais e individuais, visto que há uma coevolução entre as mídias e as pessoas, tornando-as parte do tecido institucional das sociedades (DIJCK, 2013). As ideias, os gostos, os valores e as crenças compartilhados nas redes sociais podem se espalhar por intermédio da rede humana, afetando pensamentos e modos de fazer.

A lapidação dos processos culturais acontece por ações autointeressadas dos agentes institucionais, pelas atividades realizadas na cotidianidade dos sujeitos e das comunidades, além das formas de compreensão e descrição das complexidades do mundo (COHEN, 2012). A compreensão e a descrição devem incluir as características dos ambientes que oferecem a possibilidade de interação entre os usuários, visto que as ações comunicacionais estimuladas

transformam sentidos e favorecem determinados agrupamentos e contatos. Esses estímulos acarretam competições por popularidade e por mecanismos de classificação, os quais automaticamente interferem nas ações dos usuários.

A partir das percepções de que a ideia sobre os bebês altera-se ao longo do tempo e de acordo com o ambiente, e também de que as redes sociais são dinamizadoras de tais impressões, surge o problema de pesquisa desta tese: quais são as imagens simbólicas de bebês mais veiculadas na rede social Instagram? Conseqüentemente, a presente pesquisa objetiva identificar e compreender quais são as imagens simbólicas de bebês difundidas nos perfis mais assistidos por mães brasileiras.

Sabe-se que os bebês, na realidade existente no Brasil, por vezes não são criados, educados e cuidados somente por suas mães. Pais, avós, irmãos mais velhos, tios, babás e outras pessoas fazem parte do grupo de cuidadores e têm igual importância ao desempenharem o papel de atender às necessidades básicas dos recém-nascidos, atuando na higiene, na alimentação, na segurança e no conforto. Esta pesquisa reconhece e cita em diferentes momentos a palavra “cuidadores”, com a intenção de abarcar todas essas pessoas fundamentais no suporte aos bebês; porém, a parte empírica dedica-se às mães, com intuito de constituir um recorte metodológico.

Para dar conta do objetivo proposto no estudo, no capítulo “Os bebês em suas infâncias” procura-se compreender como os bebês brasileiros são compreendidos em suas infâncias, inicialmente, por meio de um resgate histórico da situação social desses indivíduos, com o auxílio de autores como Desjardins (1998), Del Priore (2010) e Scarano (2010). Posteriormente, situa-se a Sociologia da Infância (SIROTA, 2001, 2007, 2012; MOLLOBOUVIER, 2005; PLAISANCE, 2004; CORSARO, 2011; MORUZZI; ALONSO, 2020) para que seja definido o olhar dado pelos campos do saber da Medicina, da Psicologia, da Educação e da Comunicação. Por fim, recorre-se às ideias de Françoise Dolto (1974, 1999, 2007; *apud* LEDOUX, 1992) e de Walter Benjamin (1987; *apud* SOUZA, 1994) para compreensão das linguagens e da forma de comunicação dos bebês.

Posteriormente, no capítulo intitulado “Redes sociais no cotidiano”, com objetivo específico de perceber como acontecem as afetações entre redes sociais e indivíduos na vida cotidiana através da mediação, recorre-se à Teoria Ator-Rede (CARDOSO, 2015, 2019; LATOUR, 2012; LAW, 1992; PRIMO, 2012; SALGADO, 2018). A partir dessa teoria, são apresentadas percepções sobre as redes sociais com o auxílio dos autores Dijck (2013), Lemos (2013) e Cohen (2012). Finalmente, para compreender os conceitos de vida cotidiana, a qual compreende as estruturas lógicas das ações dos sujeitos, recorre-se a Lefebvre (1958, 1981,

1991), trazendo os pensamentos de Certeau (1995, 2014) e de Heller (1985, 1991) para a discussão de contrapontos.

No capítulo “Imagem: entre o técnico e o simbólico”, em seguida, para compreender o que são e como se dão as imagens simbólicas, filia-se às teorias de Durand (1993, 2012), mas trazendo as ideias de Belting (2006, 2010, 2014, 2015) para enriquecimento do assunto.

Enfim, o capítulo “Análise de *Stories* do Instagram” busca apresentar os perfis analisados e responder quais imagens simbólicas de bebês são veiculadas no Instagram por meio da análise de dados coletados nos perfis de Flavia Calina (@flaviacalina), Amanda Domenico (@amandacomenico) e Tia Dani (@tiadani), fazendo uso da metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Na sequência, espera-se contribuir com reflexões acerca das imagens simbólicas de bebês que estão presentes na sociedade brasileira, assim como fortalecer a relevância desses sujeitos para as pesquisas na área da Comunicação.

2 OS BEBÊS EM SUAS INFÂNCIAS

A presença de bebês se dá em muitos espaços públicos de convívio: nas praças, nos aeroportos, nas creches, nos postos de saúde, nas praias. Há os que estão mamando no seio de suas mães, aqueles que tomam mamadeira, os que são carregados em *slings* junto ao corpo dos cuidadores, os que passeiam em carrinhos, os que brincam com móveis, os que assistem a desenhos no *tablet*. Seus expressivos rostos, sejam brancos, negros ou mestiços, aparecem em comerciais na televisão, estampam embalagens de fraldas, são protagonistas em propagandas que pregam a inclusão. Essa quase onipresença dos bebês leva-nos ao objetivo deste capítulo: compreender como os bebês brasileiros são percebidos em suas infâncias.

Para que se possa chegar a esse entendimento, é preciso acessar o passado. A tarefa de olhar para trás ajuda a compreender o agora e a vislumbrar um futuro, entendendo os motivos de certos caminhos de nossa sociedade. Como lembra Mary Del Priore,

para começar, a história sobre a criança feita no Brasil, assim como no resto do mundo, vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais [ONGs] e pelas autoridades daquele no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa. O mundo que a “criança deveria ser” ou “ter” é diferente daquele onde ela vive ou, no mais das vezes, sobrevive. O primeiro é feito de expressões como “a criança precisa”, “ela deve”, “seria oportuno que”, “vamos nos engajar em que”, até o irônico “vamos torcer para”. No segundo, as crianças são enfaticamente orientadas para o trabalho, para o ensino, para o adestramento físico e moral, sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente a ela está associada: do riso e da brincadeira. (2010, p. 8)

A forma ideal de se perceber um bebê feliz, mamando no seio de sua mãe, agasalhado para enfrentar o inverno ou rindo quando o pai faz careta normalmente é oposta a informações e a notícias que vemos em todos os cantos: bebês abusados sexualmente, afastados de suas mães com menos de um mês de idade porque elas precisam trabalhar, entre outras situações. Nada disso é exclusivo de uma infância brasileira, mas esse é o nosso cotidiano.

Mary Del Priore (2010) pontua as peculiaridades das infâncias brasileiras, inicialmente oriundas do sistema colonial antigo e da industrialização tardia, que via o trabalho infantil como “a melhor escola” até o final do século XIX. Realidade que ainda é presente, visto que cerca de 1,8 milhão de crianças ainda ajudam a sustentar suas famílias; destas, 66,1% são pretas ou pardas (IBGE, 2020). A autora afirma também que a historiografia internacional serve como inspiração, mas que não pode ser orientadora para as vivências no Brasil, visto que a desigual distribuição de riquezas, o escasso acesso à educação e as marcas do

escravismo ainda são muito presentes. Além disso, a distinção entre infância e vida adulta no país não se configura como na Europa.

Ela [a infância] é feita, ao contrário, à sua sombra. No Brasil, foi entre pais, mestres, senhores e patrões que pequenos corpos tanto dobraram-se à violência, às humilhações, à força quanto foram amparados pela ternura dos sentimentos familiares mais afetuosos. Instituições como as escolas, a Igreja, os asilos e as posteriores Febens e Funabens, a legislação ou o próprio sistema econômico fizeram com que milhares de crianças se transformassem precocemente em gente grande. (DEL PRIORE, 2010, p. 14)

Em paralelo, e interferindo nessa história dos bebês, há pesquisas e estudos das áreas do saber que são desenvolvidos há muito tempo por diferentes perspectivas (Psicologia, Medicina, Sociologia, Comunicação, Educação, entre outras). A partir disso, diversas proposições foram e ainda são concebidas, cada uma tendo um ponto de partida para as diversas maneiras de perceber a criança, muitas vezes com divergências. Surgem, assim, formas de investigá-la e de atuar com ela.

Os interesses e os investimentos em investigações de/para/com bebês são reflexos de processos socioculturais. Para Desjardins (1998), as aspirações por conhecimento sobre o tema surgiram a partir do “nascimento do sentimento da infância” na sociedade ocidental, desenvolvendo o pensamento conceitual e considerando a relevância das crianças.

Pioneiro em análises iconográficas sobre concepções da infância, Philippe Ariès (1981), historiador francês, entende que a consciência sobre a categoria em questão teria sido resultado de um processo gradual que se deu do final do século XVI até o século XVIII, primeiramente nas camadas mais nobres da sociedade e, posteriormente, na classe rural. Segundo o autor, a proliferação de escolas, instituições que acolhiam as crianças e deixavam-nas apartadas dos adultos, foi um impulsionador para a “descoberta da infância”. Ou seja, para Ariès, há um entrelaçamento do conceito de infância com o desenvolvimento institucional da educação, o qual resultou em uma nova estruturação da família em torno da criança e da educação.

A partir desse cenário, recorreremos à Sociologia da Infância (SIROTA, 2001, 2007, 2012; MOLLO-BOUVIER, 2005; PLAISANCE, 2004; CORSARO, 2011; MORUZZI; ALONSO, 2020), a qual percebe os bebês como sujeitos sociais capazes de apropriarem-se da cultura, interpretando-a e promovendo-a, a fim de que possamos entender os olhares que diferentes campos do saber lançam sobre os recém-nascidos. Os campos selecionados foram: Medicina (DESJARDINS, 1998; COSTA, 1979; CASTELLI; DELGADO, 2017; MOZÈRE,

2013), Psicologia (TURMEL, 2008; PIAGET, 1999), Educação (VIEIRA, 1988; BARBOSA, 2010; SILVA; NEVES, 2020) e Comunicação (TONIN, 2022; McNEAL, 2000, 2007).

A partir dos saberes da Sociologia da Infância, escolhida para ser a norteadora desta pesquisa por privilegiar as diferenças socioeconômicas e individuais, compreender os bebês em suas realidades e removê-los da invisibilidade, recorreremos ao seu método de investigação, que é a escuta das crianças. Para que isso pudesse acontecer, servimo-nos das ideias de Françoise Dolto (1974, 1999, 2007; *apud* LEDOUX, 1992) e de Walter Benjamin (1987; *apud* SOUZA, 1994), para que pudéssemos situar as linguagens e perceber como se dá a comunicação dos bebês. Os autores partem do princípio de que a linguagem é a junção de gestos corporais e gestos vocais, os quais têm por objetivo a expressão da existência no mundo por meio de experiências. Sendo assim, toda e qualquer ação e experimentação de um bebê é comunicação.

2.1 OS BEBÊS NA HISTÓRIA DO BRASIL

Sem a pretensão de esgotar a trajetória histórica dos bebês no Brasil, mas com o intuito de situá-los historicamente e socialmente, é importante que se pontuem as vivências daqueles que estavam embarcados nas naus do século XVI, aqueles que acompanhavam seus pais ou parentes nas expedições entre Portugal, África e Brasil. As crianças, de diversas idades, estavam em menor número; tinham, porém, papel importante no bom funcionamento das atividades nas embarcações, pois trabalhavam da mesma maneira que os adultos. Nas empreitadas em alto-mar, eram as primeiras vítimas da inanição, da insalubridade e, muitas vezes, morriam por sangrias aplicadas por outras crianças que integravam a tripulação (RAMOS, 2010). Os cadáveres serviam de alimento aos tubarões. Ademais, as mulheres e os seus filhos eram deixados para trás em caso de naufrágio. Chambouleyron relata o modo como os europeus viam as crianças ao chegarem à América:

É bem verdade que a infância estava sendo descoberta nesse momento no Velho Mundo, resultado da transformação nas relações entre indivíduos e grupo, o que ensejava o nascimento de novas formas de afetividade e a própria ‘afirmação do sentimento da infância’, na qual Igreja e Estado tiveram um papel fundamental. Neste sentido, foi também esse movimento que fez a Companhia escolher as crianças indígenas como o ‘papel branco’, a cera virgem, em que tanto se desejava escrever; e inscrever-se. (2010, p. 58)

Desjardins (1998) afirma que a sensibilidade concernente à infância, a qual levou à individualização biológica e social, originou-se a partir de preocupações demográficas que

contabilizavam a mão de obra para a produção e o crescimento econômico, trazendo à tona as diferenças de idades e a problemática da mortalidade infantil. Ao se tornar um interesse político por questões econômicas, a infância ganhou o *status* de população. Nesse sentido, Ariès (1981, p. 3) explica que na Europa, no século XVI, era comum a prática de diários familiares, nos quais eram anotados acontecimentos domésticos, contas, nascimentos e mortes. Havia uma preocupação com a precisão cronológica e o sentimento familiar: “As pessoas sentiam a necessidade de dar à vida familiar uma história, datando-a”. A noção de idade tomou força à medida que os reformadores religiosos e civis tornaram-na necessária nos documentos das pessoas mais instruídas, aquelas que frequentavam os colégios. O autor ainda afirma que, nesse mesmo período, as crianças não apareciam em seus próprios retratos funerários ou no de seus pais; porém, nos de seus professores, sim.

Os europeus, que começavam a perceber a infância como uma categoria diferenciada em relação à dos adultos, referiam-se às crianças como “meúdos”, “ingênuos” e “enfantés”, ao passo que a mentalidade coletiva europeia percebia a infância como um tempo sem personalidade, um momento de transição e até uma forma de esperança para uma sociedade. Conforme Del Priore,

os primeiros cuidados com o recém-nascido eram ancilares. Seu corpinho molengo era banhado em líquidos espirituosos, com vinho ou cachaça, limpo com manteiga e outras substâncias oleaginosas e firmemente enfaixado. A cabeça era modelada e o umbigo recebia óleo de rícino misturado à pimenta com fins de cicatrização. Coroando os primeiros cuidados, era fundamental o uso da estopada: “cataplasma confeccionado com a mistura de um ovo com vinho”, aplicado a uma estopa que por sua vez era presa por um lençinho à cabecinha do pequeno para “fortificá-la”. As mães indígenas preferiam banhar-se no rio com seus rebentos. As africanas costumavam esmagar o narizinho de seus pequenos, dando-lhes uma forma que lhes parecia mais estética. Os descendentes de nagôs eram enrolados em panos embebidos numa infusão de folhas, já sorvida pela parturiente. O umbigo recebia as mesmas folhas maceradas, e num rito de iniciação ao mundo dos vivos, imergia-se a criança três vezes na água. (2010, p. 86)

Percebe-se que, independente de origem, religião, classe social ou grau de escolaridade, as mulheres realizavam rituais para que os bebês fossem recebidos pela comunidade como sujeitos pertencentes. Aos poucos, os manuais de medicina ocidental espalharam ensinamentos higienistas que falavam sobre quais os melhores tecidos para enrolar os recém-nascidos, como banhar com água e sabão, qual tipo de touca colocar, entre outros.

As mães, por sua vez, cuidavam para preservar a função simbólica da sujeira do corpo infantil como uma forma de proteção contra o mau-olhado ou bruxarias. Partes como o umbigo ou as unhas, que poderiam ser utilizadas para malefícios contra os vulneráveis filhinhos, eram cuidadosamente enterradas no quintal. Já a urina e os primeiros excrementos, considerados santos remédios e poderoso exorcismo, eram cuidadosamente usados para curar manchas ou infecções de adultos. (DEL PRIORE, 2010, p. 87)

Já no século XVII, os médicos orientavam para a importância do leite materno; alegavam que, além de mais saudável, ele combatia qualquer doença que o recém-nascido pudesse ter. As mães, com o intuito de garantir a fartura de leite por mimese, colocavam em seus seios peças de louça de cor branca leitosa (DEL PRIORE, 2010). Grande parte das crianças amamentadas por suas mães eram indígenas, enquanto os bebês europeus eram entregues às amas de leite para serem amamentados e criados. Dessa maneira, caso o filho viesse a falecer, as mães nem tomariam conhecimento.

Entre as crianças negras, além do leite, a alimentação comum era à base de mingau de tapioca. As escravas recorriam a essa dieta para que seus filhos ficassem fortes e não sucumbissem nos primeiros meses de vida. Os médicos da época, como expõe Del Priore (2010), entendiam que, pela sua fraqueza, os órgãos digestivos dos recém-nascidos não suportavam tal alimentação, censurando-a através de uma lista de possíveis doenças causadas pelo mingau. O mingau, popular entre os escravos, contrariava os ensinamentos da medicina europeia, que associava alimentos grosseiros a crianças pouco inteligentes. Entretanto, a superalimentação foi uma “revanche simbólica sobre a malnutrição crônica” (DEL PRIORE, 2010, p. 88).

A técnica de pré-digestão de alimentos embebidos na saliva dos adultos significava muito mais um cuidado do que falta de higiene. Na tradição africana, até os três anos, as crianças comiam pirão de leite ou farinha seca com açúcar bruto de manhã; leite com jerimum ou escaldado de carne ao almoço. O prato de resistência era o feijão cozido, servido com farinha e machucado à mão. Leite de cabra era considerado poderoso fortificante infantil. Faltando leite à mãe, alugava-se uma ama de leite negra (isso no caso das famílias de posses, e já no início do século XIX) ou entravam em cena as papinhas mais variadas. [...] É bom não esquecer que essas pequenas vidas estavam ligadas estreitamente à evolução do sistema econômico. A criança era a vítima preferida das crises frumentárias, das tensões sociais, das epidemias. As diferenças sociais acentuavam as distinções entre ricos e pobres; os últimos, sem dúvida, mais vulneráveis e adoentados. (DEL PRIORE, 2010, p. 88)

Pode-se perceber que a vida cotidiana dos bebês e das mães não tinha tão somente uma forma de acontecer. As religiões, os cuidados higiênicos, as classes econômicas, as cores das

peles e os acessos a alimentos ditavam os diversos modos de experienciar os acontecimentos diários e de criar os bebês.

A prática comum, entre os séculos XVII e XIX, de entregar os bebês para serem cuidados pelas amas de leite, as quais geralmente eram mulheres negras, escravas e que haviam tido filhos recentemente, foi considerada pela filósofa e historiadora Elisabeth Badinter (1985, p. 141-142) um “infanticídio disfarçado” ou uma “atitude inconscientemente assassina”, tendo em vista que separar o bebê de sua mãe acarretava abandono e morte. Além da transmissão de doenças e dos riscos higiênicos, nos guias maternos da época, elaborados por médicos, argumentava-se que valores morais inapropriados poderiam ser passados para as crianças; também que amas com lembranças de seus filhos, ou que estivessem exercendo a tarefa contra a vontade, produziriam leites “ruins”, acarretando na má nutrição dos recém-nascidos (CASTELLI; DELGADO, 2017).

Ainda que fosse esse o cenário, o “amor materno” deixou marcas nessa época. A própria expressão esteve presente em muitos documentos, quando as mães, no leito de morte, deixavam seus filhos aos cuidados de outras mulheres. As amas de leite também contribuíram para o estreitamento de laços afetivos entre adultos e crianças, como por meio da prática do fenômeno da reduplicação de sílabas tônicas na linguagem: dodói, papá, bumbum, entre outras (DEL PRIORE, 2010). Foram criadas múltiplas formas de convivência, a fim de impedir que os recém-nascidos ficassem sós. As crianças mais velhas brincavam com os bebês como se fossem animais de estimação (DEL PRIORE, 2010), e os filhos de escravas começaram a frequentar as casas dos senhores. Tais aproximações não eram bem vistas por moralistas que acreditavam que, para uma boa educação, era necessária a aplicação de castigo físico, o qual fora introduzido pelos padres jesuítas “para horror dos indígenas, que desconheciam o ato de bater em crianças [...]. A correção era vista [pelos europeus] como uma forma de amor. [...] O amor de pai devia inspirar-se naquele divino, no qual Deus ensinava que amar ‘é castigar e dar trabalhos nesta vida’” (DEL PRIORE, 2010, p. 98).

Além dos cuidados médicos e de ordem material, as crianças recebiam os cuidados espirituais da doutrina católica, que se assentava no Brasil Colônia. O batismo não era unicamente um rito de promessa de fidelidade aos ensinamentos católicos ou de purificação; era uma solenidade que marcava a entrada do recém-nascido nas estruturas sociais e familiares (DEL PRIORE, 2010). Tanto os descendentes de europeus quanto os filhos de escravos eram envoltos em roupas brancas e enfeitados com fitas coloridas para a cerimônia, que contava com parentes, amigos, padrinhos e madrinhas, demonstrando o fortalecimento dos laços afetivos.

A vida social passou a ser marcada pelos códigos de comportamento e de cuidado com a aparência, os quais eram diferenciados entre os núcleos sociais de negros livres, escravos, moradores da área rural e urbana, ricos, pobres, abandonados e órfãos. A educação e a medicina marcaram as infâncias no Brasil Colônia. Além da luta pela sobrevivência, procurava-se “adestrar” as crianças para que assumissem responsabilidades. Consoante Del Priore (2010), apesar das inúmeras diferenças, a idade unia as crianças, que eram convidadas, de acordo com sua condição socioeconômica, a se moldarem a diferentes tradições culturais, educativas e sociais. A história mostra que, independente do núcleo cultural (escravos, negros livres, indígenas, brancos pobres e brancos ricos), as crianças eram tratadas e concebidas, inclusive nas perspectivas religiosas, como parte importante das comunidades.

Era muito comum, no século XVIII, que houvesse pouca menção a crianças e bebês nos documentos e nas cartas entre metrópole e colônia, mas isso não significa que eram ignorados; eles faziam parte ativa das famílias. A morte, todavia, não era vista como uma tragédia como é atualmente. Existia a ideia de substituição: um morre e outro toma o seu lugar. Os números de nascimentos e de falecimentos eram tão grandes que uma morte não faria diferença (SCARANO, 2010). No mesmo período, os nascimentos de filhos de brancos com pessoas de outras etnias (índios e africanos) tornaram-se maioria, e essas crianças eram chamadas de cabra, mestiços, mulatos, pardos e “gente de cor”. Algumas mães escravas, quando pariam, ganhavam alforria junto aos seus filhos, os quais, com o passar dos anos, formaram o grupo de maior significância cultural.

A realidade dos bebês negros era completamente diferente da dos mestiços:

Para os donos, a maior serventia das crianças nascidas no lugar era o fato de tornar possível a existência de uma ama de leite para alimentar seus filhos. Mas, para isso, não havia necessidade de sobrevivência do filho da escrava. Essa mentalidade, certamente não deliberada e clara, mas sutil, tornava a vida da criança escrava pouco valorizada. Mas a ama de leite era importante e o aleitamento era visto como valioso, tanto pela Igreja como pelos conceitos médicos vigentes, e, assim, as mulheres escravas que davam à luz eram empregadas como fornecedoras de alimento para crianças de outras categorias. Chegavam mesmo a ser alugadas por bom preço para essa finalidade. Isso evidentemente prejudicava seus próprios filhos, que muitas vezes sofriam grandemente com a escassez do leite materno. (SCARANO, 2010, p. 114)

O autor esclarece, por meio de números, a realidade dos nascimentos e dos óbitos no ano de 1776 (Tabela 1). Fica claro que pardos, mestiços e cabras são a maioria dos nascidos; todavia, o que chama atenção é que a quantidade de pretos e crioulos mortos é maior que a de

nascidos. Esses dados representam a falta de cuidados no tocante à saúde e à alimentação, além da baixa importância dada pela população aos bebês nascidos de escravos. Importante ressaltar que muitos bebês que nasciam mortos, ou que logo após o parto vinham a falecer, não eram computados porque não haviam sido batizados, ritual que dava “vida oficial” às crianças.

Tabela 1 - Nascimentos e óbitos no ano de 1776 no Brasil

	Nascimentos	Óbitos
Branco	473	246
Pardos, cabras e mestiços	717	239
Pretos e crioulos	544	596

Fonte: Scarano, 2010, p. 116.

Mauad informa que os viajantes chegados ao Brasil narravam em suas correspondências sentimentos de desconforto e inadequação com o que viam no país:

Reclamavam dos mosquitos, do calor, da falta de cuidado com a cidade, dos costumes desordenados e das crianças. Estas verdadeiras selvagens, *enfant terribles*, para um outro viajante, desta vez um inglês: ‘uma criança brasileira é pior que mosquito hostil [...] crianças no sentido inglês não existem no Brasil’.

Toda essa avaliação negativa está relacionada, em boa parte, à incompreensão dos estrangeiros em relação aos hábitos tropicais, uma adaptação dos códigos de comportamento portugueses à rotina da sociedade colonial e à forte influência da cultura negra. Para os viajantes estrangeiros, a vida doméstica no Brasil oitocentista era um verdadeiro caos. (2010, p. 137-138, grifo da autora)

Nas primeiras décadas do século XIX, as crianças eram vistas como crias das mulheres, da mesma maneira que os animais e as plantas também tinham crias. A palavra “criança” associada ao ato de criação, em que criar significa alimentar (amamentar, para os homens e animais, ou alimentar através da seiva, para as plantas), começou a ser utilizada de maneira mais específica para os sujeitos quando se alastrou pelo senso comum, sendo então incorporada ao dicionário. Ocorreu, assim, o “uso reservado da palavra ‘criança’ para a espécie humana” (MAUAD, 2010, p. 140).

Diante das expectativas europeias quanto aos brasileiros e do sentimento de que uma nação estava começando a se formar, o estabelecimento de uma política jurídica e médica envolvia a preocupação com cidadãos sadios, trabalhadores, com formação moral e sexual adequadas. Cuidar da educação das futuras gerações e da construção de “ordem e progresso” era objetivo claro.

A transição do trabalho escravo para o trabalho livre começava a tornar-se realidade desde 1850, até que em 1888 foi assinada a Abolição da Escravatura. A partir de então, estratégias de ordenamento e controle social, em uma sociedade de mulheres, crianças e homens livres, foram tidas como indispensáveis. De acordo com Abreu (2010), um Código Penal publicado em 1890 foi um instrumento de ideologização do trabalho e da mão de obra, vindo acompanhado da disseminação de regras de higiene social e costumes, elaboradas por médicos e educadores em conformidade com o que entendiam por uma vida saudável.

Os primeiros 20 anos do Regime Republicano no Brasil desenharam-se com uma história ímpar, envolvendo urbanização e industrialização, principalmente no Estado de São Paulo. Com o fim da escravidão e a grande disponibilidade de mão de obra de imigrantes, houve uma profunda transformação no cenário social. A economia ficava cada vez mais diversificada, as cidades mais dinâmicas e a divisão do trabalho mais intensa. Nesse momento, o crescimento populacional ocorreu acompanhando o crescimento industrial.

O avanço econômico não teve como aliadas as condições sociais e habitacionais. Cerca de um terço das pessoas morava em cortiços com casas lotadas, onde epidemias e pestes se alastravam, oportunizadas pela ausência de saneamento e por condições insalubres. Del Priore (2010) assevera que grande parte dessa população formada por negros e mestiços experimentou a crueldade no próprio núcleo familiar, nas escolas, nos escritórios, nas fábricas, nos internatos e nas ruas, com policiais e traficantes. As péssimas condições de vida levaram muitos pais e mães a abandonarem seus filhos, surgindo uma nova prioridade no atendimento social e elevando as dimensões do problema para o Estado, que desenvolveu políticas sociais e legislação específica.

Nesse período, a Liga das Nações adotou a Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança. O documento anunciava que é dever de todas as pessoas fornecer meios para o desenvolvimento das crianças, bem como ajudá-las em momentos de necessidade, priorizá-las em situações de crise, socorro e assistência, protegê-las contra a exploração e proporcionar a elas uma educação que promova consciência e dever social (UNICEF, 2021).

Anos mais tarde, em 1927, foi consolidado no Brasil o Código de Menores (revogado em 1990), o qual instituiu a maioria penal aos 18 anos de idade. Em 1946, a Assembleia

Geral das Nações Unidas criou o Fundo Internacional de Emergências das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). O primeiro acordo de cooperação com o governo brasileiro foi firmado em 1950; porém, apenas em 13 de julho de 1990 foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no país.

O ECA (BRASIL, 1990) ao longo dos anos foi sendo alterado e nutrido com novas diretrizes que contemplam os bebês. Entre elas estão: obrigatoriedade de identificar o recém-nascido com sua digital e a da mãe; obrigatoriedade de vacinação; assistência odontológica para a gestante e para o recém-nascido; protocolo de detecção de consultas pediátricas; encaminhamento para adoção de bebês abandonados pelos pais; apoio à amamentação; atendimento psicológico para a mãe no período pré e pós-natal; atendimento quando a mãe deseja entregar seu filho para adoção; acompanhamento pré-natal, com busca ativa das mães que abandonarem as consultas.

Em 8 de março de 2016, foi sancionado o Marco Legal da Primeira Infância, que consolida diretrizes da ciência sobre as crianças, do momento de nascimento até os seis anos de idade, para a formulação e a implementação de políticas públicas para a primeira infância. Essa lei propõe às crianças o direito de brincar, discorre sobre a necessidade de qualificar profissionais que lidam com a faixa etária em questão, reforça a relevância do atendimento domiciliar em situações de vulnerabilidade, aumenta o período da licença-paternidade em empresas filiadas ao programa Empresa Cidadã, propõe o envolvimento de crianças de até seis anos na definição de políticas públicas, declara responsabilidades e direitos iguais entre mães, pais e responsáveis e considera proteção e atenção para mães que escolhem entregar seus filhos para adoção e gestantes privadas de liberdade (BRASIL, 2016).

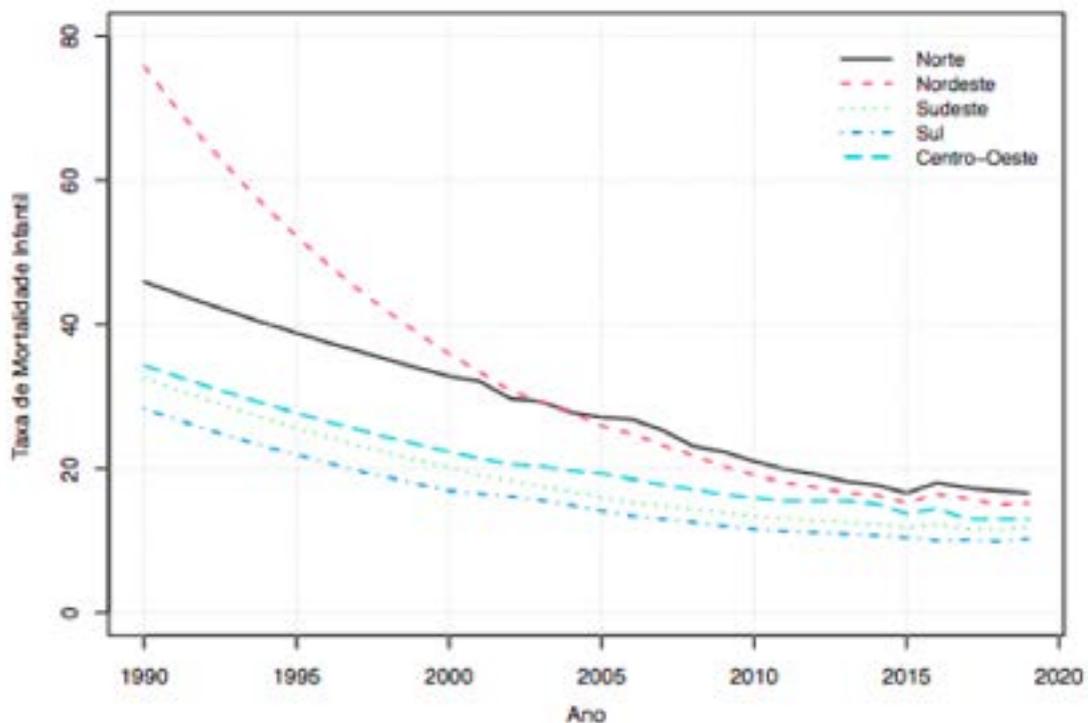
A primeira infância vem ganhando espaço e garantias ao longo dos anos, até que em 2021, foi lançada a iniciativa do Ministério da Cidadania para comemorar o Mês da Primeira Infância, celebração que acontecerá sempre no mês de agosto. Serão promovidas atividades, diálogos e debates entre representantes da sociedade civil e o Governo acerca da importância dessa fase da vida. Luciana Siqueira, Secretária Nacional de Atenção à Primeira Infância do Ministério da Cidadania à época da criação dessa iniciativa, afirma:

A criança precisa de cuidados nesse período, que é considerado muito importante para o desenvolvimento humano. O Governo Federal criou essa secretaria. Ela tem um ano, a Secretária Nacional de Atenção à Primeira Infância, que cuida especificamente dessa pauta. A nossa intenção é fazer com que todo o Brasil volte o seu olhar para a importância do investimento dos cuidados com a criança nessa fase da vida, que é considerada muito

importante, que é um período onde a plasticidade cerebral é muito grande. (BRASIL, 2021)

Apesar de o Governo demonstrar interesse pela primeira infância brasileira, como mostra o parecer de Luciana Siqueira, ancorada nos saberes desenvolvidos pela Medicina e pela Psicologia, os dados de mortalidade ainda chamam a atenção. Em 2019, a média no país era de 13,3 óbitos para cada mil nascidos vivos, enquanto no Japão, na Suécia e na Noruega a média é de 3 óbitos para cada mil nascidos vivos. O país apresenta variação entre regiões, conforme é possível perceber na Figura 1.

Figura 1 - Taxa de mortalidade infantil



Fonte: Brasil, 2021.

Nota: Por mil Nascidos Vivos. Regiões, 1990 a 2019.

Além das taxas de mortalidade infantil serem bastante altas e apresentarem considerável variação, demonstrando que as regiões Norte e Nordeste são as mais impactadas, um estudo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da agência de desenvolvimento infantil ChildFund Brasil (ITO, 2021) aponta que 4,8 milhões de crianças brasileiras vivem na extrema pobreza. A realidade desse público inclui baixa escolaridade, falta de saneamento básico, dificuldade dos cuidadores para conseguirem emprego e falta de abastecimento de água. Essas são as principais dificuldades de uma a cada seis crianças entre 0 e 11 anos, sendo que, mais uma vez, as regiões Norte e Nordeste se destacam.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019, cerca de 47,6% das crianças com idades entre 0 e 5 anos residem em domicílios com renda mensal *per capita* de até meio salário-mínimo, sendo que 22% vivem com menos de um quarto de salário-mínimo. Desse montante, 34% são brancas e 59% são negras (IBGE, 2020). Tais dados demonstram que a realidade brasileira, ao longo dos anos, não conseguiu recuperar os prejuízos causados no Período Colonial, em que os negros escravizados não tinham direito a salário em troca do trabalho, visto que ainda hoje eles são a grande maioria entre as pessoas sem acesso a condições básicas de sobrevivência. No que concerne ao mesmo percentual de renda *per capita* abaixo de um salário-mínimo, 48% são bebês de até dois anos de idade. Em relação à saúde, apenas 71,2% das crianças entre 0 e 5 anos tomaram as vacinas básicas (BCG, Penta, Tríplice – 1ª e 2ª doses – e Hepatite B) e 41,7% residem em domicílios sem acesso à rede de esgoto, à água encanada e à coleta de lixo (IBGE, 2020).

Os dados referentes às crianças e aos bebês brasileiros refletem a realidade de um país com extensão territorial elevada, dividido em regiões, as quais, por diversos motivos, se desenvolvem de diferentes modos, umas mais que outras. Não é possível, portanto, discorrer sobre o Brasil e tratar de apenas um cenário, um acesso à educação e à saúde, porque se tem um quadro com as mais diversas situações. Dessa maneira, apesar de os levantamentos desenvolvidos pelas entidades citadas incorporarem os bebês, são poucos os dados que dizem respeito ao período específico de 0 a 2 anos. Na grande maioria, estão mesclados a quantitativos de crianças maiores.

2.2 PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA EM RELAÇÃO A OUTRAS ÁREAS DO SABER

Os avanços em parâmetros tanto científicos quanto jurídicos transformaram a percepção social no tocante às crianças e aos bebês. Muitas ideias que se tinha em relação à saúde, ao desenvolvimento, aos deveres, aos direitos e à própria percepção e à compreensão no que concerne ao ser humano recém-chegado fizeram desabrochar novas perspectivas, como na Medicina, na Psicologia, na Educação, na Comunicação e na Sociologia da Infância.

A noção de infância como uma construção social cimentada no contexto social e no discurso dos intelectuais foi trazida por Philippe Ariès, quando abordou a privacidade e penetrou nos bastidores domésticos para contar a história de personagens esquecidos: proletários, mulheres e crianças. Na obra intitulada *História Social da Criança e da Família* (1981), aponta o *status* da criança na esfera familiar e nas instituições de ensino. Conforme

informa Tonin (2022), os estudos do historiador tornaram-se referência por duas razões: 1) ele foi o primeiro a usar a infância como tema central de pesquisas nas Ciências Sociais; 2) a afirmação de que a infância não era reconhecida até a Idade Média causou divergências. Em contraposição a Ariès, o historiador britânico Nicholas Ormes defende que os sentimentos concernentes à infância, os afetos e os vínculos já eram percebidos na Idade Média. Suas alegações são baseadas em objetos raros encontrados em exumações de corpos de crianças, os quais seriam homenagens das famílias aos falecidos (TONIN, 2022).

A partir das ideias de Ariès, a Sociologia, em especial a Sociologia da Educação mostrou-se interessada em pesquisar a infância. Foram desenvolvidas, por bastante tempo, diferentes perspectivas, compatíveis com acontecimentos em ambientes institucionalizados. Contudo, foi em oposição a esse ponto de vista segundo o qual a infância é um objeto dirigido por instituições que a Sociologia da Infância ganhou espaço. Assim como é entendida pelos historiadores, a infância é considerada pela Sociologia da Infância como uma construção social que varia no tempo e no espaço (SIROTA, 2012). A partir disso é que a reconstrução do estatuto da criança enquanto membro de uma categoria social e agente social começou.

Para esse campo da Sociologia da Infância, as crianças são percebidas como sujeitos sociais e de direitos, que são capazes de se entrosar no mundo de maneira criativa, produtiva e interpretativa. Elas se apropriam do mundo que os adultos lhe apresentam; utilizam-no, contudo, a partir das suas próprias bagagens, recriando maneiras de agir, de se apresentar, de lidar com as dificuldades e de construir histórias referentes si mesmas (SIROTA, 2012).

Considerar que há uma cultura infantil sendo produzida pelas crianças nas relações interpessoais com seus pares e em seus grupos oportuniza a visibilidade de suas diferentes linguagens. Com base na compreensão de que as crianças se expressam por meio de diferentes linguagens, comunicam-se entre si e estabelecem relações de interação também com os adultos permite tornar reconhecida sua potência, sua inventividade ou mesmo sua intempestividade. [...] Uma nova epistemologia para a infância, baseada na escuta e na reinvenção das formas de escutar as crianças, se faz necessária. (MORUZZI; ALONSO, 2020, p. 655)

Os paradigmas teóricos da Sociologia da Infância surgiram da Sociologia Interacionista e da Fenomenologia e direcionaram-se para o ator: a criança. Sirota (2001) elencou proposições dessa nova disciplina:

- 1) a infância é um componente da estrutura cultural de diversas sociedades, abrangendo os primeiros anos de vida;
- 2) a infância é construída de forma sincrônica e diacrônica;

- 3) a infância deve ser explorada especificamente por ser uma categoria estrutural que não desaparece;
- 4) as crianças não são seres em devir, mas seres plenos no presente;
- 5) a infância deve ser apreciada em articulação com todas as variáveis clássicas da Sociologia.

O trabalho teórico sobre socialização com direcionamento para os processos de adaptação e de internalização da sociedade é o ponto de partida para parte das investigações sociológicas acerca das crianças e da infância. A partir disso, Corsaro (2011) pontua dois padrões de dinâmicas de socialização: o modelo determinista e o modelo construtivista, os quais serão explicitados a seguir.

O modelo determinista é composto por duas abordagens: a primeira, chamada funcionalista, é revestida por uma característica crítica, com foco no futuro, de acordo com a qual a criança deve ser enquadrada para atender às demandas de uma sociedade específica; a segunda, chamada reprodutivista, tem como eixo as vantagens e os tratamentos singulares para quem tem mais acesso a recursos culturais, situando a infância no âmbito de exercício do poder e de “expansão de processos simbólicos de controle social” (SARMENTO, 2009, p. 29).

O outro modelo, o construtivista, é originário da Psicologia Social e associa fases de desenvolvimento socioemocional e cognitivo que podem ser fomentadas e direcionadas pelos adultos. O modelo destaca as características históricas e temporais, focando na construção da infância através do discurso.

2.2.1 O modelo determinista

O modelo determinista é fundamentado em uma tradição filosófica individualista. Como o foco estava na maneira como os sujeitos relacionavam-se com a sociedade, a sociedade era tida como determinante no comportamento individual (CORSARO, 2011). Tendo esse pressuposto norteador, os teóricos utilizaram-se de ideias que descreviam a assimilação da criança por meio da sociedade. Sendo assim, a criança é percebida como um indivíduo treinado para tornar-se membro com capacidade de contribuir com o núcleo no qual se encontra.

Esse modelo de acordo com o qual a criança é vista com um papel passivo originou duas abordagens que se diferenciam pela concepção de sociedade. A abordagem funcionalista, que propõe a ordem e o equilíbrio na sociedade, percebe a relevância da formação e do

preparo das crianças para se encaixarem nessa ordem e contribuírem com ela. Já a abordagem reprodutivista utiliza pilares de conflito e desigualdades sociais para defender que algumas crianças possuem acesso diferenciado a recursos sociais e a treinamentos para agirem em prol da sociedade (CORSARO, 2011).

Ainda conforme Corsaro (2011), a abordagem funcionalista foi bastante popular nas décadas de 1950 e 1960, quando se utilizava a descrição superficial de aspectos de socialização, como quais aspectos eram mais relevantes para as crianças internalizarem – ou seja, aceitarem normas e valores característicos do grupo social em que se encontravam –, quais eram os modelos educacionais propostos pelos pais e quais eram as estratégias de formação utilizadas para que a aprendizagem fosse adequada. Preocupações referentes aos modos, ao porquê e a por quem essas crianças seriam internalizadas na sociedade eram pouco relevantes. O autor supracitado afirma que o sociólogo e psicólogo social Alex Inkeles, defensor dessa abordagem, acreditava que toda e qualquer perspectiva deveria ser voltada para o futuro, discorrendo sobre o que a criança deveria se tornar para que atendesse às necessidades de funcionalidade da sociedade.

O principal teórico da abordagem funcionalista, Talcott Parsons definia as crianças como ameaças à ordem social (PARSONS; BALES, 1955). Por esse motivo, deveriam ser de propriedade de alguém que fosse capaz de moldá-las adequadamente, visto que, apesar de serem potencialmente úteis ao funcionamento social, seriam pedras capazes de irradiar efeitos devastadores a outras partes do sistema (CORSARO, 2011).

Nessa abordagem, podemos destacar pesquisas e trabalhos realizados pelo campo da educação no que tange aos bebês, nos quais se pontua o relacionamento entre a escola, as famílias e a comunidade, a fim de que sejam avaliados diferentes modos de pensamento, críticas, práticas sociais, culturais e valores que ali se encontram cotidianamente (BARBOSA, 2010). Ao começar a frequentar uma creche ou um berçário, o bebê entra em contato com mundos diferentes do seu, ampliando assim o seu universo pessoal. É importante frisar que, apesar de essa perspectiva privilegiar um bom relacionamento entre as partes envolvidas, aqui a escola apresenta estratégias educativas singulares, já que ela visa a atender os bebês pelo prisma da vida em coletividade, e não individualmente, como nas casas das famílias.

Barbosa (2010) assegura que, para os bebês, o ingresso em uma instituição de ensino significa a ampliação dos seus contatos com o mundo. Já para os adultos responsáveis pelas creches, é um momento de elencar, refletir e organizar a vida escolar por intermédio de práticas sociais que sobressaiam às maneiras como os professores entendem os patrimônios cultural, ambiental, científico, tecnológico, traduzidas nas práticas de docência com propostas

pedagógicas. Todavia, nem sempre se teve essa visão no que concerne às relações e às funções de uma instituição para cuidar dos bebês. Castelli e Delgado (2017) afirmam que os espaços destinados à educação infantil foram criados no século XVIII, mas somente se consolidaram e se expandiram no Brasil no final do século XIX. Os incentivos das informações vindas do exterior e o crescente aumento da urbanização em decorrência da industrialização acarretaram o crescimento dos índices de pobreza e o aumento do número de famílias que necessitavam de lugares onde seus filhos fossem cuidados, a fim de que os adultos pudessem trabalhar. Esses foram, portanto, os elementos para enraizar as escolas.

O Departamento Nacional da Criança (DNCr) e a Legião Brasileira de Assistência (LBA) centralizaram, por 30 anos, os objetivos e as finalidades de políticas de assistência às mães e às crianças. Até 1960, o Estado não havia desenvolvido planos ou programas para dimensionar custos, metas e planejamentos para a ampliação de atendimento. As discussões baseavam-se somente em questões médicas, sanitárias e higienistas das crianças de 0 a 6 anos. Sendo assim, as creches eram tidas como lugares de aplicação dos conhecimentos de higienistas, muito mais do que de educadores e de defensores de escolas públicas (VIEIRA, 1988).

Havia uma ideia de que as escolas maternas e os jardins de infância fossem uma espécie de extensão dos lares, privilegiando atividades educativas, recreação, jogos, além de “cuidar da boa formação de hábitos” (VIEIRA, 1988, p. 4). Continua o autor:

A creche nesse período foi útil instrumento de socorro às mulheres pobres e desamparadas. Ela era um recurso ligado à pobreza. A ela recorriam as mulheres forçadas a trabalhar: mães solteiras, mulheres abandonadas por seus companheiros, viúvas e mulheres casadas que contribuía com seu trabalho para aumentar o orçamento familiar. As crianças, em geral fruto de uniões ilegítimas, eram vistas como portadoras em potencial de maus hábitos e infecções. A creche era proposta como dispositivo para disciplinar mães e educar crianças nos preceitos da puericultura, como dispositivo de normalização da relação mãe/filho nas classes populares. (1988, p. 4)

A partir de 1967, o DNCr, em parceria com o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e com o Fundo das Nações Unidas pela Alimentação (FAO), passou a propor a criação de centros de recreação, com pessoas voluntárias da comunidade, nas escolas maternas e nos jardins de infância. Foram desenvolvidas políticas assistenciais divididas em programas de curto e longo prazo, assim como emergenciais, incluindo implantação de saneamento básico, aperfeiçoamento de pessoal

especializado, cursos para recreadores e educadores, fortalecimento do relacionamento com as famílias, vacinação, controle do crescimento e suplementação alimentar (VIEIRA, 1988).

Segundo Castelli e Delgado (2017), nessa época os bebês eram pouco compreendidos como sujeitos culturais e relacionais, sendo deixados em locais privados, enrolados em panos e preferencialmente sem contato com o exterior. Outro fato relevante é que, à medida que as etapas de aprendizagem foram sendo estabelecidas pela Psicologia, os bebês ficavam apartados da escolarização e diversas experiências apenas eram permitidas quando atingissem determinada idade ou conquistassem certa habilidade, como falar ou caminhar. Apesar de alguns aspectos ainda estarem enraizados socialmente, as condições dos bebês, dos berçários, das creches e dos jardins de infância já não são as mesmas.

Atualmente, o Brasil possui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96), que regulamenta o sistema educacional público e privado, da educação básica ao ensino superior. Essa lei reafirma o direito à educação sob a garantia da Constituição Federal, a qual, por seu turno, estabelece quais são os princípios da educação e os deveres do Estado, deixando claras as responsabilidades da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios. Conforme a LDB 9.394/96, na educação básica está incluída a educação infantil, que engloba creches (atendem crianças de 0 a 3 anos), não obrigatórias, e pré-escolas (atendem crianças de 4 a 5 anos), obrigatórias e de competência dos municípios. Perpassando todos os níveis de educação, inclusive a infantil, estão algumas modalidades: educação especial (atende alunos com necessidades especiais), educação a distância (atende alunos com a utilização de tecnologias de informação e comunicação) e educação indígena (atende comunidades indígenas com o intuito de respeitar a cultura e a língua materna de cada tribo) (BRASIL, 1996).

O país também possui as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2010), que garante uma visão metódica para assegurar o bem-estar das crianças, das famílias e dos profissionais das creches e das pré-escolas. Para que isso ocorra, devem ser seguidas as funções:

- 1) social: visa acolher com intuito de cuidar das crianças de 0 a 5 anos e educá-las, em parceria com as famílias, para que o processo de formação ocorra de forma integral. O papel das creches e das pré-escolas é auxiliar na construção da autonomia e de valores visando à solidariedade e ao respeito àquilo que é de todos, além de fomentar o convívio com as diferenças culturais e identitárias;

- 2) política: objetiva assegurar a igualdade de direitos às mulheres que desejam ser mães, além de contribuir para que as crianças usufruam de seus direitos sociais e políticos com participação e crítica para uma cidadania;
- 3) pedagógica: almeja privilegiar um ambiente de convivência entre crianças e adultos para a ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes esferas, levando em consideração a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão nas variadas manifestações culturais e artísticas.

Barbosa (2010) entende que não é possível afirmar que exista, na prática, uma pedagogia dirigida para as crianças de 0 a 3 anos de idade. A maioria das instituições atua de modo a privilegiar o desenvolvimento e a educação das crianças mais velhas, deixando os bebês à mercê de propostas político-pedagógicas invisíveis no que se refere às suas particularidades. Para a autora, existe um aspecto imprescindível para a constituição de propostas para a educação dos bebês em espaços coletivos:

O primeiro aspecto é a compreensão dos bebês como sujeitos da história e de direitos. Direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Quando tomadas como seres capazes, as crianças se tornam protagonistas no projeto educacional. Essa é uma mudança paradigmática na compreensão da educação dos bebês, pois se afirma o compromisso com a oferta de um serviço educacional que promova, para todas as crianças, a possibilidade de viver uma experiência de infância comprometida com a aprendizagem gerada pela ludicidade, brincadeira, imaginação e fantasia. Nesse espaço, os bebês aprendem observando, tocando, experimentando, narrando, perguntando e construindo ações e sentidos sobre a natureza e a sociedade, recriando, desse modo, a cultura. (BARBOSA, 2010, p. 3)

Na contemporaneidade, em parceria com os estudos da Medicina e da Psicologia, a aprendizagem e a educação devem caminhar para o entendimento de um currículo que tenha como objetivo o desenvolvimento integral das crianças, englobando dimensões afetivas, cognitivas, motoras, éticas, linguísticas, estéticas e socioculturais (BARBOSA, 2010). Ao perceberem que diferentes campos do saber oferecem elementos para os debates de práticas pedagógicas para os bebês, Silva e Neves (2020) desenvolveram uma pesquisa para analisar a produção bibliográfica sobre bebês nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos 2000 e 2018. Em 18 anos, apenas 81 trabalhos foram publicados, sugerindo que os bebês não são vistos com preocupação pelo país, não sendo foco de incentivo para pesquisas pelas agências de fomento (SILVA; NEVES, 2020).

As autoras categorizaram os trabalhos em revisão de literatura (6 publicações), práticas educativas (11 publicações), redes de interações (41 publicações), formação de professores (7 publicações), perspectivas teóricas (12 publicações) e perspectivas metodológicas (4 publicações). A partir da exploração desses achados, Silva e Neves (2020) apontam que há a necessidade de compreensão de que os bebês constituem um grupo etário sólido, com características singulares dos demais, porém pouco explorado. Sendo assim, elas ressaltam a importância da constituição de um campo de estudos que vise o entendimento das relações de pares entre recém-nascidos inseridos em contextos coletivos de educação e cuidado. Ademais, as autoras identificam uma lacuna na produção científica brasileira acerca da perspectiva histórica da inserção de bebês em instituições pelo viés das políticas de atendimento e das práticas de cuidados.

Isto significa que os artigos analisados, especificamente os que agrupamos como *práticas educativas*, perfazem uma trajetória da forma de atendimento e do processo de construção identitária das instituições educativas sem, entretanto, posicionar o bebê como sujeito das disputas em torno dos interesses diversos envolvidos. (SILVA; NEVES, 2020, p. 9, grifo das autoras)

A partir dos avanços no que tange à educação dos bebês, é possível perceber que, ao longo dos anos, houve maior preocupação e empenho para que eles possam ser amparados, cuidados e educados de melhores maneiras. Fica evidente, entretanto, a importância de uma interdisciplinaridade para que se obtenha êxito, assim como um olhar que compreenda as vivências e as experiências desses sujeitos.

É possível perceber que a abordagem determinista inserida no modelo funcionalista explicitado por Corsaro (2011) foi marcante para o campo da educação. Até hoje se mostra presente, mas com os avanços e com o suporte interdisciplinar há uma tendência para que mais dimensões do bebê como sujeito possam ser englobadas nas práticas e nos estudos relacionados à educação.

A abordagem reprodutivista, por seu turno, iniciou-se a partir de um descontentamento com a abordagem funcionalista, porquanto alguns teóricos afirmavam que a internalização de requisitos para contribuir com o funcionamento das sociedades era uma maneira de controle social que teria como objetivo a reprodução social ou mesmo a perpetuação de desigualdades sociais. Desse modo, a perspectiva reprodutivista é baseada em vantagens aproveitadas por aqueles indivíduos que possuem maior acesso a bens culturais. Como afirma Corsaro (2011), tal abordagem aponta para procedimentos diferenciados aos sujeitos que se inserem em

instituições sociais que apoiam sistemas de classes dominantes. Essa perspectiva apontada por Corsaro (2011) pode ser vista nos estudos relacionados ao campo da medicina, no qual a tríade pobreza, crescimento e mortalidade infantil ficou evidente em investigações que atestavam estatisticamente a ligação entre a deficiência de crescimento de crianças em estado vulnerável e a não sobrevivência.

Em consonância com Turmel (2008), registros e regulações de altura, peso, malformações e doenças constituíram elementos para comparações entre as crianças, assim como entre grupos de crianças, tornando viável o contraste e a elaboração de normas de crescimento, como a criação da taxa de mortalidade infantil específica para os bebês em 1877. Até o final do século XIX, algumas questões eram de domínio privado, como habitação, nutrição, higiene, pobreza e relação entre mãe e bebê; tornaram-se questões de domínio público, no entanto, a partir do século XX. Desde então, a busca por promover ou retardar o crescimento infantil passou a ser questão de pesquisa (TURMEL, 2008).

Os processos sociais e econômicos que viram os bebês como oportunidade de mudanças nas famílias impulsionaram o desenvolvimento de diretrizes baseadas na ciência, na técnica e no progresso, sendo elas delegadas gratuitamente para as mães. Algumas percepções desenvolvidas na época, de acordo com Castelli e Delgado (2017), ainda são usuais, como a representação de uma criança dentro dos padrões apontados como normais e o desenvolvimento pelo caráter cronológico, que considera a passagem do estágio incompleto do ser para o estágio completo. Para as autoras, os estudos evolucionistas, que partem do pressuposto de que a sociedade se locomove em uma trajetória linear e comum a todos, a qual a guiará a um estatuto civilizatório e, assim, ao progresso do indivíduo humano, fazem parte do escopo de pesquisas de diversas áreas do conhecimento, como Biologia, Psicologia, Medicina, Antropologia, Sociologia e Educação. Nessa perspectiva, o bebê encontra-se no estágio mais incipiente e incompleto, porquanto a concepção de evolução parte da forma mais rudimentar para a mais complexa.

Tal ponto de vista, baseado em parâmetros biológicos, determina que o bebê não é possuidor de sentimentos e é incapaz de manifestar emoções, além de ser alheio culturalmente. Conforme Mozère (2013, p. 33), “a concepção que se tinha da criança fazia com que ela fosse vista como um mero tubo digestivo”. Os corpos das crianças, na perspectiva evolucionista, são considerados apenas como organismos, com seus estágios de desenvolvimento previsíveis e padronizados, assim como os cuidados que lhes devem ser aplicados (MOZÈRE, 2013).

Os interesses vinculados à saúde, especialmente no tocante à nutrição das crianças, abriram espaço para o avanço de uma especialidade médica específica, ponto de partida da Pediatria, disciplina constituída na segunda metade do século XIX (DESJARDINS, 1998). Junto ao avanço médico, uma nova percepção relativa às crianças, com maior individuação social e biológica, fez parte do pensamento conceitual da infância.

Costa (1979) elucida que, com o intuito de salvar as pessoas da desordem, a política higienista orquestrou educação física, moral, intelectual e sexual. As diretrizes desenvolvidas especialmente para as crianças foram capazes de revolucionar os costumes das famílias brasileiras. O autor explica:

Retrospectivamente, no entanto, nota-se que a ação desta pedagogia médica extravasou os limites da saúde individual. A higiene, enquanto alterava o perfil sanitário da família, modificou também sua afeição social. Contribuiu junto com outras instâncias sociais para transformá-la na instituição conjugal e nuclear característica dos nossos tempos. Converteu, além do mais, os predicados físicos, psíquicos e sexuais de seus indivíduos em insígnias de classe social. A família nuclear e conjugal higienicamente tratada e regulada tornou-se, no mesmo movimento, sinônimo histórico de família burguesa. (COSTA, 1979, p. 12-13)

Para o autor, quaisquer movimentos do corpo, da moral e do intelecto começaram a ser observados, controlados e anotados. A vigilância das especificidades de cada sujeito fez com que as pessoas fossem vistas como valorosas individualmente, assim como suas histórias físico-emocionais. As qualidades corporais e morais dos adultos passaram a ser observadas como determinadas pela maneira como eles tinham sido tratados na infância. Um adulto com caráter duvidoso, por exemplo, possivelmente teria tal característica associada a ter sido uma criança malnutrida, ter sofrido castigos brutais, não ter recebido carinho dos pais, não ter sido cuidado com a higiene ideal etc.

A figura do sujeito contido, bem-educado, disciplinado e polido como elemento de classe burguesa foi instaurada. Costa (1979, p. 14) diz que esses comportamentos “civilizados” foram criados ao custo da tendência de autoculpabilização, já que o indivíduo viu-se obrigado a desempenhar “um autocontrole tirânico sobre si mesmo”. As mais simples falhas passaram a não ser toleradas, tanto as próprias quanto as dos pares. Desde então, as capacidades intelectuais e os níveis de instrução entraram em uma espécie de competição legitimada pela Medicina e pela Economia. “Os higienistas colaboraram no processo de hierarquização social da inteligência, criando a ideia de que o indivíduo ‘culto’ era superior ao

“inculto””. Em suma, a educação higiênica trouxe para o seio das famílias a presença constante de intervenções disciplinares advindas de agentes normalizadores.

Segundo Corsaro (2011), os estudiosos da abordagem reprodutivista fornecem subsídios para a confirmação de conflitos sociais e desigualdades na socialização dos bebês.

No entanto, teorias reprodutivistas e funcionalistas podem ser criticadas por sua preocupação excessiva nos resultados da socialização, pela subestimação das capacidades ativas e inovadoras de todos os membros da sociedade e por sua negligência em relação à natureza histórica e contingente da ação social e da reprodução. Em suma, esses modelos abstratos simplificam processos altamente complexos e, no processo, ignoram a importância das crianças e da infância na sociedade. (CORSARO, 2011, p. 21)

Para o autor supracitado, alguns dos teóricos que se baseiam nas abordagens trabalhadas subestimam as atividades infantis, as quais julgam não serem importantes ou não possuírem função. Tais perspectivas percebem as crianças e os bebês como sujeitos que internalizam a sociedade em que nascem, sem levar em consideração as vontades, as individualidades e os processos de alteração no social, além dos refinamentos culturais exercidos por eles.

2.2.2 O modelo construtivista

O modelo construtivista é baseado em estudos sociológicos acerca da socialização, com influência das teorias do campo da Psicologia do Desenvolvimento, a partir da perspectiva da criança e do bebê mais ativo do que passivo, englobando apropriações de informações do ambiente para ordenar e construir sua própria interpretação e concepção do mundo (CORSARO, 2011). Consoante o autor, as ideias sobre desenvolvimento intelectual de Jean Piaget – biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço – foram as representantes do modelo construtivista porque seus estudos tinham como horizonte a evolução do conhecimento das crianças, somando os interesses da biologia e da epistemologia.

Na França, sob orientação do governo para melhor gerir a educação infantil, Jean Piaget impulsionou as descobertas da ciência, que começaram com as descrições de condições físicas das crianças, passaram para o entendimento das suas capacidades mentais (em especial a inteligência) e, posteriormente, transitaram para um padrão normalizador. Conforme Turmel (2008), os principais teóricos da Psicologia do Desenvolvimento – Arnold Gesell e Jean Piaget – apontaram características que se tornaram centrais:

- 1) crianças enquadradas como normais apresentavam uma variada gama de comportamentos e capacidades;
- 2) o surgimento e a mudança de habilidades aconteciam numa sequência semelhante na maioria das crianças;
- 3) os desvios da trajetória de desenvolvimento tendiam a ser curtos e pouco relevantes.

Tais apontamentos deram origem a duas ênfases ontogenéticas em suas pesquisas: a primeira diz que o comportamento humano obedece a uma sequência preordenada e que articula estágios; a segunda envolve o desenvolvimento intelectual de acordo com o espaço-tempo em que a criança está situada. Essa segunda ênfase seria uma fase de transição para a descoberta da vida emocional da criança, sucedendo a fase da criança nervosa que incentivava a rotulação da normalidade/anormalidade (TURMEL, 2008).

Piaget (1999) contribuiu para os estudos sobre crianças com a apresentação da estruturação do pensamento baseada em competências cognitivas, obedecendo à seguinte sequência de períodos: sensório-motor (0 a 2 anos); pré-operacional (2 a 7 anos); operatório concreto (8 a 12 anos); e operatório formal (a partir dos 12 anos). Afirma que o desenvolvimento psíquico funciona por meio do equilíbrio progressivo entre o físico e o psíquico, o qual se inicia em um estado menor de equilíbrio (a partir do momento do nascimento) e evolui para o ápice do equilíbrio (na idade adulta).

Para o autor supracitado, as atividades psíquicas organizadas, formadas por aspectos intelectuais e afetivos, são divididas em seis períodos de desenvolvimento:

- 1) tendências instintivas e primeiras emoções;
- 2) primeiros hábitos motores e percepções organizadas;
- 3) inteligência prática e regulações afetivas;
- 4) inteligência intuitiva e relação de submissão aos adultos;
- 5) início dos pensamentos lógicos e dos sentimentos morais e sociais;
- 6) formação da personalidade e da inserção afetiva na sociedade (PIAGET, 1999).

Os três primeiros períodos estão contemplados dentro do estágio sensório-motor, etapa à qual daremos maior atenção por estar diretamente ligada aos interesses desta pesquisa.

O estágio sensório-motor está vinculado ao período anterior ao da linguagem, isto é, vai do nascimento até um ano e meio ou dois anos de idade aproximadamente. Para Piaget,

o período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental. Muitas vezes mal se suspeitou da

importância desse período; e isto porque ele *não é acompanhado de palavras* que permitam seguir, passo a passo, o progresso da inteligência e dos sentimentos, como mais tarde. Mas, na verdade, é decisivo para todo o curso da evolução psíquica: representa a conquista, através da *percepção dos movimentos*, de todo o universo prático que cerca a criança. (1999, p. 17, grifo nosso)

No que concerne ao aspecto perceptivo, o autor afirma que o bebê passa a reconhecer pessoas e objetos em oposição a outros a partir da quinta semana de vida. Aparições animadas passam a ser reconhecidas, mas não necessariamente dissociadas do “eu” nem provam a diferenciação quanto à substancialidade. Entre os três e os seis meses, o bebê inicia o processo de pegar nas mãos aquilo que enxerga, “e esta capacidade de apreensão, depois de manipulação, aumenta seu poder de formar hábitos novos” (PIAGET, 1999, p. 19).

Antes mesmo da linguagem a partir de signos verbais, a inteligência é percebida no bebê. Essa inteligência diz respeito a manipulações de objetos, a percepções e a movimentos organizados, como pegar uma vareta para tentar alcançar um brinquedo, utilizando-se de um meio para ascender a um objetivo (PIAGET, 1999). Outros atos de inteligência são construídos por intermédio de explorações e de experiências para descobrir os vários resultados possíveis de determinado ato, como a prática constante de jogar objetos no chão para analisar quedas e trajetórias. O autor afirma que, ao balançar e esfregar objetos recém-descobertos, o bebê exerce a compreensão por meio do uso.

Corsaro (2011) comenta que Piaget acreditava que as crianças e os bebês interpretavam, organizavam e utilizavam informações ambientais para construir concepções dos seus universos físicos e sociais.

Piaget é bem conhecido por haver afirmado que o desenvolvimento intelectual não é simplesmente uma acumulação de fatos ou habilidades, mas, na verdade, uma progressão da capacidade intelectual ao longo de uma série de estágios qualitativamente distintos. A noção piagetiana de estágios é importante para a sociologia das crianças porque nos lembra que elas percebem e organizam seus mundos de maneira qualitativamente diferente dos adultos. (CORSARO, 2011, p. 23)

Segundo o autor, o ponto mais importante das ideias de Piaget é a concepção de equilíbrio, definida como a “força central que impulsiona a criança ao longo das etapas de desenvolvimento cognitivo” (CORSARO, 2011, p. 23). Com isso, Piaget refere-se ao processo de equilíbrio ou às ações que as crianças desempenham para manejar as dificuldades do mundo externo. Compensar desequilíbrio, para o psicólogo, é inato e apenas uma parte da complexidade que é o desenvolvimento intelectual; já Corsaro (2011) acredita que as

compensações dependem de atividades realizadas pelas crianças em seus universos socioecológicos.

O contexto de desenvolvimento dos elementos teóricos do modelo construtivista era um

[...] complexo de fenômenos que a teoria sociológica designa hoje por termos como pós-fordismo, modernidade tardia, sociedade em rede da pós-modernidade e sociedade de risco. Não obstante suas diferenças [...], esses termos referem-se a fenômenos como flexibilização da produção e “esvaziamento” das instituições, fragmentação das fontes de identidade, enfraquecimento do Estado-Nação e de sua ação reguladora, desilusão com o conhecimento racional e a especialização, um sentimento generalizado de incerteza, risco e insegurança, novas práticas de monitoramento e reflexividade, a distribuição de normas de democracia, prestação de contas e participação, expansão em um ritmo cada vez mais acelerado formas plurais de vida familiar, padrões de consumo diversificados e mudanças na participação no mercado de trabalho, no emprego e na economia global. (PROUT, 2010, p. 731)

As crianças, entende Prout (2010), estavam mergulhadas na complexa organização da vida social, levando-se ao questionamento da ideia padrão de infância. O modelo construtivista considera a predisposição de fenômenos em rede, híbridos, fluidos e mistos, além de contradições como estrutura *versus* ação, local *versus* global, identidade *versus* diferença, continuidade *versus* mudança, entre outras. O principal aspecto está na incorporação de valores sociais e de elementos simbólicos de comunicação da cultura social dos quais as crianças se apropriam. Corsaro (2011) adicionou a essa linha de pesquisa o termo “reprodução interpretativa”, que diz respeito a um processo que realiza a internalização, a transformação e a reprodução de cultura, no qual as crianças negociam, alteram e produzem cultura com quem as cerca, tanto adultos quanto outras crianças. Conforme o autor, os elementos principais dessa prática são a importância da linguagem social e das rotinas culturais e a reprodução ativa e participativa das crianças na produção de culturas.

Consoante Ochs e Schieffelin (2017), nas disciplinas de Antropologia e Sociologia, a linguagem social é uma ferramenta de sociabilidade promovida pelos sujeitos por meio dos meios simbólicos de pensar e agir, oriundos das experiências entre as pessoas. Através da repetição de práticas socioculturais entre adultos e crianças, acontece o desenvolvimento da comunicação sinérgica. Importante ressaltar que o conhecimento assimétrico não diz respeito à maturidade; afinal, ela é um processo bidimensional. A linguagem social das crianças é arquitetada de maneira complexa por instituições sociais e econômicas, crenças, sistemas públicos e domésticos, identidades, significados e outras forças. Porém, o contrário também

acontece: as crianças desenvolvem-se de modo a ter condições de resistir e modificar a ordem social na qual são socializadas (OCHS; SCHIEFFELIN, 2017). O exercício da linguagem social tem início no instante em que os integrantes de uma comunidade reconhecem uma pessoa como ser social pleno, havendo uma alternância relevante nas atividades importantes para a socialização individual e coletiva de bebês com até dois anos de idade.

O modo de vida dos cuidadores e dos pais marca o modo de vida das crianças a partir de fatores como classe econômica, desemprego, trabalho das mães, urbanização, distanciamento do trabalho em relação ao lar, transformações na própria família, entre outros. Tais fenômenos são os cenários em que os tempos sociais e as formas de socialização das crianças são estruturados (MOLLO-BOUVIER, 2005). Todos os lugares que as crianças frequentam são constituídos por instituições sociais – econômicas, familiares, políticas, religiosas, comunitárias, educacionais, entre outras –, as quais compõem rede de informações culturais. Os cuidadores têm, portanto, papel de ligação entre elas e todas as esferas citadas por serem seus guias; nesses ambientes, porém, elas convivem com outras crianças. “Assim, o desenvolvimento individual é incorporado na produção coletiva de uma série de culturas de pares que, por sua vez, contribuem para a reprodução e alteração na sociedade ou na cultura mais ampla dos adultos” (CORSARO, 2011, p. 39).

A partir dos processos por intermédio dos quais as crianças constroem suas identidades e se tornam seres autônomos nos grupos sociais a que pertencem, elas passam a ser consideradas “seres no presente”, o que significa o fim da verticalidade no processo de transmissão de valores e normas de uma geração para outra (SIROTA, 2007). Além do mais, estudá-las em laboratórios, como bem ressalta Turmel (2008), passa a não fazer sentido. A socialização horizontal ou interpretativa e a criação de uma criança são processos contínuos e paralelos, ajustados constantemente tanto na relação de um sujeito com ele mesmo quanto nas suas relações com o outro e com o ambiente social.

Em conformidade com Mollo-Bouvier (2005), as segmentações dos lugares, das idades e das tarefas também formam um conjunto de características de socialização das crianças. As trajetórias iniciáticas de ingresso em instituições como as creches são constituintes de mediações e/ou de cortes quando decisões administrativas e tendências burocráticas são colocadas em primeiro lugar. Diz a autora que os profissionais das instituições de educação, “para manterem seu domínio sobre uma faixa etária ou uma atividade, impõem à criança muitas coerções e até absurdos ou erros psicológicos” (p. 397).

Sirota (2012) sustenta que, além de a criança ser um “ator”, ela é um agente porque não apenas é capaz de realizar ações como também está exposta aos efeitos das próprias

ações, bem como é capaz de produzir situações, definir usos de objetos e interferir na presença de outras pessoas. A partir desses pressupostos, a Sociologia da Infância quebra alguns paradigmas, resultando em:

- 1) estudar a infância sem rotulá-la como normal ou anormal;
- 2) analisar a socialização contemporânea;
- 3) perceber a criança como um ser no presente e mostrar seus pontos de vista;
- 4) considerar as restrições estruturais que atravessam as crianças no cotidiano;
- 5) utilizar instrumentos comuns das disciplinas das Ciências Sociais;
- 6) empregar quaisquer protocolos de pesquisa que visem retratar a posição estrutural e a experiência das crianças.

Estabelecendo um paralelo com os modelos empreendidos por Corsaro, Plaisance (2004) propõe que as investigações que se dedicam à socialização dos bebês tenham uma configuração diferenciada e ainda mais específica. Ao tentar definir o que seria uma sociologia voltada para a pequena infância, o autor afirma que ela não deve ser limitada à escola maternal, à creche ou a qualquer outra instituição, bem como à própria família. Da mesma maneira, dar lugar de destaque para condições sociais (históricas, econômicas e culturais) apenas significaria que essas instituições consideram ou não os bebês por meio da implementação de ações direcionadas para eles. O autor acredita que essas definições necessitam ser exploradas de maneira complementar à socialização. A partir disso, Plaisance (2004) propõe que, ao se pesquisar os bebês pelo viés sociológico, partindo dos estudos da socialização, sejam examinados três níveis de distinção:

- 1) a socialização como um processo global da vida humana, o qual compõe o sujeito como ser social;
- 2) a ação de uma geração sobre a outra;
- 3) a construção do ser social por meio de negociações com quem o cerca.

Os níveis sugeridos pelo autor supracitado consideram que o bebê, ao nascer, não tem familiaridade com pessoas, instituições e processos culturais. Destarte, o processo de socialização se dá a partir da apresentação dessas instâncias pelos adultos que estão cuidando dessa pessoa recém-chegada. As denominações, as significações e as introduções, por conseguinte, procedem de um cuidador que é de outra geração, imbuído de conhecimentos apreendidos durante a vida. Como a comunicação exercida por esse bebê é diferente daquela do adulto que faz a mediação, processos de negociação são necessários, tendo como finalidade o esforço de compreensão de ambas as partes.

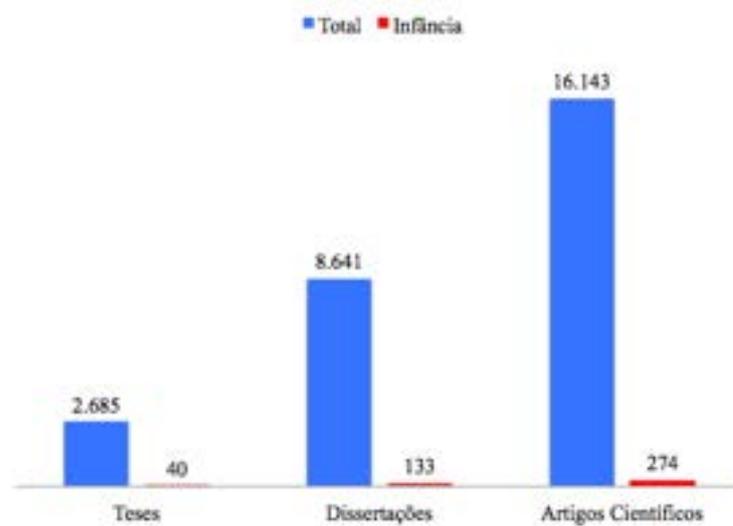
Fundamentados no exposto, e com intuito de investigar como os recém-nascidos estão inseridos nos debates acadêmicos com o viés da cultura infantil, Moruzzi e Alonso (2020) realizaram um levantamento nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico na área da Sociologia. Eles perceberam que, em um período de 20 anos (entre 1999 e 2019), apenas dois trabalhos foram desenvolvidos por pesquisadores brasileiros. O primeiro, publicado em 2006, intitulado “Geografia da infância: territorialidades infantis”, foi desenvolvido por Lopes e Vasconcellos e estabelece relações entre as diferentes infâncias, seus cotidianos e seus contextos espaciais, objetivando situar a Geografia da Infância por meio das experiências das crianças nos espaços e nos tempos históricos. O segundo, publicado em 2010 por Flávia Pires, é intitulado “O que as crianças podem fazer pela Antropologia?”. Nesse artigo, os bebês são reconhecidos como sujeitos que se apropriam da cultura a partir da mutabilidade, pelas trocas e relações estabelecidas, objetivando uma revisão de conceitos de sociedade e de cultura.

A Sociologia da Infância avança relacionando-se com os estudos pós-coloniais, adicionando em seus temas de pesquisa as condições das crianças nas sociedades e os lugares em que elas estão inseridas. Ademais, aproxima-se de referenciais teóricos que reconhecem a agência das crianças e dos bebês, mobiliza perspectivas teóricas que tiram as crianças da invisibilidade, utiliza metodologias que permitem a escuta das vozes das crianças e considera a participação delas, assim como potenciais criativos e escolhas, interessando-se pela educação, pela socialização e pela cultura das crianças.

Vislumbrando essa invisibilidade existente, a Dra. Juliana Tonin desenvolveu em seu pós-doutorado, realizado no *Centre de Recherche sur les Liens Sociaux (CERLIS)*, situado na *Faculté de Sciences Humaines et Sociales, Université Paris Descartes – Sorbonne*, o projeto “Comunicação e Infância”, que tem como objetivo averiguar como o campo da Comunicação brasileira compreende e estuda as infâncias (COMCRIANÇA, 2022). Também visa analisar teses, dissertações e artigos científicos publicados entre os anos de 1970 e 2020, a fim de ter um panorama das ênfases, dos referenciais teóricos, das metodologias, dos resultados de pesquisas e das tendências de cada época.

A partir do banco de dados originado no estudo citado, chegou-se aos seguintes dados: de um total de 2.685 teses, 8.641 dissertações e 16.143 artigos científicos, publicados em periódicos de estratos Qualis A2 e B1 e desenvolvidos pela área no período de 1970 a 2020, apenas 40 teses, 133 dissertações e 274 artigos científicos tratam de infância. Tais dados estão dispostos na Figura 2.

Figura 2 - Total de trabalhos na área da Comunicação *versus* trabalhos sobre infância



Fonte: Acervo do *site* Projeto ComCriança (COMCRIANÇA, 2022).

É possível notar, a partir dos resultados, que apenas 1,49% das teses, 1,54% das dissertações e 1,70% dos artigos científicos desenvolvidos ao longo de 50 anos dizem respeito às crianças, revelando que essa categoria social é vista com pouca relevância pela área. Outra informação importante é a inexistência de trabalhos que tenham como foco os bebês, o que torna impossível traçar um histórico de como a Comunicação percebe os bebês ao longo dos anos, como é possível fazer com a Medicina e com a Psicologia.

As pesquisas que são desenvolvidas pelas habilidades contempladas pela Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Design e Cinema) mostram uma tendência de percepção das crianças pelo viés do consumo. Um exemplo é o trabalho publicado por Santos e Scherer (2014), chamado *Mídia e obesidade infantil: uma discussão sobre o peso das propagandas*, no qual se percebe as crianças como potenciais consumidoras influenciadas por propagandas televisivas. Outra pesquisa que oferece uma reflexão sobre a associação entre crianças e as intenções de setores financeiros é a dissertação *A nova face da moeda: a criança na publicidade do setor financeiro da revista Veja*, desenvolvida por Pereira (2016).

Os dois trabalhos discorrem acerca de questões relacionadas ao consumo como pertencente a processos sociais e culturais que perpassam as infâncias contemporâneas. Ancoradas em perspectivas da área do Marketing, que visa o mercado de consumo, as pesquisas utilizam-se da visão de McNeal (2000), que afirma:

As crianças são vistas como consumidores de praticamente todos os tipos de produtos e serviços domésticos, de automóveis a sementes de zínia, de companhias aéreas a zoológicos [...], um mercado de influência que direciona o gasto do dinheiro de seus pais para seu próprio benefício e um mercado futuro para todos os bens e serviços que, se cultivados agora, fornecerão um fluxo constante de novos clientes quando atingirem a idade do mercado para uma determinada empresa. Quando considerados juntos – como consumidores primários, de influência e futuros – eles têm mais potencial de mercado do que qualquer outro grupo demográfico. (MCNEAL, 2000, p. 10, tradução nossa)

O pressuposto mais recente, traçado pelo professor de Marketing James U. McNeal, é de que as pessoas não nascem consumidoras, mas tornam-se desde o dia em que vêm ao mundo. Essa definição é originária da Socialização do Consumidor, desenvolvida por Scott Ward na década de 1970, que afirma que as crianças adquirem conhecimentos, atitudes e habilidades para serem consumidoras, considerando também os aprendizados intergeracionais e as trocas de pares. Consoante Ward (1974 *apud* MCNEAL, 2007), é preciso focar nos processos por intermédio dos quais as crianças aprendem o comportamento de consumo no seio familiar, ou seja, centrar nos cuidadores para que haja mudanças de padrões de comportamento de consumo das crianças.

Para McNeal (2007), uma das principais ferramentas do Marketing é entender as necessidades dos consumidores, traçando um paralelo entre o que os satisfaz e os objetivos da empresa que deseja vender determinado produto. É por isso que estudar os padrões de comportamento é algo tão relevante. Muitos comerciantes ainda se utilizam, consoante o autor, de estratégias “do berço ao túmulo” (p. 22, tradução nossa), as quais se referem a conquistar clientes no período da infância e mantê-los até a terceira idade.

Assentado nas perspectivas de Ward e de Piaget, McNeal (2007) desenvolveu sua própria linha de pesquisa, que inclui desenvolvimento cognitivo, social, sensorial, físico, motor, de linguagem e de fala. Ao entrelaçar aspectos de diversas dimensões humanas, ele construiu uma fórmula que considera o comportamento, o meio ambiente, traços pessoais e comportamentos posteriores. Outra característica de seus estudos é a ocorrência de estágios:

- a) Observação (0-6 meses);
- b) Solicitação/Busca (6-24 meses);
- c) Seleção/Obtenção (24-48 meses);
- d) Compra Conjunta (48-72 meses);
- e) Compra Independente (72-100 meses).

O primeiro estágio, a Observação, é o primeiro da vida e do início do comportamento de consumidor, que consiste em dois subestágios. O primeiro McNeal (2007) intitulou de “observação aleatória”, que acontece entre 0 e 2 meses de idade. Nele, o bebê utiliza seu corpo para descobrir objetos e o próprio ambiente. Começa com movimentos aleatórios e depois evolui para movimentos voluntários, indo, por exemplo, em direção a alimentos, objetos de conforto, brinquedos e pessoas. O segundo, chamado de “observacional voluntário”, está compreendido entre 2 e 6 meses de idade. Nessa etapa, os hábitos são vistos como resultado de repetições de movimentos que antes eram aleatórios, mas produziam satisfação. Iniciam-se, então, os movimentos em direção a objetos de consumo, como olhar para chocalhos. Para o autor, quando o cuidador vai ao supermercado levando o bebê e, nessa ocasião, o presenteia com um urso de pelúcia ou uma prova de sorvete, por exemplo, “algumas dessas experiências de ‘paradas agradáveis’ iniciam uma associação na mente do bebê, que acabará associando a mãe e o supermercado a fornecedores de coisas boas” (MCNEAL, 2007, p. 28, tradução nossa).

O segundo estágio, a Solicitação, também é constituído por dois subestágios: o “pré-idioma” e o “pós-linguagem”. O “pré-idioma” diz respeito ao período dos 6 aos 14 meses de idade, quando a criança ainda não aprendeu a andar e a falar. Segundo McNeal (2007), nesse período há um grande desenvolvimento do cérebro, dos músculos do pescoço e dos braços, o que permite que o bebê tenha experiências com objetos. Ao adquirir a capacidade de sentar, tem maior facilidade de alcançar as coisas, tocá-las, colocá-las na boca e fazer barulhos, desenvolvendo interações maiores com os objetos e passando a ter outro tipo de experiência no supermercado, por exemplo. O subestágio “pós-linguagem”, por seu turno, está vinculado ao período dos 15 aos 24 meses de idade. De acordo com McNeal (2007, p. 29, tradução nossa), os pequenos seres “tornam-se bebês que andam e falam em grande parte graças a alguns de seus padrões de comportamento de consumo”. O autor afirma que, nesse período, a criança pode ver determinados objetos nos centros comerciais e solicitar para o cuidador, além de associar determinado produto que está em uma revista ou na televisão com outro que está na sua casa.

Ao perceber-se a pouca produção científica referente às infâncias na área da Comunicação, em março de 2021 foi fundada a RECRIA (Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências), agrupando pesquisadores de oito estados brasileiros e até residentes estrangeiros para fomentar, a partir de um olhar comunicacional, saberes interdisciplinares, estudos, trabalhos de extensão e pesquisas relacionando as crianças e os adolescentes com as mídias. Os eixos de atuação da RECRIA são: discursos midiáticos e

práticas comunicacionais que reforcem aspectos sociais dos sujeitos em questão; protagonismo e participação desses indivíduos nas mídias e nas políticas públicas; consumo tecnológico e midiático; literacia midiática em práticas de educação formal e não formal; discussões acerca de legislações e políticas públicas ligadas a direitos sociais/digitais; e metodologias de pesquisa que incluam crianças e adolescentes (RECRIA, 2022).

Uma questão que relaciona a Comunicação e as infâncias, explorada pela área do Direito, é a prática do *sharenting* (“*sharing*” + “*parenting*” = compartilhamento realizado pelos pais), a qual representa a violação do direito à privacidade, à dignidade e à integridade psíquica do bebê, da criança e do adolescente a partir da exposição e da divulgação de fotos e vídeos pelos cuidadores, o que muitas vezes se dá antes mesmo do nascimento, inclusive com criação de perfis em mídias sociais com o nome da criança (EBERLIN, 2017). Essa discussão tem se mostrado cada vez mais necessária pela constante presença das tecnologias e das redes sociais na vida cotidiana das famílias. Entende-se que é preciso encontrar a medida para exposição de sujeitos menores de idade, mesmo com o consentimento dos responsáveis.

Tendo em vista que, na Comunicação, há poucos trabalhos dedicados às crianças e que, na maioria dos que existem, elas são vistas como consumidoras, faz-se necessário compreender os motivos de a primeira infância não entrar no escopo de pesquisas. Dados específicos sobre os bebês não são comuns porque ocorrem variações bastante significativas no que tange à categorização das idades. O sociólogo Eric Plaisance (2019), que dedicou parte de sua carreira aos estudos sociológicos com bebês, afirma que os processos para reconhecimento da primeira infância são distinguidos em:

- a) que se compreenda a especificidade dos bebês através da história como “pessoas”;
- b) que os bebês reconheçam seus pares em suas relações intersubjetivas;
- c) que bebês com deficiências sejam reconhecidos, assim como a educação inclusiva seja discutida em âmbito internacional.

Gottlieb (2009) traz à tona a problemática referente ao próprio conceito da categoria “bebê”. Os psicólogos do desenvolvimento definem tal categoria como o período desde o nascimento até o início da independência locomotora, o que, por norma estabelecida pela área, começa a partir dos dois anos de idade. Esses marcos de início e fim do estágio da vida, culturalmente convencionados com base no calendário, não acontecem em outras sociedades. Como exemplo, podemos mencionar os índios Wari, habitantes do Estado de Rondônia, conhecidos por perceberem os processos sociais e biológicos de forma interdependente. Eles são considerados um grupo corporal, o que significa que os membros da comunidade possuem laços entre si por meio de substâncias corporais compartilhadas. Essa tradição é indispensável

para que ocorram transições de *status* social entre os integrantes. As identidades sociais são organizadas e estabelecidas por marcos fisiológicos, ou seja, os desenvolvimentos corporais associados ao crescimento (infância, puberdade, idade adulta e velhice) são indícios de maior valorização social das pessoas, sendo equiparados a poderes físicos e espirituais. Os Wari ponderam que o feto é munido de consciência desde os primeiros instantes de sua concepção, assim como é capaz de reconhecer os parentes, e por esses motivos presumem que o seu processo de formação é iniciado pela cabeça e pelos olhos. Os ciclos da vida, para esses indígenas, se dão pela maturação sociofísica e pelo crescimento. Em função disso, julgam que o sangue do bebê e o sangue da mãe são o mesmo, acarretando em um compartilhamento de identidades. Mãe e bebê são tratados como uma unidade por até seis semanas após o nascimento, sendo necessário o isolamento dos dois para que o bebê produza seu próprio sangue enquanto é alimentado pela via da amamentação (CONKLIN; MORGAN, 1996).

As incertezas no que concerne à ideia de o que são os bebês nas mais diversas culturas dentro de um mesmo país, assim como a falta de conhecimento sobre eles em determinados campos do saber, são elementos que dificultam as pesquisas de caráter social. Para além disso, Gottlieb (2009) aponta possíveis motivos dos entraves nos estudos:

- a) a lacuna na lembrança dos adultos em relação ao período de suas primeiras infâncias faz parecer que é um período distante da experiência humana;
- b) a dependência de outras pessoas para suportes biológicos básicos, como higiene e alimentação, faz com que as tomadas de decisões dos bebês pareçam irrelevantes;
- c) o fato de a maior parte dos bebês ficar em companhia de mulheres, sendo suas mães ou não, as quais até hoje são negligenciadas como sujeitos culturais;
- d) a ausência de competência verbal, capacidade muito valorizada pelos adultos em relação a outras formas de comunicação. Nesse sentido, empatia e ajustes nos métodos utilizados para as pesquisas de campo são necessários, a fim de que a comunicação dos bebês seja compreendida e valorizada;
- e) a comunicação somática e os processos corporais não são considerados culturalmente significativos pelos pesquisadores;
- f) a ideia ocidental que privilegia as capacidades intelectuais, desdenhando das experimentações da vida.

Moruzzi e Alonso (2020, p. 654), quando falam sobre todas as crianças, independente da idade, de certa maneira resumem os apontamentos anteriores:

A criança é subalternizada, assim como são a mulher, o(a) negro(a), o(a) pobre, o(a) homossexual, o(a) indígena etc. A criança é subalternizada por distanciar-se em corpo e expressão do adulto. A criança é subalternizada por não se comunicar tal como o adulto, por não agir tal como o adulto e por não garantir, tal como ele o faz, que a lógica capitalista da produtividade se mantenha constante. A criança é colocada à margem, é periféricamente excluída das relações, é epistemologicamente silenciada ao basear-se a sua educação e sua socialização em determinações que não consideram sua potência, sua agência, seu protagonismo, sua interferência, os relacionamentos que estabelece e a sua produção no mundo. Pelo contrário, as referências para sua educação e socialização invocam imperativos da passividade, da quietude, da retaguarda, esquadrinhamento, de governança e de proteção, proteção que por vezes é mascarada pelo abuso de poder. (MORUZZI; ALONSO, 2020, p. 654)

Esse indivíduo, que ainda é visto em partes nos seus comportamentos e nas suas habilidades, que é modificado por tudo e todos ao seu redor e também os modifica, necessita ser descortinado e enxergado por inteiro. Como bem sinaliza Prado (1999), a valorização da apropriação, da significação e da construção social pela interação entre os sujeitos independe de idade; além disso, a relação dialética entre o indivíduo e a comunidade possibilita mudanças de comportamento vinculadas à cultura, à história e à sociedade.

2.3 AS LINGUAGENS DOS BEBÊS

Etimologicamente, a palavra “infância” é oriunda do latim *infantia*, em que *in* diz respeito a “negação” e *fan* a “falante”. Significa, portanto, sujeito que ainda não é capaz de falar. Como o bebê não fala, não anda, não se alimenta sozinho e tem movimentos simplórios, torna-se fácil a generalização acerca de incompetências desse ser. A incapacidade de se expressar verbalmente conflita com a ideia da cultura ocidental de que, para demonstrar a presença da linguagem, faz-se necessário utilizar a fala. Sendo assim, expressões corporais não são comumente entendidas como linguagem, visto que possuem similaridade com a natureza biológica. Acabam, por conseguinte, não sendo compreendidas como influências culturais, e sim pré-culturais (GOTTLIEB, 2009).

De acordo com a teoria mimética, a linguagem surgiu a partir da mímica de um gesto primitivo. O som não era o objetivo, mas somente um acompanhamento daquele gesto. Ao longo do tempo, o gesto sonoro separou-se do gesto corporal, tornando-se predominante por uma questão de praticidade. Segundo essa teoria, a fala seria somente uma imitação do gesto, o que equivale a um instinto animal de mimese e expressão a partir do corpo (SOUZA, 1994). Para Benjamin (1987), essa capacidade mimética da linguagem sofreu transformações no

decorrer da história dos humanos. No aspecto ontogenético, é possível observar, nos jogos infantis, que as imitações não se limitam a gestos de outras pessoas, mas também a gestos de animais e a características de objetos. Assim, a mimese diz respeito ao real da forma que a imaginação deseja.

Brannigan e Humphries (1981) compartilham de ideia semelhante à de Benjamin (1987). Para eles, a linguagem verbal é uma aquisição recente relacionada à evolução humana. Nossos ancestrais contavam com um sistema de sinalizadores sociais que tinha como repertório posturas corporais, expressões faciais, gestos, odores, sons não linguísticos e movimentos em relação a outras pessoas. Apesar de a linguagem verbal ter se desenvolvido e se tornado suprema, o ser humano não perdeu a habilidade de comunicar-se por intermédio de atributos não verbais. Não se está lidando com sistemas isolados, mas com um conjunto de maneiras de se comunicar.

A partir da Idade Média, o universo dos animais foi considerado subalterno ao dos homens. Os europeus do início da era moderna esforçaram-se para manter uma barreira de distinção entre eles mesmos e os animais, associando os homens a um lugar de superioridade. A bestialidade era tida como o mais sério dos crimes, uma ofensa capital. A fronteira humano-animal, inclusive, é utilizada para explicar o temor sentido pelos europeus medievais em relação a lobisomens e a outros seres que oscilam entre humanos e animais (MULLIN, 1999). As expressões menos racionais e mais instintivas, tanto dos animais quanto dos bebês, são vistas por parte dos homens como animalidades que precisam ser domesticadas.

As expressões corporais são um meio para a comunicação. Funcionam como um sistema sinalizador que pode ser independente da fala, influenciado pelo signo verbal ou até modificado por ele. As atitudes dos bebês referentes a eles mesmos ou a outras pessoas são indícios de expressões emocionais. Para que seja possível uma compreensão disso, é preciso considerar as circunstâncias em que ocorrem as expressões corporais, isto é, apreender a situação geral, o contexto de todos os sinais e as significações que acontecem ao mesmo tempo. “As linguagens ocorrem no encontro de um corpo que simultaneamente age, observa, interpreta e pensa num mundo imerso em linguagens, com pessoas que vivem em linguagens, em um mundo social organizado e significado por elas” (BARBOSA et al., 2013, p. 7).

Os gestos corporais são como escritas no ar, sendo a representação simbólica da história de vida de determinada criança (BENJAMIN, 1987). Perceber a linguagem como função simbólica é dar espaço para a compreensão das transformações significativas que acontecem ao longo da história. Assim, não se justifica a separação da “linguagem com o

mundo e [da linguagem] com a vida, reduzindo-a a um simples veículo de razão instrumental” (SOUZA, 1994, p. 139).

Consoante Benjamin (1987), a linguagem não é um sistema convencional de signos; ela é um meio para refletir acontecimentos reais:

Se essa leitura a partir dos astros, das vísceras e dos acasos era para o primitivo sinônimo de leitura em geral, e se além disso existiram elos mediadores para uma nova leitura, como foi o caso das runas, pode-se supor que o dom mimético, outrora o fundamento da clarividência, migrou gradativamente, no decorrer dos milênios, para a linguagem e para a escrita, nelas produzindo um arquivo completo de semelhanças extra-sensíveis. Nessa perspectiva, a linguagem seria a mais alta aplicação da faculdade mimética: um *medium* em que as faculdades primitivas de percepção do semelhante penetraram tão completamente que ela se converteu no *medium* em que as coisas se encontram e se relacionam, não diretamente, como antes, no espírito do vidente ou do sacerdote, mas em suas essências, nas substâncias mais fugazes e delicadas, nos próprios aromas. Em outras palavras: a clarividência confiou à escrita e à linguagem as suas antigas forças no correr da história. (BENJAMIN, 1987, p. 112)

Para o autor, a lógica do predomínio da linguagem falada adormeceu a amplitude de significados da linguagem corporal, a qual deve ser resgatada. Limitar a linguagem a apenas um sentido impede que a profundidade pura e ilimitada de significados aconteça. Françoise Dolto (*apud* LEDOUX, 1992) propõe que os adultos tenham maior tolerância no tocante às atividades exploratórias dos bebês. Há uma etapa de conhecimento que passa pelo ato de tocar desde o cabelo do cuidador, alimentos, até objetos tecnológicos. Nessa fase de exploração, a criança compara seu corpo e seus conhecimentos com a realidade. Assim como ela desenvolve as esferas intelectuais e afetivas, também aprende a diferença entre o que é e o que não é permitido, coisas que são possíveis de se tocar e coisas que só podem ser olhadas. Para o bebê, os objetos são considerados vivos; tudo o que pode ser montado e desmontado é interessante. Através de objetos e brincadeiras é que ele “domestica os mistérios da vida, lida com a vida e com a morte, suporta a realidade” (LEDoux, 1992, p. 226, tradução nossa).

As linguagens são mais do que instrumentais, produtivistas, informativas ou utilitaristas: elas são expressões de existência no mundo através de experiências coletivas. No cotidiano potencializador de experiências como construções, criações e interações é que acontecem o autoconhecimento e o descobrimento do universo. A ideia de que o bebê deve se encaixar em um mundo de normas talvez seja um tanto ultrapassada. Compreender que cada ser humano tem seu ritmo e tratar os desenvolvimentos com naturalidade, bem como as possibilidades de aquisição, parecem ser os modos mais adequados de perceber o recém-

nascido. Dolto (1999, 2007) revela que as reais normas para um bebê são as variadas expressões: puxar coisas, empurrar, manusear etc. São sucessivas etapas, em uma ordem natural de aprendizado, com envolvimento afetivos e riscos de uma vida florescendo. Um bebê não é um peso ou uma fonte de conquistas para os adultos; é um ser que se expressa por meio de imitações, sorrisos e choros, tem marcos de desenvolvimento e estabelece trocas com tudo e com todos.

Palavra, representação, desenho, mímica, modelagem, é isso que faz a cultura, a literatura, a escultura, a música, a pintura, o desenho, a dança – tudo isso são representações de desejos, e não vivências no corpo-a-corpo com o outro. É representação para comunicar seus desejos ao outro. (DOLTO, 1999, p. 27)

Os bebês, para Dolto (1999), são seres repletos de cultura e comunicativos desde o útero. Quando recém-chegados ao mundo exterior, percebem e compreendem tudo o que acontece no entorno. O mundo deles é carnal, cheio de percepções, intercâmbios e reconhecimentos dos sentidos. “E então se fala de co-corporeidade, de viver e de co-experiência” (LEDOUX, 1992, p. 37, tradução nossa). Nesse sentido, os cuidados e os contatos diários entre cuidador e bebê fornecem momentos ricos de comunicação, com valor significativo de trocas. A rede de trocas vai desde o cheiro, o olhar, o som, os carinhos até os momentos em que se privilegiam as necessidades biológicas. Desde o nascimento, os bebês são seres de palavra, receptivos e ativos, à espera de trocas sensorio-motoras, de linguagem vocal e gestual, e estão atentos às pessoas que lhes sorriem e lhes tocam. Esses seres atentos, dispostos a escutar e a sentir, necessitam de presença humana que traga sentido e faça a mediação de percepções, presentificando um ser heterônomo em uma dialética inter-humana. Souza (1994) reflete sobre a necessidade humana de sempre desejar dar sentido às coisas *versus* a complexidade da cultura:

A perda da linguagem pura simboliza a perda do saber perfeito. O abandono do nome é concomitante ao surgimento da necessidade de comunicar algo exterior ao próprio nome. Com isso, a palavra não expressa mais, não é mais o lugar da emergência da essência espiritual, mas meio de comunicar conteúdos e transmitir informações, quer dizer, comunicar algo exterior à própria linguagem, articulando símbolos e conceitos. Nesse momento, deparamo-nos com os primórdios da constituição da *cultura*. (SOUZA, 1994, p. 142, grifo da autora)

Nesse sentido, Dolto (1974) explicita a complexa organização da linguagem do ser humano. Ela afirma que a linguagem é sempre originária da relação inicial e predominante

entre mãe e filho, pela necessidade de suporte para a sobrevivência do bebê. Mãe e filho estimulam-se mutuamente, por meio de nuances emocionais vinculadas a variações de tensões – bem-estar, mal-estar –, organizadas e articuladas pelas especificidades de cada um e dos dois juntos. Essa é a primeira linguagem do sujeito.

Conhecimento, desconhecimento, reconhecimento mútuo se vinculam com sinais significantes, substanciais e sutis [...]. Todo encontro que produz uma variação de efeitos sensíveis em um organismo vivo, e que também modifica o *habitus* preexistente, converte-se para esse ser vivo em significante para o resto de sua existência. (DOLTO, 1974, p. 189, grifo da autora, tradução nossa)

Assim como validar as percepções do outro, também pode fazer parte da díade mãe-bebê o espelho sonoro, que é o eco verbal ou o fornecimento de respostas ao bebê que a mãe realiza. O que a criança manifesta pode ser compreendido ou ignorado como linguagem. A partir disso, Dolto (1974) sugere que o ser humano deve passar pelo processo de interiorização de códigos de relacionamento com outras pessoas, porque são sujeitos relacionais e comunicacionais que necessitam de liberdade de expressão e troca com os seus semelhantes. Um resultado positivo de sua mãe é sinônimo de harmonia emocional para o bebê; já o que é negativo para a matriarca é desarmônico para o filho.

A linguagem a partir de expressões corpóreas e os preparativos para uma linguagem falada estão presentes no lactente desde o momento do nascimento. A linguagem de troca com os demais se inicia pelo rosto desde as primeiras horas após o parto, com imitação de expressões dos pais (DOLTO, 2007). Em função de os adultos apresentarem dificuldades em compreender a comunicação dos bebês, é comum pensar que eles não entendem o que lhes é dito, o que não é verdade. Pode acontecer de o entendimento não se realizar no momento da fala, mas ele ocorre no instante em que se vive. Por exemplo: de acordo com Françoise Dolto (2007), ao informar à criança que a sua mamadeira está sendo preparada, provavelmente ela não compreenderá com exatidão na primeira vez; todavia, quando isso se repetir duas ou três vezes, a informação começará a ser associada à fome e o aviso fará sentido. É essencial para as relações entre cuidadores e bebês que tudo seja dito com veracidade, a fim de que se estabeleça confiança.

Nos primeiros meses de vida, ainda que aparente passividade, a criança está despertando para a sua formação psicossocial. Ela desperta para a comunicação e age constantemente nas relações entre o que compreende de comunicação falada e o que está ao seu redor, mesmo que sejam barulhos ligados à natureza ou aos objetos. Toda fala que é

dirigida a ela é compreendida. Assim sendo, o cuidador deve ter momentos de trocas sensoriais, afetivas e de palavras com esse bebê.

Dolto (2007) fala em comunicação de respeito quando a criança chora, grita e o cuidador se esforça para compreender o motivo. Para o bebê tudo é significativo, nada acontece sem um motivo. Sentimentos de angústia, decepção, ciúme, tensão e outros, não sendo possíveis de serem manifestos em palavras, são expressos em atitudes. A humanização do recém-nascido se dá quando o desejo de compreensão é mútuo e, mesmo quando não pode ser sanado, lhe é explicado que a compreensão não foi possível de acontecer. Destarte, perceber o bebê como um sujeito completo, que já chegou ao mundo sabendo se comunicar, é o primeiro passo para que sejam feitos esforços de compreensão e de negociação com ele. Trata-lo como uma pessoa portadora e desenvolvedora de cultura, ainda que não se utilize de signos verbais, é permitir que ele ocupe seu lugar na sociedade, que seja creditado o seu valor e a sua importância nas práticas cotidianas.

Ao olharmos para o passado e compreendermos como as crianças, em especial os bebês, eram vistos e considerados (ou não) pela sociedade, pontuando questões de desigualdade, fica claro que não existe uma infância, mas várias. A infância de um bebê nascido no Maranhão não é igual à de um que vive em São Paulo, assim como a infância de um recém-nascido negro não é igual à de um branco. Esses critérios e diversos outros fazem com que cada infância seja única e, assim, cada indivíduo a experimenta de uma forma.

Os achados acadêmicos das áreas estudadas (Medicina, Psicologia, Educação, Comunicação e Sociologia da Infância) são ricos em dados e descobertas que cada vez mais se articulam e contribuem para que os bebês sejam realmente vistos, compreendidos e ouvidos. Tais campos possuem perspectivas e interesses distintos, por vezes até contraditórios, o que faz com que o tema em questão seja interdisciplinar – mas exige um posicionamento. As ideias da Sociologia da Infância foram selecionadas para nos guiar nesta pesquisa em decorrência de levar em consideração as singularidades de cada indivíduo, pontuar a importância dos seus cotidianos e trabalhar com a escuta dos bebês.

Ouvir e entender o que os recém-nascidos querem comunicar exige dos cuidadores e dos estudiosos uma percepção empática. A capacidade de sentir e colocar-se no lugar do outro é delicada, principalmente em uma sociedade que supervaloriza a fala e atribui pouco valor à linguagem gestual, que por seu turno é a mais utilizada pelos bebês. Um ser humano recém-chegado ao mundo não sabe utilizar as palavras; o processo de relacionar-se com um adulto que tem dificuldade em ler a sua comunicação, então, requer um processo de negociação entre ambas as partes.

No próximo capítulo, será abordada a perspectiva da experiência e da vida cotidiana para que se possa perceber suas imprecisões e suas ambiguidades, as quais consagram as atitudes dos indivíduos, proporcionando heterogeneidades culturais e sociais.

3 REDES SOCIAIS NO COTIDIANO

A generalidade social está em oposição à coleta de fatos e acontecimentos. Não se pode apontar fatos sociais ou pessoas sem algum tipo de ligação, seja ela conceitual, ideológica ou teórica. Portanto, o cotidiano é um berço das características das sociedades, e para defini-lo, ou para definir suas transformações e seus rumos, é preciso reter os fatos muitas vezes considerados insignificantes, mas carregados de significados que podem fazer emergir as relações culturais e sociais de um determinado grupo, um fio condutor para desvelar a sociedade, situando a cultura, a técnica, a tecnicidade e a economia, entre outros aspectos.

Partindo disso, neste capítulo temos por objetivo perceber como acontecem as afetações na vida cotidiana a partir das mediações entre redes sociais e indivíduos. Recorreremos, para tanto, à Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), a qual pressupõe que pessoas e tecnologias possuem a mesma força e afetam-se na mesma proporção. Alguns conceitos para o desenvolvimento dessa ideia mostram-se importantes, como *actantes*, grupos sociais, porta-vozes, *performance*, intermediários, mediadores, rede e não humanos. Posteriormente, abordaremos o papel das mediações nas redes sociais, sendo elas entendidas como uma ação dentro de um processo, agenciando continuamente elementos híbridos e heterogêneos. Assim sendo, serão utilizados os achados teóricos de diferentes autores, principalmente de Law (1992), Latour (2012), Cardoso (2015, 2019), Primo (2012) e Salgado (2018). Em seguida, a partir da Teoria Ator-Rede, serão abordadas percepções acerca das redes sociais, utilizando-se das ideias de Dijck (2013), Lemos (2013) e Cohen (2012).

Buscando compreensão acerca das estruturas lógicas das ações das pessoas, tanto individual quanto coletivamente, situando o ambiente institucional simbólico e os lugares que elas ocupam na ordem social, serão utilizados conceitos de vida cotidiana de Lefebvre (1958, 1981, 1991) em contrapartida às ideias de Certeau (1995, 2014) e Heller (1985, 1991), ainda com o suporte de Balandier (1983) e Tedesco (1999). Sabe-se que os referidos autores possuem perspectivas que podem divergir em alguns pontos; contudo, o que os une é o princípio de que os sujeitos são atores sociais, ou seja, as pessoas modificam as suas vidas, as vidas em seu entorno, os ambientes que frequentam e a ordem social na qual estão inseridas.

3.1 VIDA COTIDIANA

Assim como a Sociologia tradicional deu origem à Sociologia da Infância, conforme visto no capítulo anterior, ela também foi berço para a Sociologia do Cotidiano. Tal campo tem por objetivo tentar explicar as estruturas lógicas das ações dos sujeitos nos aspectos individuais, rotineiros e não organizados, porém situando o ambiente institucional simbólico e quais lugares os atores ocupam na ordem social (TEDESCO, 1999). Ele se constituiu a partir do choque entre ideias modernas e pós-modernas, transitando por um terreno multidirecional e pluralista que critica conceitos e formas rígidas de modelos coletivos. Em contrapartida, Tedesco (1999) adverte:

O sujeito individual, em suas relações próximas e regulares, não está isento de vínculos em relação aos grandes dispositivos sociais, às classes e aos *sistemas*. Centralizar o sujeito individual através de suas práticas e representações, pelas quais se relaciona e negocia com a sociedade, com a cultura e com os acontecimentos, significa dizer que o cotidiano não é só vivido; torna-se, sim, objeto de interrogação e de debate, ou seja, é um espaço que, pela *doxa* (opinião), poderá chegar à reflexão e ser uma semente promotora de superações e de suspensões. (TEDESCO, 1999, p. 23, grifo do autor)

Indo ao encontro do que diz Tedesco, Balandier (1983) afirma que os caminhos da Sociologia do Cotidiano apresentam limites infinitamente flutuantes, tendo em vista que o foco está no espaço e na temporalidade do indivíduo. “Para o indivíduo, *tudo* é avaliado primeiro pela medida de sua vida cotidiana, tanto do que fixa suas regularidades quanto do que as perturba, modifica ou ameaça rompê-las” (BALANDIER, 1983, p. 3, grifo do autor, tradução nossa²). Ainda existem, segundo o autor, duas características que tornam esse viés da Sociologia fiel à realidade:

- 1) tem por objetivo centralizar as questões no sujeito individual, nas suas relações próximas e regulares, deixando como pano de fundo as medidas sociais (grupos, organizações, dispositivos e sistemas);
- 2) investiga as práticas e as representações por meio das organizações e das negociações diárias que acontecem nas relações dos indivíduos com a sociedade, a cultura e os acontecimentos.

² No original: “*Pour l'individu, tout s'évalue d'abord à la mesure de sa vie quotidienne, de ce qui en fixe les régularités comme de ce qui les perturbe, les modifie ou menace de les briser*” (BALANDIER, 1983, p. 3).

Em consonância com Tedesco (1999), as dimensões estabelecidas por Balandier possuem aspectos objetivos, sociais e históricos que se alicerçam nos paradigmas de remodelação do mundo, como no aparecimento de conflitos industriais e estatais, lutas de classe, crise ecológica e outras crises que dão início à ancoragem de novas formas de se viver em sociedade. Destarte, a vida cotidiana não pode ser entendida apenas como o aspecto individual, como interações simplistas ou como frequência de ações. “A vida cotidiana é um *atributo* do ator individual e ela se realiza sempre num quadro sócio-espacial, seja de um modo *individualista*, seja sobre o modo *estruturalista*” (TEDESCO, 1999, p. 24, grifo do autor).

Balandier (1983) entende que, para identificar a vida cotidiana, é preciso atentar para a cobertura dos espaços onde ela acontece, incluindo os privados (a residência), os eletivos (o local de trabalho) e os abertos (locais em que as atividades coletivas costumam acontecer, como parques, praças, restaurantes, entre outros). O sujeito não permanece em cada um deles com a mesma frequência nem se porta da mesma maneira. Os espaços privados e eletivos normalmente são aqueles que acolhem mais intensamente as atividades voluntárias e as iniciativas. Isso possibilita a diferenciação entre centro e periferia da vida cotidiana.

O centro é formado por relações com maior intimidade e intensidade, as quais são vividas com grande frequência. Balandier (1983) afirma o que segue:

É, aliás, essa característica que os faz delimitar o domínio privado, podendo engendrar um confinamento e formar um “ambiente fechado” (família, grupo exclusivo) que lhes permite ocultar o segredo (este que não deve aparecer ou ser conhecido externamente). [Os ambientes fechados] constituem um interior, um “dentro”, com forte coesão e signos distintivos. Inversamente, uma abertura demasiado grande a esse campo relacional produz uma dispersão do cotidiano, um cotidiano “fragmentado”. A característica de intensidade deve-se, em particular, ao fato de que essas relações são aquelas em que a sexualidade e o afeto se atualizam. (BALANDIER, 1983, p. 7, tradução nossa³)

O autor afirma que uma característica do centro da vida cotidiana é a constituição de uma “memória”, a qual é colocada em prática “durante as elaborações do simbólico e do

³ No original: “C’est d’ailleurs cette caractéristique qui fait qu’elles délimitent le domaine privé, qu’elles peuvent engendrer un enfermement et former un ‘milieu clos’ (famille, groupe à exclusivité), qu’elles permettent de recéler le secret (ce qui ne doit pas apparaître ou être connu à l’extérieur). Elles constituent un intérieur, un ‘edans’, à forte cohésion et à signes distinctifs. À l’inverse, une trop grande ouverture de ce champ relationnel produit une dispersion de la quotidienneté, une vie quotidienne ‘éclatée’. La caractéristique d’intensité tient notamment à ce que ces relations sont celles où s’actualisent la sexualité et l’affectivité” (BALANDIER, 1983, p. 7).

imaginário, que é o seu lugar” (BALANDIER, 1983, p. 8, tradução nossa⁴). É por meio dessa “memória” que se conserva a história de cada sujeito, família ou grupo, fornecendo bagagens para elaboração de símbolos e imagens que auxiliam na construção de tradições privadas.

O cotidiano como campo de estudo possibilita a visualização do entrecruzamento das dimensões macro e microssociais, realocando o sujeito e a coletividade como destaque nos processos históricos, com seus desenvolvimentos e suas contradições. Dentro desse campo, existem correntes teóricas distintas e, por vezes, excludentes, atestando que as banalidades do cotidiano não são irrelevantes. Tedesco (1999) assevera que as correntes teóricas tematizam sobre a linguagem comum, a fenomenologia, a totalidade do social, a cultura da apreciação ao que é considerado belo, uma nova revolução política, entre outros temas. Sendo assim, cada autor possui uma noção do que é o cotidiano.

Nesse sentido, com intuito de refletir acerca das constituições dos indivíduos sociais, da gestão dos espaços sociais, dos conflitos entre forças de acomodação e de resistência e dos conhecimentos constituídos nas relações dos sujeitos e do coletivo com o ambiente, traremos as perspectivas de Henri Lefebvre como fundamentais para a presente pesquisa; contudo, ressaltaremos as ideias de Agnes Heller e Michel de Certeau, os quais por vezes se mostram semelhantes, mas em determinados pontos divergentes. As teorias de Lefebvre foram selecionadas como fios condutores por serem percebidas como críticas aos problemas capitalistas contemporâneos, porém tendo como base a relação dos sujeitos com a natureza presente nos resíduos cotidianos. Para o autor, as continuidades e as discontinuidades, as linearidades e as ciclicidades, as formas micro e macro de relacionamento, apesar de aparentemente opostas, dialogam e formam as características ricas da cotidianidade. Ainda, Lefebvre percebe a Economia como elemento constituinte das relações sociais, políticas e institucionais, relevante para objeto de estudo em questão.

Heller e Certeau foram escolhidos por acreditarmos que tais teóricos, apesar de se dedicarem a correntes distintas, constituíram o campo das ações e das interações cotidianas com princípios da perspectiva do sujeito como ator social. Eles podem, portanto, contribuir para a presente pesquisa ao enriquecer a discussão com ideias diversas.

⁴ No original: “[...] mise en œuvre lors des élaborations du symbolique et de l'imaginaire dont il est le lieu” (BALANDIER, 1983, p. 8).

3.1.1 O entendimento de vida cotidiana

Para o filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, existe uma diferença clara entre a filosofia e o cotidiano; esses dois polos, todavia, não podem ser dissociados:

O conceito de cotidianidade provém da filosofia e não pode ser compreendido sem ela. Ele designa o não-filosófico para e pela filosofia. Mas o pensamento só pode levá-lo em consideração no decorrer de uma crítica da filosofia. O conceito de cotidianidade não vem do cotidiano nem o reflete: ele exprime antes de tudo a transformação do cotidiano vista como possível em nome da filosofia. Também não provém da filosofia isolada; ele nasce da filosofia que reflete sobre a não-filosofia, o que é sem dúvida o arremate supremo da sua própria superação! (LEFEBVRE, 1991, p. 19)

Em conformidade com o autor, o cotidiano não é uma determinação da subjetividade pelos filósofos nem a representação de categorias de objetos; ele é um objeto filosófico, “um campo e uma renovação simultânea, uma etapa de um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidade etc.), interação dialética” (LEFEBVRE, 1991, p. 20).

A análise da vida cotidiana parte de um exame da história, da política e do social para que seja possível impulsionar transformações. Dessa forma, a cotidianidade passa a ser intermediadora entre as esferas genéricas (a arte, a filosofia, a política, entre outras) e as evidentes, combinando a natureza com a cultura, a história com o vazio, o individual com o social, o real com o irreal, o lugar de transição com o de encontro (TEDESCO, 1999). A descrição minuciosa dos artefatos da vida cotidiana é acompanhada da negação do sonho, do imaginário e do simbolismo. Torna-se inviável a compreensão do cotidiano apenas ao aceitá-lo, ao vivê-lo de forma passiva, sem a distância necessária. Para Lefebvre (1991), é preciso ter uma distância crítica para que se possa comparar, contestar, conceber e apreciar em escala de conjunto social e, através desse processo, revelar analogias ao ponto de que o conhecimento da vida cotidiana se transforma em uma crítica ideológica e uma autocrítica frequente.

Em outra perspectiva, Michel de Certeau (2014), historiador francês, assevera que a vida cotidiana é resultado de um emaranhado histórico, estando vinculada a movimentos, a rupturas e a consequências de formas de organização e de existência em sociedade. As práticas cotidianas são estratégias, modos de “saber fazer” num jogo de apropriação e reapropriação (TEDESCO, 1999). O autor refere que as questões relativas às práticas cotidianas devem ser balizadas pelos usos que os sujeitos ou os grupos fazem de determinados objetos sociais.

Muitos trabalhos, geralmente notáveis, dedicam-se a estudar seja as representações, seja os comportamentos de uma sociedade. Graças ao conhecimento desses objetos sociais, parece possível e necessário balizar o uso que deles fazem os grupos ou os indivíduos. Por exemplo, a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “*fabrica*” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso dos espaços urbanos, dos produtos comprados no supermercado ou dos relatos e [das] legendas que o jornal distribui. (CERTEAU, 2014, p. 38, grifo do autor).

Quando Certeau (2014, p. 39) se refere à “fabricação”, quer fazer alusão a uma produção “qualificada”, que é artilosa e dispersa, porém onipresente e silenciosa, sendo a maneira de administrar os produtos impostos pela economia dominante. O autor se interessa pela análise do mundo diário, com abundância de pessoas, gestos e movimentos que acolhem os desvios e as invenções que se mostram como táticas disseminadas dos sujeitos comuns que agem e modificam o mundo. Todos são produtivos e sempre há lugar para inventividades e “maneiras de fazer” (p. 40); a reprodução não ganha espaço. As múltiplas formas que são empregadas, dependendo da ocasião e dos detalhes, resultam em maneiras de usar, livres de ideologias, instituições ou regras. Apesar disso, há uma lógica, uma “maneira de fazer”:

Por esse prisma, a “cultura popular” se apresenta diferentemente, assim como toda uma literatura chamada “popular”: ela se formula essencialmente em “artes de fazer” isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários. Essas práticas colocam em jogo um *ratio* “popular”, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar. (CERTEAU, 2014, p. 41, grifo do autor)

Trata-se de restringir as operações características de consumo na teia da economia e reconhecer as práticas de apropriação e de criatividade que possuem uma maneira própria de ser. O que antes era tido como comportamento de pequenos grupos marginais atualmente são atividades culturais não assinadas, porém simbolizadas e desenvolvidas por todos que consomem e adquirem os produtos de uma economia produtivista. Certeau (2014) pontua que esse processo não é homogêneo, e sim impactado por funcionamentos relativos, relações de força e situações sociais.

Ainda no que concerne ao conceito de vida cotidiana, temos a discípula próxima de Georg Lukács, Agnes Heller, uma filósofa húngara que integrou a Escola de Budapeste. Ela buscou situar, de modo concreto, os pilares e as transformações estruturais do contexto histórico-ontológico a partir da compreensão do método de Marx. Para ela,

a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, [suas] paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda a sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda a sua intensidade. (HELLER, 1985, p. 17-18, grifo da autora)

Tedesco (1999) declara que Heller define o cotidiano como a amplitude das experiências baseadas na intersubjetividade que constitui o mundo, os significados desse mundo e as instituições que orientam e coordenam as experiências. Desse modo, a “condição humana” é formada na própria vida cotidiana, ainda que não se reduza a ela. As características de heterogeneidade, variabilidade e inconstância da cotidianidade colocam-na na ambiência da objetivação em si mesma (por exemplo: os costumes, as formas de interagir com objetos, as regras para interação com outras pessoas, entre outros aspectos). “A *condição humana* se constitui na esfera da objetivação por si mesma; está na esfera dos significados, das generalizações, das narrativas, da constituição, da manifestação e de retorno na vida cotidiana como *totalidade humana*” (TEDESCO, 1999, p. 162, grifo do autor).

Outra ambiência de objetivação é tratada por Heller: a que abarca as instituições sociais, políticas e econômicas. De acordo com Tedesco (1999), as múltiplas instituições e suas especializações levam a uma estratificação do sujeito, refinando-o para a adaptação e a integração à vida cotidiana. Essa crescente institucionalização leva a uma deslegitimação dos preceitos cotidianos, assim como à perda de objetivo por si mesmo, dando margem para tensões, falta de diálogo e desequilíbrio entre as três dimensões.

As objetivações citadas anteriormente, as quais formam a base da vida cotidiana e são constituídas pela linguagem, pelos usos, por objetos e por costumes, são chamadas de “genéricas” por Agnes Heller (1991). Elas são produzidas e reproduzidas na cotidianidade sem que os sujeitos tenham referência consciente a seu respeito e acerca dos dinamismos de suas produções, mas não são identificadas como alienação. Tedesco elucida que

o homem é um ser que se autocria ao longo da história, através do espaço cotidiano de objetivação-apropriação da natureza como atividade objetivadora humana. Nesse processo, o genérico humano se desenvolve e os indivíduos, mediados pelas objetivações, tornam-se seres genéricos. (1999, p. 164-165)

A identificação com os itens de genericidade e com a particularidade é fundamental para o sujeito apropriar-se do espaço cotidiano e viver em sociedade. Consoante Tedesco (1999), a comunidade passa a ser uma categoria estruturante de valores, na qual a particularidade também tem lugar. A relação entre indivíduo e comunidade não é somente um vínculo entre sujeito e grupo de forma causal; é a individualidade que constitui o grupo e, por esse motivo, nem todo grupo é uma comunidade. Existem hierarquias nos grupos, que dependem de objetivos, interesses, atividades e representações. A comunidade expressa as dimensões particulares e genéricas do sujeito, sendo fundamental para a estruturação do conjunto social e, também, para o desenvolvimento do homem (TEDESCO, 1999).

Dizer que o homem é uma entidade genérica significa, portanto, afirmar que ele é um ser social. Na verdade, ele só pode existir em sociedade; só pode se apropriar da natureza com a mediação da sociedade. [...] Tenho consciência da genericidade quando atuo como ser comunitário-social, quando com minhas ações vou além do meu ser particular e possuo o conhecimento (consciência) necessário para isso. Tenho uma relação consciente com a genericidade quando, ao contrário, coloco-a como um fim (qualquer que seja sua forma fenomenal), quando a divindade do gene (sua forma fenomenal) se torna a motivação de minhas ações. (HELLER, 1991, p. 31-32, tradução nossa⁵)

Lefebvre (1991) entende que, na sua banalidade, o cotidiano é formado por repetições (movimentos mecânicos do corpo, gestos dentro e fora do trabalho, horas, dias, tempo da natureza, tempo da racionalidade, movimentos cíclicos e lineares), nas quais a produção de sentido se dá a partir da “análise da re-produção, isto é, das condições em que as atividades produtoras de objetos ou de obras se re-produzem elas mesmas, re-começam, re-tomam seus elos constitutivos ou, ao contrário, se transformam por modificações graduais ou por saltos” (LEFEBVRE, 1991, p. 24).

As produções de sentido por meio de repetições dizem respeito à globalidade social, que é antagônica ao empirismo. Não é possível determinar fatos sociais ou humanos que não se conectam conceitual, ideológica ou teoricamente. Examinar o cotidiano é reter fatos que aparentam ser insignificantes e extrair deles suas essências para caracterizar uma sociedade

⁵ No original: “Decir que el hombre es un ente genérico, significa afirmar por lo tanto que es un ser social, Efectivamente, él sólo puede existir en sociedad; e incluso sólo puede apropiarse de la naturaleza con la mediación de la sociedad. [...] Yo tengo consciencia de la genericidad cuando actúo como ser comunitario-social, con mis acciones voy más allá de mi ser particular y dispongo para este fin de los conocimientos necesarios (consciencia). Tengo una relación consciente con la genericidad cuando, por el contrario, me la planteo como fin (sea cual sea su forma fenoménica), cuando la gene deidad (su forma fenoménica) se convierte en la motivación de mis actos” (HELLER, 1991, p. 31-32).

(LEFEBVRE, 1991). A fim de que se possa chegar aos fundamentos de determinados acontecimentos, o autor recorre às ideias de Marx para conceituar “produção” e “reprodução”. “Produção” diz respeito ao desenvolvimento espiritual e material, além de definir a realização do ser humano por si mesmo, ao longo da história, resultando na produção de relações sociais. Já “reprodução” concerne a questões biológicas e materiais, ferramentas técnicas e relações sociais. Conforme assegura, a cultura é oriunda dessa “produção” e dessa “reprodução”:

Mas o que é uma cultura? É também uma práxis. É um modo de repartir os recursos da sociedade e, por conseguinte, de orientar a produção. É uma maneira de produzir, no sentido forte do termo. É uma fonte de ações e de atividades ideologicamente motivadas. [...] Na noção de “produção” se reintroduz o sentido vigoroso do termo: produção de sua própria vida pelo ser humano. Além disso, o consumo reaparece no esquema, dependente da produção, mas com mediações específicas: a ideologia, a cultura, as instituições e organizações. (LEFEBVRE, 1991, p. 38-39)

Para o autor, o próprio cotidiano é uma mediação entre as esferas política e econômica, com estratégias do Estado para gerir totalmente a sociedade. Por exemplo, tem-se a indústria cultural, em especial a mídia, que objetiva lançar modelos de consumo. Destarte, o cotidiano toma como ponto de partida o Estado, área de reprodução das relações sociais dirigidas às classes médias.

É no seio dessas classes médias – na média dessa média – que o cotidiano moderno se constitui e se institui. É lá que ele se torna modelo. É a partir desse lugar que ele se difunde para o alto e para baixo. Antigamente as modas e os modelos provinham da aristocracia ou da grande burguesia, em sua bela era. Durante os chamados tempos modernos, a média impõe sua lei. [...] Para que fosse necessário distinguir o infra e o supracotidiano. O que separa as classes em “inferior” e “superior” são os estados de “sobrevivência”, da mesma forma que as separa em condições de subvida para alguns e hipervida para outros. (LEFEBVRE, 1981, p. 157-158, grifo do autor, tradução nossa⁶)

Mesmo com estágios avançados de modernização, com a técnica invadindo a vida cotidiana, as relações usuais sobrevivem, ultrapassando as rupturas e os limites impostos pela racionalidade técnica. Lefebvre (1991) denomina “sociedade da abundância” a sociedade que

⁶ No original: “*C’est au sein de ces classes moyennes – dans la moyenne de cette moyenne – que le quotidien moderne se constitue et s’institue. C’est là qu’il devient modèle; c’est à partir de ce lieu qu’il se diffuse vers le haut et vers le bas. Jadis les modes et modèles provenaient de l’aristocratie ou de la grande bourgeoisie, dans sa belle époque. Au cours des temps dits modernes la moyenne impose sa loi. [...] De sorte qu’il a fallu distinguer du quotidien l’infra et le supra-quotidien. Ce qui le situe. La ‘lower’ et la ‘upper’ classe sont en état de ‘survie’, pas de la même façon : sous-vie pour les uns, hypervie pour les autres*” (LEFEBVRE, 1981, p. 157-158).

é caracterizada pela tecnicidade e que vislumbra a produtividade e a automatização das atividades. Para o autor, essa mesma sociedade da abundância também é a do desperdício e da escassez. Nos lugares em que se pode notar alta industrialização, a miséria material faz-se presente, bem como a falta de espaço e de tempo.

Em consonância com o pensamento de Lefebvre (1991) no tocante à utilização de ferramentas tecnológicas na vida cotidiana, é possível destacar a utilização das redes sociais virtuais tais quais o Instagram como fonte de informação e de conhecimento. Atualmente, além das fontes formais de informação (livros, teses, periódicos, jornais, entre outras), as fontes informais (conversas, *folders*, redes sociais) mostram-se bastante eficazes como meios de disseminação de conteúdos e como ferramentas para estabelecimento de conexões entre pessoas com interesses em comum. Bem como lembram Cerigatto e Casarin (2017), as redes sociais são capazes de promover discussões, fornecer aprendizados e experiências das vivências cotidianas de forma imediata, podendo influenciar positiva ou negativamente os sujeitos que ali se encontram e consomem os conteúdos. Como exemplo, é possível citar os profissionais da saúde que gerenciam perfis no Instagram com as finalidades de promover conhecimento a respeito de suas áreas de atuação e de sanar dúvidas da população. A Dra. Thais Chaves, gestora do perfil @pediatramae no Instagram, com cerca de 786 mil seguidores, utiliza o canal para difundir seus conhecimentos a respeito de questões ligadas ao bem-estar e à saúde de bebês e suas mães, realizando postagens informativas e de interação com os seguidores por meio de perguntas e respostas nos *stories*.

3.1.2 A temporalidade

A sociedade industrial, com seus períodos de trabalho e de descanso, trouxe à tona a importância do lazer. Lefebvre (1991, p. 61) denomina o trabalho de “fadigas da ‘vida moderna’”. A distração, o divertimento e as férias tornaram-se preocupações, ganhando destaque em relação a outras atividades. O autor diz que os empregos do tempo desenvolveram classificações de horas, dias e meses, como o tempo obrigatório (trabalho), o tempo livre (lazer) e o tempo imposto (formalidades, transporte etc). Valores ligados ao lazer fazem com que ele tenha um novo sentido; os indivíduos passam grande parte do seu tempo anual pensando e programando o período de férias. “O não-trabalho contém o futuro e é o horizonte, mas a transição é longa, confusa e perigosa” (LEFEBVRE, 1991, p. 61). O autor afirma que o lazer não é mais a recompensa pelo trabalho, nem o são as atividades realizadas ao ar livre: agora “é o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo” (p. 62).

Ao examinar a vida cotidiana no mundo industrial pela “ótica da racionalidade instrumental” (TEDESCO, 1999, p. 31), verifica-se que o capitalismo habita a cotidianidade – tornando-a um aglomerado de significações e de signos que são as próprias práticas cotidianas –, regida pelo consumo dirigido e esculpida pela produção capitalista que racionaliza e qualifica maneiras de viver, valores e signos. “O cotidiano, ideologizado como insignificante e banal, fornece a base e a sustentação da constituição do capitalismo em *sistema de reprodução de relações sociais de produção* em meio à reprodução da força de trabalho e de outros meios de (re)produção” (p. 31, grifo do autor).

Em consonância com a ideia relativa à separação dos momentos de trabalho dos de descanso, apontada por Lefebvre (1991), e com o capitalismo que permeia a vida cotidiana, descrito por Tedesco (1999), estão as pessoas que mediatizam suas rotinas a partir de redes sociais como fonte de renda. As barreiras entre vida privada, vida pública, tempo de lazer e tempo de trabalho tornam-se maleáveis a ponto de não conseguirem mais diferenciar as esferas, tornando todo o contexto em espetáculo.

A reprodução relacionada aos elementos produtivistas constitui a ética tecnocrática que limita a vida cotidiana ao trabalho, a períodos previamente estipulados e à orientação espaço-temporal, em que as atividades são repetidamente realizadas. Lefebvre (1991) entende que a subjetividade deixou de fazer parte ativa do cotidiano e deu lugar à organização social capitalista. A partir dessas microrrelações de poder, é possível capturar os “*atos sociais mais totalizantes*” (TEDESCO, 1999, p. 32, grifo do autor) e desenvolver críticas que podem revelar os limites e as contradições da forma de pensamento tecnocrático e desvelar sutilezas e riquezas em meio à abundância e à escassez.

A divisão do trabalho e a fragmentação de papéis advindas da alienação dificultam as particularidades; são, todavia, dimensões importantes e que se alternam constantemente (TEDESCO, 1999). As determinações de relações (cultura, divisão social do trabalho, posição de classe, gênero, tempo, função, entre outros aspectos) desafiam o indivíduo no sentido de produzir a sociedade. Em contraposição, Heller (1985) discorre sobre o amadurecimento do sujeito, sendo tal processo a aquisição de habilidade para viver no cotidiano da temporalidade.

O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.

O adulto deve dominar, antes de mais nada, a manipulação das coisas (das coisas, certamente, que são imprescindíveis para a vida da cotidianidade em

questão). Deve aprender a segurar o copo e a beber no mesmo, a utilizar o garfo e a faca, para citar apenas os exemplos mais triviais. Mas, já esses, evidenciam que a assimilação da manipulação das coisas é sinônimo de assimilação das relações sociais. (Pois não é adulto quem aprende a comer apenas com as mãos, ainda que também desse modo pudesse satisfazer suas necessidades vitais). Mas, embora a manipulação das coisas seja idêntica à assimilação das relações sociais, continua também contendo inevitavelmente, de modo “imaneente”, o domínio espontâneo das leis da natureza. A forma concreta de submissão ao poder (da natureza) é sempre mediatizada pelas relações sociais, mas o fato em si da submissão à natureza persiste sempre enquanto tal. (HELLER, 1985, p. 18-19)

Levando em consideração que o aprendizado de manipulação de diferentes instâncias refere-se ao amadurecimento e à adulez, o mesmo se pode dizer no que tange à “assimilação imediata” (HELLER, 1985, p. 19) das formas de comunicação social e de troca entre os sujeitos. Esse processo acontece nos grupos em que são estabelecidas mediações entre o indivíduo e os costumes, assim como com os valores e os processos éticos. Consoante Heller (1985), apesar de o homem aprender esses elementos do cotidiano no seio do grupo, não ingressa nele como adulto, nem as normas ganham “valor” instantaneamente. Isso ocorre apenas quando o sujeito sai do grupo (por exemplo, da família), sendo capaz de manter-se de forma autônoma no universo das interações e de mover-se no ambiente da sociedade em geral sem o suporte do grupo.

No curso da história, diz a autora supracitada, o homem tem sido cada vez mais produtivo, mais social, mais consciente e livre graças à alienação. Isso se deve ao surgimento da individualidade, que em cada época é representada por intermédio dos diferentes indivíduos-tipo, e tais tipos de individualidades são construídas umas sobre as outras. Com o passar do tempo e da história, pode-se falar metaforicamente de um “inchaço” de particularidades e de um “amadurecimento” da individualidade, os quais dizem respeito à essência humana, tendo como características fundamentais o trabalho, a sociedade, a consciência, a universalidade e a liberdade.

3.1.3 A alienação

Lefebvre (1985) afirma que a alienação anda em paralelo com o preconceito. A alienação acontece a partir da absolutização do pensamento e da ação, não deixando espaço para movimentação ou manipulação da individualidade. O sujeito alienado é uma vítima da ruptura entre a personalidade e a autenticidade, que acontece a partir da divisão social do trabalho em uma sociedade capitalista, a qual tende a suprimir o indivíduo frente à sua

produção. Quanto mais alienada mostrar-se a vida cotidiana, maior a ditadura do preconceito hegemônico da classe dominadora, com seus recursos ideológicos, técnicos e econômicos que inundam e direcionam o mundo (LEFEBVRE, 1958).

Quando Lefebvre refere-se às ações dos sujeitos, explicita as questões relacionadas aos “usos” – de espaço, do corpo, do tempo –, visto que eles estão cimentados em dimensões da existência e dos sentidos da vida, como prazer, sonho e desejo. Para o autor, é nos “usos” que se formulam embates teóricos e práticos que resultam em reconhecimento da lógica e da razão como sentido de estar no mundo, “transfigurando-se em razão instrumental (em prática), parece dominar o mundo visto como estratégia de dominação política, que implica também sujeição econômica” (SEABRA, 1996, p. 71). Nesse processo, os “usos” mobilizam os conceitos de apropriação e de propriedade. Por apropriação, Lefebvre entende as qualidades e os atributos, enquanto propriedade refere-se a quantidades, a comparações quantitativas. Seabra (1996, p. 71-72) sugere que “a história bem que poderia ser lida, contada, interpretada pelo movimento conflituoso entre a apropriação e a propriedade. Esta questão ocupou profundamente a filosofia, uma vez que a apropriação seria o fim da alienação”.

Quando Seabra (1996) explica o que são os “usos” no cotidiano para Lefebvre, a autora faz uma comparação com o universo dos brinquedos infantis. Ela afirma que a infância é ameaçada pelas tecnologias, porquanto elas ocasionam o esvaziamento de sentidos. “Os brinquedos eletrônicos conduzem e preparam a passividade do espectador” (p. 78). Lefebvre (1981), entretanto, considera que

o cotidiano também pode ser concebido como encontro e confronto do uso (valor de uso) com a troca (valor de troca). Qualquer que seja a predominância do valor de troca e sua importância no modo de produção, ele não consegue fazer desaparecer o valor de uso. Mesmo que se aproxime da abstração “pura” e do signo puro. O trabalho produz bens trocáveis, mercadorias; entre sua produção e seu consumo, levam uma existência singular, mais abstrata que concreta. Nessa fase, as características predominantes da troca são o reino da mercadoria, seu mundo. Durante esse trajeto, o objeto é reduzido *quase a um signo*. (LEFEBVRE, 1981, p. 17, grifo do autor, tradução nossa⁷)

⁷ No original: “*Le quotidien peut aussi se concevoir comme rencontre et confrontation de l’usage (valeur d’usage) avec l’échange (valeur d’échange). Quelle que soit la prédominance de la valeur d’échange et son importance dans le mode de production, elle n’arrive pas à faire disparaître l’usage et la valeur d’usage. Même si elle se rapproche de l’abstraction ‘pure’ et du pur signe. Le travail produit des biens échangeables, des marchandises; entre leur production et leur consommation, elles mènent une singulière existence, abstraite plus que concrète; pendant cette phase les caractéristiques de l’échange l’emportant, c’est le règne de la marchandise, son monde. Au cours de ce trajet, l’objet se réduit presque à un signe*” (LEFEBVRE, 1981, p. 17).

O cerne da problemática, para Lefebvre, é verificar se os usos respeitam a lógica estabelecida pelas instituições.

Segundo o entendimento de Heller (1985), a alienação acontece quando as formas de pensamento e de ação são absolutas, deixando pouco espaço para a movimentação da individualidade. A implantação e o alastramento de mercadorias, como elo entre o concebido e o vivido, emergem na primeira instância o consumo, a publicidade, “coisificando a existência” (TEDESCO, 1999, p. 172) e transformam o homem cotidiano em valor quantitativo.

A incapacidade do homem de pensar o cotidiano e não o pensar do cotidiano dificulta também a criação, o estabelecimento de relações, de saber a natureza das relações, de estranhar-se consigo mesmo (descobrir-se, sair-de-si), historicizar o cotidiano (e não ser historicizado).

Deste modo, o cotidiano é submetido a um ritmo de vida exterior, padronizado, onde os desencontros, em contradição com diferentes temporalidades, são vistos numa perspectiva dual (tradicional-moderno, brega-chique); o estranho é visto com surpresa, como incerto, imprevisto, criando assim uma cotidianidade pobre, rotineira, banal, reino da miséria, alienada. (TEDESCO, 1999, p. 172-173)

A alienação econômica apresenta um peso maior em relação às outras esferas, visto que pode ser percebida sobre o todo social. As circunstâncias pelo déficit financeiro e social são fortificantes para estruturas de alienação na cotidianidade. Sendo assim, essas circunstâncias promovem hierarquias voluntárias, permitindo às pessoas a individualidade e um movimento de criação em cada situação, uma forma de conduzir a vida consciente de seu próprio espaço (HELLER, 1991). É dessa forma que a autora diferencia a realidade da possibilidade. Os valores sociais são preservados de diferentes modos, variando entre grupos, comunidades e até períodos históricos.

Todavia, essas “circunstâncias” determinadas, nas quais os homens formulam finalidades, são as relações e situações sócio-humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas. Não se deve jamais entender a “circunstância” como totalidade de objetos mortos, nem mesmo de meios de produção; a “circunstância” é a unidade de forças produtivas, estrutura social e formas de pensamento, ou seja, um complexo que contém inúmeras posições teleológicas, a resultante objetiva de tais posições teleológicas. E, ao contrário, quando os homens se colocam fins, o campo de determinação causal não é apenas o âmbito e a orientação de suas colocações, pois os seus atos teleológicos e todas as demais objetivações desencadeiam igualmente novas séries causais. (HELLER, 1985, p. 1)

Heller (1985) conceitua a vida cotidiana como heterogênea e hierárquica. A heterogeneidade refere-se à multiplicidade de conteúdos que são materializados nas ações desenvolvidas, como a organização do trabalho, o lazer, a atividade social sistematizada, entre outros. Já a hierarquia, que não é eterna nem imutável, como dito anteriormente, modifica-se em detrimento de estruturas econômico-sociais.

Após a compreensão do que são as estruturas de objetivações genéricas, faz-se necessário entender como os indivíduos podem apropriar-se delas. “De fato, é característico da vida cotidiana que *as formas mais heterogêneas de atividade sejam ordenadas através da estrutura relativamente fixa de objetivações genéricas em si*” (HELLER, 1991, p. 293, grifo da autora, tradução nossa⁸). Para que seja possível inculcar ordem nessas atividades heterogêneas, é preciso que haja a apropriação das objetivações. No interior das estruturas fixas, ocorrem eventos e ações inesperados, por motivações imprevistas. Destarte, Heller (1991) afirma que a repetição é a forma de essas apropriações acontecerem. A vida cotidiana e os pensamentos são produzidos por meio da repetição ou da intuição. Essa intuição é ativada em situações que requerem escolha ou em eventos adversos; assim, são instituídas determinadas atitudes para certas ocasiões.

Os pensamentos e os comportamentos cotidianos são pragmáticos, e os sujeitos apropriam-se das funções das objetivações genéricas desconsiderando as razões dessas funções, reagindo sem questionar a sua gênese. O interesse por suas origens somente é percebido quando elas são postas em discussão ou escolhidas como objeto de estudo. Para a autora, a atitude pragmática é constituída pela unidade entre teoria e práxis. A partir do momento em que as objetivações genéricas estabelecem seus usos na vida cotidiana ou no pensamento, não é necessária a compreensão de teorias. Por exemplo: para acender uma luz, não é preciso ter conhecimento das leis da eletricidade. Heller (1991), porém, adverte que esse comportamento pode ocasionar acidentes, então se faz necessária a renúncia da prática e a averiguação da teoria.

Na vida comum somos obrigados a seguir o que é plausível; porém, na especulação somos obrigados a buscar a verdade. O homem morreria de fome e sede caso se recusasse a comer e a beber antes de obter uma demonstração perfeita da utilidade do alimento ou da bebida. Mas isso não acontece no caso da contemplação, em que, ao contrário, devemos ter muito

⁸ No original: “*De hecho, es característico de la vida cotidiana que las formas de actividad más heterogéneas estén ordenadas a través de la estructura relativamente fija de las objetivaciones genéricas en-sí*” (HELLER, 1991, p. 293).

cuidado para não admitir como verdade algo que é apenas plausível. (SPINOZA *apud* HELLER, 1991, p. 296, tradução nossa⁹)

Conforme Heller (1991), não se pode calcular as probabilidades de todas as ações. Por isso, o hábito, o costume e a repetição são fundamentos objetivos que requerem a presença da intuição. A autora utiliza a alimentação para exemplificar sua ideia: na nossa sociedade, quando a comida é servida, é provável que ela não prejudicará nossa saúde, portanto a comemos; em contrapartida, se fôssemos abandonados em uma ilha deserta e lá houvesse frutas desconhecidas, não as colocaríamos na boca sem antes duvidar. A partir desse exemplo, Heller (1991) mostra que o alicerce objetivo da ação probabilística é o costume, o hábito e a repetição. Todavia, em situações cotidianas nas quais há muitas opções de escolha, a probabilidade serve como uma orientação assertiva; significa agir baseado em fundamentos nos quais se unem conteúdos e motivos heterogêneos.

3.1.4 Como pesquisar o cotidiano

No que tange à maneira de estudar a vida cotidiana, Tedesco (1999) explicita que, para Lefebvre, o método para pesquisas relacionadas a esse tema se dá, num primeiro momento, por meio dos dados descritivos, que são concebidos por observação, entrevistas, histórias de vida, entre outras técnicas. O segundo momento é chamado de analítico-regressivo, que contempla a análise do que foi descrito, o resgate de fontes históricas e conceituais, o encontro de temporalidades que coexistem, entre outras associações. O terceiro e último momento é o histórico-genético, quando é feita a elucidação teórica na perspectiva dialética do vivido e do assimilado, revelando as relações, as contradições, as gêneses e as possibilidades.

Certeau (2014) acredita que todos os indivíduos são os produtores de suas próprias histórias e realidades. O autor afirma que o caminho técnico de um estudo a esse respeito deve iniciar por uma aproximação que reconduz as linguagens científicas e as práticas acadêmicas ao lugar de origem, a vida cotidiana.

⁹ No original: “*En la vida ordinaria estamos obligados a seguir lo verosímil; pero en la especulación estamos obligados a perseguir la verdad. El hombre moriría de hambre y de sed si se negase a comer y a beber antes de haber alcanzado una demostración perfecta a la utilidad de la comida o de la bebida. Pero esto no ocurre en el caso de la contemplación, donde por el contrario debemos guardarnos muy bien de admitir como verdadero algo que sea solamente verosímil*” (SPINOZA *apud* HELLER, 1991, p. 296).

Este retorno, hoje sempre mais insistente, tem o caráter paradoxal de ser também um exílio em relação às disciplinas cujo rigor se mede pela estrita definição de seus limites. Desde que a cientificidade se atribuiu lugares próprios e apropriáveis por objetos racionais capazes de colocar zombeteiramente os seus modos de proceder, os seus objetos formais e as condições de sua falsificação, desde que ela se fundou como uma pluralidade de campos limitados e distintos, em suma, desde que não é mais do tipo teológico, a ciência constituiu *o todo* como o seu *resto*, e este resto se tornou o que agora denominamos a cultura. (CERTEAU, 2014, p. 62, grifo do autor)

Consoante o autor, mesmo que a ciência tenha como objetivo dominar esse “resto” a partir de seu lugar de poder, as instituições científicas provocaram uma ruptura entre as linguagens “artificiais” (CERTEAU, 2014, p. 62) de operações reguladas e demarcadas e as linguagens do corpo social. Essa linha divisória, que é mutável, é uma estratégia nas desavenças que confirmam ou contestam os poderes das técnicas sobre as práticas das sociedades, as quais são o significante comum.

O autor utiliza trabalhos de J. L. Austin para ilustrar algumas de suas ideias. Assim como Certeau intitulou-se especialista nas “maneiras de fazer”, Austin é especialista nos “modos de falar”. Assim sendo, o “homem ordinário” é munido da “linguagem ordinária”, que não possui equivalência nos discursos filosóficos e não é possível de traduzir, porque ela é tecida de elementos que não podem ser transcritos em um discurso. Existe um reservatório de singularidades e de conexões que foram desenvolvidas ao longo da história e estão imbuídas na maneira de falar, bem como nas práticas existem complexidades lógicas que não perpassam pela capacidade de “formalizações eruditas” (CERTEAU, 2014, p. 69).

Certeau (2014) explica que um dos inconvenientes das práticas científicas – mas que é a condição para o seu sucesso – é a separação dos objetos analisados dos seus contextos históricos. Isso faz com que as ações sejam desvinculadas de circunstâncias particulares nos aspectos de tempo, lugar e disputa. Tal ruptura afasta o sujeito agente da sua própria ação; o autor lembra, porém, que todas as ações são proporcionais às situações. Os fatos não são dados, mas um acervo de práticas que devem ser analisadas quanto às maneiras de utilizar ou agir.

O saber, na sua forma mais rudimentar, dissociado das técnicas ou das linguagens que tentam torná-lo engessado, “torna-se uma inteligência do sujeito” (CERTEAU, 2014, p. 135), a qual se reveza entre os campos estético, cognitivo e reflexivo, de forma que o “saber fazer” fica reduzido a um saber que não se pode apreender. Esse “saber” é tecido de diversos momentos e de situações heterogêneas. “É uma memória cujos conhecimentos não se podem separar dos tempos de aquisição e vão desafiando suas singularidades” (p. 146). Com tal

afirmação, o autor pretende evidenciar que não há comparação entre a experiência de um ancião e a precipitação de um jovem, porquanto cada indivíduo tem seus próprios momentos e situações específicas acontecendo.

Heller (1991) afirma que, na apropriação e na conduta da vida cotidiana, existem três partes importantes e relacionadas: a imitação de ações, a imitação de comportamentos e a imitação evocativa. A imitação de ações é, também, a imitação de atividades. A autora utiliza-se de um exemplo para explicar sua ideia: se falarmos uma palavra para um bebê – como “mamãe” – e ele repetir, a princípio pode ser apenas uma imitação, na medida em que ele se apropria da palavra não como palavra, mas como conjunto fonético. Todavia, a partir do instante em que a palavra “mamãe” começa a explicar uma atividade utilizada em diversos contextos (“vem com a mamãe”, “mamãe, estou com fome”), o bebê se apropria do significado da palavra, e assim é feita a apropriação da ação.

A imitação de ações raramente está isolada. Em geral faz parte da imitação de um conjunto de comportamentos, explicita Heller (1991). A imitação de comportamento, por seu turno, não se limita a determinados usos, mas a tipos de condutas completas e de estereótipos de comportamento. O indivíduo apropria-se de um comportamento dotado de conteúdo de valor concreto, socialmente significativo e até de uma carga ideológica. A autora exemplifica a partir de uma situação em que a criança presencia o pai xingando um funcionário; ela passa a entender, então, que todos os funcionários devem ser xingados.

Terceira e última parte, a imitação evocativa consiste naquela que desperta a lembrança de ações ou sentimentos, aflorando um efeito sentimental e/ou intelectual. A linguagem é um dos meios para orientar essa mimese na sociedade contemporânea (HELLER, 1991). A contação de histórias, por exemplo, ativa memórias nas pessoas ouvintes, que podem solidarizar-se com os personagens.

De acordo com Heller (1991), para que sejam realizadas pesquisas que tenham a vida cotidiana como campo, são necessárias cinco etapas: contemplação, descrição, classificação, experimento e síntese. A *contemplação* acontece quando a relação com determinado cenário não é pragmático; para que ela aconteça, é preciso ter distância.

A partir desta observação de que encontramos vestígios em várias representações mágicas, chega-se depois de uma longa viagem à descoberta da beleza da natureza. Essa etapa só pode ser alcançada por meio da mediação da arte. Mas, uma vez alcançado, o homem chega a uma fonte inesgotável de prazeres diários. Belas linhas são descobertas em um rosto, linhas onduladas de movimento em uma paisagem, harmonia no som. O homem chega assim a um tipo de prazer que nada tem a ver com a satisfação

das necessidades da vida. Observação e contemplação tornam-se a base da ciência e da arte nas percepções cotidianas. (HELLER, 1991, p. 355, tradução nossa¹⁰)

A *descrição* é a segunda etapa e está anexada à contemplação. Ela serve para que seja possível conhecer como e quando as atividades pragmáticas acontecem e também para que se possam perceber as características de tal feito. Já a *classificação* é uma espécie de homogeneização (HELLER, 1991), a qual serve para satisfazer interesses, curiosidades e atestar a teoria da realidade, que não é somente prática. A etapa de *experimento* funciona para preparar uma tomada de decisão ou desenvolver habilidades a fim de executar determinada tarefa. Por fim, a *síntese* é uma imagem do mundo unitário e de pontos de observação. “Em parte, são as questões teológicas relativas ao particular (Por que ou com que propósito estou no mundo? Por que isso ou aquilo deve acontecer precisamente por minha causa? etc.), as quais constituem os fundamentos dessa necessidade” (HELLER, 1991, p. 357, tradução nossa¹¹). Tais formas de pensamento derivam de diversas fontes e criam sínteses parciais na forma de mitos, os quais ditam modos de comportamentos que ainda estão intrínsecos no pensamento cotidiano e explicam o mundo dos homens, assim como o homem no mundo. Essas grandes sínteses impedem o pensamento cotidiano de produzir suas sínteses parciais. Destarte, há as sínteses de caráter primitivo e mitológico e as generalizações sintetizadas das experiências cotidianas, que são os “saberes populares”.

Consoante a compreensão do que é a vida cotidiana para Henri Lefebvre, Agnes Heller e Michel de Certeau, fica evidente o compartilhamento de algumas percepções entre os autores, assim como as discordâncias. O paralelo entre teoria e prática faz-se presente em todas as ideias, mas de modo distinto. Para Lefebvre, esse é justamente o cerne de seu estudo, visto que ele acredita que a vida cotidiana é um objeto da filosofia, o qual só é possível de se compreender a partir da história, da política e do movimento social que funcionam como impulsionadores de transformações. Sendo assim, a cotidianidade funciona como uma espécie

¹⁰ No original: “*A partir de esta observación, de la que encontramos huellas en diversas representaciones mágicas, se llega después de un largo camino a descubrir la belleza de la naturaleza. Este escalón sólo se alcanza a través de la mediación del arte. Pero una vez alcanzado, el hombre llega a una fuente inagotable de placeres cotidianos. En un rostro se descubren bellas líneas, en un paisaje las líneas onduladas del movimiento, en el sonido la armonía. El hombre llega así a un tipo de placer que no tiene nada que ver con la satisfacción de las necesidades de la vida. La observación, la contemplación se convierte en el fundamento de la ciencia y del arte en las percepciones cotidianas*” (HELLER, 1991, p. 355).

¹¹ No original: “*En parte son las cuestiones teológicas concernientes al particular (por qué o con qué objetos están en el mundo, por qué esta o aquella cosa debe suceder precisamente por mi causa, etcétera) las que constituyen los fundamentos de esta necesidad*” (HELLER, 1991, p. 357).

de elo entre a arte, a filosofia, a política, questões triviais e outros aspectos. Heller, por seu turno, percebe a relação entre teoria e prática de outra maneira. Segundo a autora, a filosofia somente é percebida a partir do instante em que determinado objeto é designado para estudo. Até então, as práticas e os pensamentos cotidianos são pragmáticos, alheios às suas razões ou às suas funções, e a compreensão da teoria não é necessária. Já para Michel de Certeau, a cotidianidade é complexa e heterogênea, tornando a teoria incapaz de explicá-la e reproduzi-la. De acordo com o autor, através das “maneiras de fazer”, os sujeitos apropriam-se dos produtos e dos espaços sociais, modificando, deturpando e ressignificando os funcionamentos. Certeau situa esses indivíduos como narradores de suas histórias quando se tornam capazes de trilhar seus próprios caminhos.

Outra convergência entre Lefebvre e Certeau é a sociedade da abundância – ou sociedade do espetáculo. Conforme defende Lefebvre, a sociedade da abundância é caracterizada pelo uso da técnica com objetivo de produtividade e automatização das atividades. Em contrapartida a esses objetivos, experimenta-se o desperdício e a escassez, como de tempo e de espaço. Isso se dá a partir da racionalidade capitalista, que aglomera signos e significados a partir de um consumo dirigido, assim como valores e maneiras de viver desenhadas pelo dinheiro. Podemos aproximar tal perspectiva do objeto de estudo desta tese, sugerindo que, por meio do uso de diferentes plataformas digitais, como Youtube, Instagram e Facebook, as pessoas automatizam suas procuras por saber, afinal é nelas que muitos sujeitos procuram informações que balizam suas vidas cotidianas. Além de dicas de quais marcas são as melhores, quais produtos possuem melhor desempenho ou como utilizar determinado objeto, tais ferramentas possibilitam que “detentores do saber” propaguem maneiras de lidar com pessoas, educar uma criança e agir em determinada situação, por exemplo.

Lefebvre diz que o modelo de cotidianidade é formado pela classe média e para ela, sendo possível distinguir uma subvida e uma hipervida a partir desse modelo. Nesse aspecto, Certeau refere-se a uma apropriação e a uma ressignificação de bens de consumo, que podem se dar por meio de resistência ou inércia em relação às imposições sociais. Essa inércia diz respeito à contemplação de mercadorias, dando início a uma medição da realidade através da capacidade de apresentação espetacularizada. O autor refere-se a tal prática como *voyeurismo*, porque o espetáculo é capaz de fazer com que o espectador perca noções, como de tempo e de espaço, ao mergulhar naquele universo mágico que não é seu. No tocante à resistência, Michel de Certeau afirma tratar-se de ações características de consumo, levando em consideração a criatividade e a apropriação de cada sujeito. Para ele, todos que adquirem e consomem

produtos de uma economia produtivista utilizam-se de um emaranhado histórico vinculado a movimentos e rupturas que caracterizam as formas de “saber fazer” e “saber usar”, apropriando-se e reapropriando-se de objetos sociais. Segundo Lefebvre, os indivíduos usam os espaços, os corpos e o tempo baseados em sentidos como o prazer, o sonho e o desejo. São esses usos, baseados na teoria e na prática, que resultam na lógica e na razão de estar no mundo, mobilizando as definições de apropriação e de propriedade.

Quanto aos pontos levantados pelos autores, também é possível aproximá-los da realidade quando nos referimos a páginas da internet que ditam regras sobre posicionamento relativo ao social. A espetacularização de casos utilizados, por exemplo, ou mesmo a atenção exacerbada a determinada ação cotidiana, como o sono de um bebê, são capazes de mobilizar multidões espalhadas em suas residências, que respondem com inércia ou resistência. A compra de um livro ou de um curso desenvolvido por uma figura pública que afirma ensinar cuidadores a colocar seus bebês para dormirem um sono de oito horas por noite pode ser caracterizada como uma resistência, por ser uma característica de consumo (tanto da página na internet como do produto anunciado); a utilização, porém, se dá de maneira própria.

Esses são alguns pontos que, apesar de divergentes entre os autores, auxiliam a estruturar lógicas de ações dos indivíduos, trazendo aspectos individuais e não organizados, mas sempre situando o ambiente simbólico e a ordem social que ocupam. Lefebvre, Heller e Certeau convergem na ideia de que a cotidianidade não pode ser compreendida apenas como aspecto individual nem como relacionamento simples. Balandier sinaliza a existência das dimensões central e periférica, as quais se complementam, munidas de memórias que fornecem elementos para a elaboração de imagens e símbolos de uma construção de tradições privadas.

3.2 AS TECNOLOGIAS E SEUS USUÁRIOS

A partir dos anos 1980, a ontologia, a epistemologia e a metodologia das tecnologias vêm sendo estudadas pela Sociologia. Além de seus desenvolvimentos e seus usos, muitos pesquisadores dedicam-se a entender o que é a tecnologia, como os sujeitos se relacionam com ela e como ela se relaciona com os sujeitos. Primo (2012) salienta que, para se ter um norte em relação a tais questões, faz-se necessário um resgate histórico. Partindo desse pressuposto, recorreremos a Peter Johnson-Lenz e Trudy Johnson-Lenz, que desenvolveram o termo *groupware*, o qual se refere à “combinação de processos e procedimentos de grupos escolhidos intencionalmente pelo *software* de computador para lhes dar suporte” (1989, s.p.,

tradução nossa¹²), a fim de denominar a capacidade de adaptação de um sistema para atender a demandas de diferentes grupos. Para eles, o *groupware* vai além de um simples *software*¹³:

[...] também inclui mitos, valores, propósitos, estilos, normas, processos, procedimentos, cenários, intenções e contextos culturais. Esses elementos humanos lhe dão significado. Sejam escolhidos conscientemente ou não, eles estão sempre presentes. *Groupware* é a personificação da organização social – equipe, grupo e cultura organizacional – no hiperespaço. (JOHNSON-LENZ; JOHNSON-LENZ, 1989, s.p., tradução nossa¹⁴)

Em consonância com Primo (2012), a palavra *groupware* passou a ser bastante utilizada por empresas produtoras de *softwares*, perdendo com isso o seu sentido original. Em 2002, o termo *social software* começou a ser utilizado de forma corrente. Ele fazia referência a programas de mediação para interação de grupos de pessoas. Com ele, inclusive determinadas interações emergentes foram identificadas, como os Wikis, que são *websites* com hipertextos e hiperligações em que usuários modificam conteúdos de maneira colaborativa (MICROSOFT, 2019). Os *social softwares* não se referem simplesmente a determinadas ferramentas, mas denominam aquelas que são projetadas e designadas para questões sociais.

Seguindo essa reflexão, não existem condições de se afirmar precisamente quem desenvolveu o termo mídias sociais (PRIMO, 2012). Lampe et al. (2011), entretanto, esclarecem que a expressão diz respeito a uma gama de ferramentas e serviços que possibilitam aos usuários interações em ambientes mediados por computadores. É possível complementar com a explicação de Kaplan e Haenlein (2010) de que as mídias sociais são formas de conteúdos de mídias criados, publicados e disponibilizados por usuários finais. Os

¹² No original: “*the combination of intentionally chosen group processes and procedures plus the computer software to support them*” (JOHNSON-LENZ; JOHNSON-LENZ, 1989, s.p.).

¹³ De acordo com Velloso (2014), o *software* é um conjunto de programas que são fornecidos pelos fabricantes de computadores e que atendem às demandas dos usuários ou são desenvolvidos pelos próprios usuários. Juntamente com o *hardware*, ele forma o sistema computacional. O *software* do fabricante é responsável pelas operações do próprio equipamento e de acessórios, permitindo a alocação e a otimização dos recursos. Além disso, ele abriga programas de desenvolvimento e manutenção de aplicativos, como os de gerenciamento de dados.

¹⁴ No original: “*Groupware is more than software. It also includes myths, values, purposes, styles, norms, processes, procedures, set and setting. These human elements give it meaning. Whether consciously chosen or not, they’re always present. Groupware is the embodiment of social organization – team, group, and organizational culture – in hyperspace*” (JOHNSON-LENZ; JOHNSON-LENZ, 1989, s.p.).

autores supracitados ressaltam que não se pode confundir esse termo com as tecnologias e ideologias da Web 2.0¹⁵.

Para que possamos compreender melhor a simbiose entre as mídias digitais e as pessoas, recorreremos à Teoria Ator-Rede. Todavia, para que ela possa ser situada, é preciso compreender a Construção Social das Tecnologias (SCOT).

3.2.1 Construção Social das Tecnologias (SCOT)

O engenheiro e sociólogo Wiebe Bijker (2010), pesquisador de questões sociais e tecnológicas pelo viés da ontologia com abordagem antropológica-histórica, dedica-se a teorizar sobre as relações sociais no uso dos recursos técnicos. Ele afirma que a *Social Construction of Technology* (SCOT¹⁶) começou a ser desenvolvida no início dos anos 1980 e seguiu três linhas teóricas: mudanças nas unidades de análise, revisão heurística das metodologias centrais e compreensão de desenvolvimentos tecnológicos. Para o autor, as sociedades são tecnológicas e as tecnologias são culturais. Além de auxiliarem na vida cotidiana, as tecnologias possuem força de atuação na remodelagem das atividades dos sujeitos, assim como em os seus significados. Bijker (2010) elenca três etapas para que se possa olhar para as tecnologias na sociedade: (a) grupos sociais relevantes e flexibilidade interpretativa; (b) fechamento e estabilização; (c) enquadramento tecnológico. Elas serão detalhadas a seguir.

Na primeira etapa, os grupos sociais são capazes de descrever determinado artefato, atribuindo, de forma explícita, um significado a ele. Assim, os grupos podem ser identificados pela maneira como mencionam as ferramentas e se referem a elas. “Como a descrição de um artefato pelos olhos de diferentes grupos sociais relevantes produz diferentes descrições – e,

¹⁵ O conceito de Web 2.0 foi trazido a público em 2004, em uma conferência do O’Reilly Media Group. Esse termo sugere empresas que contavam com a *internet* para gerar, distribuir e melhorar os seus produtos, tratando os *softwares* como serviços que executam diversos dispositivos, utilizando filtragem de dados e produção coletiva de usuários que fazem parte da rede. Para Jenkins (2014), a Web 2.0 tornou-se uma lógica cultural que diz respeito ao comércio eletrônico, relacionada a uma série de práticas empresariais que tem por objetivo captar e explorar a cultura participativa. Ela representa uma reorganização das relações entre os produtos e os públicos, em que as empresas presentes nesse mercado gerado pela *internet* utilizam-se de criatividade das pessoas, da coletividade e da produção colaborativa. O autor afirma que os negócios emergentes nessa categoria prometem aos usuários maior participação na produção e na distribuição de cultura, deixando de ser considerados usuários, consumidores ou público para se tornarem cocriadores de conteúdos e serviços.

¹⁶ Em inglês é comumente usada a sigla SCOT, a qual utilizaremos para designar a Construção Social das Tecnologias.

portanto, diferentes artefatos –, isso resulta na demonstração do pesquisador da ‘flexibilidade interpretativa do artefato’” (BIJKER, 2010, p. 68). Não existe uma ferramenta tecnológica, existem várias, e esse é um pressuposto importante para relativizar as metodologias da construção social das tecnologias e para não assumir as preferências de apenas um grupo social. É preciso seguir os processos sociais para que se possa descobrir empiricamente quais são os componentes daquela ferramenta.

Na segunda etapa, ao analisar diversos grupos, é possível perceber que a flexibilidade interpretativa não é tão grande, porquanto algumas ferramentas possuem domínio sobre outras, assim como os significados. Os processos de construção social podem levar muitos anos até que o ponto final e irreversível aconteça e seu fechamento ocorra, ou seja, quando a compreensão de uma determinada ferramenta tecnológica é praticamente unânime e não necessite mais de explicações e averiguações (BIJKER, 2010).

Na terceira etapa, são analisados e explicados os processos descritos na etapa anterior. Uma variedade de ferramentas tecnológicas estrutura as interações entre os integrantes de um grupo social, revelando e moldando pensamentos e ações. Bijker (2010) elucida que uma estrutura tecnológica é construída quando a interação ao redor de uma ferramenta começa, isto é, “a prática existente orienta a prática futura” (BIJKER, 2010, p. 69).

O autor supracitado esclarece que analisar as ferramentas nessas três etapas equivale a:

- a) desconstruir sociologicamente uma tecnologia para demonstrar suas várias interpretações;
- b) descrever como uma tecnologia é construída socialmente;
- c) explicar tais processos de construção.

Segundo Bijker (2010), a construção social das tecnologias propicia um conjunto de descobertas para serem interpretadas, e o objeto de análise seria a sociotecnologia.

Primo (2012) ressalta os avanços que a SCOT trouxe para os estudos relacionados às mídias sociais, mas afirma que ela busca explorar a produção e a utilização das tecnologias de forma metodológica e relativista, centrando a atenção na influência unilateral das relações sociais ocorridas em função das tecnologias. Parte-se do princípio de que tecnologia e sociedade são esferas separadas que se influenciam, mas é preciso pensar que elas se constroem mutuamente – justo o foco que embasa esta tese.

3.2.2 Teoria Ator-Rede (TAR)

Os trabalhos de Bijker abriram portas para a Teoria Ator-Rede (TAR), porém ela se diferencia da SCOT, já que aqui o social não é uma característica que compõe algo, que age como causa de determinado evento, e sim “um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais” (LATOUR, 2012, p. 23).

A TAR, ou Sociologia das Associações, desenvolvida por Bruno Latour, Michel Callon e John Law, concentra-se nas redes que evoluem em consonância com as pessoas e as tecnologias, com uma visão das plataformas como agrupamentos sociotécnicos e infraestruturas performativas. Tem como objetivo mapear as relações entre as tecnologias e as pessoas, além de explicar como tais relações se dão e quais são os seus sentidos e as suas significações. Conforme Primo (2012), a TAR nega que o social seja uma força que conduza ou domine a realidade; ela observa as interações enquanto associações momentâneas. A relação entre o sujeito e a ferramenta tecnológica se sobressai no momento em que acontecem as associações, que são as transformações desempenhadas a partir da afetação entre as partes envolvidas. O autor, todavia, lembra que esses movimentos são mutáveis, e por isso não é possível supor que dados de determinadas pessoas e situações possam ser reencenáveis ou previsíveis.

Para Latour (2012), as expressões “sociedade”, “poder”, “estrutura” e “contexto” conectam de maneira generalizada aspectos da vida e da história e apresentam explicações prontas para os mais variados assuntos. Por isso, ele propõe que sejam examinados com cuidado os elementos reunidos e as maneiras como eles se conectam entre si. Primeiro é necessário deixar que os atores – ou *actantes*, como Latour refere – mostrem-se em suas próprias controvérsias, a fim de que somente depois se vislumbre uma ordem.

É como se disséssemos aos atores: “Não vamos tentar disciplinar vocês, enquadrá-los em nossas categorias; deixaremos que se atenham a seus próprios mundos e só então pediremos sua explicação sobre o modo como os estabeleceram”. A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que, para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. (LATOUR, 2012, p. 44)

Latour (2012) desenvolve sua ideia do que são grupos sociais partindo do princípio de que todas as pessoas são “convocadas” a participar de grupos por meio de intervenções que argumentam acerca da relevância daquele e da irrelevância de outros. Esse se mostra um dos

motivos da importância de que qualquer análise se dê a partir dos atores envolvidos, e não pelas pistas deixadas por formações ou desmantelamentos de grupos. Salgado (2018) diz que a etimologia da palavra “social” fornece pistas para que a percepção de associação seja revelada. No latim, o termo diz respeito a *socius*, que designa aquele sujeito que se associa a outro. Já a raiz latina *seq-* lembra *sequi*, a primeira designação de “seguir”, e por isso a TAR também é chamada de Sociologia das Associações.

Partindo do referido princípio, não existem grupos relevantes com o poder de enquadrar agregados sociais, bem como eles não possuem componentes predefinidos que estabeleçam um ponto de partida sem controvérsias. Ao contrário, o ponto de partida é justamente a controvérsia sobre o agrupamento ao qual o sujeito pertence. “Se alguém me dissesse que palavras como ‘grupo’, ‘agrupamento’ e ‘ator’ não têm sentido, eu responderia: ‘Não têm mesmo’. O vocábulo ‘grupo’ é tão vazio que não explicita nem o tamanho, nem o conteúdo” (LATOURET, 2012, p. 52). São essas controvérsias que fornecem ao investigador os recursos para examinar as conexões sociais.

A TAR não objetiva estabelecer o que é e como é o social a partir dos objetos que estuda. Essa é uma tarefa que somente os próprios *actantes* podem fazer. Um grupo, ao se formar, deixa mais rastros do que estabelece conexões. “Se um dado conjunto aí está pura e simplesmente, então é invisível e nada se pode dizer a seu respeito. O conjunto não deixa rastros e, portanto, não gera nenhuma informação; se é visível, está se fazendo e gerará dados novos e interessantes” (LATOURET, 2012, p. 54). Por essa razão, a TAR visa os elementos presentes nas controvérsias de grupos, assim como o mecanismo utilizado para que eles se mantenham ativos e rastreáveis.

A fim de que se possa revelar um grupo, é preciso que haja “porta-vozes” que sejam os responsáveis ou que falem em nome dele. Nesse sentido, Latour (2012, p. 55) assevera que “não existe grupo sem oficial de recrutamento”. Outro ponto necessário para o estabelecimento de um agrupamento é o desenho de suas fronteiras; para tanto, os outros grupos são rotulados como vazios, antigos, perigosos e outros adjetivos que os desclassifiquem. Essa comparação funciona como vínculo e essa dinâmica é uma pista para os estudiosos, afinal os próprios atores estão constantemente mapeando o contexto no qual estão inseridos. Enfim, a última característica para desvelar um grupo é a maneira com que o “porta-voz” tenta defini-lo. O delineamento dessa fronteira mobiliza os atores para que eles não sucumbam ou para que o próprio grupo não se dissolva em detrimento de outros. A TAR reconhece que a realidade não é estática; ela é flutuante diante dos acordos e das associações entre os *actantes*, isto é, é uma compreensão performativa da realidade. De modo mais claro,

Latour (2012, p. 63) defende que “o objeto de uma definição performativa desaparece quando não é mais representado – ou, caso permaneça, isso significa que outros atores entraram em cena”. Consoante Salgado (2018), a associação – a conexão ou o vínculo – é uma noção fundamental para a ideia “ação comunicacional”.

O *actante* da TAR não é o berço de um ato, mas um alvo móvel de um aglomerado de entidades que miram ideias em sua direção. Latour (2012) ressalta que o emprego do termo “ator” alude ao embaçamento de quem ou o que está atuando. A ação é sugerida, tomada de empréstimo, traduzida, e não se sabe qual a sua origem exata, por isso “ator-rede”. Law (1992, s.p., tradução¹⁷ nossa) já afirmava que “a interação é tudo que existe” e que esse é o núcleo dessa teoria.

Como afirma Latour (2012), os agregados sociais são apenas *performances*, modos de existir, e eles só formam e desmancham grupos porque se utilizam de veículos, ferramentas materiais que possibilitam a estabilidade desse agrupamento. Sendo assim, para que essas ferramentas garantam a imobilidade, não podem ser apenas “sociais”; a fim de que se possa compreender o que é o “social” e a “sociedade”, é preciso identificar as conexões de recursos não sociais e de suas mudanças. Primo (2012) diz que o “social” que adjetiva determinadas mídias é compreendido como um item que as diferencia, dando qualidades peculiares.

Na TAR não se revela possível afirmar que um vínculo é durável e formado por material social, visto que nas sociedades humanas as competências sociais básicas não oferecem constância em seu repertório por serem breves e passageiras. Diversas associações duradouras são formadas por uma força que não pode ser identificada até que se estude a ideia de força social. Dessa forma, as ferramentas práticas possibilitam a sobrevivência dos laços, como se pode compreender a partir da explicação seguinte:

Quando o poder é exercido duradouramente, isso ocorre porque não é feito de laços sociais; quando precisa confiar unicamente em laços sociais, não dura muito. Assim, quando os cientistas sociais apelam para os “vínculos sociais”, pressupõem algo que só com grande dificuldade se desdobra no tempo e no espaço, que não é inerte e deve ser incessantemente renegociado. Justamente por ser muito difícil preservar assimetrias, entreter de maneira durável relações sociais e consolidar desigualdades é que tanto esforço se investe na tarefa de substituir laços frágeis e decadentes por laços de *outros tipos*. (LATOURE, 2012, p. 101-102, grifo do autor)

Os laços são tratados no estudo de Strum e Latour (1987). Os autores percebem a sociedade de modo continuamente construído por seres sociais ativos que transcendem os

¹⁷ No original: “*that interaction is all that there is*” (1992, s.p.).

níveis micro (o dos atores, participantes) e macro (o da sociedade como um todo). Por conseguinte, a definição de laço social ou vínculo social deve ser determinada de maneira performativa, e não ostensiva (imediate). Isso implica:

- a) descobrir as propriedades que mantêm a sociedade unida;
- b) determinar que, independente de quais sejam essas propriedades, elas são sociais;
- c) perceber que os atores sociais (de qualquer tamanho, macro ou micro) possuem atividade restrita porque são apenas parte de um todo;
- d) determinar a metodologia adequada para que seja possível distinguir crenças de comportamentos dos atores.

Essa proposta pragmática objetiva reconhecer a instabilidade social, percebendo o laço social como um agrupamento de ações circunstanciais, de movimentos de atores (SALGADO, 2018). O conflito de atribuições dos *actantes* é um ponto de partida para que se possa entender o que são os “meios”. Antes de qualquer coisa, é preciso assinalar que os meios de produção do social são percebidos como intermediários ou mediadores: os intermediários são os que carregam significados ou forças sem os transformar; já os mediadores são capazes de transformar, traduzir, modificar e até distorcer os significados ou os elementos que veiculam (LATOURETTE, 2012). Destarte, para a TAR não existe sociedade, laço social ou domínio social (PRIMO, 2012).

Na teoria em questão, qualquer coisa que possa modificar determinada situação é um ator ou um partícipe, inclusive as tecnologias. É preciso grifar que isso não significa que os partícipes determinem, provoquem ou imponham ações; eles são apenas meios de transformação.

A ANT [Teoria Ator-Rede] não alega, sem base, que os objetos fazem coisas “no lugar” dos atores humanos: diz apenas que nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o quê e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada, embora isso signifique descartar elementos que, à falta de termo melhor, chamaríamos de *não humanos*. (LATOURETTE, 2012, p. 109, grifo do autor)

Segundo Law (1992), organizações, pessoas e máquinas são geradas por redes padronizadas de diferentes materiais. Se não fosse por essa heterogeneidade das redes que formam o social, não existiria a sociedade. Nessa concepção, os objetos são vistos como atores completos e como um adorno que impõe sua força na sociedade em que se insere. Uma ação, em raras situações, baseia-se em conexões entre pessoas ou entre objetos; na maioria das vezes, locomove-se entre todos esses atores. Para o autor, o fato de os seres humanos

compõem redes sociais se dá porque interagem com outros sujeitos e com muitos outros materiais. Assim como as pessoas possuem suas preferências, esses outros materiais também. Dessa forma, as ferramentas tecnológicas contribuem para a padronização do social (LAW, 1992).

Ainda em conformidade com Law (1992), não há razão para que se assuma a ideia de que objetos e pessoas possam determinar mudanças ou estabilidades:

A teoria ator-rede é analiticamente radical em parte porque caminha em um conjunto de dados éticos, epistemológicos e ontológicos. Em particular, não se celebra a ideia de que há uma diferença de tipo entre as pessoas, por um lado, e os objetos, por outro. Isso nega que as pessoas sejam necessariamente especiais. (LAW, 1992, s.p., tradução nossa¹⁸)

O autor frisa que a postura da TAR em não diferenciar pessoas de objetos não é uma posição ética, mas uma postura analítica, não significando que as pessoas devam ser tratadas como máquinas. Para Law (1992), o que possui validade como pessoa é o efeito gerado por uma rede de materiais heterogêneos que interagem.

[...] as pessoas são quem são porque são uma rede padronizada de materiais. Se você tirasse meu computador, meus colegas, meu escritório, meus livros, minha mesa, meu telefone, eu não seria um sociólogo escrevendo artigos, dando palestras e produzindo “conhecimento”. Eu seria algo bem diferente – e o mesmo é verdade para todos nós. Então a questão analítica é essa. (LAW, 1992, s.p., tradução nossa¹⁹)

A TAR, como interação simbólica, não nega que os indivíduos tenham corpos e possuam vida, mas insiste que os agentes sociais não estão localizados apenas em corpos. Os atores são redes padronizadas de relações heterogêneas. Pensar, agir, amar e outros atributos conferidos aos seres humanos são provocados em redes que formam ramificações dentro e fora dos corpos (LAW, 1992). Daí o termo “ator-rede”: um ator também é uma rede.

Em consonância com Law (1992), a dificuldade de perceber essas redes se dá por sua complexidade. Ele explica, então, que todos os fenômenos são produtos ou efeitos de redes

¹⁸ No original: “*Actor-network theory is analytically radical in part because it treads on a set of ethical, epistemological and ontological toes. In particular, it does not celebrate the idea that there is a difference in kind between people on the one hand, and objects on the other. It denies that people are necessarily special*” (LAW, 1992, s.p.).

¹⁹ No original: “[...] *that people are who they are because they are a patterned network of heterogeneous materials. If you took away my computer, my colleagues, my office, my books, my desk, my telephone I wouldn't be a sociologist writing papers, delivering lectures, and producing ‘knowledge’. I'd be something quite other – and the same is true for all of us. So the analytical question is this*” (LAW, 1992, s.p.).

heterogêneas, mas que na prática as pessoas não lidam com as ramificações, e sim com suas ações em si. O autor exemplifica fazendo uma comparação com o corpo humano saudável: é comum resumir que ele caminha e respira, mas suas ramificações e suas complexidades para essas simples ações se dão em inúmeros músculos, múltiplas veias, muitas articulações, vários órgãos etc. Diante da complexidade, diz Law (1992), a TAR assume que a estrutura social é um verbo, e não um substantivo, porque é um efeito relacional que repetidamente se gera e se reproduz. Sendo assim, nenhuma organização ou nenhum agente é completo, autônomo e final; são efeitos gerados de maneiras relacionais e distribuídas.

O autor diz resumidamente:

[...] o cerne da abordagem ator-rede: uma preocupação com a forma como os atores e as organizações mobilizam, justapõem e mantêm juntos os pedaços e as peças de que são compostos; como eles às vezes são capazes de impedir que esses pedaços e essas peças sigam suas próprias inclinações e fugas; e como eles conseguem, como resultado, esconder por um tempo o processo de tradução em si e assim transformar uma rede de um conjunto heterogêneo de bits e peças, cada um com suas próprias inclinações, em algo que se passa por um ator pontual. (LAW, 1992, s.p., tradução nossa²⁰)

Diante disso, é possível constatar que a TAR possui múltiplas dimensões, nas quais nada nem ninguém age individualmente (LATOUR, 2012). Partindo desse pressuposto, a comunicação acontece a partir da noção de associação como responsável por instituir a característica de transformação, unindo as dimensões micro e macro dos agentes comunicantes (CARDOSO, 2019). Dessa maneira, a ideia de mídias sociais vai além das narrativas das mídias de massa, pois agrega questões individuais e dos grupos sociais ali envolvidos.

Na TAR, a comunicação pode ser assumida como o reconhecimento de uma rede de atores heterogêneos que se relacionam. Em vez de delimitar os domínios a partir de certas características, é adequado que sejam contemplados os atores e os fluxos. No entanto, como questiona Cardoso (2019, p. 94), “dizer que a comunicação é uma rede, uma composição de híbridos, ainda não é dizer nada da sua qualidade. É preciso, portanto, caminhar na direção de um aspecto ‘qualitativo’ dessa rede. Como passar de uma lógica relacional para uma lógica da

²⁰ No original: “[...] *the core of the actor-network approach: a concern with how actors and organizations mobilize, juxtapose and hold together the bits and pieces out of which they are composed; how they are sometimes able to prevent those bits and pieces from following their own inclinations and making off; and how they manage, as a result, to conceal for a time the process of translation itself and so turn a network from a heterogeneous set of bits and pieces each with its own inclinations, into something that passes as a punctualised actor*” (LAW, 1992, s.p.).

qualidade?”. Com base nas ideias de Latour e Law, por conseguinte, é preciso que se direcione a atenção para as dinâmicas de determinada rede. Essa qualidade apenas pode ser percebida quando identificadas continuidades e descontinuidades, transformações ocorridas durante o fluxo. Os atores e os agenciamentos identificados de forma coletiva modificam-se para que possam se manter. É esse o fluxo de continuidade e descontinuidade que pontua a qualidade de uma rede (CARDOSO, 2019).

Assumimos aqui uma comunicação associada com atores humanos e não humanos, principalmente com ferramentas tecnológicas voltadas para as redes sociais *online*. Como afirma Salgado (2018), através da TAR é possível definir que

[...] a comunicação produz o social, e não nos limitamos ao fator humano para isso, pois incluímos os não humanos nas ações comunicacionais. Com isso, entendemos que os não humanos são objetos passíveis de ação de sujeitos ativos, mas *actantes*, que agem de maneira associada e, por isso, comunicam. (SALGADO, 2018, p. 123, grifo do autor)

Primo (2012) entende que a partir da TAR deve-se reconhecer que os meios de comunicação, tanto individuais como grupais, não são “intermediários” que somente armazenam e transmitem informações, mas assumem um papel de “mediador” por fazerem diferença nas associações. Tal papel torna-se mais evidente quando os algoritmos utilizados nas redes sociais filtram o que supõem ser mais interessante e relevante para determinado usuário. Por esse motivo, elas precisam ser investigadas como mediadoras, não apenas por suas interfaces que permitem ações de seus proprietários, mas pelas informações que mostram e pelas que escondem. A fim de que se possa compreender como as redes sociais misturam-se com o cotidiano das pessoas, é preciso entender como se dão suas mediações.

3.2.3 Papel das mediações nas redes sociais

A ideia de mediação na Teoria Ator-Rede leva em consideração os conceitos de *actante*, *mediador* e *intermediário*, já trabalhados nesta tese. Para Latour, a mediação é entendida como uma ação que está inserida no processo, ou seja, é o agenciamento de forma contínua dos elementos híbridos e heterogêneos, a reelaboração social e técnica que os atores fazem em suas dinâmicas. Sendo assim, o mediador é um mecanismo de transmissão de sinais na rede que realiza mudanças naquela informação que foi recebida, alterando o curso dos dados, funcionando como um dispositivo instável que provoca deslocamento no agenciamento (CARDOSO, 2015).

Se, de fato, o insumo predissesse o produto, então melhor seria desconsiderar os efeitos e insistir nas causas, onde já teriam acontecido todas as coisas interessantes, ao menos potencialmente. Para os mediadores, a situação é outra: as causas não pressupõem os efeitos porque propiciam apenas ocasiões, circunstâncias e precedentes. Em resultado, muitas coisas *estranhas* podem surgir de permeio. (LATOURE, 2012, p. 91, grifo do autor)

O mediador, desse modo, é um dos responsáveis pelo indeterminismo no panorama do relacionamento ator-rede, pois ele muda os fluxos inesperadamente, tendo pouca previsibilidade, levando em conta a conexão e a articulação. Não obstante, Cardoso (2015, p. 236) ressalta que a causalidade não perde seu sentido de forma total, já que, apesar de o processo não ser linear, “uma espécie de causação múltipla rizomática e não linear vai se revelando no decorrer dos agrupamentos e recrutamentos, nas novas montagens de atores-rede”. A causalidade ganha papel importante justamente pela sua pluralidade, porque apesar de ela estar associada a resultados possíveis, eles não poderão ser previstos em sua totalidade.

O conceito de *actante*, o qual possibilita a ideia de heterogeneidade do social, também é uma concepção de mediador. Latour (2012) relaciona as ações a efeitos variados, situando que as agências não são restritas aos humanos: “O argumento em favor de uma teoria da ação chega à conclusão de que toda ação em rede é multiação e se traduz em uma concatenação de mediadores, confluência, coindução” (CARDOSO, 2015, p. 237).

A partir do instante em que é possível perceber as possibilidades de cada *actante*, as consequências e as capacidades para restringir “efeitos adversos” podem ser colocadas em prática, visto que contam com personagens humanos e não humanos. Cardoso (2015) pontua que

isso nos impele a colocar o conceito de mediação no quadro conceitual da TAR como um quase equivalente ao conceito de actante, com diferença de que a ideia de *mediação* coloca a ênfase na ação (do actante), ao passo que *actante* diz respeito mais ao elemento responsável pela ação (que é, por sua vez, sempre mediada). A mediação, a ação do meio, que interessa é aquela capaz de alterar a configuração dos polos, engendrando entidades e classes novas. Essa abordagem nos interessa de modo especial, pois permitirá entender todo actante como um elemento que opera mediações, isto é, opera modificações em certa medida irreversíveis na rede em que atua. (CARDOSO, 2015, p. 239, grifo do autor)

Além da questão do *actante*, as ideias de *tradução*, *composição*, *reversibilidade* e *delegação* também estão intimamente ligadas à mediação. Latour (2012) explica:

Para designar essa coisa que não é nem um ator entre muitos nem uma força por trás de todos os atores transportados por meio de um deles, mas uma conexão que transporta, por assim dizer, transformações, usamos a palavra *tradução* [...]. (LATOURE, 2012, p. 159-160, grifo do autor)

Superando a ideia de dentro e fora dos corpos, como afirma Law (1992), Callon (1976 *apud* DOSSE, 2018) considera a relação simbólica e define tradução da seguinte forma:

Trata-se de uma operação particular, que denominamos operação de tradução, que transforma um enunciado problemático particular em uma linguagem de um outro enunciado particular. [...] Tal ponto de vista torna inútil toda distinção entre o interno e o externo, uma vez que a rede não tem nem centro, nem periferia, ela é um sistema de relações entre enunciados problemáticos que emergem indiferentemente da esfera social, da produção científica, da tecnologia ou do consumo. (CALLON, 1976 *apud* DOSSE, 2018, s.p.).

Dessa forma, a *tradução* “induz dois mediadores à coexistência” (LATOURE, 2012, p. 160); ela é a operação dos mediadores. Há uma alteração de vinculação quando os atores são modificados, e essa reconfiguração de vinculação chama-se *tradução*. Além das mutações que ocorrem, a mediação também faz *composições* de coletivos, unindo elementos em um agrupamento. Segundo Cardoso (2015), o compartilhamento de responsabilidades entre os *actantes* resulta em uma *composição* que complexifica a rede. Já Salgado (2018) entende a *composição* como uma propriedade de humanos e não humanos: “A dimensão simétrica dessa relação, como nos elucidava Latour [...], encontra-se nas séries de transformações performadas pelos agentes implicados na ação, que agem conforme suas propriedades” (SALGADO, 2018, p. 115).

O aspecto da reversibilidade está relacionado com a ideia de mediação pela possibilidade da troca de funções entre mediação e intermediação. Conforme já explicado anteriormente, o intermediário realiza o transporte fiel das informações, enquanto o mediador realiza o papel de inovação e transformação das informações. Cardoso (2015) explicita que

[...] assim, quando a ação do intermediário, a “intermediação”, é altamente previsível, a ação do mediador, mediação, revela-se como uma ação cujos efeitos são imprevisíveis. Mas, além disso, o mais notável é que a dinâmica da rede, mesmo quando é recheada de intermediários, é ela mesma imprevisível, já que todo actante (mediador ou intermediário) pode mudar seu próprio modo de agir e se tornar o oposto (intermediário ou mediador). (CARDOSO, 2015, p. 251)

A última característica da mediação, a *delegação*, refere-se à capacidade do ator de se inserir em outra forma de agência que até então não tinha sido alterada. Esse atributo situa a mediação como uma ação complexa de registros de modos de agir, porque a entrada de uma forma de agir de um ator é fruto do trabalho de outro ator, o qual tem por objetivo recrutar outras pessoas para atingir seus interesses (CARDOSO, 2015). Lemos (2013) entende delegação da seguinte maneira:

Já a noção de delegação é parte da mediação, sendo de fato a passagem de responsabilidades de um *actante* a outro. Delegamos ações éticas, morais, funcionais a máquinas, leis, símbolos o tempo todo, como podemos ver nos exemplos do quebra-molas, da porta automática ou do revólver citados por Latour em seus textos (LATOURE, 1992, 1994). Deixamos que não humanos façam coisas por nós e fazemos com que humanos façam coisas para não humanos. Há vários exemplos. Pense o uso do “Captcha” (aquelas letras que temos que colocar quando tentamos acessar um *site*) em um sistema informatizado. O humano é convocado a olhar a imagem e reproduzir as letras para que o circuito eletrônico se feche e permita o acesso de uma máquina a outra máquina. (LEMOS, 2013, p. 48, grifo do autor)

De acordo com a TAR, as práticas dos atores deixam rastros no que tange às ações performadas, admitindo que as ações são plurais e realizadas por múltiplos atores. “Ações que fazem fazer” (SALGADO, 2018, p. 150) são denominadas mediações, sendo a comunicação a ação comum dos *actantes*, por se afetarem mutuamente pelas associações quando agem. Assim como Salgado (2018), consideramos os aspectos comunicacionais das ações quando se referem à ruptura do isolamento e à vinculação de atores em prol de uma determinada ação, na qual todos os envolvidos são afetados.

A partir da compreensão da Teoria Ator-Rede e da função das mediações, podemos perceber que a TAR mostra-se um caminho teórico possível e adequado para discussões concernentes às mídias sociais, especificamente ao Instagram.

3.2.4 Percepções sobre as redes sociais

Podemos perceber nas mídias sociais a ação comunicacional que se dá pelo enredo de várias ações a partir do contato mútuo entre os *actantes*. O encontro, a vinculação e a afetação que perpassam por uma ação, percebidos pela Teoria Ator-Rede como mediação, mostram-se presentes na ferramenta em questão. As mídias sociais permitem a criação e o intercâmbio de conteúdos gerados pelos usuários, dando origem a um modo específico de as pessoas organizarem e orientarem suas vidas. Essas plataformas possibilitam que os universos *online* e

off-line interpenetrem-se, além de possuírem papel importante nas interações humanas individuais ou sociais (SALGADO, 2018).

A engenharia e a tecnologia da informação foram as responsáveis por codificar algoritmos que marcaram um modo singular de sociabilidade através da internet, tornando esse mercado *online* lucrativo. As grandes e influentes plataformas sociais, como Facebook, Youtube, Twitter e Instagram, possuem potencial em termos de usuários e de monetização. A “sociabilidade plataformada” (DIJCK, 2013, p. 5, tradução nossa²¹) e a cultura de conectividade ocorreram em um período aproximado de dez anos, afetando e conduzindo a vida cotidiana.

Dijck (2013) assevera que é óbvia a coevolução entre as mídias e os sujeitos que as utilizam, assim como a movimentação financeira que acontece nesse mercado. Nesse mesmo sentido, Gitelman (2006) manifesta:

Eu defino mídia como estruturas de comunicação socialmente realizadas, nas quais as estruturas incluem tanto formas tecnológicas quanto seus protocolos associados e nas quais a comunicação é uma prática cultural, uma colocação ritualizada de pessoas diferentes no mesmo mapa mental, compartilhando ou engajadas com ontologias populares de representação. Como tal, a mídia é um assunto histórico único e complicado. Suas histórias devem ser sociais e culturais, não as histórias de como uma tecnologia leva a outra, ou de gênios isolados fazendo sua magia no mundo. (GITEMAN, 2006, p. 7, tradução nossa²²)

Para Dijck (2013), ao passo que os meios de comunicação coevoluem com as práticas cotidianas dos usuários, tornam-se parte da trama institucional da sociedade. As mídias sociais para conversar com amigos, postar fotos de viagens ou eternizar momentos engraçados em vídeos adquiriram outras finalidades, assumindo valor de formalização, com fotos e vídeos disponibilizados para domínio público, possuindo efeitos de longo alcance e de tempo indeterminado, como vereditos de especialistas em diferentes áreas, por exemplo. A autora ressalta que a própria palavra “social” em relação à mídia diz respeito às ações comunitárias, da mesma maneira que o termo “participativo” ressalta a colaboração entre os sujeitos. Essas mídias sociais podem ser compreendidas como facilitadoras ou até potencializadoras das

²¹ No original: “*platformed sociality*” (DIJCK, 2013, p. 4-5).

²² No original: “*I define media as socially realized structures of communication, where structures include both technological forms and their associated protocols, and where communication is a cultural practice, a ritualized collocation of different people on the same mental map, sharing or engaged with popular ontologies of representation. As such, media are unique and complicated historical subjects. Their histories must be social and cultural, not the stories of how one technology leads to another, or of isolated geniuses working their magic on the world*” (GITEMAN, 2006, p. 7).

redes humanas, promovendo conectividade com valor social. Dijck (2013) comenta que os gostos, as ideias e os valores dos usuários podem se espalhar através dessas redes humanas e contagiar as pessoas, afetando pensamentos e modos de fazer, assim como as próprias mídias sociais são sistemas automatizados que manipulam conexões.

Nessa mesma perspectiva, Lemos (2013) afirma que, na cultura contemporânea, a sobreposição de humanos e não humanos acarreta alterações no dia a dia das pessoas:

Humanos comunicam. E as coisas também. E nos comunicamos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não. E fazemos as coisas fazerem coisas para nós e para outras coisas. É assim desde o surgimento do humano no planeta. Na cultura contemporânea, mediadores não-humanos (objetos inteligentes, computadores, servidores, redes telemáticas, *smartphones*, sensores etc.) nos fazem fazer (nós, humanos) muitas coisas, provocando mudanças em nosso comportamento no dia a dia e também, em contrapartida, recursivamente, mudamos esses não-humanos de acordo com a nossa necessidade. (LEMOS, 2013, p. 19, grifo nosso)

No que se refere aos parâmetros governamentais e econômicos das ferramentas e das redes sociais, em 30 de abril de 2019, Mark Zuckerberg, presidente-executivo do grupo Facebook (responsável pelas ferramentas Facebook, Messenger, Instagram e WhatsApp), em reunião na Califórnia com os desenvolvedores que lá trabalham, afirmou que o objetivo das suas plataformas é “deixar tudo mais transparente” (AGRELA, 2019). O pressuposto da transparência a que Zuckerberg se referiu sugere a liberdade dos usuários para ofertar, exibir e publicar as informações que desejam em espaços públicos, sem restrições governamentais ou de mercado. Conforme Dijck (2013), essas plataformas são desafios para as economias de mercado e de Estado, afinal permitem o desenvolvimento de um sistema cooperativo de produção de pares, sem viés mercadológico, o qual atende a demandas comunicativas e criativas por intermédio de redes de pessoas com pensamentos semelhantes.

Segundo a autora supracitada, as plataformas corporativas, como Google e Facebook, transformaram a conexão em conectividade através das tecnologias, por meio da geração de conteúdos. As normas de sociabilidade *online* ainda estão em fluxo; os padrões de comportamento que eram comuns em uma vida em sociedade fora das plataformas digitais estão cada vez mais misturados com os procedimentos criados em ambientes *online*, dando origem a uma nova dimensionalidade. Recursos de tecnologia e termos de uso são maneiras de normalizar tais ambientes; contudo, em muitos casos as normas acontecem de forma imperceptível, em mudanças graduais nos hábitos dos usuários. Ademais, as normas estão disseminadas por terem resultados em usuários individuais e de gerações distintas.

Assim, novas normas de sociabilidade e valores de conectividade não são o resultado, mas as próprias apostas na batalha para conquistar o vasto novo território da mídia conectiva e cultivar seus terrenos férteis. Em vez de identificar como o Facebook viola as leis de privacidade ou como as transgressões legais do Google se correlacionam com seus esquemas de monetização, meu objetivo é traçar definições controversas do que conta como privado ou público, formal ou informal, colaborativo ou explorador, convencional ou alternativo – argumentos que fazem parte de um confronto contínuo entre as táticas do usuário e as estratégias da plataforma. (DJICK, 2013, p. 20, tradução nossa²³)

Cohen (2012) esclarece que tanto os processos sociais e culturais quanto os modelos teóricos que são gerados a partir deles são sutis e complexos, impossíveis de serem resumidos em fórmulas matemáticas. As práticas e as instituições culturais que são desenvolvidas e reformuladas ao longo do tempo devem ser vistas por um viés racional, mas também pelas práticas retóricas, de representação e de classificação, com atenção para as realidades materiais das práticas cotidianas. Para a autora, não existe uma distinção fixa entre cultura e natureza, cultura e eu, cultura e estrutura social: são instâncias híbridas, que emergem da política, da economia, da tecnologia, da ideologia e do discurso, sendo formadas e reformadas pela sociedade.

Os processos culturais são moldados por ações autointeressadas dos atores institucionais, pelas práticas que ocorrem na cotidianidade de indivíduos e de comunidades e por maneiras de compreender e descrever as complexidades do mundo (COHEN, 2012). A vida social das pessoas não é transposta para a tecnologia numa simples alteração de espaço; as estruturas de codificação alteram a natureza das conexões, das invenções e das interações. As plataformas sociais possuem “botões” com finalidades como compartilhar conteúdos, curtir determinadas postagens e seguir pessoas ou instituições, entre outras, impondo valores sociais que originam práticas culturais. Dijck (2013) diz que essas práticas relacionadas à conectividade acarretam pressões e competições pelo princípio da popularidade e por mecanismos de classificação.

Em 1982, o psicólogo norte-americano James Gibson cunhou a palavra *affordance* para designar qualidades ou características que estivessem presentes em um determinado ambiente e que oferecessem possibilidade de ação para os sujeitos que nele pudessem agir.

²³ No original: “Hence, new norms for sociality and values of connectivity are not the outcome but the very stakes in the battle to conquer the vast new territory of connective media and cultivate its fertile grounds. Instead of identifying how Facebook violates privacy laws or how Google’s legal transgressions correlate with its monetizing schemes, my aim is to trace disputed definitions of what counts as private or public, formal or informal, collaborative or exploitative, mainstream or alternative – arguments that are part of an ongoing clash between user tactics and platform strategies” (DJICK, 2013, p. 20).

Para o teórico, os indivíduos agem de acordo com as condições que são oferecidas pelo ambiente, ainda que possam subverter tais condições e criar outras. A expressão passou a ser utilizada para nomear as possibilidades que as redes sociais oferecem aos seus usuários, como os “botões” aos quais Dijck (2013) se refere. Essas *affordances* são usadas pelos *actantes* das ferramentas tecnológicas sociais; são ações comunicacionais que aconteceram no passado (independente se recente ou não), deixando rastros que são armazenados e que podem ser recuperados a qualquer momento, mesmo que o usuário tenha apagado. Para Salgado (2018), esses rastros digitais são informações que podem ser utilizadas para compreender transformações de sentidos, e não somente os conteúdos que foram transportados.

As métricas das redes sociais *online*, isto é, os números de inscrições, seguidores, publicações, visualizações, curtidas, reações, comentários e compartilhamentos são rastros de ações comunicacionais *online*, pois apontam para uma ou mais ações (inscrever-se, seguir, publicar, visualizar, curtir, comentar, compartilhar), para um *locus* (*Facebook, YouTube, Twitter, Instagram* etc.) e para *actantes* (algoritmos das redes, criadores de conteúdos, perfis institucionais ou de usuários – pessoas físicas ou mesmo contas fictícias, as contas *fake* –, quem curtiu, quem comentou, quem compartilhou, quem publicou ou mencionou outro alguém etc.). Essas ações permanecem incertas, aos moldes de caixas-pretas que, ao serem abertas, apontam para outras ações e *actantes*. Não sabemos exatamente quem visualizou, curtiu, publicou, comentou ou compartilhou. Isso pode ser recuperado por meio de *softwares* e ferramentas que coletam esses dados. (SALGADO, 2018, p. 177, grifos do autor)

A formação de agrupamentos nas redes sociais pelos *actantes* diz respeito ao contato e ao contágio das diferenças que agem em comum. Quando associados, rompem o isolamento e vinculam-se, formando uma composição híbrida contagiada pela mediação. A mediação e a vinculação de novos usuários fazem com que aquele agrupamento se perpetue, transcendendo o tempo e o espaço (SALGADO, 2018). Do mesmo modo que os atores podem ter características comuns, como interesse em determinado assunto, mesmo *template*, mesmos *affordances*, eles possuem inúmeras diferenças.

Cada ação que um ator realiza é uma *performance* que altera o todo, fazendo um entrelaçamento de atores e formando a rede. Salgado (2018, p. 151) lembra que “a noção de ‘rede para a TAR não equivale à noção de ‘rede social *online*’, entendida como plataforma midiática, mas ao enredamento de atores que agem e levam outros à ação”. Essa rede de atores *online* deixa claro que se trata de uma heterogeneidade de humanos e não humanos, porque são necessários objetos técnicos para seu funcionamento, como *smartphones, tablets, computadores*, entre outros.

Lemos (2013) refere que são esses equipamentos tecnológicos, objetos inteligentes (não humanos) como mediadores, que vêm tomando conta e reconfigurando a cotidianidade das pessoas, desvelando a soberania da técnica na articulação da vida social, como fica claro nesta passagem: “Cada vez mais não-humanos, agora ‘inteligentes’, comunicativos, conectados e sensíveis ao ambiente, nos fazem fazer coisas, alterando a nossa forma de pensar e de agir, em todos os domínios da cultura (família, trabalho, escola, lazer)” (LEMOS, 2013, p. 20). O autor ainda ressalta que a mediação com não humanos faz parte da constituição do homem.

A TAR propõe que se perceba o social como subsistência, “não [sendo] mais possível a ideia de separar questões econômicas, simbólicas, institucionais e jurídicas das ditas ciências” (LEMOS, 2013, p. 35), com isso ressaltando que o desenvolvimento da ciência e da técnica caminham lado a lado. Perceber a realidade social não se limita a um olhar restrito e direcionado: é preciso analisar o micro e o macro, o interno e o externo, o individual e o coletivo; em suma, as composições. Para que se possa compreender determinado fenômeno das redes sociais, faz-se necessário observar toda a complexidade de circulação, tendo em vista a presença permanente das ferramentas digitais, como afirma Lemos (2013, p. 176): “[...] uma panóplia de dispositivos portáteis e móveis embutidos nos mais diversos objetos e acoplados ao corpo estão montando redes com aquilo que está próximo, informando sobre o que acontece ao redor, no mundo concreto das coisas”.

Como foi possível perceber até então, as ferramentas tecnológicas estão ao alcance dos indivíduos e até mesmo unidas aos seus corpos, ao ponto de ambos se afetarem e se constituírem. A partir da compreensão do que são as redes, os atores, as associações e os agrupamentos da Teoria Ator-Rede, além de como podem ser percebidos esses conceitos nas redes sociais, é preciso entender como as dimensões humana e não-humana modificam o cotidiano das pessoas, as suas ações e as suas maneiras de pensar e agir. Afinal, conforme afirmam Santos e Cypriano (2014), o número de usuários das redes sociais cresce à medida que elas estão presentes na vida cotidiana, além de serem variados os modos como são utilizadas.

Assim como a Teoria Ator-Rede sugere que as redes e os agrupamentos tenham seus limites flutuantes, o campo da Sociologia do Cotidiano também, porquanto são infinitamente móveis se percebermos que tudo o que acontece entre os sujeitos e as tecnologias diz respeito aos seus espaços e às suas temporalidades. Balandier (1983) já alertava que, para entender acontecimentos e situações contidos no cotidiano, apenas poderiam ser feitas análises qualitativas, visto que as questões deveriam ser centradas no sujeito, nas suas relações, além

de que essas práticas são organizadas de acordo com as relações, a sociedade, a cultura e os fatos.

3.2.5 O Instagram

A história do Instagram é marcada por alterações de objetivos, funções e proprietários. Os fundadores Kevin Systrom e Mike Krieger iniciaram em 2010 a construção de um aplicativo chamado Burbn, com objetivo de compartilhamento de detalhes de localizações; porém, os primeiros testes sinalizaram que a ideia não iria se firmar, visto que já existia uma ferramenta parecida e bastante utilizada, o Foursquare. A partir disso, decidiram mudar a funcionalidade do programa, convertendo-o de um compartilhador de localizações em um armazenador de fotografias que possibilita comentários e curtidas de outras pessoas, sendo a marcação da posição geográfica algo opcional. Depois de diversos experimentos, o nome Instagram foi definido para remeter à ideia de um telegrama instantâneo, de acordo com Leaver *et al.* (2020).

A comunicação estabelecida a partir de fotografias, o imediatismo e a instantaneidade foram características norteadoras para o desenvolvimento do aplicativo conhecido atualmente. Em 2010, no início das testagens, o ícone era formado por uma câmera Polaroid; entretanto, a complexidade e os direitos autorais revelaram-se empecilhos e obrigaram Cole Rise, o *designer* da marca, a projetar um novo ícone (LEAVER *et al.*, 2020). Lançado oficialmente na Apple Store em 6 de outubro de 2010, o Instagram, que era um aplicativo apenas para celulares iPhone, permitia fotografias instantâneas no formato quadrado (ainda não era permitido carregar imagens salvas no telefone), com possibilidade de aplicação de filtros para empregar diferentes estilos às imagens, além de curtidas e comentários de seguidores, denominado *feed*.

Bem como afirma Latour (2012) acerca da Teoria Ator-Rede já trabalhada nesta tese, a possibilidade de sujeitos curtirem e comentarem postagens feitas por outros faz parte da ideia de formação de grupos sociais, tendo em vista a “convocação” para participar e interagir, mostrando a relevância ou a irrelevância do que foi divulgado. A capacidade de experiência social a partir das *affordances* (GIBSON, 1982) disponíveis no Instagram tornou-se a chave para o sucesso do aplicativo, despertando interesse de investidores de outras ferramentas sociais, como o Twitter. Destarte, a parceria entre Instagram e Twitter permitiu que os usuários postassem imagens no aplicativo de fotos e elas aparecessem automaticamente, em formato menor, na linha do tempo do Twitter, aumentando a

visibilidade de ambos (LEAVER *et al.*, 2020). Quando o Instagram tinha apenas 18 meses de existência, com 13 funcionários e 30 milhões de usuários de iPhone, Mark Zuckerberg, proprietário do Facebook, atual Meta Inc., comprou o aplicativo por US\$ 1 bilhão.

Anos mais tarde, em agosto de 2016, o aplicativo lançou uma ferramenta de comunicação chamada *stories*, em lugar de destaque na parte superior da tela. Nesse espaço, os usuários passaram a poder compartilhar imagens ou vídeos de até 15 segundos, que podem ser visualizadas durante um período de 24 horas após a sua postagem. De acordo com Leaver *et al.* (2020), essa possibilidade de interação é sustentada pelo apelo da efemeridade ou pela ideia de que a comunicação por meio de imagens não é permanente e pode desaparecer. “A efemeridade é uma mudança significativa, uma vez que os entendimentos anteriores das mídias sociais posicionaram a permanência da comunicação como uma de suas características definidoras” (2020, s.p., tradução nossa²⁴). A incapacidade de armazenamento e arquivamento modifica a natureza do processo de comunicação, conforme sinaliza Jill Walker Rettberg, professora de Cultura Digital na Universidade de Bergen, na Noruega: “É uma conversa, não um arquivo” (2018, p. 192, tradução nossa²⁵), tendo em vista que as trocas estabelecidas naquele formato não podem ser retornadas. Aqui, pode-se perceber que a ferramenta tecnológica, o Instagram, passa a desempenhar papel de *mediação*, colocando ênfase em determinadas ações dos indivíduos, tal qual sinaliza Cardoso (2015) sobre a Teoria Ator-Rede.

A natureza efêmera do conteúdo pode não ser tão absoluta, considerando que é possível o armazenamento por intermédio de capturas de tela, sem caracterizar uma violação das expectativas de privacidade. Segundo Leaver *et al.* (2020), o atributo de desaparecimento rápido do conteúdo abriu espaço para que as pessoas se sentissem à vontade para dividir episódios e brincar com os demais usuários. Os momentos cotidianos, representados por fotos de animais domésticos, refeições etc., passaram a ser expostos, tornando o *Stories* uma ferramenta de uso e de comunicação diários. O autor ainda afirma que, antes dessa atualização, os usuários do Instagram estavam diminuindo o tempo de uso da plataforma, porque o *feed*, até então a principal funcionalidade do aplicativo, apresentava trocas com características mais polidas entre as pessoas. Isso demonstra a versatilidade da rede social, que em uma ferramenta instiga publicações mais casuais e frequentes (*stories*), enquanto em outra induz a publicações menos frequentes e com maior cautela (*feed*). “Da mesma forma, o

²⁴ No original: “Ephemerality is a significant shift since previous understandings of social media positioned permanence of communication as one of their defining features” (LEAVER *et al.*, 2020, s.p.)

²⁵ No original: “is a conversation, not an archive” (RETTBERG, 2018, p. 192).

fato de os *stories* desaparecerem após 24 horas significava que os usuários faziam *check-in* com mais frequência, para que não perdessem nenhum material importante de seus amigos e pessoas que seguem” (LEAVER *et al.*, 2020, s. p., grifo nosso, tradução nossa²⁶).

Essa efemeridade das imagens, que são testemunhas dos modos de vida das pessoas que utilizam o aplicativo Instagram, não é apenas fruto da ferramenta tecnológica, mas do modo de pensar, de experienciar e de se posicionar dos sujeitos em relação aos aparatos técnicos. Em decorrência do sucesso que a ferramenta adquiriu, em 2017 o seu formato foi expandido, passando a ter opções de vídeos ao vivo chamados de *lives*, a inclusão de diversos filtros, possibilidades de realização de enquetes, inserção de perguntas, desenhos divertidos, entre outros recursos. A característica efêmera foi atenuada com a criação dos “Destaques dos *stories*”, espaço em que os usuários podem colecionar *stories* em segmentos temáticos, exibindo-os como destaque em seu perfil. “Aqui, o equilíbrio entre a efemeridade da comunicação e a performatividade do perfil principal do Instagram aparentemente permitiu o melhor dos dois mundos” (LEAVER *et al.*, 2020, s. p., tradução nossa²⁷). Esses avanços permitiram novas parcerias por meio da integração de mensagens e informações de outras plataformas, como o Spotify²⁸ (para adição de músicas), além da possibilidade de inclusão de GIFs²⁹. Em 2018, o Instagram lançou o IGTV (Instagram Television), apresentado no site da plataforma da seguinte forma:

Cinco anos após o lançamento dos vídeos no Instagram, estamos felizes em apresentar o Vídeo do Instagram, um recurso que aproxima públicos e criadores de conteúdo. Estamos reformulando os vídeos para celular com uma nova plataforma independente que apresenta vídeos mais longos e descoberta mais fácil por meio de canais, em um formato vertical que cabe na palma da sua mão.

Estamos evoluindo com o tempo. Atualmente, as pessoas assistem a menos TV e a mais vídeos digitais. Até 2021, os vídeos para celular serão responsáveis por 78% do tráfego de dados móveis total. Além disso, também descobrimos que públicos mais jovens estão passando mais tempo com

²⁶ No original: “Similarly, the fact that Stories disappeared after 24 hours meant users checked in more often, so they would not miss any important material from their friends and people they follow” (LEAVER *et al.*, 2020, s.p.).

²⁷ No original: “Here, the balance between the ephemerality of communication and the performativity of the main Instagram profile seemingly allowed the best of both worlds for Instagram” (LEAVER *et al.*, 2020, s.p.).

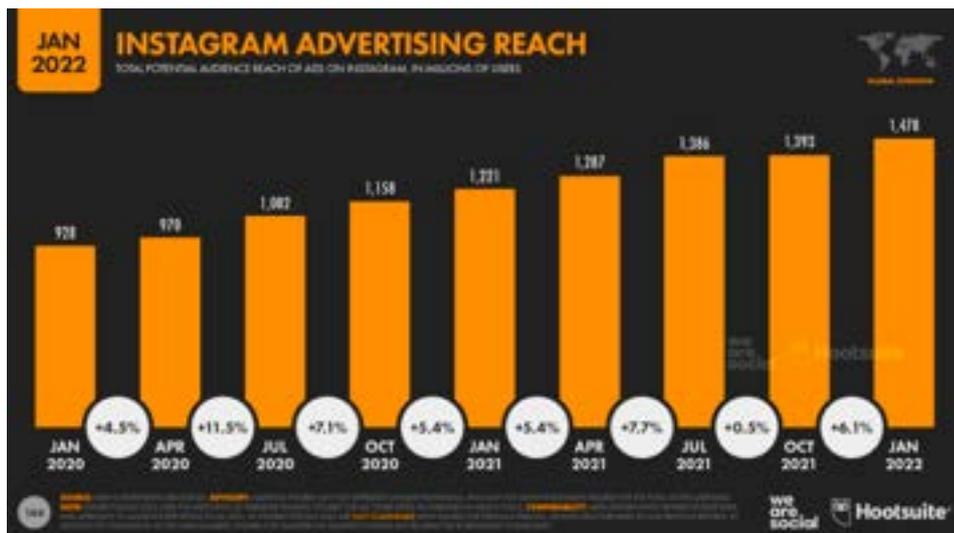
²⁸ Spotify é um *streaming* de músicas, *podcasts* e vídeos desenvolvido pela *startup* Spotify AB, situada na Suécia.

²⁹ GIFs é a sigla de *Graphics Interchange Format*, que em português significa Formato de Intercâmbio de Gráficos. São cenas compactadas e exibidas em movimento e sem som.

criadores de conteúdo amadores e menos tempo com profissionais. (INSTAGRAM, 2018)

Após adaptações para atender às demandas dos usuários, o Instagram tornou-se a segunda plataforma de mídia social favorita no *ranking* mundial, de acordo com o *2022 Global Digital Overview* (em português, Relatório de Visão Geral Global Digital 2022), publicado pela DataReportal. O tempo gasto pelos usuários no aplicativo vem aumentando 10% a cada ano, chegando a 11,2 horas por mês em 2021. Nesse mesmo ano, cerca de 250 milhões de usuários criaram contas na plataforma, sendo que, nos últimos três meses de 2021, a audiência cresceu em mais de 6% (mais de 85 milhões de usuários), o que sugere uma fase de expansão, além de apresentar aumento nas taxas de alcance de anúncios de quase 60% no mesmo período, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3 – Alcance total de público potencial em anúncios no Instagram



Fonte: DataReportal (2022).

Nota: Em milhões de usuários.

Assim como o Instagram cresceu e se atualizou de acordo com as demandas, ele também se adequou às necessidades capitalistas, transformando a plataforma em uma possibilidade de comunicação e comércio, incluindo publicidades e influenciadores, uma nova classe de criadores de conteúdo. Os influenciadores são compreendidos como “microcelebridades”:

Microcelebridade é um estado de ser famoso para um nicho de pessoas, mas também é um comportamento: a apresentação de si mesmo como uma celebridade independentemente de quem está prestando atenção. Existem

duas maneiras de alcançar a fama na internet – organizando conscientemente o eu para obter reconhecimento ou recebendo fama por outras pessoas devido às suas realizações. (MARWICK, 2013, s. p., tradução nossa³⁰)

O termo “microcelebridade” foi cunhado no final dos anos 2000 para diferenciar esse público das celebridades tradicionais da indústria do entretenimento, tendo em vista que há diferenças entre a escala da fama (enquanto uma celebridade tem fama internacional, a microcelebridade tem fama regional) e a profundidade no relacionamento com fãs (a celebridade faz questão de mostrar mais o seu trabalho e menos a sua vida pessoal, enquanto a microcelebridade opta por divulgar mais a sua intimidade). Os influenciadores atuam como “porta-vozes” e recrutadores de um determinado grupo social, assim como a Teoria Ator-Rede explicita ser necessário para designar um agrupamento (LATOURET, 2012). A proximidade e a interação entre a pessoa famosa e os seus seguidores é o vínculo fundamental para a noção de “ação comunicacional” apontada pelos autores Salgado (2018) e Law (1992).

Em consonância com Leaver *et al.* (2020), os influenciadores envolvem-se com estratégias de *autobranding*, gerenciam a sua visibilidade pública, tornam-se inspirações para os que consomem seus conteúdos e transformam suas visibilidades na internet em lucro financeiro.

Como um processo, os influenciadores são uma forma estabelecida e madura de celebridade da internet que intencionalmente se envolve em práticas de microcelebridade; eles geralmente começam como usuários comuns da Internet, que adotam técnicas de relacionabilidade de forma coerente nas narrações textuais e visuais de seus estilos de vida em vários estados digitais, a fim de acumular seguidores que eles monetizam por meio de anúncios publicitários. (LEAVER *et al.* 2020, s. p., tradução nossa³¹)

No Instagram, os influenciadores são reconhecidos, conforme Leaver *et al.* (2020):

- a) pela quantidade de seguidores que possuem;
- b) pelas métricas que apresentam, como número de curtidas, comentários e visualizações;

³⁰ No original: “*Micro-celebrity is a state of being famous to a niche group of people, but it is also a behavior: the presentation of oneself as a celebrity regardless of who is paying attention. There are two ways of achieving internet fame—by consciously arranging the self to achieve recognition, or by being ascribed fame by others due to one’s accomplishments*” (MARWICK, 2013, s. p.).

³¹ No original: “*As a process, Influencers are an established and mature form of internet celebrity who intentionally engage in practices of microcelebrity; they usually begin as everyday, ordinary internet users who adopt techniques of relatability coherently in the textual and visual narrations of their lifestyles across multiple digital states, to accumulate a following whom they then monetize through advertorials*” (LEAVER *et al.* 2020, s. p.).

- c) pela presença de anúncios publicitários em seus perfis;
- d) pela mudança de uma conta pessoal para uma conta comercial.

Um dos objetivos dos influenciadores é cultivar a sua imagem para que ela se torne uma marca baseada na aparência e no estilo de vida, a fim de que possa ser usada como uma espécie de tela em branco para que patrocinadores a utilizem, enfeitando-a com seus produtos.

No contexto atual, no qual os meios de comunicação estão cada vez mais diversificados, eficazes e até invasivos, eles não são ocasionais; ao contrário, estão inseridos na vida cotidiana e imediata. Através das redes sociais, em específico o Instagram, os sujeitos compartilham seus cotidianos e recebem testemunhos dos cotidianos alheios, que por muitas vezes estão situados em sociedades e culturas diferentes. Isso “porque nossa vida diária nos é dada para ver e comparar. Ela não é mais simplesmente vivida; torna-se objeto de questionamento e debate” (BALANDIER, 1983, p. 8, tradução nossa³²).

Como já explicitado, apesar de Lefebvre (1991) não ter discorrido acerca da rede social em questão, deixou contribuições sobre a vida cotidiana, as quais podem ser aplicadas ao Instagram e nele testemunhadas. Repetições banais do dia a dia, que fornecem sentido e funcionam como elos constitutivos de determinada comunidade, como ele afirma, podem ser vistas e analisadas nessa ferramenta, já que dizem respeito a uma globalidade social. O que é postado, divulgado e compartilhado pode desvelar fatos sociais e humanos aparentemente insignificantes, mas que na realidade são resquícios da essência de uma sociedade.

Adesões, rejeições e reivindicações expressam-se com intensidade nas ações que acontecem na vida privada, em ambientes que podem definir as raízes das pessoas e suas relações interpessoais mais próximas, quando se estabelecem ligações entre os grandes sistemas sociais (macro) e os sistemas que servem de reguladores do dia a dia (micro). É nesses espaços que a presença dos atores sociais ou *actantes* pode ser identificada através de suas práticas e suas ações.

Na Web 2.0, em que se sobressai o caráter colaborativo, produzido pelos usuários em *sites* e redes sociais que são “alimentados” por pessoas comuns e microcelebridades em vez de exclusivamente por jornalistas, especialistas e estudiosos de determinados assuntos, entre outros, a conectividade e a reconfiguração podem ser observadas na prática, com aglomerados de pessoas comunicando-se cotidianamente, mesmo distantes umas das outras. As tecnologias digitais são vetores de agregação social, de vínculo comunicacional e de junção de informações, com movimentos realizados por humanos e não humanos.

³² No original: “[...] parce que notre quotidienneté nous est donnée à voir et à comparer, elle n'est plus simplement vécue; elle devient objet d'interrogation et de débat” (BALANDIER, 1983, p. 8).

4 IMAGEM: ENTRE O TÉCNICO E O SIMBÓLICO

A compreensão das concepções que se tem acerca dos bebês a partir das diferentes áreas do conhecimento e ao longo da história situou o objeto de pesquisa da presente tese. A exploração das afetações entre redes sociais e indivíduos na vida cotidiana através das mediações auxiliou na compreensão de como as redes sociais podem ou não colaborar com ideias e percepções a respeito dos bebês. Faz-se necessário, agora, compreender o que são as imagens simbólicas que estão presentes na vida cotidiana e nas redes sociais.

A necessidade de tornar inteligíveis as questões do cotidiano e de representar os fatos que podem ser observados e sentidos é uma demanda desde os tempos mais antigos, já presente em nossos ancestrais. Pode-se dizer que a captura da natureza e dos elementos que a constituem tornou-se possível através das percepções visuais e auditivas, ou seja, os indivíduos buscavam utilizar imagens para dar silhuetas às ideias de realidade construída de matéria (CAMPOS, 1996). O ato de observar permite constatar que muitos elementos materiais não sobrevivem para sempre, mas podem se cristalizar na memória e na imaginação – ou, dependendo da forma como ficam registradas, as informações podem ser esquecidas também.

A linguagem visual é testemunha de modos de vida. Os registros em imagens permitem que o tempo e a memória não apaguem realidades vividas pelos sujeitos, inclusive em períodos que antecedem a invenção da escrita. De acordo com Campos (1996), essas formas de representação por imagens do desconhecido, do inusitado, foram acompanhando os tempos e as próprias técnicas. No decorrer do século XVI, os viajantes recorriam às iconografias para registrar os lugares que conheciam, visto que não davam conta de descrever com fidelidade os espaços desbravados e as suas riquezas. A autora conta que as imagens sempre foram muito presentes nos livros de viagens que registravam as expedições portuguesas ao Brasil, com informações sobre os povos indígenas. Entre os pintores que realizavam incursões pelo território brasileiro estavam Rugendas e Debret, que registravam as desigualdades e as diferenças entre os povos que aqui viviam.

Foi a partir do século XIX, entretanto, com a invenção da fotografia, que o registro de informações através das imagens ganhou destaque como um método de memória visual, sem a dependência da memória do pintor ou do desenhista para que a fidelidade à realidade observada acontecesse. Entre os anos de 1980 e 1990, a fotografia digital trouxe questionamentos a respeito dos processos das imagens, principalmente no que tange ao processo de produção, pós-produção e armazenamento (BAIO, 2014).

Se Flusser estiver correto quando diz que o aparato técnico é resultado de uma série diversa de conhecimentos os quais se acumulam ao longo do tempo e ganham materialidade na máquina, é possível concluir que, ao incorporar a base técnica digital, o aparato fotográfico foi sobreposto por uma quantidade enorme de outras camadas de conhecimento, os quais se acumularam na ciência ao longo de muito tempo e que deram origem à computação, à informática, às redes de informação, etc. (BAIO, 2014, p. 138-139)

Tais transformações não foram somente nas ferramentas, mas nas maneiras de pensar, de experienciar e de se posicionar diante desses aparatos técnicos e das imagens. A internet tornou-se responsável por distribuir os conteúdos produzidos pelo mundo digital com a dinâmica e a *performance* que as redes sociais promovem. O impacto disso é relevante e se sobrepõe ao que é vivenciado na vida cotidiana, através da “materialidade” das imagens e em conjunto com ela.

Gilbert Durand (1993) não menciona o conceito de imagem técnica, não a explora de maneira profunda nem elenca suas características ou desenvolve teorias sobre ela. No entanto, explora em seus trabalhos as “imagens simples”, que seriam aquelas advindas de processos modernos de produção, divulgação e recepção audiovisuais, assim como explicita Tonin (2014). Destarte, decidiu-se pela utilização do termo empregado por Flusser: “imagem técnica”.

Neste capítulo, os conceitos de imagem transitam entre os aspectos técnicos (requisitos para a existência material) e simbólicos (requisitos para a existência mental). A imagem simbólica, segundo Tonin (2014), é assumida como cimento de agrupamento das condições poética (domínio do fazer) e devir (domínio da individuação). Com base nisso, e com o objetivo de compreender as imagens simbólicas, serão abordados os posicionamentos teóricos epistemológicos pelas noções de imagem de Hans Belting e Gilbert Durand.

Na perspectiva de Hans Belting (2015), as imagens simbólicas são resultados de ações humanas na produção de sentidos para determinadas experiências. Em uma troca contínua e recíproca entre representações internas e externas aos sujeitos, são constituídas imagens coletivas cujas formas são determinadas pela época e pela tecnologia. As imagens simbólicas sempre terão duas dimensões, uma de caráter particular e pessoal e outra coletiva e social, e é na interação entre esses dois campos que se formam os sentidos em relação a dada experiência. A partir dessas interações com os demais indivíduos é que são formados os fenômenos coletivos e as transformações sociais.

A imagem em Gilbert Durand possui características distintas das ideias de Belting, apesar de ambos acreditarem que as imagens simbólicas são originadas a partir de

experiências vividas pelos sujeitos. Para Durand, elas são constituídas através de uma bússola arquetípica que advém da fundação do ser humano e tem como fundamento os eixos biofisiológicos. A imagem é percebida em toda a sua potência na ação humana, meio pelo qual são possíveis os resgates das elaborações simbólicas.

Para o historiador de arte alemão Hans Belting, a janela atua como uma metáfora e um modelo de perspectiva para tratar da imagem. Quando se observa por uma janela real, os objetos que podem ser vistos aparecem “atrás” de sua abertura; quando a janela, porém, não é real, e sim uma pintura, os objetos são projetados sobre vidraças imaginárias, com objetivo de alcançar uma aplicação similar. Belting (2015) utilizou-se da figura de linguagem de Leon Battista Albertini, “olhos como janela da alma”, para tecer sua metáfora. Quando percebemos o olho pelo exterior, o globo ocular é uma espécie de espelho redondo, em que podemos ver reflexos em sua superfície; no entanto, através da abertura da pupila, o olhar vira-se para o exterior, como se fosse a partir de uma janela.

O autor ainda lembra que as janelas possuem molduras que não existem apenas para uma delimitação estética, mas para parâmetros de medida também, delimitando as zonas de imprecisão em que está situada a periferia do campo de visão. “O mundo é um mundo a ser visto e se abre ao olhar por detrás de uma janela simbólica. [...] A janela permite ao espectador estar presente ‘aqui’ com seu corpo e, ao mesmo tempo, de modo incorpóreo, entregar-se ao ‘ali’, a lugares que somente o olho pode alcançar” (BELTING, 2015, p. 116-117). Essa metáfora pressupõe a presença de um indivíduo que, a partir dele mesmo, é lançado a um olhar direcionado para o mundo. Além disso, a janela é capaz de distinguir o mundo exterior, que é de domínio público, do mundo interior, que é de domínio privado. “Assim, a janela é ao mesmo tempo vidro e abertura, enquadramento e distância. Pode-se abrir e fechar a janela, esconder-se atrás da janela ou refletir-se em sua vidraça” (p. 117).

O interior, espaço reservado ao indivíduo, enquadra o exterior, espaço do mundo. Utilizando-se dessa comparação, podemos afirmar que o sujeito, em sua residência, colocou-se fora do mundo para poder contemplá-lo pela janela. Em conformidade com Belting (2015), essa é uma forma de “experimentação de si” dos indivíduos na cultura ocidental. O autor faz o seguinte questionamento: “Mas será que a metáfora da janela, proposta por Alberti, ainda permanece válida se a aplicarmos a imagens narrativas, nas quais não se trata primordialmente do espaço, e sim da ação e do movimento?” (p. 119). Respondendo ao próprio questionamento, Belting (2015) afirma que sim. Tal qual acontece na televisão, no cinema e nas telas de celulares, o que está do outro lado, no exterior, é uma cena ou um teatro imaginário que mobiliza possibilidades miméticas desenvolvidas pelos espectadores. Mas

adverte: “Ambas, a cena e a janela, encontram-se a serviço do olhar, embora não o façam do mesmo modo” (p. 120). Essa representação da janela revela um ponto fundamental, a perspectiva, que é a ideia de representar as pessoas e as cenas que ali acontecem de acordo com o olhar de cada espectador. A janela e a cena podem ser as mesmas, mas quem está ali contemplando percebe coisas diferentes.

A partir da metáfora explorada, pode-se perceber três instâncias que são fundamentais: o sujeito que está no interior da casa olhando pela janela, a própria janela e a cena que acontece no mundo exterior. Belting (2014) pensa as imagens justamente por essa triangulação, que ele denomina corpo, mídia e imagem. Para o autor, ao olhar imagens fúnebres, entende-se que o corpo e a mídia estão envolvidos na produção de seu significado, já que essas imagens estão “instaladas no lugar do *corpo perdido* do defunto” (BELTING, 2014, p. 12, grifo do autor). Porém, elas precisam de um corpo artificial para tomar o lugar que o defunto deixou vago. Assim, esse corpo artificial é denominado “meio”, porque essas imagens requerem características corpóreas para que possam ser vistas.

Para isso, um *corpo perdido* é permutado pelo *corpo virtual* da imagem. Captamos aqui as raízes da contradição que para sempre caracterizará as imagens: estas tornam visível uma *ausência física* (de um corpo), transformando-a em presença icônica. A medialidade das imagens está assim enraizada na analogia com o corpo. Também os nossos corpos funcionam como meios, meios vivos enquanto opostos a meios fabricados. As imagens apoiam-se em dois actos simbólicos que implicam ambos o nosso corpo vivo: o acto de *fabricação* e o acto de *percepção*, sendo um alvo do outro. (BELTING, 2014, p. 12, grifos do autor)

Diferentemente da perspectiva de Belting, para Durand (1993) a imagem está ligada de modo íntimo e necessário ao homem. “Pensar o aspecto simbólico da imagem é considerar que o homem só criou a primeira imagem porque tinha uma imagem que foi racionalizada para virar outra imagem” (TONIN, 2014, p. 196). Durand (1993) sinaliza que existem duas formas de representar o mundo: a direta, quando a própria coisa está presente na mente, e a indireta, quando a coisa, por algum motivo, não pode ser materializada, como as lembranças. É à segunda maneira, a indireta, que o autor propõe que se lance um olhar atento. Ele afirma: “Em todos estes casos de consciência indirecta, o objecto ausente é *re-presentado* na consciência por uma *imagem*, no sentido muito lato do termo” (DURAND, 1993, p. 7, grifos do autor). Essa imagem representada carrega três graus de percepção: a adequação total, a presença perceptiva e a totalmente inadequada.

Em seu livro *As estruturas antropológicas do imaginário*, Durand (2012) apresenta a imagem simbólica como o próprio substrato em que as sociedades se relacionam. Ela é configurada como o culminar da trajetória antropológica dos sujeitos em seus ambientes. A partir de embasamentos das proposições teóricas de Bachelard e Jung, Durand (2012) tensiona a pretensão ao devir de se materializar e o servir à composição de um projeto de identidade, assim como percebe que as imagens simbólicas estão organizadas como em um banco de dados. Essa metáfora do banco de dados diz respeito ao processo pelo qual todos os integrantes da espécie humana apreendem o campo simbólico, ou seja, pelas estruturas que podem ser compreendidas as trajetórias humanas pelo planeta, formando núcleos imaginários, mitos, ritos, formando condutas práticas e organizações.

Gonçalves (2017, p. 20) resume as noções básicas de imagem para Durand do seguinte modo: independente das condições culturais e materiais de cada sociedade, todas são capazes de desenvolver relações de interdependência. O meio para que isso ocorra é a condição fundamental para o desenvolvimento humano ao longo da história como espécie, mesmo antes da comunicação falada. Durand (2012, p. 31) destaca que as imagens e as formações imaginárias são a primeira linguagem utilizada pelo homem para mediar suas experiências com a natureza, mesmo que sempre produza novas imagens. Pitta (2017, p. 17) afirma que o homem exerce uma liberdade de agir que lhe é própria, que é dar sentido ao mundo.

No livro *Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem*, Belting (2014) afirma que, para explicar o que é imagem, é preciso uma abordagem antropológica cultural, visto que essa é uma definição culturalmente determinada, que se situa entre a existência física e mental. Requer, portanto, uma definição dupla.

Devemos encarar a imagem não só como um produto de um dado meio, seja ele a fotografia, a pintura ou o vídeo, mas também como um produto de nós próprios, porque geramos imagens nossas (sonhos, imaginações, percepções pessoais) que confrontamos com outras imagens no mundo visível. (BELTING, 2014, p. 10)

Considerando o que foi explicitado sobre as imagens simbólicas, torna-se necessário compreender como elas funcionam em relação às imagens técnicas. Resgatando a representação da janela, Belting (2014) afirma que não é possível distinguir imagens internas (endógenas) e externas (exógenas). As imagens endógenas reagem às exógenas e vice-versa. Elas não existem somente em meios físicos ou mentais, mas em um processo contínuo de interação entre ambos. Sendo assim, os corpos e as imagens incluem o terceiro pilar da teoria,

o meio, que é um vetor, um agente. O meio funciona como suporte ou anfitrião para a imagem. O autor faz questão de ressaltar:

Primeiro, não falo de imagens *como* meios [de comunicação] – como muitas vezes se diz –, mas sim da sua necessidade *de* meios e de uso *dos* meios para elas nos serem transmitidas e se tornarem visíveis. As mesmas imagens podem até na história migrar de um meio para outro, ou podem acumular características e vestígios de vários meios num só e mesmo lugar. Em segundo lugar, afirmarei que os nossos próprios corpos actuam como um meio vivo processando, recebendo e transmitindo imagens. (BELTING, 2014, p. 14, grifos do autor)

A diferença entre a imagem e o meio em que ela está retratada torna-se evidente quando o autor fala em presentificar algo que está ausente. A imagem mostra-se presente no olhar, mas essa visibilidade só é possível através do meio em que ela aparece, seja ele qual for. As imagens necessitam do meio para simbolizar a ausência daquilo que representam. Sendo assim, apesar de serem diferentes, estão ligadas e são inseparáveis. O autor, porém, julga ser possível realizar a análise de cada uma dessas partes individualmente, conferindo sentidos diferentes.

Durand não acredita na necessidade da existência de um meio para que as imagens simbólicas sejam constituídas. Para ele, a funcionalidade e a organização dessas imagens são explicadas pelos eixos biofisiológicos (perspectiva da zoologia e da etologia). Ademais, traços e marcas de uma sociedade, independentes do período histórico, originam a mediação do campo simbólico. Isso promove a ideia de que a imagem simbólica é o principal agente para a compreensão do mundo, porque a imagem passa a ser percebida como a composição do universo simbólico organizado em imagens, as quais têm a capacidade de alterar as produções culturais, proporcionando um novo “estar” do homem em seu ambiente. Essa ideia de que a imagem é um núcleo dos estratos imaginários é a grande contribuição de Gilbert Durand para os estudos do Imaginário. De acordo com ela, a imagem é percebida como a principal fonte de estrutura para organizar a compreensão do homem em relação ao seu ambiente (GONÇALVES, 2017).

Para compreender a imagem como construtora de práticas e condutas, em consonância com Durand, é preciso entender que, através de investimentos dramáticos (mitos) e de práticas que se repetem e desvelam sentidos sociais (ritos), constroem-se modos de pensar, atuar e viver (GONÇALVES, 2017). A imagem também é percebida como prática, como uma espécie de balizadora de sentidos e significados, os quais produzem modos de fazer, agir e viver diversas situações no mundo social.

[As imagens são percebidas como] um conjunto de regras mais ou menos reconhecidas e vivenciadas que extrapolam a própria condição da imagem simbólica, mas desejando sempre se fixar em uma materialidade que, por sua vez, produz as condições de produção da imagem técnica devedora e, ao mesmo tempo, redundante dessa imagem simbólica. (GONÇALVES, 2017, p. 22)

Belting (2014) entende que a medialidade das imagens são expressões corpóreas, ou seja, a visibilidade que o corpo ou meio possuem é transferida para a visibilidade que a imagem adquire por causa do seu meio, assim é possível conceder a ela uma expressão de presença. A presença e a ausência estão emaranhadas e não podem se dissolver. Todavia, a diferença entre meio e imagem é mais complexa, porquanto a imagem possui uma qualidade mental e o meio tem um aspecto material, mesmo quando os dois formam uma unidade. Para Heilmair e Baitello Junior (2019), a imagem necessita do meio para que essa dinâmica aconteça; esse meio, por sua vez, determina como a imagem irá aparecer.

É neste sentido que o *como* torna-se fundamental para o *que* é dito numa imagem. Atualmente as imagens aparecem de diversas maneiras: sobre suportes físicos materiais, mas também, de forma crescente, em suportes energéticos imateriais, e este ‘corpo medial [mediático] das imagens’ é o tema das teorias da mídia. (HEILMAIR; BAITELLO JUNIOR, 2019, p. 3, grifo dos autores)

Belting (2014) afirma que apenas é possível ter a imagem quando o espectador a anima, concedendo-lhe um significado e, no momento da animação, ela é de novo separada idealmente do meio que lhe serve de suporte. Nesse sentido, as teorias de Belting e Durand revelam-se em consonância, quando acreditam que o indivíduo é indispensável para a formação de imagens simbólicas. “Ao mesmo tempo, o meio opaco torna-se transparente para a imagem que ele veicula: quando a observamos, a imagem transparece, por assim dizer, através do meio” (BELTING, 2014, p. 44). Na contemporaneidade, há o fascínio pela superação do espaço através das imagens das telas, que são manifestas graças à capacidade dos meios (celulares, televisões, *tablets*, computadores) que realizam a mediação entre os lugares e mostram um lugar “aqui” que está “lá”. Mesmo uma transmissão ao vivo, (como as chamadas *lives*, que se tornaram comuns em nosso cotidiano durante a pandemia de Covid-19) é vista como se olhássemos as imagens, porque ela possui a ausência, que está no espaço. “É assim que imaginariamente trocamos o lugar onde nos encontramos pelo lugar para o qual as imagens nos transportam” (p. 44). Como trabalhado no capítulo anterior, Michel de Certeau (2014) refere-se a esse “transporte” como prática do voyeurismo, em que o

espetáculo é capaz de fazer com que os espectadores percam noções de tempo e espaço para manterem-se imersos em um universo que não é seu.

Belting (2014) sugere que as imagens veiculadas são oriundas de tempos e espaços que necessitam de uma testemunha ocular para realizar a autenticação, falar sobre algum fato, explicar algo, dar voz à imagem. A transmissão ao vivo, no entanto, entra em colapso quando, algum tempo depois, as imagens são transmitidas na mesma sequência. As imagens são congeladas e formam a lembrança de algo que não existe mais. O autor dirige-se às transmissões realizadas pela televisão, mas podemos aproximar tal aspecto do tema desta pesquisa por meio das *lives* que ficam salvas nos canais do Youtube e do Instagram e que podem ser acessadas e assistidas a qualquer momento, mesmo que tenham sido realizadas anos atrás.

O autor lança luz sobre as experiências que se tem em relação às imagens a partir dos seus meios, ou seja, as imagens originam-se além dos meios. As questões antropológicas das imagens não podem ser respondidas apenas pela perspectiva dos meios, pois elas remetem a molduras simbólicas, que possibilitam percepção e identificação. “[...] porventura a imagem cinematográfica constituirá a melhor prova quanto ao fundamento antropológico da questão da imagem, já que ela não surge nem no ecrã, nem no ‘espaço cinematográfico’ da voz *off*, mas no espectador, através da associação e da reminiscência” (BELTING, 2014, p. 46, grifos do autor).

A questão antropológica é muito cara a Gilbert Durand (2012), tanto que a Teoria do Imaginário é uma das principais ideias desenvolvidas pelo autor, sugerindo que o imaginário somente pode existir a partir do intercâmbio incessante entre impulsos subjetivos de cada indivíduo e intimações objetivas disponíveis na cultura em questão. Sendo assim, o autor, ao averiguar as diversas imagens culturais, desenvolveu a ideia de que o imaginário possui sua própria lógica, uma maneira única de se comunicar ou de se fazer perceber. Para que se possa explicar essa lógica, Durand (2012) criou classificações para as dinâmicas das imagens, que serão explicadas em seguida.

[...] precisamos nos colocar deliberadamente no que chamaremos de *trajeto antropológico*, ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as *pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social*, [...] já que postularemos, de uma vez por todas, que há *gênese recíproca* que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa. É neste intervalo, neste caminhar reversível que deve, segundo nos parece, instalar-se a investigação antropológica. Afinal, o imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito

[...]. Foi a esse produto que chamamos de trajeto antropológico, porque a reversibilidade dos termos é característica tanto do produto quanto do trajeto. (DURAND, 2012, p. 41, grifos do autor)

Podemos entender, através das palavras do autor, que o trajeto antropológico é a reciprocidade entre os gestos pulsionais e subjetivos e o ambiente social e objetivo, formando, assim, constelações imagéticas (DURAND, 2012). Esse processo produz fixações simbólicas, estruturadas e imaginárias em forma de teia de sentidos. São os produtos da imaginação que se ordenam em um sistema que é formado pela necessidade dos indivíduos de simbolizar seus desejos, seus medos e sua vontade de dar sentido ao universo. Para que se possa compreender tais mecanismos do imaginário, é preciso que se tenha apropriação dos componentes básicos, os *schèmes*, os arquétipos, os símbolos e os mitos.

Os *schèmes* são tendências dos gestos que levam em conta emoções e afeições, uma junção entre gestos inconscientes e representações. Isto é, são estruturas advindas de impulsos sensório-motores dos sujeitos, que sucedem dos gestos corporais e intuitivos, os quais têm por finalidade a realização de ações, como correr e caçar. Esses gestos são anteriores às imagens, mas são faíscas para sua concepção (PITTA, 2017). Os gestos sensório-motores inconscientes e as representações imaginárias funcionam com um elo chamado de “dominantes” pelo autor. Durand (2012) classifica essas dominantes (impulsos para a vida, para fugir da morte) advindas da reflexologia em três grupos: postural, digestivo e copulativo.

Os arquétipos formulam as substâncias dos *schèmes*; são a ponte que junta o imaginário e os processos racionais, sendo uma estrutura embrionária que induz as imagens. Nas palavras de Durand:

Os gestos diferenciados em esquemas vão determinar, em contato com o ambiente natural e social, os grandes arquétipos mais ou menos como Jung definiu. Os arquétipos constituem as substantificações dos esquemas [*schèmes*]. Jung vai buscar esta noção [...] e faz dela sinônimo de “origem primordial”, de “engrama”, de “imagem original”, de “protótipo”. Jung evidencia claramente o caráter de trajeto antropológico dos arquétipos quando escreve: “A imagem primordial deve incontestavelmente estar em relação com certos processos perceptíveis da natureza que se reproduzem sem cessar e são sempre ativos, mas, por outro lado, é igualmente indubitável que ela diz respeito também a certas condições interiores da vida do espírito e da vida em geral”. (DURAND, 2012, p. 60, grifo nosso)

Estes processos ativos e que se reproduzem podem ser entendidos como inconsciente coletivo, o qual não é individual, mas compartilhado entre toda a espécie humana. Para entender o símbolo como um signo, é preciso perceber que um signo é anterior à presença de

determinado objeto que representa, além de poder ser caracterizado como arbitrário (indicativo, remete a uma realidade significativa) ou alegórico (lembra uma realidade significativa). Tonin (2014) esclarece que os símbolos são evocados quando o significado não pode ser apresentável de forma absoluta “e o signo não pode mais se referir a um objeto sensível, mas a um sentido. E, para apreender esse sentido, é necessário o acionamento da imaginação simbólica” (TONIN, 2014, p. 197).

Durand (1993, p. 97) diz que o símbolo retoma o “equilíbrio vital”, reconduzindo o sensível e o figurado até o significado, porém, além disso, a natureza do próprio significado não é possível de ser acessada, é a aparição daquilo que não se pode dizer através do significante. Tonin (2014) sintetiza, afirmando que o símbolo é uma espécie de além-signo, que se mostra “à consciência como uma imagem no grau extremo de supressão da significação” (TONIN, 2014, p. 198). A autora ainda lembra que é possível operar uma divisão na noção de símbolo trazida por Durand: a cósmica (que retira do mundo o seu “faz de conta”), a onírica (que é fundamentada nas lembranças, nos sonhos) e a poética (que se utiliza de linguagem impetuosa). Tal divisão explicita que um símbolo propõe significados ilimitados, o que podemos exemplificar com o signo-símbolo fogo, que pode fazer referência ao fogo que purifica, ao fogo sexual ou ao fogo demoníaco.

O símbolo define-se como pertencente à categoria do signo. Mas a maior parte dos signos são apenas subterfúgios de economia, que remetem para um significado que poderia estar presente ou ser verificado. Assim, um sinal previne simplesmente sobre a presença do objecto que representa. Do mesmo modo, uma palavra, uma sigla, um algoritmo substituem economicamente uma extensa definição conceptual. [...]

Sendo os signos deste tipo, apenas em teoria, um meio de economizar operações mentais, nada impede – pelo menos em teoria – que eles sejam escolhidos *arbitrariamente*. [...]

No entanto, há casos em que o signo é obrigado a perder o seu arbitrário teórico: quando remete para abstrações, especialmente para qualidades espirituais ou do domínio moral dificilmente apresentável “em carne e osso”. (DURAND, 1993, p. 8-9)

Para o autor, o que há de comum entre o significado e o significante que pode ser analisado é a repetição, a redundância. A repetição aperfeiçoadora é a redundância de relações linguísticas, gestos e imagens tornados palpáveis em forma de arte. Tonin (2014) explica que a redundância de gestos dá existência à classe dos símbolos rituais; já a repetição das relações linguísticas são características dos mitos e seus derivados, enquanto as redundâncias palpáveis são as “cópias” de um lugar, de um rosto, mas também a representação desenvolvida pelo espectador daquilo que já está representado de forma técnica. Esta última se assemelha ao que

Belting refere como imagem interna, percepções e bagagens que cada sujeito possui, o que lhe propicia uma lente ao enxergar, ao perceber determinadas imagens físicas. Porém, para Durand (1993), existem intensidades simbólicas em imagens pintadas, podendo veicular menos ou mais sentido. Mas ele ressalta: “O verdadeiro ‘ícone’ é ‘instaurador’ de um sentido, a simples imagem que depressa se perverteu em ídolo ou em feitiço – é clausura sobre si mesmo, rejeição do sentido ‘cópia’ inerte do sensível” (DURAND, 1993, p. 15).

Pela união dos símbolos, dos *schèmes* e dos arquétipos, surge uma narrativa, chamada de mito. Ele é uma organização móvel, mas que está baseada em elementos simbólicos que compõem relatos ou histórias.

No prolongamento dos esquemas [*schèmes*], arquétipos e simples símbolos, podemos considerar o mito. [...] Entenderemos por mito um sistema dinâmico que, sob impulso de um esquema [*schème*], tende a compor-se em narrativa. O mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. (DURAND, 2012, p. 62-63, grifo nosso)

O mito é a explicitação de um ou mais *schèmes*. Assim como o arquétipo promove a ideia e o símbolo gera o nome, o mito promove a “doutrina religiosa, o sistema filosófico ou [...] a narrativa histórica e lendária” (DURAND, 2012, p. 63). Ao estudar o processo formativo das imagens, o autor constatou a existência de uma organização de modo contínuo e as agrupou nos chamados Regimes da Imagem, o Diurno e o Noturno.

Belting (2006) entende que as imagens não se encontram nas mentes e nas superfícies de forma independente, não existem por si mesmas: elas acontecem, tanto as que estão em movimento quanto as estáticas. Elas ocorrem pela transmissão e pela percepção. Nesse sentido, o autor afirma que as imagens são uma espécie de nômades, sofrendo alterações de acordo com as culturas, com a história e com os meios que cada época oferece. “No decurso da história, o teatro das imagens foi sendo remodelado através da sucessão dos meios, constringindo assim os espectadores a novas técnicas de percepção capazes de reagir às novas representações” (BELTING, 2006, p. 46). O autor lembra, contudo, que as imagens que são oriundas de significados simbólicos da nossa memória são distintas das que consumimos e não lembramos, justamente porque a ambivalência entre imagem e meio desempenha fascínio na percepção dos sujeitos, o que diz respeito à estética. A experiência de êxtase inicia-se pela sensorialidade que é cativada pela ilusão espacial e pela superfície que se está admirando. “Fruímos então a ambivalência entre ficção e facto, entre espaço representado e tela pintada, como um elevado encanto estético” (p. 47).

A questão cultural levantada pelo autor pode ser notada nas ideias de Durand, quando ele ratifica os vários entendimentos das imagens através dos seus regimes. O Regime Diurno é definido, de maneira geral, como o regime da antítese, dos contrapontos, da luz contra a escuridão, do bem contra o mal, onde se encontram temas de embate, vilões e heróis. Ele é capitaneado pela dominante postural, que concerne ao posicionamento heroico, em consonância com a verticalidade (DURAND, 2012). Os símbolos que constituem esse regime dizem respeito à elevação, à visão e ao tato, afinal é em pé que o indivíduo consegue aumentar seu campo de visão para que possa visualizar e analisar com maior precisão as situações e os objetos. Esse regime é bastante caro a esta tese porque diz respeito às experiências relacionadas ao tempo, em especial aos tempos da infância, pois é na infância, nos primeiros anos de vida, quando se é bebê, que ocorre o desenvolvimento físico e mental bastante acentuado. Nesse tempo são constituídos e fortalecidos os músculos e as articulações que possibilitam sentar-se e, posteriormente, ficar em pé. Tudo isso auxiliará o bebê a vislumbrar e a apreender com maior facilidade o que está em seu entorno.

Segundo Durand (2012), esse regime é constituído por seis categorias de símbolos: *teriomorfos*, *nictomorfos*, *catamorfos*, *ascensionais*, *espetaculares* e *diairéticos*. As três primeiras constituem o grupo denominado pelo autor de “as faces do tempo” e dizem respeito ao medo da morte, da passagem do tempo (que nos aproxima da finitude). Já as três últimas, correlacionadas ao grupo “o cetro e o gládio”, fazem alusão aos instrumentos utilizados para driblar a morte.

A categoria dos símbolos *teriomórficos*, de acordo com Pitta (2017), reúne as imagens animais, angustiantes, de aspectos monstruosos, assim como a primeira prática com o coletivo e as primeiras experiências com o tempo. É possível fazer alusão à fase do nascimento até os 12 meses de idade, período de muita agitação no qual o bebê chega a morder as pessoas à sua volta ou puxar seus cabelos, como pode ser percebido na seguinte passagem:

O esquema da animação acelerada que é a agitação formigante, fervilhante ou caótica parece ser uma projeção assimiladora da angústia diante da mudança, e a adaptação animal não faz mais, com a fuga, que compensar uma mudança brusca por uma outra mudança brusca. Ora, a mudança e a adaptação ou a assimilação que ela motiva é a primeira experiência do tempo. As primeiras experiências dolorosas da infância são experiências de mudança: o nascimento, as bruscas manipulações da parteira, e depois da mãe, e, mais tarde, o desmame. Essas mudanças convergem para a formação de um engrama repulsivo no lactente. (DURAND, 2012, p. 74)

Os símbolos *nictomórficos* mostram-se atrelados à escuridão, às trevas, que dizem respeito ao feminino, fazendo referência ao útero materno escuro, à caverna. O elemento central desse grupo é a água, podendo estar diretamente ligado à mãe, porque dentro do útero o bebê encontra-se em uma bolsa d'água que se rompe e o expulsa no momento do nascimento. Durand (2012) também menciona as lágrimas, que possuem um caráter íntimo, como uma forma de exacerbar o desespero, o medo, a dor, a fome. Os bebês choram para tentarem se comunicar com seus cuidadores e informar o que precisam ou desejam.

Os símbolos *catamórficos* são considerados por Durand (2012, p. 111) como a “grande epifania imaginária da angústia humana” e mostram-se relativos à queda, que está ligada à rapidez do movimento, à aceleração e às trevas. Trata-se, então, de uma experiência que constitui a representação da temporalidade, resumindo os aspectos temíveis do tempo. No que tange aos bebês, o autor percebe da seguinte maneira:

[...] o recém-nascido é de imediato sensibilizado para a queda: a mudança rápida de posição no sentido da queda ou no sentido de endireitar-se desencadeia uma série reflexa dominante [...]. O movimento demasiado brusco que a parteira imprime ao recém-nascido, as manipulações e as mudanças de nível brutais que se seguem ao nascimento seriam, ao mesmo tempo, a primeira experiência da queda e a “primeira experiência do medo”. (DURAND, 2012, p. 112)

Sobre essa primeira categoria do Regime Diurno, “as faces do tempo”, pode-se perceber que se tratam de concepções que colocam os sujeitos diante do medo da morte, seja em relação à animalidade que diz respeito a aspectos fugazes, às trevas com a água que expulsa ou à queda e ao medo. Completando o Regime Diurno, tem-se a categoria “o cetro e o gládio”, a qual trata das respostas à morte, que pode ser driblada e separada pelo esforço humano. O cetro remete à verticalidade, enquanto o gládio refere-se à força e ao poderio. Estes símbolos correspondem aos gestos da dominante postural, como a verticalização e o esforço para levantar o busto, a visão e o tato, permitindo a libertação (PITTA, 2017).

Nesse grupo estão os símbolos *ascensionais*, *espetaculares* e *diaréticos*. Os *ascensionais* apontam a noção de que a verticalidade está relacionada com a postura ereta do homem, ligando-a diretamente ao ideal moral e à completude metafísica. Os esquemas de verticalização sensibilizam e valorizam positivamente, em oposição aos símbolos *catamórficos*, que se ligam à queda. Na mitologia e em rituais de ascensão, é comum ver subidas difíceis, escadas para ver os deuses, com intuito de chegar ao céu e assim ser imortal. Durand (2012) afirma que

[...] é o que implica a reação ‘dominante’ do recém-nascido, que corresponde à passagem brusca da vertical à horizontal, ou vice-versa, pela inibição de todos os movimentos espontâneos. [...] ligam esse ‘reflexo da gravitação’ não só às excitações que partem dos canais semicirculares, como também às variações bilaterais da pressão tátil sobre a planta dos pés, nádegas, cotovelos e, provavelmente também, às pressões ‘internas e viscerais’. (DURAND, 2012, p. 126)

Os símbolos *espetaculares*, em conformidade com Durand (2012), dizem respeito à luz, que leva a práticas de elevação imaginárias e horizontes deslumbrantes, ao mesmo tempo em que conduz a uma luz muito forte e fria, a qual pode acarretar cegueira, dificuldade de enxergar e tensão extrema. Essa categoria propõe um contraponto com os símbolos *nictomórficos*, os quais dizem respeito à escuridão e às trevas. Podemos compreender que o bebê, ao nascer, sai da escuridão do útero da mãe e encontra a luz, que muitas vezes é forte e direcionada para seu rosto, impossibilitando-o de enxergar o que está a sua volta. Isso ocorre ao mesmo tempo em que ele faz a travessia de um universo seguro, mas limitado, para um mundo cheio de inseguranças e novidades que podem ser exploradas.

Para Durand (2012), os *diaréticos* são representados por instrumentos cortantes, penetrantes e brutais, os quais podem ser utilizados para dividir ou para reparar o bem contra o mal. Respondem em contraposição às ameaças identificadas nos símbolos *teriomórficos* pela angústia diante de monstros e suas animalidades. Os símbolos *diaréticos* possuem o objetivo de colorir sentimentalmente a consciência do homem sonhador, com as armas pontiagudas que se juntam aos sulcos das feridas. Além de reforçar a alusão sexual, eles também possibilitam a negação do existencial e do temporal. Rompem as ligações do espírito com o mundo, uma purificação, e religam com uma espécie de remédio da alma, uma transcendência.

Trazendo tais símbolos para o tema em questão, podemos entender que os bebês passam por muitos cortes e várias separações, que podem ser dolorosas, mas que se mostram necessárias. Por exemplo: no momento do nascimento, acontece o corte do cordão umbilical. A partir daí, o bebê deixa de ser alimentado pela mãe e passa a ter que se alimentar “sozinho”. Se esse corte não acontecer, o que antes lhe nutria passará a lhe deixar à míngua. Outro momento que pode ser identificado é quando os dentes começam a nascer. Pontiagudos, eles perfuram a carne e a pele da gengiva, ocasionando desconforto, dor e irritação; porém, sem os dentes ele não poderá alimentar-se da maneira adequada à sua idade, ao seu desenvolvimento.

O Regime Diurno corresponde a expressões do pensamento filosófico que, de acordo com Durand (2012, p. 180), poderiam ser denominadas de “racionalismo espiritualista”. Esse

Regime traz um raciocínio “contra” a escuridão, a animalidade, a queda e o tempo mortal, em que “todas as representações e todos os atos são encarados do ponto de vista da antítese racional do sim ou do não, do bem ou do mal, do útil e do prejudicial” (DURAND, 2012, p. 188).

Ao contrário do regime trabalhado, o Regime Noturno organiza-se em formas equilibradoras e harmônicas. Nele são exigidas atitudes de passividade e tranquilidade. O antídoto em relação ao tempo não é mais procurado na transcendência e na pureza das essências; ele é buscado na segurança, na intimidade aquecida ou nas constantes rítmicas que acobertam fenômenos e acidentes (PITTA, 2017). Esse regime é organizado em dois grupos chamados de “a descida e a taça” e “do denário ao pau”. O primeiro grupo de símbolos é constituído pela inversão de valor afetivo em relação “às faces do tempo”. O segundo grupo se dá essencialmente em torno de imagens de procura e de descoberta de constância na fluidez do tempo.

O grupo “a descida e a taça” é composto pelos símbolos da inversão, da intimidade e das estruturas místicas do imaginário. Nele pode ser percebida a dominante digestiva, que demonstra valores alimentares, sociologia matriarcal, do imaginário de aconchego. As imagens da agitação passam a se harmonizar, movendo os simbolismos negativos e violentos para quietos e repousantes. Durand (2012) chama de “processo de eufemização”, ou seja, uma minimização de imagens e expressões fortes ao optar-se pelas suaves e leves, invertendo os valores.

O ventre é a primeira cavidade valorizada tanto pela higiene como pela dietética. A confusão posta em relevo por Freud entre o sexual e o digestivo é, de resto, tão profunda que a descida ao ventre incubador se faz indiferentemente – nos contos folclóricos – pela boca ou pela vagina. Este ventre polivalente pode, decerto, englobar valores negativos, como já notamos, e vir simbolizar o abismo da queda, o microcosmo do pecado. Mas quem diz microcosmo diz já minimização. Os atributos “suaves”, “mornos” vêm tornar esse pecado tão agradável. Constituem um meio-termo tão precioso para a eufemização da queda, que esta última é travada, amortecida em descida e, por fim, converte os valores negativos de angústia e medo em deleitação da intimidade lentamente penetrada. (DURAND, 2012, p. 202)

A tomada de consideração, carinho e afeto pelo corpo é a primeira mudança em relação ao regime anterior. Nos símbolos *teriomórficos* via-se a alusão à boca do bebê que morde e machuca pela inquietação, mas aqui essa mesma boca pode ser vista como aquela que engole, que valoriza ou sacraliza o leite materno. No mesmo sentido, Durand (2012) chama atenção para uma prática comum na infância, que é aconchegar-se em posição fetal

para conseguir ter um bom sono, fazendo referência à miniaturização como pequenos tesouros da intimidade.

Para Pitta (2017), os símbolos de intimidade são imagens almeçadas e acolhedoras, justamente por uma existência agitada anteriormente. Assim, a morte não diz mais respeito ao fim permanente, mas a uma volta ao berçário, ao espaço de pureza e sossego, da relação íntima entre o indivíduo e o seu lar, evocando imagens afetivas, nostálgicas e alegres. A autora exemplifica com alimentos e substâncias, como o leite materno, bebidas sagradas, mantimentos compostos por nutrientes que geram energia e modificam o âmago. O que antes era percebido como angústia e perigo, agora é receptáculo, proteção e repouso.

O segundo grupo do Regime Noturno, “do denário ao pau”, é composto pelos símbolos cíclicos, do esquema rítmico ao mito do progresso, estruturas sintéticas do imaginário, mitos e semantismos. Para Durand (2012), está integrado à dominante copulativa, que possui representações com função primordial de dominar o tempo, indicando que há um futuro, contemplando gestos rítmicos, em que se tem como modelo natural a sexualidade, as estações do ano, o calendário, o ciclo lunar, o caracol com a concha espiralada, a roda, a corrente etc.

Os ciclos temporais são positivos à medida que indicam o progresso e a evolução dos seres vivos, dando significação ao tempo que está passando: a morte não é um fim, mas a oportunidade de um recomeço. Pitta (2017) entende que tais símbolos harmonizam os contrários, mantendo-os em uma dialética de salvaguarda das distinções e das oposições, propondo um caminho progressista e histórico. Nesse grupo, no tocante aos bebês, é possível apontar alguns aspectos e rituais que acontecem na atualidade, como os “mesversários”, nos quais os cuidadores celebram e rememoram todos os meses a chegada do seu bebê até completar um ano de idade. Outro exemplo é o marco dos seis meses de vida, quando a criança geralmente é apresentada a novos alimentos além do leite materno, consumido exclusivamente até então.

No que tange às imagens digitais, Belting (2014) afirma que não faz sentido discorrer sobre suporte ou meio portador porque o vínculo é ocultado pela separação entre a ferramenta que produz e a que mostra (fazendo uma aproximação com o tema da presente pesquisa, um exemplo de ferramenta que produz é o *software* e de ferramenta que mostra é a tela do computador). A matriz não pode ser caracterizada como uma imagem, assim como a medialidade é descontínua, inacessível e misteriosa. Para o autor, a imagem digital manipula quem a utiliza e é manipulável por ela, com introdução de dados e códigos digitais. Essa “imagem sintética”, todavia, continua vinculada ao que ela representa, independente do

formato e de aparição, significando que ela permanece relacionada com o usuário, seus desejos imaginais que vão desde a figura de linguagem mística até o espaço “hiper-real”. “A nossa imagem mental é sempre um ‘resíduo’ (*rémanence*), é ‘vestígio e inscrição’ das imagens que os actuais meios de comunicação nos transmitem. Neste sentido, também a imagem digital serviria para analisar objetivamente o visível e propô-lo a uma síntese subjetiva” (BELTING, 2014, p. 56, grifos do autor).

O espectador, além de portador de imagens, também faz uma análise dos meios e das tecnologias, realizando em seguida uma compreensão da imagem. Stiegler (1996 *apud* BELTING, 2014, p. 56) afirma que “a tecnologia analógico-digital das imagens inaugura a época da percepção imaginal analítica da imagem-objeto. [...] A evolução da síntese técnica implica a evolução da síntese do espectador. Dito de outro modo, as novas imagens-objetos vão engendrar novas imagens mentais”. Dessa forma, é possível unir a história dos sujeitos com a história das imagens. No tocante às imagens digitais, elas são capazes de seduzir através dos meios, que não escondem seus efeitos, gerando uma realidade imaginal específica. Não é a qualidade técnica que define o meio em sua história, e sim o uso cultural dessas imagens.

Ainda tratando de imagens digitais, Belting (2014) dirige-se especificamente a filmes, imagens em movimento. Discorrendo a respeito da imobilidade do corpo do espectador diante da experiência de um mundo em movimento na imagem, o autor acredita que o olhar do sujeito move-se no mesmo ritmo da imagem, constituindo uma condição externa que se refere ao contexto da percepção.

Diz o autor que a produção de imagens é um ato simbólico, precisando que as percepções sobre elas também sejam simbólicas. As imagens que expandem e são sentidas, que ocupam lugar no espaço social surgem como *imagens mediais*. O meio é um veículo de significados que propicia possibilidades de as imagens serem percebidas. “[...] as imagens mentais e físicas de uma só e mesma época (os sonhos e os ícones) estão entre si relacionadas em tantos sentidos que as suas componentes dificilmente se podem separar, mesmo em sentido estritamente material” (BELTING, 2014, p. 32). As imagens externas, físicas ou exógenas são as que estão além do corpo e que podem ser vistas em paredes, telas, objetos, ou seja, são as que tomam os corpos mediais artificiais emprestados para que possam ser vistas. As imagens endógenas, mentais ou internas são as que habitam os corpos: sonhos noturnos, recordações e presságios (HEILMAIR; BAITELLO JUNIOR, 2019).

Mesmo que se perceba o mundo de forma individual, é de modo coletivo e com olhar historicamente delimitado que a percepção vincula as experiências. As experiências imaginais

são baseadas em construções que cada um elabora, porém nas condições atuais em que a sua materialidade é modelada, dando o poder ao sujeito a censuras pessoais de acordo com os significados pessoais e com a duração de determinada lembrança. Isto é, as percepções estão sujeitas a mudanças culturais.

Ocorre uma metamorfose quando as imagens vistas se transmutam em imagens recordadas que, doravante, encontram um novo lugar no nosso arquivo imaginal. Começamos por despojar do corpo as imagens exteriores, que “chegamos a ver”, e num segundo momento de novo as corporalizamos: tem lugar um intercâmbio entre o seu meio-suporte e o nosso corpo que, por seu lado, constitui um meio natural. Inclusivamente, isto vale para as imagens digitais, cuja estrutura abstrata os espectadores traduzem em percepções corpóreas. A impressão imaginal que recebemos através do meio guia e modela a atenção que prestamos às imagens, porque um meio tem não só uma qualidade físico-técnica, mas também uma forma temporal-histórica – o que designo como “o visual”, numa clara distinção do “visível”. (BELTING, 2014, p. 34)

O homem é o lugar em que são recebidas e interpretadas as imagens num sentido vivo; por isso, o ser humano é o lugar natural das imagens. Entretanto, dependendo da cultura, as imagens internas se diferenciam. “Em face da diversidade das imagens e do significado que o homem lhes atribui, este se revela como um ser cultural, que não se pode subsumir meramente ao plano biológico” (BELTING, 2014, p. 80). Em outro trecho, Belting (2006) elucida que as imagens são caracterizadas por um espectro de significados e propostas, e essas significâncias tornam-se acessíveis quando consideramos outras determinantes, como “a mídia e o corpo”. Nesse sentido, a “mídia” é entendida como um agente que transmite imagens, e o “corpo”, do qual elas dependem, as performatiza. Tanto o corpo quanto a mídia modificam-se de modo contínuo, mas mesmo assim se mantêm como lugares na circulação das imagens.

Diferente das imagens em meios técnicos, as internas conquistam um significado pessoal que compensa a efemeridade. Elas se ligam aos sujeitos através das experiências vitais que são desenvolvidas no tempo e no espaço. “Sabemos que os nossos corpos ocupam lugares no mundo e que podem regressar a tais lugares. Mas constituem também um lugar onde as imagens que recebemos deixam uma marca invisível” (BELTING, 2014, p. 80). Para Klein (2014), é preciso tomar cuidado quando desejamos falar sobre alguma imagem, visto que o lugar de onde olhamos a define, o que significa afirmar que a arqueologia da imagem pressupõe a presença de outros olhares, originando instabilidade conceitual ao longo dos tempos.

Essas imagens pessoais são transitórias; todavia, permanecem armazenadas nos sujeitos durante a vida toda. O corpo é, portanto, um lugar de tradições coletivas. Por muito tempo, a memória coletiva manteve-se protegida por pessoas e instituições que a cuidaram e dela relembraram por meio de rituais, além de ser transmitida de geração em geração espontaneamente, marcando o papel dos pais e dos mestres na dinamização das imagens. Segundo Belting (2014), tais manutenções e transmissões se dão por processos dinâmicos que permitem modificações, esquecimentos, interpretações e descobertas. As transmissões ocorrem de forma intencional quando são escolhidas determinadas imagens e diretrizes, mas a sua sobrevivência nem sempre é proposital. De forma deliberada, algumas imagens dizem respeito à memória cultural, possuem vida própria. O autor grifa que as imagens também podem ser transitórias: quando elas se afastam dos corpos, das pessoas, perdem força. Como exemplo dessa situação, cita os povos indígenas que antes viviam suas tradições em limites geográficos demarcados e, quando passaram a ser invadidos, foram forçados a abandonar suas tribos e se refugiar nas grandes cidades. Esse processo forçou a perda ou a modificação de aspectos culturais por esse grupo, visto não poderem exercer seus rituais e sua cultura da forma original.

Belting (2014) exprime que nos corpos são unidas particularidades pessoais (como idade, biografia, sexo) com particularidades coletivas (como época e local em que se vive, educação). Isso se revela na concordância de mudanças que são percebidas no mundo exterior, as quais podem ser aceitas, acreditadas ou rejeitadas. Tais aspectos podem ser vistos atualmente nas redes sociais, quando determinados comportamentos são expostos e, muitas vezes, criticados ou validados. Como exemplo, podemos citar casos em que algum influenciador digital afirma, em seu perfil no Instagram, que educa seus filhos com o auxílio de palmadas. Esse ato é validado por algumas pessoas as quais comentam de forma afirmativa, por vezes dizendo que também foram educadas assim, e rechaçado por outras, que comentam de modo negativo, posicionando-se contra a violência. Belting (2014), referindo-se ao mundo dos meios de comunicação, assegura:

O nosso corpo natural é ainda um corpo coletivo e é, assim, o *lugar das imagens* sobre o qual as culturas se constituem. Só que o indivíduo já não está hoje ancorado a uma cultura, que antes lhe estabelecia um marco fixo e as fronteiras do espaço pessoal. No processo da dissolução das culturas, outrora protegidas pela sua geografia, advêm novas significações aos portadores que, através dos seus corpos naturais, veiculam imagens dessas culturas [...]. Por isso, necessitamos de uma nova concepção de cultura, capaz de detectar esta imperceptível dispersão da tradição, através de corpos singulares e da sua história singular. Mesmo numa civilização mundial

técnica, em que tudo parece conjurar contra a cultura, esta persiste e mantém-se como fermento capaz de congeminar novas ligações e alianças. (BELTING, 2014, p. 83, grifo do autor)

O desaparecimento das fronteiras em decorrência da facilidade de trocas proporcionadas pela internet não permite que regras e conceitos sejam reduzidos e fixados, mas é necessário que não se perca a relação entre imagens simbólicas coletivas e imagens pessoais. Esses espaços das imagens aumentam e são ampliados em comparação ao “espaço do mundo da vida” (BELTING, 2014, p. 108), além de ocuparem lugares distintos por prometerem a libertação de referências a todos e para além das experiências corpóreas. Informa o autor que essa dinâmica diminui o imperativo de conformidade mimética entre o universo das coisas, dos corpos e das imagens.

A realidade virtual é uma interação impregnada de imagens com autoridade tecnológica, porém não se justifica nomear essas imagens de “virtuais”, visto que não são produzidas pelas ferramentas tecnológicas, e sim a partir das imagens dos sujeitos verdadeiramente inapreensíveis. Por outro lado, se percebermos um mundo que existe além das imagens, é possível denominá-las de “imagens de um mundo virtual”. “A ficção popular ter-se-á tornado uma competência das novas tecnologias, ao passo que o imaginário se cinge ao universo das representações do usuário, onde a ficção vê o seu estatuto reconhecido para, depressa, voltar a perdê-lo” (BELTING, 2014, p. 108-109).

A ficção permite a formulação de possíveis evoluções de uma totalidade ficcional, pois o sujeito recebe e internaliza o material imaginal coletivo de acordo com a sua compreensão pessoal. Para isso, utilizam-se as imagens eletrônicas, nas quais são empregados os mais variados materiais imaginais existentes, e dessa forma se proliferam as produções de imagens internas.

Na internet abrem-se espaços de fantasia e de uma ilimitada liberdade de comunicação em que os utilizadores se sentem como seres recém-nascidos. Vestem ‘máscaras digitais’ ou ‘rostos supletivos’, por detrás das quais julgam alterar a sua identidade. O ciberespaço põe ‘à disposição do jogo da imaginação um lugar seguro’ em que os participantes actuam com um Eu distinto daquele com que podem actuar no mundo físico. (BELTING, 2014, p. 111)

Nesse sentido, o autor fala em “consciência incorpórea”, que remete à sensação de êxtase em que o próprio corpo tem a impressão de tê-lo abandonado. Essa, todavia, é uma experiência imaginal, porque as imagens despertam o corpo e colocam a consciência em um lugar imaginário onde o corpo não pode acompanhar. As redes sociais permitem a junção de

companheiros de viagem da imaginação onde, de fato, cada um está em um lugar diferente, mas se encontram em nenhum lugar, tornando a ilusão de comunidade o mais real possível, à medida que vivenciam os seus cotidianos. Para Belting (2014), a comunicação por si só é mais importante do que os conteúdos, porquanto levanta a impressão de possibilidade de presenças sociais que, na verdade, deixaram de existir em lugares físicos.

Em relação ao lugar das imagens, Klein (2014) sinaliza que é preciso questionar o ambiente em que elas estão inseridas, porque podem estar em diversos e distantes lugares, apresentando realidades multifacetadas e complexas. Tal como as imagens midiáticas, as quais são formadas pelas forças endógenas e exógenas que envolvem a materialização de imagens que antes se situavam apenas na mente e nas inspirações mentais a partir de imagens físicas. Consoante Belting (2006), as mídias visuais agem como próteses dos corpos e como reflexos deles, colocando-se de maneira que o sujeito possa se autoinspecionar. “As mais avançadas tecnologias de hoje simulam os corpos no disfarce de sombras transitórias ou imagens insubstanciais de espelhos que pretendem nos libertar das leis da gravidade às quais estamos sujeitos nos espaços empíricos” (BELTING, 2006, p. 44).

Para o autor, as imagens digitais são endereçadas à imaginação dos nossos próprios corpos e cruzam a linha de separação entre imagens visuais e virtuais ou imagens vistas e projetadas. As ferramentas digitais buscam a imitação da nossa imaginação; inspiram e são inspiradas por imagens mentais. Belting (2006) também assevera que há uma obsessão contemporânea pelas imagens “ao vivo”, acarretando em tanto movimento quanto o cinema ou as transmissões de televisão. A relação entre as imagens e as vidas dos próprios sujeitos é forte a ponto de os indivíduos esperarem que elas interajam com seus corpos, levando a extrapolações no que tange à expectativa de vida e a investimentos em corpos artificiais, como se estes pudessem ser superiores ou proporcionar qualidade de vida superior. “Esta tendência tem causado muita confusão, virando a verdadeira função das mídias visuais de cabeça para baixo. Por isso, as mídias contemporâneas estão investidas de um poder paradoxal sobre nossos corpos, os quais se sentem derrotados ante sua presença” (BELTING, 2006, p. 48).

No que toca à questão da separação dos corpos físicos e das imagens representadas nas mídias, Belting (2006) declara:

Os corpos representativos são aqueles que representam a si mesmos, enquanto os corpos representados são imagens separadas ou independentes que representam corpos. Os corpos performatizam imagens (deles mesmos ou até contra eles mesmos) tanto quanto eles percebem imagens externas.

Neste sentido duplo, eles são uma mídia viva que transcende a capacidade de suas próteses midiáticas. Apesar de sua marginalização, um tanto “*a la mode*”, ainda apelo para que sua causa seja indispensável em qualquer iconologia. (BELTING, 2006, p. 47, grifo nosso).

A presença icônica transmitida pelas ferramentas digitais de comunicação mantém a ausência do corpo, que pode se colocar em uma situação de “ausência visível”. O paradoxo das imagens de operar a presença de uma ausência está enraizado nas experiências vinculadas à visibilidade. De acordo com Belting (2006), a experiência visual proporcionada pelas tecnologias coloca os sujeitos em posição de incapacidade de controle no que se refere à existência de uma imagem e o seu modelo. Dessa forma, é depositada mais confiança na ferramenta do que nos próprios olhos. As mídias parecem menos um sistema que realiza a mediação e mais um referencial capaz de marginalizar o sujeito que realiza a recepção da informação.

A espetacularização da transmissão é mais empolgante do que a própria informação. Contudo, Belting (2006) lembra que os sujeitos permanecem presos aos seus corpos individuais e que ainda desejam imagens que façam sentido, porque “o velho espetáculo das imagens sempre muda quando as cortinas se reabrem sobre o palco exibindo a última mídia visual. O espetáculo força sua audiência a aprender novas técnicas de percepção e, através delas, dominar novas técnicas de representação” (BELTING, 2006, p. 51).

O autor sinaliza que as imagens devem ser classificadas em seus diferentes efeitos e propósitos, já que no âmbito da informação elas se sobressaem através da publicidade e do entretenimento. As imagens que alimentam a cognição são distintas daquelas que servem à imaginação. Belting (2014), resgatando ideias de Vilém Flusser, esclarece que as imagens contrapõem o mundo e o homem, porque, em vez de representarem o mundo, elas o ofuscam, até que o sujeito comece a viver em função das imagens criadas por ele próprio.

Nessa mesma perspectiva, Belting (2010) informa que não existe um conceito de corpo que não tenha sido gerado por uma época ou uma determinada sociedade. O enfoque antropológico que o autor defende está na insistência da transformação da imagem do corpo e da imagem do homem representado, levando em consideração o ser humano nos sentidos social, biológico e psicológico. Podemos concluir que a percepção dos sujeitos afeta os modos como as imagens são manifestas em cada época e também é afetada por eles. Assim, por exemplo, a imagem de um bebê pode ganhar conotações diferenciadas de acordo com os contextos históricos e culturais.

Em suma, o questionamento que Belting faz a respeito das imagens narrativas que têm como característica a ação e o movimento remete-nos diretamente à Teoria Ator-Rede, trabalhada no capítulo anterior, a qual relaciona o social com as interações momentâneas, ou seja, as relações acontecem quando associações e transformações se dão a partir das afetações das partes envolvidas. Essas mutações ocorrem em movimentos imprevisíveis e reencenáveis, em realidades dinâmicas e flutuantes, de acordo com os atores e as associações realizadas.

Outro ponto em que as ideias de Belting se fazem relevantes para este trabalho é em relação às práticas culturais e sociais de representação e de simbolização que originam as imagens. Ao mesmo instante em que elas nascem dos corpos, elas o projetam. Essa simbiose reflete nas imagens as características de uma sociedade e vice-versa, possibilitando que através de análises de imagens se possa ter compreensão de certos comportamentos e valores daquela sociedade em questão. O autor afirma:

Sua função é a de simbolizar a experiência do mundo e representar o mundo, de maneira que na transformação se indique também forçosamente a repetição. Por outro lado, a experiência da imagem expressa também uma mudança na experiência do corpo, o que faz com que a história cultural da imagem seja também de maneira análoga uma história cultural do corpo. (BELTING, 2010, p. 30, tradução nossa³³)

Além desse ponto, podemos sinalizar outra situação de convergência com o objeto estudado nesta tese. Trata-se da metáfora da janela, que é quando o olhar através da janela, segundo Belting, faz com que ela mesma desapareça para que a contemplação do exterior seja total. Ao assistirmos a um vídeo ou apreciarmos fotografias por meio de celulares ou *tablets*, por exemplo, essas ferramentas praticamente desaparecem da percepção do espectador; a atenção e a admiração estão direcionadas quase que exclusivamente para os conteúdos que ali estão sendo transmitidos. O sujeito que está de posse da ferramenta pode, em sua particularidade, acessar infinitas informações do mundo que ali estão disponíveis. Assim como a janela, o dispositivo tecnológico é o “portal” dos domínios privados para o público. Inclusive, a moldura da janela exposta por Belting, que funciona como uma delimitação estética, também pode ser percebida como uma demarcação, uma separação entre os domínios.

³³ No original: “*Su función es la de simbolizar la experiencia del mundo y representar el mundo, de manera que en la transformación se indique también lo forzoso de la repetición. El cambio en la experiencia de la imagen expresa también un cambio en la experiencia del cuerpo, por lo que la historia cultural de la imagen se refleja también en una análoga historia cultural del cuerpo*” (BELTING, 2010, p. 30).

Durand (1993) nos conta que, por muitos séculos, a partir de Aristóteles (século 4 a.C.), a forma de se ter acesso à verdade foi experienciar fatos e, principalmente, ter as certezas pelas lógicas para, por fim, alcançar a verdade através do raciocínio binário que se chama dialética. Essa dialética entre cultura e natureza compreende a relação entre o homem e a própria esfera simbólica. A partir da apropriação das ideias de Durand, podemos entender que a natureza – ou o ambiente em que vivemos atualmente – é midiaticizada por contribuições de meios massivos, em que os imaginários convivem em um cenário simbolicamente mediado por ferramentas tecnológicas que reproduzem imagens para garantir a coesão social e o próprio arcabouço de produções simbólicas de imagens (GONÇALVES, 2017).

As constituições imaginárias pensadas na produção contemporânea de imagens atuam como parte principal de uma ampla rede de produção e consumo cultural. Essas constituições imaginárias, de imaginários e de imagens são revitalizadas a todo o momento e reconhecidas como meio, ambiente ou natureza onde a produção simbólica nasce. Gonçalves (2017) afirma que

[...] há uma inversão na lógica de produção simbólica na medida em que se percebe o quanto as formações imaginárias (representadas por uma série de imagens redundantes que constantemente interpelam os sujeitos) são úteis para um planejamento de uma produção em escala global de imagens individualizadas, presentificadas, fragmentadas, flexíveis e corporificadas. (GONÇALVES, 2017, p. 24)

A natureza a que Durand se refere pode ser concebida como uma metáfora que serve para compreender que o cenário no qual as formações imaginárias realizam trocas é uma natureza global, mediada e entrecruzada por imagens técnicas; porém, o sujeito, com seu ponto de vista do real, possui capacidade de agenciamento. As Teorias do Imaginário, que têm como premissas as imagens redundantes ecoadas em diferentes sociedades, ganham nova perspectiva a partir da utilização das ferramentas digitais de compartilhamento pelos indivíduos. Nessas ferramentas, intituladas de redes sociais, cada indivíduo tem a possibilidade de contribuir da maneira que desejar.

Como pode ser visto, as imagens simbólicas e as imagens técnicas possuem diversas distinções, mas também se complementam, à medida que as técnicas fazem parte da vida cotidiana dos sujeitos na atualidade e as simbólicas interferem nas vivências e nas experiências cotidianas, sofrendo também a interferência dessas instâncias. Em consonância com Silva (2003), os imaginários podem ser irradiados através das tecnologias; assim, ele as denomina de “tecnologias do imaginário”.

O autor entende o imaginário como um reservatório e um motor de sentimentos, experiências, lembranças e visões do real, os quais, por meio de artifícios individuais e grupais, consolidam modos de ver, agir, ser e desejar. “O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. Diferente do imaginado – projeção irreal que poderá se tornar real –, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor” (SILVA, 2003, p. 12).

Para o autor, o imaginário individual é construído por identificação a partir do reconhecimento do outro e de si mesmo, da apropriação do outro em si e da distorção do outro para si. O imaginário social, por seu turno, é edificado pelo contágio com a aceitação do modelo do outro, pela disseminação e pela imitação. Dessa maneira, “mostra como se permanece individual no grupo e grupal na cultura” (SILVA, 2003, p. 14). Ele ainda afirma que se faz necessário entender a diferença entre imaginário e cultura, e para tanto recorremos à explicação de Maffesoli (2001):

A cultura, no sentido antropológico dessa palavra, contém uma parte de imaginário. Mas ela não se reduz ao imaginário. É mais ampla. Da mesma forma, agora pensando em termos filosóficos, o imaginário não se reduz à cultura. Tem certa autonomia. Mas, claro, no imaginário entram partes de cultura. A cultura é um conjunto de elementos e fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração. A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música, ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc. O imaginário permanece numa dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. (MAFFESOLI, 2001, p. 75)

Diante da explicação de Maffesoli, pode-se compreender que imaginário e cultura se interpenetram, coexistem, porém não são iguais. O imaginário, para Silva (2003), pode ser induzido pelas tecnologias porque elas estabelecem a união social por meio de valores partilhados, de imagens de veneração e sentimentos de afeto exacerbados pela união. Ao citar Maffesoli, o autor afirma que a relação social mediada por imagens passa de respostas reativas para participativas, de atuação para interação e de desconfiança para fidelidade. “As tecnologias do imaginário são, portanto, dispositivos (elementos de interferência na

consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (SILVA, 2003, p. 22).

Nesse sentido, conforme o autor, o imaginário é originado na relação entre a memória, os aprendizados, as histórias individuais e a introdução nos universos dos outros sujeitos. Sendo assim, ele é uma história de vida, uma memória afetiva em adição ao capital cultural. “Mesmo estimulado por tecnologias, o imaginário guarda uma margem de independência total, de mistério, de irredutibilidade, de fictício, de inútil, e nunca se reduz ao controle absoluto do agente tecnológico em questão” (SILVA, 2003, p. 57).

Silva (2003) diz que a recompensa máxima através da visibilidade e a realização mínima por meio da transparência são capazes de moldar afetos e “dominar” os indivíduos pela adesão e pelo consentimento. Essa ideia vem ao encontro do tema da presente pesquisa, porque é possível perceber a visibilidade e a transparência em diversos perfis no Instagram. Personalidades de diversos países recebem o título de “influenciadores digitais” por mostrarem os seus afazeres do dia a dia, desde as tarefas mais simples, como tomar café da manhã, até as mais complexas, como educar e criar filhos, por exemplo. Através da não ocultação e do desejo de exposição de suas vidas, acabam adquirindo uma gama de espectadores que validam ou não os seus comportamentos, a ponto de se sentirem íntimos dessas celebridades, bem como lembra Morin (1989) em seu livro *As estrelas: mito e sedução no cinema*.

Na mesma perspectiva da Teoria Ator-Rede, em que as tecnologias e os sujeitos se moldam simultaneamente, Silva (2003) assegura:

Toda nova tecnologia interpela o universo existente e, escapando ao controle de cada indivíduo, transforma o sujeito em objeto da técnica. Porém, ao mesmo tempo, cada um se posiciona como objeto e como sujeito. A técnica é um artefato do homem que faz do homem um instrumento. [...] Ser objeto da técnica, da mesma forma que ser objeto da paixão, não significa, necessariamente, ser escravo ou não ter qualquer domínio sobre o agente da sedução. (SILVA, 2003, p. 29-30)

A ferramenta tecnológica, nesse caso, produz um efeito, fazendo emergir algo, passando do encoberto para o descoberto, assim desencantando e revelando as situações mais íntimas ou de “domínio de poucos” através de exposições nas redes sociais. Isso acontece ao mesmo tempo em que o fulgor da coletividade e a ideia do estar junto buscam caminhos (e desvios) para acontecer.

As “imagens endógenas”, as “pulsões subjetivas” e as “intimações objetivas” precisam de tecnologias para que sejam capilarizadas na sociedade; todavia, como visto anteriormente, elas possuem multiplicidade de sentidos e contradições. Segundo Silva (2003), se o imaginário é uma fábrica de mitos, as tecnologias que os inventam/compreendem são usinas de mitologias e reportam-se a imperativos estéticos que “implica retomar a vida em mãos ou, conforme a frase célebre, fazer da vida uma obra de arte” (SILVA, 2003, p. 66).

Em suma, após compreender as imagens e como as tecnologias (que foram trabalhadas no capítulo anterior) podem contribuir para suas formações ou disseminações, estabelecendo um “laço social” entre os sujeitos, uma conexão afetiva que fortaleça a sociabilidade, pode-se aplicar essas ideias em produtos empíricos para entender e identificar as imagens simbólicas contemporâneas. Destarte, esta tese tem como objetivo principal compreender quais imagens simbólicas de bebês são manifestadas nas mídias que os cuidadores assistem.

5 ANÁLISE DE *STORIES* DO INSTAGRAM

Após a compreensão de como os bebês são percebidos por diferentes áreas do saber, de qual a relevância da vida cotidiana para os estudos da comunicação, do entendimento de como se dão as relações e as mediações por meio das redes sociais e do que são as imagens simbólicas, parte-se para a etapa final desta pesquisa, a análise de dados. Para tanto, será utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Com o intuito de orientar a coleta e a categorização do material, as ideias de Durand (1993, 2012) auxiliarão nos elementos para a identificação das imagens simbólicas, que serão nomeadas de acordo com a História e a Sociologia da Infância propostas por Ariès (1981).

5.1 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A proposição de desenvolvimento metodológico do presente estudo baseou-se na revisão conceitual teórica como pilar para investigações, a qual norteou a tese para uma pesquisa empírica qualitativa. Diante disso, realizou-se um desenvolvimento metodológico amparado na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Em conformidade com essa abordagem, os processos de análise dependem da observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa, além de implicarem divisões, cálculos e aperfeiçoamentos. Essa “vigilância crítica” (BARDIN, 2011, p. 34) com frequência exige desvios metodológicos, à medida que o pesquisador sente-se familiarizado com o objeto de análise; ou seja, significa ir além de uma leitura simplificada. Definir planos experimentais ou de investigação, portanto, faz-se necessário.

A Análise de Conteúdo tem duas funções, as quais podem ser separadas ou não: a heurística, que enriquece a exploração, e a administração da prova, que estabelece diretrizes para a aplicação dos métodos (BARDIN, 2011). O estudo em questão parte da orientação de um problema teórico que, no decorrer da investigação, precisou formular instrumentos suscetíveis para favorecer a investigação. Isso porque “há muitas vezes uma passagem incessante do corpo teórico (hipóteses, resultados), que se enriquece ou se transforma progressivamente, para as técnicas que se aperfeiçoam pouco a pouco (lista de categorias, quadros, matrizes, modelos)” (BARDIN, 2011, p. 36). Segundo a autora, essa metodologia oscila entre o rigor da objetividade e a abundância da subjetividade, atraindo e absorvendo o investigador pelo não aparente, pelo latente e pelo potencial inédito escondido nas mensagens.

Trata-se de uma tarefa de “desocultação”, sem abandonar a preocupação e a severidade científica.

Bardin (2011) diz que, assim como pesquisas sociológicas ou experimentos, a Análise de Conteúdo é composta por três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados com inferências e interpretações. A primeira etapa diz respeito à organização, com intuito de operacionalizar e sistematizar as ideias, a fim de que seja possível a condução de um plano de análise. Na sequência explicaremos mais detalhadamente essa fase e as seguintes.

Na pré-análise, inicialmente são selecionados documentos e materiais que serão submetidos à averiguação. Em seguida, são formulados os objetivos e, por fim, são desenvolvidos os indicadores que irão fundamentar a interpretação. Em consonância com a autora supracitada, nessa fase são necessárias unidades de registro para que seja viável uma categorização e a contagem de frequência, as quais podem variar de acordo com o objeto em estudo. Bardin (2011) também esclarece que unidades de contexto são requisitadas para que haja compreensão acerca dos contextos próximos do objeto da pesquisa em questão e, com isso, possa ser identificado o real sentido que determinado recorte possui.

Na segunda etapa, conforme Bardin (2011), a exploração do material é destinada à aplicação das diretrizes desenvolvidas na etapa anterior. Muitas vezes, ela é longa e demorada por se tratar de codificações, categorizações, enumerações e decomposições previamente estabelecidas. Nesse momento, a categorização diz respeito à classificação por características dos elementos que constituem um conjunto. Os critérios das categorias são adaptáveis àquilo que o objeto de análise oferece, podendo uma mesma mensagem ser submetida a mais de uma dimensão analítica. A categorização pressupõe um inventário (isolamento dos elementos pertinentes ao estudo) e uma classificação (separação dos elementos, impondo-os em uma organização estabelecida).

A última fase, o tratamento dos resultados obtidos, é a etapa em que são desvelados os significados por meio de operações estatísticas, quadros com resultados, figuras, condensações de informações extraídas do montante de material coletado. Com os resultados em mãos, são possíveis a realização de interpretações conforme os objetivos propostos pela pesquisa ou então descobertas inesperadas. Como afirma Bardin (2011, p. 169): “Em outras palavras, trata-se de realizar uma análise de conteúdo sobre a análise de conteúdo!”.

Sendo assim, a partir do levantamento teórico e das diretrizes estabelecidas pela estratégia metodológica de Análise de Conteúdo, buscaram-se recursos para compreender quais são as imagens simbólicas de bebês difundidas em perfis da rede social Instagram.

Como explicitado anteriormente, Bardin (2011) indica que na etapa da pré-análise faz-se necessária a seleção dos materiais que serão utilizados na análise. Destarte, foram escolhidos perfis da rede social Instagram para a aplicação da Análise de Conteúdo. Essa seleção se deu a partir de uma pesquisa realizada pela Globo Gente, que é uma plataforma de *insights* e estudos do Grupo Globo³⁴. A Globo Gente é uma produtora de conteúdos acerca de comportamentos e hábitos dos brasileiros; ela realiza pesquisas, estudos e disponibiliza os resultados para a comunidade em diversos formatos, como *podcasts*, textos, vídeos e infográficos. São cinco temas contemplados pela empresa: gênero, comportamentos emergentes, esportes, expoentes culturais e gerações (GLOBO GENTE, 2022).

Essa plataforma realizou, no ano de 2021, uma pesquisa na área de comportamentos emergentes intitulada “Conectadas e engajadas: a geração de mães consumidoras de conteúdos digitais”, a qual “apresenta como a ampla variedade de conteúdos sobre maternidade empodera as mães modernas e influencia seu comportamento” (VIU HUB, 2021). De acordo com o estudo, é um hábito comum e rotineiro a pesquisa sobre certos assuntos na internet, e a maternidade faz parte desse escopo. A partir do consumo de conteúdos digitais relacionados à maternidade, os comportamentos e os perfis de mães brasileiras vêm mudando, visto realizarem escolhas e lidarem com determinadas questões de maneira distinta das gerações anteriores. Consoante Viu Hub (2021), uma variedade de conteúdos digitais e televisivos são destinados a naturalizar e a desmistificar a maternidade, apresentando-se como referências no assunto ou rede de apoio às mães.

Esse levantamento vem ao encontro da presente tese porque trata das ações das pessoas, em específico das mães brasileiras, nos âmbitos individuais e rotineiros, mas que reverberam um ambiente simbólico que altera a ordem social. Pode-se perceber a maternidade e a criação de um bebê como “um momento composto de momentos” (LEFEBVRE, 1991, p. 20) e interações dialéticas, caracterizando uma situação cotidiana cara a este estudo.

Outro aspecto, segundo Viu Hub (2021), é que a inserção de conteúdos sobre maternidade, criação de filhos e educação cresceu durante o período pandêmico da Covid-19, atingindo o pico de buscas na Internet no início do ano de 2020 e, posteriormente, no início de 2021. De acordo com o estudo, 54% das mulheres afirmam assistir a vídeos no YouTube sobre cuidados na gravidez ou na maternidade, subindo para 64% entre as mães com idade

³⁴ O Grupo Globo (Organizações Globo Participações S.A) é o maior conglomerado de comunicação e mídia situado no Brasil, constituído por empresas que criam, produzem e distribuem conteúdos em diversas plataformas. Ele é composto pelas empresas Globo (Globo Comunicações e Participações S.A), Editora Globo, Sistema Globo de Rádio e Globo Ventures e a Fundação Roberto Marinho, que é a mantenedora (GRUPO GLOBO, 2022).

entre 16 e 24 anos. Cerca de 58% das mães concordam que o Instagram é o lugar ideal para aprender sobre produtos e serviços, sendo que 56% dizem seguir marcas desse segmento. Ademais, 55% disseram seguir influenciadores digitais nas redes sociais para assistirem a experiências reais, além de lerem sobre o assunto.

Os influenciadores digitais da rede social Instagram mais acessados pelas mães, segundo a pesquisa, são: Tia Dani (@tiadanioficial), Marcos Piangers (@piangers), Flavia Calina (@flaviacalina), Thais Fersoza (@tatafersoza) e Amanda Domênico (@amandadomenico). Ao investigarmos os perfis acima, podemos perceber que somente três deles têm filhos compreendidos como bebês, ou seja, com até dois anos de idade. Marcos Piangers (@piangers) tem duas filhas, de 8 e 15 anos, e dedica-se a compartilhar as vivências da paternidade. Thais Fersoza (@tatafersoza) tem dois filhos, de 4 e 5 anos, e posta no Instagram sua rotina como atriz, apresentadora e dona de casa, mas sem o intuito de tratar de assuntos relacionados à maternidade e às crianças. Pelos motivos citados, Marcos Piangers e Thais Fersoza não se encaixam no perfil desta tese e foram excluídos da Análise de Conteúdo.

Sendo assim, seguindo as diretrizes de Bardin (2011), esta pré-análise dedica-se aos perfis do Instagram mais acessados por mães brasileiras que têm como objetivo tratar de assuntos relacionados a bebês: Tia Dani (@tiadanioficial), Flavia Calina (@flaviacalina) e Amanda Domênico (@amandadomenico). Esses perfis foram acompanhados por um período de 30 dias, compreendidos entre 1º e 30 de junho de 2022, e todos os *stories* publicados foram armazenados para análise posterior. O armazenamento se deu através de *prints*, além de descrições detalhadas do conteúdo e do formato (foto, vídeo ou *boomerang*). A escolha pelos *stories* ocorreu por haver maior quantidade de postagens em relação ao *feed*, além de serem conteúdos mais casuais e frequentes, como afirma Leaver *et al.* (2020), o que proporciona maior acesso a questões, ações e detalhes da vida cotidiana.

5.2 FLAVIA CALINA

Flavia Calina é uma mulher de 39 anos, nascida no estado de São Paulo e que desde 2005 reside nos Estados Unidos, no estado de Wisconsin. Formada em Comunicação e Múltiplos Meios pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Magistério, começou a trabalhar em uma escola nos EUA, quando teve despertado o amor pelas crianças e percebeu que os adultos poderiam ser decisivos nas suas vidas e na sua educação (CALINA, 2022). Em 2009, começou a produzir vídeos para a plataforma Youtube com o intuito de ensinar pessoas a se maquiarem, gerando grande repercussão. Em decorrência da sua formação em

Comunicação e Multimeios e da satisfação em produzir, publicar e manter diálogo com as pessoas que a seguiam, optou por fazer dos vídeos a sua profissão. Na atualidade, Flavia é casada com Ricardo Calina, que trabalha exclusivamente cuidando da carreira da esposa, administrando contratos comerciais, canais e redes sociais. Ela é mãe de Vitória (oito anos), Henrique (cinco anos), Charlie (dois anos) e Rebecca (35 semanas de gestação na ocasião da análise de dados desta tese).

Ao longo dos anos, Flavia foi se adaptando às plataformas de mídia e às demandas de seu público, realizando mudanças em sua vida como influenciadora digital. Além de vídeos para o Youtube, atualmente compartilha momentos cotidianos com seus seguidores no Instagram e produz conteúdos para o Facebook. Os materiais produzidos e disponibilizados nas plataformas são distintos: no Youtube, são publicados vídeos diários, com duração média de 20 minutos e com temas específicos, como arrumação de malas para uma viagem e preparativos das crianças para o primeiro dia de aula; no Instagram, são realizadas postagens sem roteiro, sem edições de vídeos, mostrando detalhes da vida cotidiana e acontecimentos inesperados, havendo até debate sobre alguns assuntos; no Facebook, por fim, é disponibilizado conteúdo híbrido, misturando postagens idênticas ao *feed* e ao *stories* do Instagram acrescidas de textos e descrições dos materiais, além de trechos dos vídeos que estão no YouTube.

No seu perfil do Instagram, Flavia intitula-se mãe de quatro crianças, proprietária do maior canal de educação infantil no YouTube e criadora do Método Coração (Figura 4 - Perfil de Flavia Calina no Instagram). O Método Coração é um curso dividido em sete módulos, cada um com tema: princípios do método; conexão entre pais e filhos; estabilidade e consciência; limites com respeito e firmeza; como lidar com conflitos; a importância das palavras; realização e felicidade em família (EVENTO FLAVIA CALINA, 2022).

O perfil, que possui cerca de 2,8 milhões de seguidores, conta com um selo de verificação da plataforma, atestando que a conta é de uma pessoa real e notável. Esses dados corroboram os pré-requisitos apontados por Leaver *et al.* (2020) para que se perceba Flavia Calina como uma influenciadora digital.

Figura 4 - Perfil de Flavia Calina no Instagram



Fonte: Instagram (2022b).

No período determinado para a coleta de dados, o perfil acima postou um total de 471 *stories*, sendo 351 vídeos, 117 fotos e 3 *boomerangs*. Flavia demonstra não ter regularidade no material disponibilizado para seus seguidores, tendo em vista que passou períodos de três dias sem postagens, porém em outros momentos atingiu 56 *stories* em 24 horas. Por esse motivo, não se justifica a realização de um cálculo médio de materiais recolhidos para análise.

Seguindo as diretrizes de Bardin (2011), após a finalização da contagem, foi feita a categorização do material. Perceberam-se cinco grandes grupos de conteúdos explorados por Flavia Calina e optou-se por classificá-los da seguinte forma: “Práticas Habituais”; “Publicidade”; “Compartilhamento de postagens, *stories* e comentários”; “Canal do YouTube”; “Bebê”.

Tabela 2 - Flavia Calina: categorias da pré-análise

Categorias da pré-análise	Qnt.	%
Práticas habituais	240	50,9%
Publicidade	101	21,4%
Compartilhamento de postagens, <i>stories</i> e comentários	25	5,4%
Canal do YouTube	6	1,3%
Bebê	99	21%
Total	471	100%

Fonte: Autora (2022).

De acordo com a Tabela 2, a categoria com maior número de postagens é a de “Práticas habituais”. Nesse grupo, estão incluídos os *stories* em que Flavia Calina compartilha momentos do seu dia a dia, tanto em espaços públicos quanto em privados. Há variação entre exposição de pessoas e não exposição, bem como entre atividades rotineiras *sem a presença de bebês ou com menção a eles*. Como exemplo de conteúdos pertencentes a essa categoria de ações cotidianas, pode-se destacar o vídeo (Figura 5) postado no dia 1º de junho de 2022, no qual aparece um copo descartável com conteúdo que sugere ser café e uma mão feminina, a qual se entende ser de Flavia, colocando açúcar na bebida. Essa ação de adoçar uma bebida, tomar um café, é compreendida como algo corriqueiro, comum a quase todas as pessoas, repetindo-se outras vezes ao longo do período de coleta de *stories*. Outro exemplo é a foto (Figura 6) postada no dia 21 de junho de 2022, na qual aparece a filha mais velha, Vitória, brincando de cozinhar com utensílios de brinquedo em um ambiente que sugere ser a cozinha da residência de Flavia. Sobre a foto, foi inserida a inscrição: “Ela ficou no total de 4 horas na cozinha hoje. Criou e testou muitas receitas de bolo, cobertura”.

Figura 5 - 1º de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 6 - 21 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

A segunda categoria com maior quantidade de postagens é “Publicidade”. Nesse grupo, são mostrados e/ou falados os benefícios, as propriedades e as características de produtos ou lugares. Como dito anteriormente, os influenciadores digitais emprestam suas imagens para que patrocinadores as utilizem (LEAVER *et al.*, 2020). Nesse sentido, 21,4% dos *stories* postados por Flavia no período de 30 dias foram anúncios publicitários de

empresas como Fisher Price, Novartis, Clínica Seven, Amanda Lima Decorações, Fleury e Amazon.

Como exemplo de publicidades, destacamos duas postagens (Figuras 7 e 8). A Figura 7 é uma foto postada no dia 02 de junho de 2022, na qual aparece um pato de brinquedo em uma caixa de acrílico. A influenciadora escreveu na imagem: “Dr. Doodle, o brinquedo que representou os 16 primeiros brinquedos da linha Fisher Price de 1921. @fisherprice”. Já a Figura 8 é um vídeo postado no dia 12 de junho de 2022, em que Flavia relata a experiência de emagrecimento que ela e o marido estão tendo com o acompanhamento da Clínica Seven. Na imagem foi inserido o seguinte texto: “Com o tratamento a gente sente tanta melhora no metabolismo, no sono, na ansiedade, na disposição para aproveitar a vida com a família. @clinicaseven”.

Figura 7 - 02 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 8 - 12 de junho de 2022

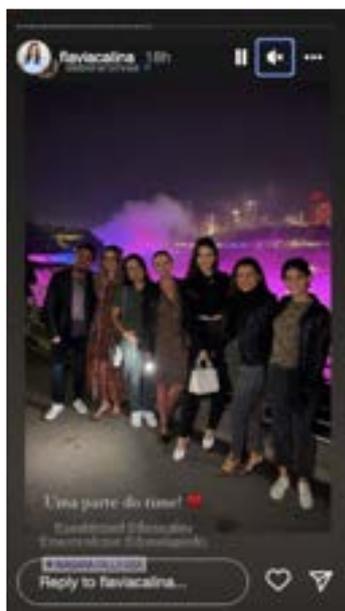


Fonte: Instagram (2022b).

Outra categoria percebida entre as postagens da influenciadora é a de “Compartilhamento de postagens, *stories* e comentários”. Nesse grupo, estão conteúdos produzidos por outros perfis do Instagram, mas que Flavia Calina compartilhou em sua conta. Na Figura 9, pode-se perceber que o *stories* foi produzido pelo perfil de Débora Silva (@deborarsilvaa), uma influenciadora digital. Trata-se de uma foto em que aparecem sete pessoas, incluindo Flavia, e ao fundo as Cataratas do Niágara, em Ontário, nos Estados Unidos. Além disso, estão marcados os perfis de outras pessoas presentes na imagem e a localização de onde a foto foi tirada. Já a Figura 10 é uma foto de um buquê de flores em que

foi adicionado o seguinte texto: “Presente que preparamos com muito carinho para @flaviacalina”. Essa imagem foi produzida por Sabrina Alves Pereira (@sabrinalvespereira), uma aluna do curso Método Coração, de acordo com a explicação da influenciadora.

Figura 9 - 03 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 10 - 09 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

A categoria com menor quantidade de postagens é “Canal do YouTube”. Nesse grupo, estão os *stories* em que a microcelebridade compartilha trechos de seus vídeos da plataforma YouTube, fala sobre os vídeos ou disponibiliza o *link* para que os seguidores possam clicar e serem redirecionados para eles. A Figura 11, por exemplo, é uma foto publicada no dia 14 de junho de 2022, na qual aparece a imagem principal de um vídeo desenvolvido para o canal, acrescido do *link* para os seguidores clicarem e do seguinte texto: “Está no ar. Diário de gravidez”. Pode-se compreender com esse *stories* que Flavia está anunciando para as pessoas que a acompanham que havia disponibilizado mais conteúdos, sugerindo que fossem visualizar. A Figura 12, por sua vez, é uma postagem realizada no dia 30 de junho de 2022, uma foto que mostra dois dos seus vídeos do Youtube: “Falta de concentração, paciência e a tecnologia – socorro meu filho não estuda” e “3 fatores críticos para o aprendizado da criança – socorro meu filho não estuda”. Ademais, foi adicionado este texto: “Fizemos uma série de 4 vídeos incríveis sobre educação e aprendizado @soseducacao”. Tal postagem sugere que Flavia Calina está mostrando aos seus seguidores do Instagram uma parceria realizada com Taís Bento e Roberta Bento, colunistas da Revista Pais e Filhos e do Jornal Estadão, além de

proprietárias do perfil do Instagram @soseducacao, para a realização de uma série de vídeos para o YouTube.

Figura 11 - 14 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 12 - 30 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Ao contabilizar e perceber o teor das publicações descritas até este momento, é possível ter os contextos próximos do objeto em questão, com intuito de identificar o cenário em que aparece ou no qual é mencionado o bebê. Sendo assim, nota-se que disponibilizar conteúdos em plataformas da Internet, inclusive no Instagram, é o trabalho da microcelebridade, com papel relevante na socialização dos sujeitos por ser realizado em parceria com sua família e com os seguidores. A partir disso, as postagens são tarefas que necessitam de técnicas correspondentes ao universo em que se situam, o Instagram.

Flavia Calina não realiza seu trabalho separada da família, porque o intuito das postagens é veicular as atividades e a vida cotidiana de todos os membros. Mesmo que os filhos não exerçam diretamente tarefas remuneradas (ao contrário do pai Ricardo Calina), o fato de eles viverem suas rotinas, serem filmados e fotografados pela mãe e, posteriormente, serem exibidos nas redes sociais gera retorno econômico para a família como um todo. Apesar de não haver a presença das crianças nos *stories* em que são realizadas publicidades, elas fazem parte do contexto e da narrativa da marca Flavia Calina.

Outro ponto relevante do contexto é que a influenciadora digital e seu esposo são brasileiros que residem nos Estados Unidos, enquanto os filhos do casal são norte-americanos. Esse dado revela-se importante porque estão sendo analisados os perfis do Instagram mais

acessados por mães brasileiras, evidenciando que a vida cotidiana de uma família que mora em outro país também é atrativa para as mulheres que vivenciam uma realidade distinta. As distinções ficam evidentes principalmente nas publicações da categoria de pré-análise Práticas Habituais, na qual são mostrados passeios em família na Disney World. Também se faz menção nos vídeos que essa é uma distração realizada com frequência nos finais de semana pela família estudada. Enquanto isso, na realidade brasileira, viagens assim costumam ser amplamente planejadas, colocadas como meta e por vezes demandam esforços financeiros de anos para que o sonho de conhecer a Disney torne-se realidade. Como testemunho disso temos a vasta oferta de pacotes de viagens das mais distintas empresas de turismo espalhadas pelas cidades do Brasil.

A última categoria, intitulada “Bebê”, é de fato a que corresponde às publicações caras à presente pesquisa. Correspondendo a 21% de todas as postagens dos *stories* no mês de junho de 2022, diz respeito a conteúdos que mostram ou mencionam Charlie (dois anos), o filho mais novo de Flávia e Ricardo Calina. Seguindo as diretrizes de Bardin (2011) para a Análise de Conteúdo, as 99 imagens isoladas do todo foram classificadas, enumeradas e decompostas com maior nível de detalhes e aperfeiçoamento, de acordo com as características dos elementos, para que fossem analisadas e identificadas as imagens simbólicas pertencentes ao bebê do perfil do Instagram de Flavia Calina (@flaviacalina).

Ao examinar as postagens em que Charlie aparece ou é citado, pode-se perceber que em 62,6% delas o bebê é o protagonista, enquanto nas 37,4% publicações restantes ele aparece como pertencente a um contexto. Como exemplo, a Figura 13 mostra uma foto em que Charlie é o protagonista. Ele está sozinho, posando para a foto e o intuito era, justamente, compartilhar as tentativas de fotos para o passaporte que Flavia estava tentando fazer para seu filho. Já na Figura 14, Charlie aparece como pertencente ao contexto da festa de aniversário de seu pai. Ele está em pé em uma cadeira disposta junto à mesa de guloseimas. A foto não destaca a criança, apenas mostra que ela faz parte de uma situação.

Figura 13 - Charlie protagonista



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 14 - Charlie sendo parte do contexto



Fonte: Instagram (2022b).

Analisando as postagens, percebemos que em todas Charlie estava realizando ações. Em algumas há comentários de sua mãe a respeito de atividades executadas por ele; em outras, ele aparece diretamente executando as atividades. Nesse sentido, as classificações foram nomeadas da seguinte maneira: “Fazendo atividades rotineiras”; “Aprendendo tarefas”; “Brincando”; “Sendo Cômico”.

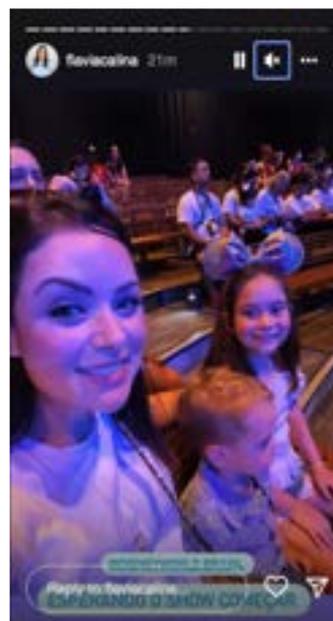
O grupo de *stories* “Fazendo atividades rotineiras” é composto por 19 publicações, nas quais Charlie aparece desenvolvendo atividades do seu cotidiano que aparentemente são simples, mas que se encaixam em um cenário socioespacial (TEDESCO, 1999), que pode ser privado ou aberto (BALANDIER, 1983). A Figura 15 trata-se de um vídeo publicado no dia 22 de junho de 2022. Estão sentados à mesa o bebê e seu irmão mais velho, enquanto Vitória (irmã) serve pedaços de bolo para os meninos. Em seguida, Charlie responde “*Thank you, Vi*” e começa a comer o doce. Já a Figura 16 é uma foto postada no dia 11 de junho de 2022, na qual aparecem Flavia Calina, Charlie e Vitória sentados em bancos que parecem ser da plateia de um teatro, com a legenda: “@disneyworld_brasil Esperando o show começar”. Nos exemplos destacados, o bebê está comendo (Figura 15) e sentado (Figura 16), realizando ações aparentemente comuns a todos os indivíduos; todavia, o que se pode desvelar é a integração de Charlie com família e com os ambientes nos quais se encontra inserido. Apesar de ser um sujeito de menor tamanho em comparação a seus familiares, as imagens não mostram cadeiras, pratos, talheres e assentos específicos que o diferenciariam dos irmãos e da mãe, indicando a igualdade entre todos.

Figura 15 - Charlie: 22 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 16 - Charlie: 11 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Assim como já explorado no Capítulo 2, Ochs e Schieffelin (2017) afirmam que a linguagem social como ferramenta de sociabilidade está nas formas de pensar e agir, principalmente nas repetições de práticas socioculturais. Dessa maneira, entende-se pela recorrência das postagens que a família Calina percebe Charlie como um membro importante, um “ator” que produz situações e interfere no ato de estar dos demais indivíduos (SIROTA, 2012). A partir dos *stories* do Instagram, é possível apontar que a percepção que Flavia tem do seu filho é de um sujeito social e de direitos, que tem capacidade de se apropriar do universo oferecido pelos adultos e de recriar suas maneiras de agir e de se apresentar.

A segunda categoria, “Aprendendo tarefas”, é composta por 18 publicações. Nela são mostrados momentos em que Charlie está aprendendo com alguém mais velho a realizar determinadas atividades. A Figura 17 é um vídeo divulgado no dia 21 de junho de 2022, o qual mostra Charlie vendo sua irmã cozinhar e pedindo para ajudá-la. A menina, então, começa a ensinar o bebê a medir os ingredientes, falando para ele encher a colher e deixá-la parada, a fim de que ela possa tirar o excesso de farinha (não há falas de Charlie). A Figura 18 também se trata de um vídeo, este publicado em 27 de junho de 2022. Nessa ocasião, Flavia ensina Charlie a colocar as roupas na máquina de secar. A mãe alcança roupas molhadas para o menino e diz que é para colocar dentro do eletrodoméstico; em seguida, o bebê pede para ela pegar uma cadeira para que ele possa subir e alcançar a máquina, mas a mãe afirma que não tem necessidade.

Figura 17 - Charlie: 21 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 18 - Charlie: 27 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Assim como na categoria anterior, é possível perceber que Charlie demonstra interesse em participar das tarefas domésticas que vê acontecendo, como preparo o de refeições, a limpeza de roupas e a higienização do chão (o que acontece em outras publicações que podem ser conferidas nos Apêndices desta tese). As manifestações do bebê nesse sentido são acolhidas pelos demais membros da família, que permitem a sua participação e despendem atenção e cuidado para ensiná-lo a realizar as atividades. As eventuais sujeiras e bagunças de um bebê aprendendo a lidar com roupas, comidas e produtos de limpeza não são vistas como empecilho ou mesmo como motivo para repreensão; elas são compreendidas e arrumadas de maneira natural, por vezes a partir da iniciativa do próprio Charlie.

Esse modo de agir da família no que se refere ao bebê é contrário ao que Mullin (1999) afirma sobre como os europeus, no período da Idade Média, percebiam as crianças. Conforme já tratado no Capítulo 1, esses povos repreendiam expressões corporais desajeitadas que pudessem lembrar a irracionalidade e a animalidade, pois se viam e se portavam como seres superiores, que possuíam destreza e delicadeza.

A terceira categoria de *stories*, intitulada “Brincando”, representa 35,4% de todas as postagens relacionadas ao bebê. Ela mostra momentos em que o menino está brincando ou jogando com pessoas e/ou objetos. Como exemplo, destaca-se um vídeo divulgado no dia 07 de junho de 2022 (Figura 19), em que Charlie e seu irmão mais velho, Henrique, estão brincando deitados no chão, um por cima do outro, perto de uma porta que parece ser de um armário. Nessa publicação, não é possível compreender o que ambos falam, mas é evidente que eles dão risadas e estão se divertindo. A Figura 20, por sua vez, é de um vídeo postado em

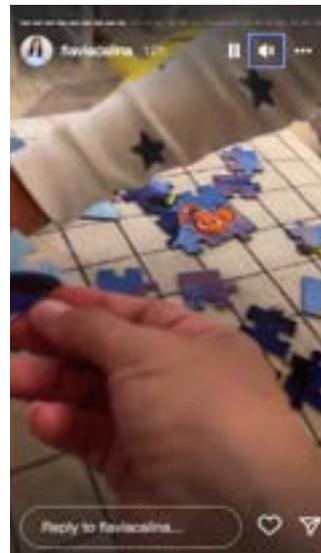
28 de junho de 2002, no qual Henrique, Charlie e Flavia estão montando um quebra-cabeça. O bebê pede ajuda à mãe para encaixar algumas peças, e ela prontamente o auxilia.

Figura 19 - Charlie: 07 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 20 - Charlie: 28 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

A quarta e última categoria, “Sendo cômico”, é um complemento da anterior. É composta por 27 *stories* e também revela momentos de descontração; são, porém, situações em que os demais participantes estão sérios e Charlie faz ou fala algo que altera a atmosfera do ambiente, levando todos às gargalhadas. Por exemplo, em um vídeo compartilhado no dia 23 de junho de 2022 (Figura 21), os três irmãos (Charlie, Henrique e Vitória) estavam lendo um livro enquanto a mãe filmava a situação. Quando chegou a vez do bebê, por não saber ler, inventou a história e disse: “Ele fez cocô na cara dele”, fazendo todos os presentes na cena darem risada. Outro acontecimento foi no dia 28 de junho de 2022 (Figura 22), em que Vitória mostra para a mãe que colocou letras com ímã em uma placa de metal, enquanto Charlie corre atrás dela e morde sua nádega. Flavia repreende dizendo: “O que é isso?”, e em seguida todos riem da brincadeira do bebê.

Figura 21 - Charlie: 23 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Figura 22 - Charlie: 28 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022b).

Juntas, as categorias Brincando e Sendo Cômico representam 62,6% do total de publicações nas quais o bebê aparece ou é mencionado. Mais do que aparições de Charlie nos vídeos do perfil de Flavia Calina, a imagem que emerge a partir dos *stories* publicados é a de “bebê engraçadinho”, no sentido de que as graças e as comichadas realizadas pelo bebê são frequentemente registradas e divulgadas, além de despertarem gargalhadas nas pessoas que estão presentes nas cenas. Em decorrência das reações dos demais, a postura de realizar peripécias é incentivada, mostrando que esse seria o correto, o ideal e o esperado pela família em relação ao menino. Essa imagem remete ao que Ariès (1981) percebeu nas pinturas realizadas por artistas nos séculos XV e XVI:

Isso nos sugere duas ideias: primeiro, a de que na vida quotidiana as crianças estavam misturadas com os adultos, e toda reunião para o trabalho, o passeio ou o jogo reunia crianças e adultos; segundo, a ideia de que os pintores gostavam especialmente de representar a criança por sua graça ou por seu pitoresco (o gosto do pitoresco anedótico desenvolveu-se nos séculos XV e XVI e coincidiu com o sentimento da infância “engraçadinha”) e se compraziam em sublinhar a presença da criança dentro do grupo ou da multidão. (ARIÈS, 1981, p. 21)

O conteúdo averiguado vai ao encontro tanto da percepção do “bebê engraçadinho” quanto da ideia de que ele se mistura com os adultos em diversos momentos, como nos vídeos em que Charlie aprende e realiza tarefas domésticas, joga com os irmãos e a mãe e assiste a peças de teatro.

5.3 AMANDA DOMENICO

Amanda Domenico é uma mulher de 27 anos de idade que reside em Balneário Camboriú, no estado de Santa Catarina. Quando tinha 13 anos, começou a criar conteúdos na plataforma Youtube com conteúdos sobre beleza; porém, considera-se uma influenciadora digital somente a partir dos 15 anos de idade. Ficou grávida do primeiro filho em 2018 e viu-se com muitas dúvidas e dificuldades, as quais a impulsionaram a buscar conhecimento acerca da maternidade. A partir disso, especializou-se em consultoria materno-infantil, terapia do sono de bebês, Programação Neurolinguística e educação parental, e na ocasião da coleta de dados cursava Pós-Graduação em Neurociência da Educação Infantil. Ademais, utiliza-se de canais digitais (Youtube, Twitter, Instagram, TikTok, Facebook e *site*) para auxiliar mães a proporcionarem educação positiva para seus filhos, a cuidarem da autoestima na maternidade e a “não levarem a maternidade como um peso... e sim uma fase leve e deliciosa da vida” (DOMENICO, 2022). A microcelebridade é casada com Edson Riedel Júnior, chefe de cozinha e proprietário de um restaurante. É mãe de Rhavi (três anos) e de Maya (dois anos).

Assim como seus estudos migraram da cosmetologia para a educação de crianças, seus conteúdos disponibilizados para o público também sofreram alterações ao longo do tempo. Atualmente ela compartilha no Youtube vídeos sobre diferentes assuntos, como organização de guarda-roupas e rotina noturna. No Instagram, divide momentos cotidianos com os seguidores e comenta sobre os conteúdos produzidos nas outras plataformas. O *site* é destinado à venda de cursos. O TikTok é utilizado por Amanda para compartilhamento de vídeos curtos, nos quais ela brinca e faz reflexões sobre a maternidade. No Facebook, a influenciadora posta conteúdos semelhantes aos do Instagram, mas com menor frequência. O Twitter, por fim, aparentemente está sem atualizações desde março de 2022. Em todas as plataformas, os conteúdos se repetem, porém com frequência e formatos diferenciados. Apesar de o Instagram e o TikTok serem ferramentas destinadas a uma maior quantidade de postagens diárias, é no Instagram (*stories*) que a microcelebridade compartilha mais vezes ao dia e expõe mais detalhes da sua vida cotidiana e também do dia a dia dos filhos.

Em seu perfil no Instagram, Amanda Domenico sinaliza o contato da sua assessoria de imprensa, caso alguém ou alguma marca deseje entrar em contato para possíveis trabalhos. Além disso, disponibiliza seu e-mail e divulga o *link* para o curso que ministra, chamado “Mãe Protagonista” (Figura 23 - Perfil de Amanda Domenico no Instagram). O *link* direciona para o endereço <https://amandadomenico.com/pv>, onde se oferece o curso citado e se explica que ele é destinado para mães que desejam ser protagonistas de suas próprias vidas e atingir a

melhor versão de si mesmas. O curso é dividido em seis módulos: reconhecimento de emoções e sentimentos; estabelecimento de rotinas; auxílio na comunicação com o marido; criar uma nova autoimagem; aprender a lidar com a birra dos filhos; processo de cura interior. Ao adquirir o curso, o consumidor ainda ganha alguns bônus: entrada em uma comunidade de mães para troca de experiências; um guia de passo a passo de montagem de marmitas; curso para organização de guarda-roupas; curso de dobras de roupas de bebês; curso de como melhorar o sono do bebê; curso de melhoramento da autoimagem através de roupas.

O perfil do Instagram de Amanda Domenico possui selo de verificação, um atestado de que se trata de uma conta real e de impacto entre os usuários da ferramenta. Ela possui cerca de 1,4 milhão de seguidores, ratificando os pré-requisitos para que seja percebida como uma influenciadora digital (Leaver *et al.*, 2020).

Figura 23 - Perfil de Amanda Domenico no Instagram



Fonte: Instagram (2002a).

Durante o período destinado à coleta de dados, de 1º a 30 de junho de 2022, o perfil da influenciadora digital teve um total de 809 *stories* postados, sendo 479 vídeos, 329 fotos e 1 *boomerang*. Amanda apresenta regularidade em suas publicações na rede social Instagram, com uma média de 26 *stories* diários, sendo que no mês de junho houve disponibilidade de conteúdo para os seguidores todos os dias. Foi possível identificar e classificar em nove grandes grupos os tipos de postagens de Amanda Domenico: “Práticas habituais”; “Publicidade”; “Dicas de maquiagem, roupas e autocuidado”; “Publicidade dos cursos que ministra”; “Compartilhamento de postagens, *stories* e comentários”; “Perguntas e enquetes”; “Solicitação de engajamento”; “Recebidos”; “Bebê”.

Tabela 3 - Amanda Domenico: categorias da pré-análise

Categorias da pré-análise	Qnt.	%
Práticas habituais	265	32,8%
Publicidade	102	12,6%
Dicas de maquiagem, roupas e autocuidado	36	4,4%
Publicidade dos cursos que ministra	7	0,9%
Compartilhamento de postagens, <i>stories</i> e comentários	21	2,6%
Perguntas e enquetes	118	14,6%
Solicitação de engajamento	82	10,1%
Recebidos	16	2%
Bebê	162	20%
Total	809	100%

Fonte: Autora (2022).

Segundo a Tabela 3, a categoria com mais postagens é a de “Práticas habituais”. Nessa sessão, estão designados os *stories* em que Amanda Domenico compartilha com os seus seguidores atividades e momentos da sua rotina, em espaços públicos e privados; a grande maioria, porém, acontece dentro da residência da família. Por vezes, são expostas pessoas, mas *sem a presença ou menção ao bebê*. Para exemplificar essa categoria, pode-se evidenciar a Figura 24, que se trata de uma foto postada no dia 03 de junho de 2022, na qual Amanda mostra sua mãe dirigindo um carro e adiciona a legenda: “Olha quem veio me buscar”, fazendo alusão à carona que ganhou para se deslocar do salão da manicure até sua casa. Outro exemplo da categoria em questão é um vídeo disponibilizado no dia 08 de junho (Figura 25), em que não aparecem pessoas, mas somente uma refeição sendo preparada em uma frigideira, com a seguinte legenda: “Imitei minha amiga @analuisaguimaraess”.

Figura 24 - 03 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 25 - 08 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Outra categoria percebida foi a de “Publicidade”, representando 12,6% do total de *stories* coletados. Nela foram designadas postagens em que a influenciadora mostra produtos e restaurantes, veste roupas ou fala sobre determinada empresa ou marca. Os anúncios publicitários aos quais Amanda emprestou sua imagem (LEAVER *et al.*, 2020) foram das seguintes marcas: Belletonn, Inbars, Enterogermina, Loja Gravidicas, Coca-Cola, Gummy Hair, Chef de cozinha Renan Neves, Dr. Pean Nut, Loja Refinatta Store, Loja Yello Lily, Restaurante Gravy Steakhouse, Lojas Renner, Trifil, Fischer Price, Sadia, Melitta e Vichy.

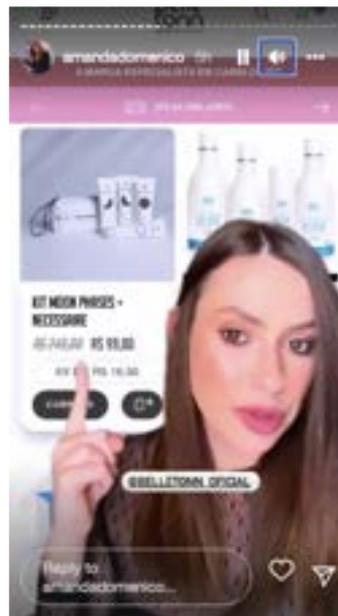
É possível destacar um vídeo postado no dia 04 de junho de 2022 (Figura 26), em que a influenciadora exhibe para seus seguidores uma cadeirinha de bebê vendida na Loja Gravidicas. Nesse vídeo é explicado para qual idade o produto é indicado, como funciona sua instalação e como se pode prender a criança com segurança. Outro exemplo de publicidade é o vídeo postado no dia 14 de junho (Figura 27). Nele a microcelebridade mostra como adquirir os produtos da marca Belletonn no *site* da própria empresa, além de recomendar *kits* de produtos para cabelo que estavam em promoção. Em ambos os *stories* são marcados os perfis das instituições que contrataram Amanda para a realização dos anúncios.

Figura 26 - 04 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 27 - 14 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

A categoria “Dicas de maquiagem, roupas e autocuidado” representa 4,4% das postagens. Nela estão agrupadas as publicações em que Amanda Domenico mostra ou fornece dicas de beleza, exibe a composição de roupas que está usando ou fala sobre a importância do autocuidado, principalmente entre mulheres que são mães. Como exemplo, há a Figura 28, que é um *frame* de um vídeo disponibilizado em 06 de junho de 2022, no qual a microcelebridade mostra que está fazendo um tratamento estético em suas sobrancelhas e adiciona a legenda: “Olha o resultado final @angelicaacker”. Outra postagem dessa categoria ocorreu no dia 15 de junho, em formato de foto (Figura 29). Nela a influenciadora mostra a composição de roupa que está utilizando e adiciona a frase: “Tentei fazer fotinho do *look*, mas estava com vergonha de todo mundo me olhando. Tô chique vai?”.

Importante ressaltar que Amanda Domenico iniciou seu trabalho como influenciadora digital tratando de assuntos ligados à estética e à moda e que ao longo do tempo alterou o teor de seus conteúdos para tratar de maternidade e criação de filhos. A categoria em questão, que contempla 36 *stories* de um total de 809, confirma que houve, de fato, uma mudança de propósito do perfil do Instagram, tendo em vista a pouca frequência de conselhos relativos a maquiagens e roupas.

Figura 28 - 06 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 29 - 15 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

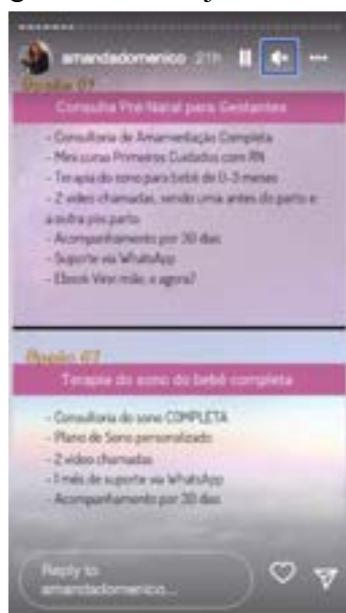
Outra categoria com pouca representatividade diante de todo o material coletado para análise é “Publicidade dos cursos que ministra”. Com um total de 7 publicações, representando 0,9% dos conteúdos de *stories* do mês de junho de 2022, esse agrupamento diz respeito a comentários, avisos e anúncios dos cursos que Amanda Domenico oferece aos seus seguidores e clientes. Apesar de estar explícito na biografia do perfil da influenciadora o *link* para adquirir as aulas, dando a entender que para ela se trata de um produto importante, a microcelebridade pouco o menciona em suas postagens, deixando incerto se a sua prioridade de trabalho é a venda de cursos ou o empréstimo de sua imagem para publicidade de outras marcas (LEAVER *et al.*, 2020) e o compartilhamento de seu cotidiano.

A Figura 30 diz respeito a uma foto disponibilizada no dia 1º de junho, na qual Amanda expõe duas opções de serviços que oferece: Opção 1 - consulta pré-natal para gestantes, que engloba consulta de amamentação completa, minicurso de primeiros cuidados com recém-nascidos, terapia do sono para bebês de até três meses de idade, duas videochamadas, acompanhamento por 30 dias, suporte via WhatsApp e *e-book*; e Opção 2 - terapia do sono do bebê completa, que oferece consultoria de sono, plano de sono personalizado, duas videochamadas, um mês de suporte por WhatsApp e acompanhamento por 30 dias. Na imagem não estão explicitados detalhes de tais serviços, como o teor das videochamadas, a forma de realização do acompanhamento, entre outros.

Outro conteúdo alusivo aos cursos foi publicado em 07 de junho (Figura 31), em formato de foto, na qual Amanda iniciou uma frase e solicitou que os seguidores a

continuassem. A frase iniciava assim: “Dia dos namorados é só para quem não tem filhos... eu gosto mesmo é de:”. Uma seguidora respondeu: “Dormir uma noite inteira sem interrupção”. Em resposta a essa seguidora, a influenciadora postou uma foto sua com o *link* que direciona para a venda de seu curso e a legenda: “Pede meu curso de presente pro marido”. É possível compreender por meio da resposta da microcelebridade que a pessoa que tem filhos conseguirá dormir a noite inteira se adquirir o curso que ela ministra, porquanto ensina como fazer as crianças dormirem sem acordar os pais.

Figura 30 - 1º de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 31 - 07 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Outra categoria identificada entre as postagens de Amanda foi a “Compartilhamento de postagens, *stories* e comentários”. Nela estão publicações produzidas por outras contas da rede social Instagram, mas compartilhadas pela influenciadora em seu próprio perfil. Na Figura 32, está o *Story* produzido pelo perfil de Helô Pena Paganelli (@helopahanelli), uma influenciadora digital que também trata de assuntos ligados à maternidade. O *post* mostra uma foto de Helô segurando seu filho, contendo a legenda: “Fiz escurinho mesmo nas sonecas do dia para ajudar no sono dele [fazendo referência a ter deixado o ambiente escuro para auxiliar nos momentos de sono do bebê]. Aprendi no curso da @amandadomenico”. Ao compartilhar esse conteúdo, Amanda adicionou o comentário: “Ahhh que linda! Orgulho de você”. A Figura 33, por seu turno, é uma foto publicada em 25 de junho, na qual há uma mulher segurando um bebê no colo e está escrito: “Lindaaaa da Dinda @mayadomenicoriedel

@amandadomenico”. O perfil originário do conteúdo não permite que pessoas não autorizadas visualizem seus conteúdos, mas ele é identificado por @katyanefeitenaraujo.

Figura 32 - 22 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

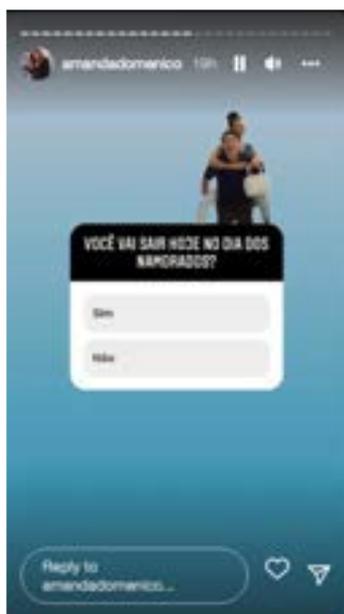
Figura 33 - 25 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

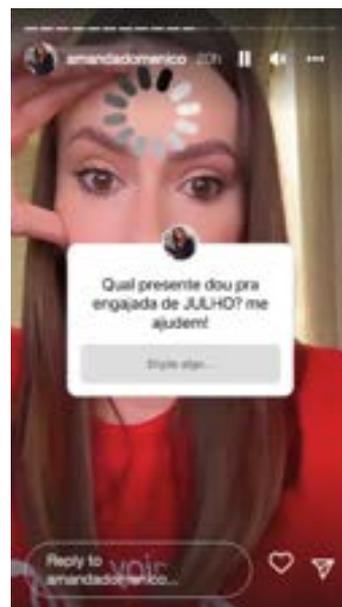
Entre as categorias percebidas nas postagens de Amanda Domenico, “Perguntas e enquetes” é a terceira com maior representatividade, concentrando cerca de 14,6% das publicações. Nela estão elencadas postagens nas quais a influenciadora realiza enquetes e responde perguntas dos seus seguidores. Não estão incluídas nessa categoria situações em que o bebê aparece ou é mencionado nem propagandas do curso que a microcelebridade ministra. Para ilustrar a categoria, temos a Figura 34, uma foto postada no dia 12 de junho de 2022, em que é realizada uma enquete com a pergunta “Você vai sair hoje no dia dos namorados?”, com opções de resposta de Sim ou Não. Outro exemplo selecionado é a Figura 35, que se trata de uma foto de Amanda junto ao símbolo utilizado na internet quando uma página está em processamento, revelando que está pensando. Há também uma pergunta aberta para seus seguidores: “Qual presente dou para engajada de JULHO? me ajudem!”. Essa pergunta refere-se a uma dinâmica desenvolvida por ela no sentido de presentear todos os meses a seguidora que mais interagir com seu perfil no Instagram. Esse tipo de interação com as pessoas que acompanham influenciadores digitais é comum, de acordo com Leaver *et al.* (2020), porque se trata de uma característica tanto da plataforma Instagram quanto das microcelebridades: a proximidade e a interação com o público.

Figura 34 - 12 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 35 - 30 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

O relacionamento de Amanda com seus seguidores se dá para além da exposição de situações do cotidiano, da realização de perguntas e de presentear quem interage com ela. A influenciadora solicita com frequência que as pessoas que a seguem interajam por meio de comentários e curtidas em seus vídeos e fotos postados no *feed*. Com 82 *stories* desse teor, representando 10,1% do total de conteúdos do mês de junho, a categoria “Solicitação de engajamento” se destaca. Pode-se perceber como ocorrem esses pedidos de interação a partir das Figuras 36 e 37. A primeira mostra uma foto postada em 10 de junho, apenas com o texto “Antes desse anunciar a engrajada do mês, vou já deixar um *spoiler* no ar! Mês de JUNHO promete, o presente será absurdo, vocês vão cair pra trás então quero todo comentando nos meus *posts* e reagindo a todos os *stories* aqui heim”. A segunda figura é o compartilhamento de um vídeo que a própria Amanda desenvolveu como trabalho de publicidade para uma marca que a contratou. Para solicitar engajamento e participação dos seguidores, a influenciadora colocou sobre o vídeo a legenda “Bora valorizar a publi do ano”.

Figura 36 - 10 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 37 - 16 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

A oitava categoria de *stories* encontrada foi chamada de “Recebidos”, tendo em vista que se trata da exibição de presentes que Amanda recebeu de marcas ou seguidores e também de agradecimentos. A Figura 38 é exemplo dessa categoria, com um *frame* de um vídeo disponibilizado em 07 de junho de 2022, explicando que se trata de um presente que ganhou e mostrando um brinquedo da marca Sunny Brinquedos, o qual auxilia no ensinamento da importância da higiene bucal para crianças. Outro exemplo da categoria é o vídeo postado em 30 de junho, no qual Amanda aparece carregando uma caixa de isopor, com a legenda no *stories*: “Olha esse recebido” (Figura 39). Ganhar presentes e agradecer também é uma característica das microcelebridades, porque mostra uma proximidade em relação aos seus seguidores (LEAVER *et al.*, 2020).

Figura 38 - 07 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 39 - 30 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022).

Ao analisar o material coletado referente à influenciadora digital Amanda Domenico, do mês de junho de 2022 até o mês de novembro do mesmo ano, é possível perceber o contexto geral em que o bebê está inserido. Dessa forma, chega-se à conclusão de que produzir e compartilhar conteúdo para o Instagram é o principal trabalho da microcelebridade. Apesar de haver publicações com outras pessoas, como o marido, os amigos, a mãe e os filhos (o que será explorado a seguir), majoritariamente nas postagens aparece somente Amanda.

Apesar de a influenciadora destacar em sua biografia no perfil da rede social que disponibiliza cursos pagos com ensinamento de técnicas de como educar filhos e cuidar deles, além de auxílio para manutenção do bem-estar de mães e casais, não há interesse em difundir em grande escala. Pode-se concluir desse modo que, entre os produtos oferecidos neste perfil de Instagram, o principal é a própria imagem de Amanda, que é cultivada através da exibição de um estilo de vida e de uma aparência que aparentam a prática do autocuidado, o que atrai empresas que desejem utilizá-la para a promoção de suas mercadorias. Esse fato se desvela em situações nas quais são expostos momentos íntimos, como o banho da influenciadora, quando ela usa produtos específicos para o cabelo e anuncia seus benefícios.

Outro ponto que se mostrou relevante é o interesse da microcelebridade em manter-se interagindo constantemente com os seguidores. Essa interação mostra-se desnivelada, tendo em vista que são solicitados curtidas e comentários em suas postagens, são realizadas enquetes para que as pessoas respondam e são abertas caixas de perguntas para que Amanda as responda posteriormente; contudo, poucos desses questionamentos são respondidos, os

resultados das enquetes não são divulgados e os comentários feitos pelos seguidores não são respondidos pela influenciadora. O maior retorno que se percebe é o presente que o seguidor que mais interage com o perfil em análise recebe, embora o critério de seleção não seja transparente e tampouco haja a possibilidade de autenticação do resultado.

Após a análise das categorias acima, pode-se compreender o cenário em que o último agrupamento de postagens, “Bebê”, está inserido. Correspondendo a 20% do total de conteúdos publicados nos *stories* no período designado para a coleta de dados, essa categoria diz respeito a todos os *posts* que mostram ou mencionam Maya (dois anos), a filha mais nova de Amanda Domenico e Edson Riedel Júnior. As 162 imagens da bebê foram isoladas do contexto geral, classificadas, enumeradas e examinadas (BARDIN, 2011), a fim de que pudessem ser percebidas as imagens simbólicas pertencentes a ela.

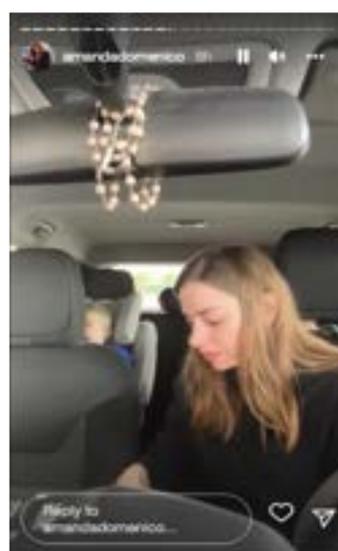
Ao investigar os conteúdos em que Maya aparece ou é citada, é possível identificar que, em 87% deles, a menina aparece como protagonista e, nos 13% restantes, está integrando algum contexto. Pode-se ter como exemplo a Figura 40, que se trata de um *frame* de um vídeo postado no dia 23 de junho de 2022, no qual Maya é a protagonista. Ela aparece sozinha comendo alimentos em diferentes recipientes, utilizando talheres, e não é auxiliada ou interrompida por ninguém. Já na Figura 41 (*frame* do vídeo publicado no dia 05 de junho de 2022), Maya aparece sentada no carro junto à mãe e ao irmão, o menino Rhavi, no estacionamento de um supermercado, realizando um lanche.

Figura 40 - Maya: 23 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 41 - Maya: 05 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Ao examinar todas as postagens referentes à bebê, percebeu-se que Maya está realizando alguma ação específica ou é citada pelo irmão ou pela mãe. Sendo assim, utilizou-se a seguinte classificação dos conteúdos: “Respostas de perguntas e enquetes”; “Brincando”; “Demanda de atenção”; “Tarefas rotineiras”.

O grupo de *stories* com menor número de publicações é o da categoria “Brincando”, com 15,4% em relação ao total de dados relacionados à bebê. Nas 25 postagens, Maya aparece em momentos de brincadeiras, jogos e descontração com outras pessoas ou então sozinha, interagindo com objetos. Destaca-se a Figura 42, correspondente ao *frame* de um vídeo divulgado no dia 1º de junho de 2022, no qual a bebê aparece brincando com o irmão mais velho, Rhavi, em uma cabana improvisada com colcha, cadeiras e sofá. Há falas das crianças no vídeo, mas não foi possível compreendê-las. A legenda dessa postagem foi “Amor incondicional vai além de falar eu te amo para os filhos! É fazer com que eles se sintam amados”. Pode-se também destacar a Figura 43, que é originária de um vídeo publicado em 29 de junho de 2022, no qual Maya está em pé brincando com diversas bonecas que estão apoiadas no assento de um sofá. Ela fala com os objetos, mas não é possível compreender o teor. Foi adicionado ao conteúdo a seguinte legenda: “Ela beijinho (*sic*) em todas as bonecas”.

Por meio dessas figuras e dos conteúdos da presente categoria, percebe-se que Maya utiliza sua criatividade para produzir e interpretar o mundo que lhe foi apresentado pelos adultos. A partir das histórias e das bagagens que vem adquirindo, a bebê recria maneiras de agir e de lidar, como visto em sua brincadeira com as bonecas.

Figura 42 - Maya: 1º de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

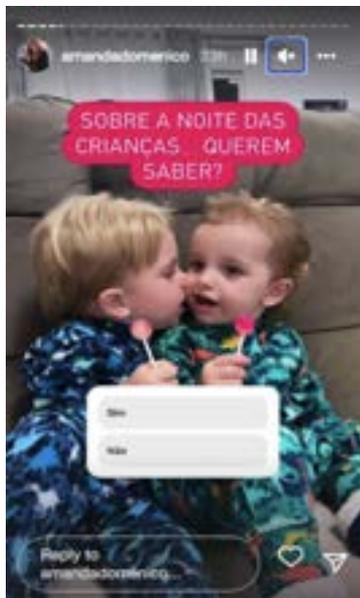
Figura 43 - Maya: 29 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

A segunda categoria, que corresponde a 17,3% do material coletado em relação à bebê, é “Respostas de perguntas e enquetes”. Os 28 *stories* correspondentes a esse grupo mostram imagens nas quais Maya aparece ao fundo e são sobrepostas perguntas ou enquetes para os seguidores, como na Figura 44, que se trata de uma foto divulgada em 13 de junho de 2022. Nela, Maya e seu irmão estão sentados em um sofá, ambos com pirulitos em mãos, e é sobreposta a enquete com a pergunta “Sobre a noite das crianças... querem saber?”, com as opções de resposta “sim” e “não”. Outro tipo de imagem incluída nessa categoria é quando Amanda Domenico responde às perguntas de seguidores, utilizando para isso fotos da bebê ou falando sobre Maya, como a Figura 45. Essa imagem foi divulgada em 21 de junho de 2022 em formato de foto, contendo a pergunta realizada por um seguidor: “Você ficou nervosa com o tombo da Maya? Como reage?”. Para responder, Amanda inseriu uma foto do machucado da bebê e escreveu: “Eu não fico nervosa, porque preciso passar calma pra eles! Na hora que eu ouvi o barulho agi por instinto! Peguei ela no colo, vi qual era a gravidade da situação, pq achei que ela tinha batido o nariz e quebrado. Quando vi que era mais roxo na testa fiquei ali abraçando ela, falando que a mamãe tava (sic) ali pra ela chorar até quando ela quisesse!”.

Figura 44 - Maya: 13 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 45 - Maya: 21 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

A terceira categoria de *stories* referente à bebê é intitulada “Demanda de atenção”. Ela é constituída por 35 postagens, correspondendo a 21,6% do total de materiais coletados integrados por Maya. Essa categoria corresponde a momentos em que a mãe mostra situações (ou fala sobre elas) nas quais a menina requer atenção, energia e paciência dos adultos. Aqui,

existem dois pontos que devem ser examinados: o tom de reclamação empregado nos conteúdos produzidos pela mãe e as ações da bebê. É possível perceber esses aspectos na Figura 46, que se trata do *frame* de um vídeo postado em 06 de junho de 2022, no qual Amanda está sentada em um sofá e afirma que aproveitará o momento para “tomar um café em paz” (DOMENICO, 2022) antes de buscar as crianças na escola, porque quando elas estão em casa é “muita barulheira, grito e música” (DOMENICO, 2022). Pode-se compreender, por meio da fala da influenciadora digital, que os sons produzidos pelos filhos lhe “tiram-lhe a paz” e que só é possível estar descansada quando eles estão longe. Nesse vídeo em que Maya é mencionada, ela não aparece, apenas é citada; portanto, somente é possível ter a visão de Amanda sobre o tema em questão, sem ter acesso aos reais acontecimentos ou ao ponto de vista da bebê. Outra situação ocorreu no dia 16 de junho de 2022 e está representada na Figura 47. Amanda escreve em uma foto que Maya está com uma expressão serena no rosto, sentada em um cavalo de brinquedo de um carrossel e segurando-se em um suporte para não cair do brinquedo. Foi adicionada a legenda: “Vim parar num carrossel! R\$ 15,00 para cada filho dar 4 voltas”. Pode-se perceber, pela manifestação da microcelebridade, que ela considera oneroso levar seus filhos a parques de diversão ou a outros espaços com brinquedos, sentindo certo desconforto; porém, a leitura dos indícios da foto sugere que o ponto de vista de Maya em relação ao momento é de tranquilidade.

Situações como essas se repetem ao longo dos *stories*. Por exemplo, quando Amanda diz para seus seguidores que está cansada e não sabe mais o que fazer com os filhos, por isso os colocou para brincar com tinta dentro da banheira, ao mesmo tempo em que as crianças aparecem rindo e se divertindo com a brincadeira proposta. Também quando a influenciadora afirma que precisa maquiar-se rapidamente porque as crianças estão ao seu redor, ou ainda quando posta uma foto com duas mochilas infantis com a legenda “Quando pensa que agora dormiram, acabou? Não! Tem que arrumar as mochilas para amanhã”. Nessa situação, entretanto, nenhuma criança aparece; elas só são representadas pelas mochilas que utilizam.

Figura 46 - Maya: 06 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 47 - Maya: 16 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

A quarta categoria encontrada entre os conteúdos foi intitulada “Tarefas rotineiras” e contém 74 postagens, representando 45,7% dos *stories* com Maya presente. Nelas, a bebê pode ser vista desenvolvendo ações do seu cotidiano que fazem parte de um contexto social e espacial, assim como Tedesco (1999) afirma sobre a cotidianidade. A Figura 48 trata-se de uma foto publicada em 05 de junho de 2022, mostrando Maya sentada ao lado de seu irmão, ambos dentro de um carrinho de supermercado em um espaço que aparenta ser um estacionamento. Os dois estão com expressões sérias no rosto, mas aparentam tranquilidade. Na foto está adicionada a legenda “Bom dia! Hoje decidi arrumar para minha cabeça [fazendo referência ao trabalho que ir ao supermercado com duas crianças pode dar] e fui no mercado com esses dois”. Em consonância com as ideias de Balandier (1983), pode-se compreender que essa ação cotidiana aconteceu em um espaço aberto, onde atividades coletivas costumam acontecer. Já a Figura 49, um *frame* de vídeo postado em 06 de junho de 2022, mostra uma atividade rotineira, aparentemente simples, localizada em um ambiente fechado (BALANDIER, 1983), a residência da família. Amanda caminha pela casa com Maya no colo. A menina está tomando mamadeira, suas feições aparentam sonolência, ela fala “Tchau” e abana. É adicionado ao vídeo a legenda “Ela da (*sic*) boa noite pra todo mundo”, dando a entender que a mãe leva a bebê para se despedir dos parentes antes de se recolher para dormir.

Figura 48 - Maya: 05 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Figura 49 - Maya: 06 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022a).

Faz-se importante ressaltar que, em seu perfil no Instagram, Amanda Domenico tem o intuito de mostrar a sua rotina e a dos seus filhos, sendo predominantemente esses os personagens que se revelam nos conteúdos; os demais membros da família aparecem em raras situações. Assim sendo, não é possível afirmar que Maya é uma bebê integrada e que está presente em todos os momentos da família. De acordo com o que é exibido na rede social, os espaços e as situações para a criança são delimitados e separados dos adultos, tendo em vista que, em suas aparições, ela está brincando sozinha ou com o irmão e comendo sozinha. Ademais, em *stories* nos quais Amanda está na cozinha, por exemplo, Maya está sentada em um canto afastado brincando ou lhe é solicitado que saia do ambiente.

Essa separação entre os mundos adulto e infantil é percebida por Ariès (1981), que discorre acerca do progresso do sentimento de infância ao longo do tempo. A cisão ocorreu, principalmente, a partir do advento das escolas, porque era compreendido que as peculiaridades da vida adulta atrapalhavam o desenvolvimento e a aprendizagem adequada das crianças, causando uma ruptura social segundo a qual elas permaneciam em um espaço inacessível ao mundo considerado adulto. Para o autor,

a partir de certo período [...], e, em todo o caso, de uma forma definitiva e imperativa a partir do fim do século XVII, uma mudança considerável alterou o estado das coisas que acabo de analisar. Podemos compreendê-la a partir de duas abordagens distintas. A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato

com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida a distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. (ARIÈS, 1981, p. 11)

Ainda que possa ser observado esse distanciamento de Maya, a menina é vista em suas atividades cotidianas, mostrando-se como um sujeito atuante em seu meio, que se apropria da cultura e dos costumes que a rodeiam, reproduzindo-os e recriando-os constantemente no seu cotidiano. Podem ser averiguados esses acontecimentos em postagens nas quais Amanda Domenico compartilha imagens da filha beijando suas bonecas, comendo sozinha e urinando em pé ao lado do seu irmão. A própria mãe afirma que a bebê “imita” o que o irmão mais velho faz; no entanto, percebe-se uma apropriação das condutas da criança e a ressignificação, em conformidade com as diretrizes da Sociologia da Infância já exploradas.

Em contrapartida, as explorações do mundo que está ao seu redor e as descobertas do próprio corpo pela bebê são registradas e divulgadas pela mãe na rede social como atos cansativos, bagunceiros, estridentes e incomodativos, fazendo com que a imagem simbólica (DURAND, 2012) transmitida por esse perfil do Instagram seja a de “bebê exaustivo”. A extenuação de Amanda em relação à rotina com Maya mostra-se exacerbada, tendo em vista que, no período de 30 dias, foram publicados 35 *stories* contendo desabafos e reclamações a esse respeito, além de satisfação quando a bebê estava longe.

5.4 TIA DANI

Tia Dani é o nome do perfil do Instagram criado e administrado por Daniela Gouvêa Amorim Caneppele, uma mulher de 34 anos que reside na cidade de Itaperuna, no estado do Rio de Janeiro. Sua história de vida e sua formação não são divulgadas nas redes sociais de sua autoria, assim como em *sites* que se referem aos influenciadores digitais. Em 2016, Daniela deu início ao seu canal no Youtube e aos perfis no Instagram e no Facebook, com objetivo de compartilhar momentos divertidos em família, passeios e comemorações. Ela é casada com o médico Aldo Caneppele e é mãe de Sofia (seis anos), João (quatro anos) e Aldinho (menos de um ano de idade).

Desde que foram criados os perfis nas redes sociais, Tia Dani mantém o mesmo tipo de conteúdo, com foco na vida cotidiana de todos os membros da família, em especial dos seus filhos. No Instagram, onde são compartilhados momentos do dia a dia, são feitas

postagens sem regularidade no *feed* e nos *stories*. No Youtube, são disponibilizados vídeos com frequência quase diária e com tema específico, porém filmados e editados de modo amador e natural. A página do Facebook contém fotos e vídeos curtos mostrando comemorações em família, mas estava há cerca de quatro meses sem postagens na ocasião da coleta de dados. Os materiais produzidos para as redes supracitadas não possuem variedade, mas derivações. Enquanto no Instagram são disponibilizados pequenos momentos de um dia, no Youtube são publicados vídeos com cerca de 13 minutos de duração contando e mostrando detalhes daquele determinado dia.

No perfil do Instagram, Daniela intitula-se influenciadora digital e mãe de três crianças. Afirma que aquele espaço é destinado ao compartilhamento de uma vida real. Além disso, informa que é casada. Disponibiliza para os seguidores o seu e-mail e o endereço de sua caixa postal, a fim de que possam entrar em contato ou enviar presentes. Por fim, afirma que deseja alcançar 5 milhões de seguidores no Youtube (no período da coleta de dados tinha 4,75 milhões), fornecendo o *link* do seu perfil na plataforma de compartilhamento de vídeos para que seus seguidores acessem (Figura 50).

O perfil do Instagram possui selo de verificação, comprovando que se trata de uma conta de pessoa notável e real (LEAVER *et al.*, 2020). Conta com mais de 115 mil seguidores, evidenciando que se trata de uma influenciadora digital.

Figura 50 - Perfil de Tia Dani no Instagram



Fonte: Instagram (2022c).

Durante o período de 30 dias para coleta de dados para análise, de 1º a 30 de junho de 2022, o perfil postou um total de 251 *stories*, sendo 156 vídeos, 80 fotos e 15 *boomerangs*.

Tia Dani não possui regularidade na quantidade de material disponibilizado para seus seguidores, passando períodos de dois dias sem postagens, mas publicando entre 8 e 30 *stories* diários em outros períodos.

Seguindo a metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), na sequência da contagem dos materiais foi feita a sua categorização. Nessa etapa, foram percebidos três grupos de conteúdos, e optou-se por classificá-los da seguinte maneira: “Práticas habituais”; “Compartilhamento de postagem ou *stories* de outro perfil”; “Bebê”.

Tabela 4 - Tia Dani: categorias da pré-análise

Categorias da pré-análise	Qnt.	%
Práticas habituais	175	69,7%
Compartilhamento de postagens ou <i>stories</i> de outro perfil	13	5,2%
Bebê	63	25,1%
Total	251	100%

Fonte: Autora (2022).

Segundo a Tabela 4, o grupo de pré-análise que conta com o maior número de postagens é “Práticas Habituais”, com 175 *stories*. Os conteúdos associados a ele são momentos cotidianos, em espaços privados e públicos, além de alguns contarem com a presença de pessoas externas à família; porém, *não revelam a presença do bebê ou menção a ele*. Pode-se destacar nessa categoria a Figura 51, que diz respeito ao *frame* de um vídeo postado no dia 02 de junho de 2022, no qual Tia Dani filma de longe o seu marido deitado no sofá da residência da família, assistindo a um desenho animado na televisão. Quando Aldo percebe, começa a rir. Ao vídeo foi adicionada a legenda “E quem aí também gosta de assistir um desenho”. O segundo destaque é a Figura 52, um *boomerang* de um bolo sendo cortado com uma faca, com a legenda “Tpm *mode on*”.

Em ambos os destaques é possível observar fatos que aparentemente são insignificantes, mas dos quais é possível extrair essências que caracterizam a sociedade, assim como afirma Lefebvre (1991). É caracterizado, em nossa sociedade, que desenhos animados são programas infantis; assim, quando um adulto gosta de assistir a esse conteúdo, ele é tachado de infantil ou seu gosto é interpretado como um resgate de uma época especial, a infância. Aparentemente, foram esses motivos que levaram tanto Daniela a registrar o marido

vendo essa categoria de entretenimento e quanto Aldo a rir quando percebeu que fora flagrado. Nesse mesmo sentido, é comum a associação do período de Tensão Pré-Menstrual (TPM) das mulheres à alta ingestão de comidas açucaradas. Sendo assim, Daniela inseriu a breve legenda sinalizando que estava com TPM para que os seguidores compreendessem o significado daquele pedaço de bolo que estava sendo cortado.

Figura 51 - 02 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

Figura 52 - 21 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

A segunda categoria de pré-análise foi identificada como “Compartilhamento de postagens ou *stories*”, representando 5,2% do total de dados coletados. Como exemplo, temos as Figuras 53 e 54. Ambas são *frames* de vídeos publicados em 02 e 05 de junho, respectivamente. A primeira é um *story* produzido por Vanessa Marques (@nessamarques24), mostrando seu filho Felipe Gabriel e sua filha Maria Ísis sentados em um sofá e assistindo televisão, onde está sendo exibido um vídeo do canal do YouTube da Tia Dani. A postagem oficial conta com a marcação do perfil de Tia Dani; no momento do compartilhamento por Daniela, foi inserida a legenda “E esse príncipe concentrado. Morri de amores com essa duplinha”. A outra figura é um *story* desenvolvido pelo perfil Festas Cia Anima (@festasciaanima), a qual mostra duas crianças brincando em um gramado com a legenda “@tiadani”. Essa empresa de organização de eventos infantis trabalhou no dia 04 de junho com Tia Dani na produção da festa de aniversário de seu filho João. Pode-se compreender que esse vídeo foi produzido nesse dia, durante a comemoração do aniversário, e publicado em 05 de junho, quando a influenciadora compartilhou-o em seu perfil.

Figura 53 - 02 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

Figura 54 - 05 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

As categorias de pré-análise explicitadas e descritas anteriormente fazem parte do total de publicações realizadas por Tia Dani. Apesar de elas não contarem com a presença do bebê ou fazerem menção a ele, auxiliam na compreensão do contexto em que ele está inserido. Fica evidente que Daniela tem como propósito utilizar as redes sociais para produzir e distribuir conteúdos relacionados ao seu dia a dia e ao de sua família; porém, a ausência de anúncios publicitários e de agradecimentos por presentes recebidos de empresas e seguidores demonstra que o trabalho de influenciadora digital não conta com grande retorno financeiro atualmente, não sendo sua principal fonte de renda. Não é explicitado se a microcelebridade possui outra atividade remunerada além das aparições em redes sociais.

Apesar disto, a atividade de influenciadora digital conta com a presença e a colaboração de diversas pessoas, como marido, filhos e amigos, sendo todos eles exibidos em suas produções de conteúdo; por vezes, são os protagonistas de fotos, vídeos e *boomerangs*. Ademais, é importante ressaltar que a quantidade de *stories* do perfil de Tia Dani revela que não é propósito compartilhar com os seguidores todos os momentos cotidianos, porque são mostradas atividades e comemorações esporádicas e sem muitos detalhes. Como exemplo do não compartilhamento de detalhes, temos no dia 26 de junho de 2022 a postagem de apenas uma foto sem o bebê (Figura 55), composta por uma xícara de café e um sanduíche, com um GIF que aparece e desaparece com a mensagem “bom dia”, sem explicação do que significa, de quem irá comer o lanche e de qual é o motivo de o sanduíche estar em cima de um guardanapo, e não em um prato. Entre o material coletado para análise, podem ser notadas

diversas inserções como essa, sem explicações e que deixam a interpretação por conta dos leitores.

Figura 55 - 26 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

Diante do cenário identificado, temos a última categoria, intitulada “Bebê”. Ela corresponde a 25,1% de todos os *stories* publicados por Tia Dani no mês de junho de 2022. Esse grupo diz respeito aos conteúdos que mostram ou mencionam Aldinho, filho mais novo de Daniela e Aldo Caneppele, com menos de um ano na ocasião. Em conformidade com as orientações de Bardin (2011) sobre Análise de Conteúdo, as 63 imagens foram isoladas, classificadas, enumeradas e examinadas para que houvesse uma apuração dos elementos e das características das imagens simbólicas pertencentes ao bebê exibido no perfil do Instagram de Daniela. A partir disso, foi possível identificar três classificações nos conteúdos em que o bebê está presente: “Conversa”; “Contemplação de tarefas rotineiras”; “Poses para foto”.

O grupo “Conversa” conta com 18 *stories*, correspondendo a 28,6% dos materiais que envolvem o bebê. Nesse agrupamento, estão os vídeos em que alguma pessoa está conversando com ele, com o tom de voz infantilizado ou não, perguntando aos seguidores se compreenderam o que ele estava comunicando ou mesmo falando como se fossem Aldinho. É possível destacar o vídeo publicado em 25 de junho (Figura 56), o qual mostra Daniela sentada com o bebê no colo, num ambiente que parece ser uma cozinha. Em primeiro plano está uma caneca que possivelmente está em cima da mesa, assim como o celular que está sendo utilizado para gravar o vídeo. O bebê aparece sorrindo e colocando a língua para fora

da boca, até que Daniela fala em tom infantilizado, como se fosse Aldinho falando: “Bom dia, pessoal. Bom dia, pessoal”. Então, ela segue com voz infantilizada, mas assumindo a fala: “Quem aprendeu a dar a linguinha? Conta para o pessoal. Cadê a linguinha, bebê? Cadê a linguinha do bebê?”. Foi adicionado ao conteúdo a legenda “Tô dando conta dessa linguinha não”.

No dia 08 de junho houve outra publicação em vídeo em que Daniela fala com Aldinho (Figura 57). Aqui o bebê está deitado em uma balança pediátrica, dando a entender que está em uma consulta médica, quando a influenciadora fala “Vamos ver quanto está pesando a minha bolotinha”. Além disso, foram inseridas as legendas “Dia de ver a tia @dralorezagottardi”, “4 meses - 66cm” e “Só leite materno. Orgulho da mamãe”.

Essa categoria identificada vai ao encontro das ideias de Brannigan e Humphries (1981) e Benjamin (1987), já trabalhadas na presente tese. Esses autores afirmam que a linguagem verbal está relacionada à evolução humana e foi adquirida recentemente; antes, as pessoas comunicavam-se por meio de repertórios corporais, assim como Aldinho, que repetidamente coloca a língua para fora da boca ou movimentava braços e pernas enquanto está deitado na balança. A proximidade e a relação cotidiana da mãe com o bebê permitiram que desenvolvessem códigos de comunicação para que pudessem se expressar e ser compreendidos. As atividades exploratórias de Aldinho aparecem sendo respeitadas, assim como propõe Dolto (*apud* LEDOUX, 1992), o que significa que ele está comparando seu corpo e seus conhecimentos, desenvolvendo seu intelecto e seu afeto.

Figura 56 - Aldinho: 25 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

Figura 57 - Aldinho: 08 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

O segundo grupo de imagens, nomeado de “Pose para foto”, representa 20,6% do total de publicações em que o bebê aparece ou é mencionado. Os 13 *stories* correspondentes são formados por fotos nas quais as pessoas envolvidas posicionam-se para que a fotografia seja registrada, objetivando eternizar encontros e momentos. Percebe-se que tais conteúdos não são exemplos fiéis do cotidiano por serem forjados; contudo, são formas de conservar a memória de um acontecimento do cotidiano.

Por exemplo, a Figura 58 é uma foto postada em 16 de junho de 2022, feita para eternizar uma viagem que Tia Dani fez com o marido e os filhos. Na imagem, Daniela está em determinado local do *resort* em que a família se hospedou posando para a foto, segurando o carrinho em que Aldinho está sentado. Foi adicionada a legenda “Curtindo a natureza @fazendaecoresort”, fazendo menção à Fazenda Gamela Eco Resort. Apesar de o bebê aparecer na imagem, ele está com a maior parte do corpo coberta pelo carrinho e aparentemente está dormindo, ou seja, não está ciente do que está acontecendo. Outro exemplo é a Figura 59, uma foto compartilhada no dia 18 de junho, na qual Daniela está com toda a sua família e com amigos posando para a fotografia no momento em que participavam de uma Festa Junina, contexto percebido pelas vestimentas de estampa xadrez e fitas penduradas na decoração do ambiente. Foi adicionada a legenda “Com os de sempre” e foram marcados os perfis do Instagram dos amigos que ali estavam. Aldinho não está utilizando roupa característica da festa; está no colo de sua mãe, acordado, porém olhando para uma direção que não é a da máquina fotográfica.

Ambos os momentos parecem ser de alegria e comemoração, o que os envolvidos desejam perpetuar, e isso Daniela divide com as pessoas que a seguem nas redes sociais. O bebê está presente nessas imagens. Ele é percebido como um integrante de uma família e de um grupo social, atuando do mesmo modo que todas as outras pessoas. O bebê incorpora a cultura em que está inserido e atua nela, como fica evidente a partir de sua participação na Festa Junina.

Figura 58 - Aldinho: 16 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

Figura 59 - Aldinho: 18 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

A última categoria identificada conta com 32 imagens e corresponde a 50,8% das referências ao bebê. O grupo intitulado “Contemplação de tarefas rotineiras” refere-se a vídeos e fotos em que Daniela registra momentos cotidianos de Aldinho e demonstra, através comentários ou legendas, que está feliz e satisfeita com os progressos no amadurecimento do filho ou que simplesmente o admira e o considera belo.

No dia 02 de junho, Daniela postou nos *stories* um vídeo em que o bebê está deitado em seu berço, explorando o móvel que está pendurado na altura de sua cabeça (Figura 60). A legenda adicionada é “E essa paz? Mamãe fica só admirando”, manifestando que Tia Dani está contente pelo fato de o bebê estar calmo e brincando sozinho. No dia 12 de junho, também foi postado um vídeo em que está acontecendo uma atividade rotineira. Daniela caminha com Aldinho no colo, e ele está com as costas apoiadas na sua barriga, em posição que privilegia a exploração do ambiente. Ela explica para o bebê o que há no espaço em que estão, um sítio com criação de galinhas e bodes (Figura 61). Ao conteúdo foi adicionada a legenda “E quem também tá amando a criação”, o que revela que o bebê está gostando de conhecer o lugar e os animais e que a mãe está satisfeita com a situação.

Figura 60 - Aldinho: 02 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

Figura 61 - Aldinho: 12 de junho de 2022



Fonte: Instagram (2022c).

As três categorias identificadas nos *stories* em que Aldinho aparece (“Conversa”, “Contemplação de tarefas rotineiras” e “Poses para foto”) evidenciam que o bebê é exibido aos seguidores do perfil do Instagram de Daniela Caneppele (@tiadani) como um “bebê anjo”. Essa denominação e identificação de imagem simbólica pode ser constatada a partir das figuras exibidas anteriormente, nas quais são notadas e trazidas à tona ações que validam a graça e a idealização da primeira infância como um momento belo.

A publicação em que Aldinho está deitado sobre uma balança pediátrica e sua mãe o chama de “minha bolotinha” reforça a ideia de que um bebê bonito e saudável é aquele que tem as bochechas rosadas e o corpo com formas arredondadas. O próprio historiador Philippe Ariès (1981) informa que, durante o período do Renascimento (entre os séculos XIV e XVII), os pintores retratavam as crianças pequenas conforme o que era idealizado na época, ou seja, suas imagens eram semelhantes a imagens santas, com os contornos de rostos salientes e avermelhados, geralmente nuas e portando asas, como forma de ilustrar o amor, a inocência e a juventude eterna. Ademais, quando eram pintadas com suas famílias, as crianças eram colocadas ao centro, sendo a figura principal e o elo entre os familiares.

Na fase do Renascimento, as crianças conquistaram a individualidade e a infância passou a ser considerada como fase única na vida, nutrindo-se o anseio de eternizá-la (ARIÈS, 1981). A partir disso, as pinturas e, posteriormente, as fotografias tornaram-se relevantes para as famílias e os bebês colocados em lugar de destaque. Essa centralidade do bebê também

pode ser vista na Figura 59, na qual Aldinho está no colo de sua mãe, rodeado de parentes e amigos da família.

Outro ponto de corrobora a identificação da imagem simbólica de “bebê anjo” são as falas e as legendas das publicações, as quais reiteram as ideias de amor eterno e inocência: “paz”, “orgulho da mamãe”, “menino importante”, “amor para recordar”, “vida”, “obrigada, Papai do Céu”, “como eu amo admirar todos os detalhes do meu anjinho”, “dádiva divina”, entre outras expressões.

5.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

De acordo com os dados coletados nos perfis do Instagram de Flavia Calina (@flaviacalina), Amanda Domenico (@amandadomenico) e Daniela Caneppele (@tiadani), propõe-se um quadro comparativo contendo as informações de cada um, dos *stories* e dos respectivos bebês que neles aparecem.

Quadro 1 - Comparativo dos perfis do Instagram

	Flavia Calina (@flaviacalina)	Amanda Domenico (@amandadomenico)	Daniela Caneppele (@tiadani)
Seguidores no Instagram	2,8 milhões	1,4 milhão	115 mil
Considera-se especialista em assuntos relacionados a bebês	Sim	Sim	Não
Quantidade de <i>stories</i> no período	471	809	251
Quantidade de <i>stories</i> em que o bebê aparece ou é mencionado	99	162	63
Ano de início do trabalho como influenciadora digital	2009	2010	2016
Idade	39 anos	27 anos	34 anos

Quadro 1 - Comparativo dos perfis do Instagram - Continuação

	Flavia Calina (@flaviacalina)	Amanda Domenico (@amandadomenico)	Daniela Caneppele (@tiadani)
Local de residência	Wisconsin - EUA	Balneário Camboriú – SC	Itaperuna - RJ
Realiza publicidades	Sim	Sim	Não
Evidência que possui outras fontes de renda	Não	Sim	Não
A família participa dos conteúdos do Instagram	Sim	Somente a influenciadora e seus filhos	Sim

Fonte: Autora (2022).

Nota: Dados coletados entre 1º e 30 de junho de 2022.

Além desses dados, é possível configurar um quadro a partir das características de imagens simbólicas dos bebês presentes em cada perfil do Instagram, conforme segue.

Quadro 2 - Categorização das imagens simbólicas de bebês por perfil do Instagram

Perfil do Instagram	Imagem simbólica	Características
Flavia Calina (@flaviacalina)	Bebê engraçadinho	<ul style="list-style-type: none"> - As comichidades realizadas pelo bebê são valorizadas, incentivadas e registradas pelos adultos. - Bebê misturado aos adultos nos ambientes e nas tarefas. - Frequentemente brincando.
Amanda Domenico (@amandadomenico)	Bebê exaustivo	<ul style="list-style-type: none"> - Bebê não é integrada aos espaços e às atividades dos adultos. - Majoritariamente realiza atividades e brincadeiras sozinha ou com outras crianças. - Demanda atenção dos adultos. - Faz sujeira com suas brincadeiras. - A mãe sente-se em paz quando está longe da bebê.

Quadro 2 - Categorização das imagens simbólicas de bebês por perfil do Instagram -
Continuação

Perfil do Instagram	Imagem simbólica	Características
Daniela Caneppele (@tiadani)	Bebê anjo	<ul style="list-style-type: none"> - Bebê calmo e realizando descobertas no mundo ao seu redor. - Sempre integrado à família e aos amigos. - Posicionado no centro das fotos. - Valorização das formas físicas arredondadas. - Legendas das publicações valorizando o amor incondicional e a inocência.

Fonte: Autora (2022).

A partir do levantamento e das análises, é possível realizar comparações entre os diferentes perfis do Instagram e as imagens simbólicas que deles emergem. No que diz respeito aos perfis, ficou evidente pelas histórias que são geridos por mães e que os conteúdos circundam a maternidade e a vida cotidiana dos filhos. Além do mais, Flavia Calina e Amanda Domenico intitulam-se especialistas em assuntos relacionados a bebês, principalmente por serem mães e dominarem determinados temas em decorrência de leituras e estudos. Essa bagagem, acrescida à exposição da rede social Instagram e à procura dos seguidores por seus conteúdos, oportunizou a elas ministrarem cursos e encontros para ensinarem outras mães a lidarem com seus filhos.

O caso de Flavia Calina mostrou-se peculiar pelo fato de as exposições no Instagram, no Youtube e no Facebook serem a principal fonte de renda de toda a família, inclusive do seu marido, Ricardo Calina, que se dedica exclusivamente a gerir e a administrar as parcerias que a esposa realiza com marcas e empresas para efetuar publicidades nas redes sociais. Ao perceber-se que a produção de conteúdos é a ocupação da família e que tais conteúdos giram em torno das crianças, vêm à tona alguns questionamentos e algumas reflexões possíveis: (a) Essa família é uma empresa em que cada membro tem seu cargo? (b) As crianças são devidamente remuneradas? (c) É possível caracterizar trabalho infantil? (d) As crianças estão cientes da dimensão de suas exposições? (e) Quais os benefícios e os malefícios ocasionados pela exposição das crianças?

Para além disso, Flavia é brasileira, mas reside há 17 anos nos Estados Unidos. Sendo assim, seus conteúdos retratam a vida cotidiana de uma família que está adaptada a uma

cultura e a uma realidade distinta daquela encontrada no Brasil. Essa diferença cultural manifesta-se na alimentação, nos passeios em família, na escola das crianças mais velhas, entre outros aspectos. Indaga-se, então, é essa distinção cultural que faz com que o perfil de Flavia Calina seja o mais acessado e acompanhado por mães brasileiras. As diferenças podem aguçar a curiosidade e o desejo de poder viver aquele cotidiano. Pode ser uma forma de “vivenciar a distância” passeios pelos parques da Disney ou pelas Cataratas do Niágara; porém, apenas será possível saber ao certo se houver aprofundamento nesse tema.

Em relação ao bebê desse perfil, foi identificada, com base nas categorias e nas características, a imagem simbólica de “bebê engraçadinho”, relacionada a Charlie, com dois anos de idade, o filho de Flavia e Ricardo Calina. Ele é percebido transitando com naturalidade entre as pessoas mais velhas (crianças e adultos), parecendo ser corriqueiro que faça tarefas domésticas auxiliado por sua mãe, que brinque com as amigas dela e que esteja presente em celebrações, como o aniversário do pai. As comichadas e as brincadeiras produzidas pelo bebê durante o período de coleta do material não foram tolhidas ou repreendidas; ao contrário, foram incentivadas e valorizadas por meio de gargalhadas e registros por fotos e vídeos, além de serem disseminadas pela matriarca. Essa percepção em relação ao bebê pode ser vista como um resgate daquilo que era idealizado nos séculos XV e XVI. Ariès (1981) afirma que, nesse período, as características pitorescas e anedóticas das crianças eram valorizadas e retratadas por pintores.

Esses aspectos identificados também vão ao encontro do que Durand (2012) denomina de Regime Noturno, isto é, aquele que organiza as imagens em formas equilibradoras e harmônicas. Atitudes de passividade e tranquilidade são vistas em Flavia quando se mostra compreensiva e apaziguadora no que concerne às agitações, às curiosidades e às brincadeiras bruscas de Charlie, que está aprendendo a lidar com o próprio corpo, com os objetos e com as pessoas ao seu redor.

No segundo perfil analisado, o de Amanda Domenico, igualmente ficou claro que os trabalhos relacionados à influência digital são a principal fonte de renda da microcelebridade. Seu esposo, contudo, não participa nem age em conjunto; pelo contrário, é empresário e, por vezes, Amanda produz publicidade para o restaurante administrado por ele. Em contrapartida, assim como no Instagram de Flavia Calina, a vida cotidiana dos filhos do casal e a maternidade são o tema central das postagens e dos conteúdos. As crianças, portanto, aparecem ou são mencionadas com frequência.

A influenciadora parece explorar a rotina cotidiana em detalhes para a produção de conteúdos, tendo em vista que até as atividades mais íntimas de cada indivíduo são registradas

e disseminadas na rede social. É possível averiguar isso quando, além de filmar a si mesma tomando banho, escovando os dentes e penteando os cabelos, Amanda também grava seus filhos nesses momentos. Durante o período de 30 dias destinados à coleta de materiais para análise, foi possível identificar filmagens da criança mais velha (Rhavi, de três anos) sentada no vaso sanitário fazendo suas necessidades fisiológicas, além de diversos registros das crianças (filhos e sobrinho de Amanda) nuas tomando banho, com suas partes íntimas cobertas apenas pela mão da influenciadora.

Assim como a presença dos filhos de Flavia Calina nas postagens suscitou alguns questionamentos, a exposição íntima dos filhos de Amanda Domenico também instigam perguntas, como: (a) As crianças estão cientes de que estão sendo filmadas nesses momentos? (b) Esse tipo de conteúdo é realmente desejado pelos seguidores? (c) Qual tipo de seguidor consome esse conteúdo? (d) Alguns direitos das crianças são violados? (e) Qual o real motivo da produção desses conteúdos?

Especificamente em relação à Maya, a bebê de dois anos que é exibido neste perfil do Instagram, a partir das categorias e das investigações realizadas, foi possível identificar a imagem simbólica do “bebê exaustivo”. As ações de exploração do corpo e do ambiente realizadas por Maya são percebidas como incomodativas, sujas, trabalhosas e até vergonhosas. Por exemplo, a situação de quando a bebê descobriu suas fezes, tocou-as, apertou-as e depois limpou as mãos nas bonecas foi divulgada por Amanda como um feito nojento, e não como uma descoberta, uma exploração (GOTTLIEB, 2009). Isso também aconteceu quando a menina abriu um vidro de esmalte e sujou suas mãos com o produto.

Ainda em relação a tais percepções, a microcelebridade repetiu por diversas vezes que se sente em paz quando a filha está longe – já que Maya é barulhenta – e que aproveita os momentos em que está sozinha porque fica tranquila. Essa impressão de que a bebê “atrapalha” faz com que as crianças sejam separadas dos adultos, não lhes sendo permitido estar em ambientes que os adultos julgam ser seus, como a cozinha. Esse movimento de separação também pode ser percebido como resgate de um comportamento que era frequente no final do século XVII, no momento em que foram instituídas as escolas e as crianças viviam uma espécie de quarentena longe da família, até que aprendessem a domar seus instintos (ARIÈS, 1981).

As características presentes nas imagens dos conteúdos produzidos por Amanda retratam o que Durand (2012) identifica como Regime Diurno, de acordo com o qual são identificadas as antíteses, sendo possível apontar o vilão e o herói, o limpo e o sujo, a paz e o desassossego. O mesmo regime diz respeito à dinâmica postural, segundo a qual a tendência é

ficar na posição ereta, assim como os bebês nos primeiros anos de vida, quando aprendem a ficar em pé e a andar para explorar com maior facilidade o que está ao seu redor.

O terceiro perfil do Instagram, o de Daniela Gouvêa Amorim Caneppele, apresenta um diferencial em relação aos anteriores: não tem como objetivo converter os conteúdos e a relação com os seguidores em ganhos monetários. Durante o período de coleta de *stories*, não houve publicidades, solicitações de engajamento nem referência direta às pessoas que assistem às publicações. Essa percepção é confirmada a partir de legendas de fotos e vídeos postados no *feed* em 2016, nas quais é explicitado que o motivo primordial da criação do perfil do Instagram e do canal do Youtube é compartilhar comemorações, viagens, passeios e momentos especiais da família, circunstâncias que envolvem a família e, por vezes, amigos. Todas essas pessoas aparecem nos conteúdos disseminados.

A periodicidade de postagens é inferior em relação aos outros perfis; sendo assim, parece que são priorizados instantes relevantes para Daniela, e não rotinas. Tais ocasiões relevantes são, majoritariamente, interações entre pessoas, como brincadeiras entre crianças, jogos de tênis entre adultos ou festas com adultos e crianças. Esse relacionamento entre os indivíduos também é percebido em relação ao bebê, que está presente nos momentos de integração, sendo acolhido e inserido por sua mãe.

Além de ser posicionado no centro das fotos, como forma de destaque, Aldinho é exibido como um bebê belo, saudável, fonte de amor, inocente e motivo de alegria para as demais pessoas. Essas características fazem com que a imagem simbólica que o determina seja a de “bebê anjo”, assim como as pinturas da época renascentista, as quais representavam os bebês semelhantes a santos (ARIÈS, 1981).

As características de equilíbrio, tranquilidade e passividade identificadas nos *stories* em que Aldinho aparece ou é mencionado podem ser associadas ao Regime Noturno das imagens, identificado por Durand (2012). A segurança familiar, a intimidade entre as crianças, a pureza das relações de amizade e o aconchego do colo de Daniela são imagens desejadas e acolhedoras, de acordo com Pitta (2017).

De maneira geral, as imagens simbólicas de bebês que puderam ser identificadas a partir dos *stories* do Instagram denotam a multiplicidade de vivências, cotidianos e culturas que formam o Brasil, os Estados Unidos e os seus povos. A rede social estudada reverbera ações comunicacionais que se dão através de ações e enredos entre os *actantes* (a própria rede, as mães que gerem os perfis, os bebês que são filmados e fotografados, os seguidores). O vínculo criado a partir da ferramenta afeta e é capaz de organizar e orientar a vida das pessoas, como fica claro nos casos de Flavia Calina e Amanda Domenico, que trabalham com

as redes sociais. Além disso, a ferramenta *Stories* é uma testemunha das formas de pensar, de experienciar e de se posicionar dos seus usuários, podendo ser utilizada como retrato de diferentes cotidianos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível acompanhar, nos mais diversos meios de comunicação, um vasto número de matérias, colunas, livros, entrevistas com especialistas e, também, influenciadores digitais fornecendo dicas e ensinando cuidadores, em especial as mães, a cuidarem de seus bebês, educando-os e ensinando-os. Por outro lado, é comum encontrar placas em bares, hotéis e restaurantes com frases indicando se tratarem de ambientes livres de crianças ou que aceitam pessoas acima de determinada idade, reforçando a restrição à primeira infância. Os processos que provocam tais comportamentos – a vontade de saber lidar e a aversão aos recém-nascidos – são complexos e refletem hábitos, conhecimentos e formas de perceber o mundo e o outro indivíduo ao longo de séculos.

Essas condutas, que por vezes são antagônicas, despertam sentimentos e dúvidas a respeito de quem realmente são os bebês. Incomodam tanto a ponto de serem barrados em determinados locais? São tão complexos que se faz necessário que um especialista explique como funcionam? A comunicação com eles é tão complicada que são necessários aplicativos de celular para fazer a tradução dos choros? Não podem ser contrariadas para não traumatizarem? Se ganharem colo demais ficam mimados? Se não ganharem colo serão adultos amargurados? Enfim, são muitas as indagações e as “verdades” tomadas como absolutas.

Diante disso, sabendo-se que atualmente muitos conteúdos são consumidos nas redes sociais, assim como nelas são expostas regras de estabelecimentos comerciais e propagados assuntos polêmicos, selecionou-se a rede social Instagram como uma janela para a identificação e a compreensão das imagens simbólicas dos bebês disseminadas entre as mães brasileiras.

Inicialmente, estabeleceu-se na tese a ideia de infância como uma construção social que se modifica de acordo com o tempo e com o espaço. Nesse caso, os bebês são percebidos como sujeitos sociais e de direitos, com capacidade de se entrosar no mundo de maneira criativa, produtiva e interpretativa. Esse pressuposto advindo da Sociologia da Infância embasou, na presente tese, os diferentes olhares sobre algumas áreas do saber – Medicina, Psicologia, Educação e Comunicação –, revelando que os bebês são percebidos por elas como indivíduos em desenvolvimento, com capacidades limitadas de acordo com a idade e necessidades de aperfeiçoamento, ou como consumidores.

A partir disso, para que se pudesse perceber como os bebês são compreendidos pela sociedade, foi investigado como o cotidiano serve de berço para evidenciar características e

culturas de determinado povo. Foi preciso, portanto, reter fatos que por vezes parecem pouco importantes, mas que carregam significados que desvelam relações culturais e sociais. O caminho para se chegar a esses fatos foram as redes sociais, as quais permitem acompanhar a criação e a troca de conteúdos produzidos pelos usuários e originam uma maneira específica de organizar e orientar a vida dos que as utilizam. Em específico, selecionou-se o Instagram por conter a ferramenta *Stories*, um espaço no qual os usuários sentem-se à vontade para compartilhar momentos cotidianos, casuais e frequentes. Também por ser uma rede social que reúne influenciadores digitais, que são recrutadores de grupos sociais e porta-vozes de estilos de vida e de formas de pensar sobre determinados assuntos.

Após esses entendimentos, fez-se necessário um aprofundamento para compreender como as linguagens visuais podem ser testemunhas dos modos de vida e como a materialidade é capaz de transbordar imagens simbólicas originadas de experiências vividas pelas pessoas. Imagens essas que funcionam como bússolas arquetípicas, originárias dos eixos fisiológicos dos seres humanos, de acordo com Durand (2012).

Uma vez que os caminhos teóricos foram traçados, a aplicação empírica se deu em um estudo para identificação das imagens simbólicas dos bebês nos três perfis do Instagram mais acessados por mães brasileiras, quais sejam: Flavia Calina (@flaviacalina), Amanda Domenico (@amandadomenico) e Tia Dani (@tiadani). Sabe-se que os conteúdos produzidos por elas e postados nesses perfis são originários de mulheres, adultas e responsáveis pelos recém-nascidos. Desse modo, o que foi extraído para análise passou anteriormente pela sua apreciação, bem como as imagens simbólicas identificadas são baseadas nos recortes cotidianos feitos por elas. Nesse sentido, os materiais veiculados na rede social, são percepções, modos de agir e maneiras de estar no mundo que são compartilhados pelas pessoas que seguem os perfis das influenciadoras digitais. As imagens simbólicas expressas, então, são uma espécie de banco de dados comum entre aquela comunidade.

A primeira análise, realizada no perfil de Flavia Calina, resultou em 99 imagens nas quais o bebê Charlie aparece ou é mencionado. A partir disso, foi identificada a imagem simbólica de “bebê engraçadinho”, referente à produção de sentido para as experiências observadas, tendo em vista que os momentos de graça e comicidade realizados por ele são validados por sua mãe, que os registra e os divulga, além de gargalhar com essas situações. Dessa forma, entende-se que a postura engraçada e de realização de peripécias é esperada de um bebê e até incentivada por Flavia e pelos seguidores, que validam os conteúdos postados. Assim como as imagens simbólicas são construídas por meio de resgates e racionalizações de outras imagens, o “bebê engraçadinho” recupera a ideia de que o lugar dos bebês é em meio

aos adultos e que suas principais características eram a graça e a comicidade. Tais peculiaridades em relação aos bebês podem ser vistas nos quadros produzidos entre os séculos XV e XVI, conforme destaca Ariès (1981).

Durante o percurso de análise desse perfil, um ponto mostrou-se relevante: o fato de ele ser o mais assistido e acompanhado por mães brasileiras, apesar de a influenciadora residir há 17 anos nos Estados Unidos. Durante esse período, Flavia incorporou a cultura, os hábitos e a língua daquela comunidade. Os conteúdos postados no Instagram, conseqüentemente, revelam uma realidade distinta daquela vivenciada pelas pessoas que a seguem. Essa situação revela-se peculiar e curiosa: qual é, afinal, o real motivo de muitas mães seguirem Flavia? Outro ponto é que, nas diretrizes para os usuários do Instagram, está explícito que a plataforma só pode ser usada por maiores de 13 anos de idade. Sabendo-se que a gestora da conta tem 39 anos, porém majoritariamente posta conteúdos relacionados aos filhos (oito anos, cinco anos, dois anos e outro em período de gestação), estaria caracterizada aí uma violação das regras da rede social? Além disso, é perceptível que as redes sociais são a principal fonte de renda de toda a família e têm como tema a vida cotidiana dos seus integrantes. As imagens tanto dos adultos quanto das crianças são monetizadas, trazendo à tona questões sobre uso de imagem e trabalho infantil. Charlie, o bebê examinado neste perfil, tem uma exposição contínua, sem horários e sem diferenciação do que é intimidade e do que é trabalhado para ser exposto. Também não há controle dos valores que ele deveria receber, a fim de que isso possa ser solicitado aos pais no futuro, e não há vigilância sobre a saúde mental nem liberação judicial para realização das atividades remuneradas exercidas pelo bebê.

A segunda análise foi desenvolvida a partir do perfil de Amanda Domenico. Nas 162 imagens em que a bebê Maya é mostrada ou nas quais se fala algo a respeito dela, foi identificada a imagem simbólica que faz referência ao “bebê exaustivo”. Tal achado se deu diante dos incômodos revelados pela influenciadora digital em relação à convivência com a recém-nascida. Essa extenuação envolvendo a rotina fez com que Maya, apesar de coabitar os mesmos espaços que os adultos da família, fosse apartada ou impedida de dividir certos momentos com os demais. Por exemplo, algumas refeições são realizadas à mesa, porém a bebê não compartilha a situação com os demais moradores da residência, comendo sozinha.

Essa ideia de que os bebês precisam estar em locais diferenciados para que possam desenvolver-se de maneira adequada ou porque não possuem educação e controle sobre seus impulsos pode ser vista a partir do final do século XVII, quando as escolas passaram a ser os ambientes adequados para as crianças, a fim de que pudessem interagir com pessoas da mesma idade e longe do mundo adulto. Nesse ambiente estariam seguras, longe das mazelas,

interagindo com seus pares e aprendendo a lidar com o mundo do lado de fora das paredes escolares.

Para além da imagem simbólica identificada nesse perfil do Instagram, foram verificadas postagens de conteúdos em que Amanda Domenico compartilha momentos reservados dos filhos (que têm dois e três anos), como fazendo as necessidades fisiológicas no vaso sanitário e tomando banho. É preciso ressaltar que as partes íntimas das crianças são sempre cobertas pela influenciadora; contudo, o contexto e a cena são explícitos. Nesse sentido, é importante lembrar que, na Constituição Federal brasileira, está previsto que é dever da família zelar pela dignidade das crianças, o que inclui a exposição excessiva desconhecida pelos indivíduos em questão. Além disso, Maya e Rhavi assumiram, por opção da mãe, o sustento familiar ao terem suas imagens exibidas, tendo em vista que Amanda afirma que seu sustento é proveniente dos materiais divulgados nas redes sociais.

A terceira análise, realizada no perfil de Daniela Caneppele, identificou 63 imagens em que o bebê Aldinho aparece ou é mencionado. Nesse caso, foi reconhecida a imagem simbólica do “bebê anjo”, tendo em vista que são muitos os momentos em que a graça e a inocência são predominantes, assim como são mencionadas as características corporais arredondadas do recém-nascido. A valorização dessas características podem ser recuperadas do período renascentista, entre os séculos XIV e XVII, quando os pintores retratavam os bebês idealizados naquela época, similares a imagens santas, relacionando-os ao sentimento de amor e à ideia de juventude eterna.

A partir de tais achados, é possível compreender que, ao longo dos séculos, houve momentos em que os bebês foram percebidos de determinados modos, representando a visão da maior parte das pessoas. Atualmente, todas essas ideias se misturam, tanto é que temos aqui três imagens simbólicas distintas convivendo no mesmo período. Com a diversidade de pensamentos existente, a facilidade de expressão através das redes sociais tornou-se um caminho para que realidades distintas sejam expostas e conhecidas. Além do mais, esse recurso pode propiciar a união pessoas que possuem pontos de vista semelhantes.

Em contrapartida, a possibilidade de compartilhamento e a liberdade de exibição das vidas cotidianas desvelam algumas problemáticas no tocante aos direitos dos bebês, à responsabilidade dos pais e aos limites de exposição. Tais questões, apesar de estarem diretamente ligadas à área da Comunicação, ainda se revelam incipientes, assim como os olhares de pesquisadores da área sobre os recém-nascidos. É emergente, portanto, o aprofundamento de estudos relacionados a esses sujeitos, que estão cada vez mais presentes nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Meninas perdidas. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

AGRELA, Lucas. Tudo o que aconteceu no evento mais importante do Facebook. **Revista Exame**, São Paulo, abr. 2019. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/tudo-que-aconteceu-no-evento-mais-importante-do-facebook/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

AMORIM, Katia de Souza. **Linguagem, comunicação e significação em bebês**. 2012. Tese (Livre Docência em Psicologia do Desenvolvimento Humano) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/59/tde-03052019-103233/pt-br.php>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAIO, Cesar. A impureza da imagem: estéticas intersticiais analógica e digital. **Galáxia**, São Paulo, n. 28, p. 134-145, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014219195>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/19195>. Acesso em: 1 abr. 2022.

BALANDIER, Georges. Essai d'identification du quotidien. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, v. 74, p. 5-12, jan./jun., 1983. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40690265>. Acesso em: 28 out. 2021.

BARBOSA, Maria Carmem. As especificidades da ação pedagógica com bebês. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento - Perspectivas atuais**, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem/file#:~:text=Uma%20especificidade%20da%20pedagogia%20com,crian%C3%A7as%20e%20interagir%20com%20elas>. Acesso em: 09 fev. 2022.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira et al. Linguagens e crianças: tecendo uma rede pela educação da infância. **RevistAleph**, n. 19, 2013. DOI: <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i19.39064>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39064>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTING, Hans. A janela e o muxarabi: uma história do olhar entre Oriente e Ocidente. *In*: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 115-137.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**: para uma ciência da imagem. Tradução: Artur Morão. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.

BELTING, Hans. *Antropologia de la imagen*. Buenos Aires: Katz, 2010.

BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à Iconologia. **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, São Paulo, n. 8, p. 32-60, 2006. Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%208/04_belting.pdf. Acesso em: 8 abr. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIJKER, Wiebe E. How is Technology Made? – That is the Question! **Cambridge Journal of Economics**, v. 34, n. 1, p. 63-76, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1093/cje/bep068>. Disponível em: <https://academic.oup.com/cje/article-abstract/34/1/63/1702334?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em 24 mar. 2022.

BRANNIGAN, Christopher R.; HUMPHRIES, David A. Comportamento não verbal humano, um meio de comunicação. In: JONES, Blurton (org.). **Estudos etológicos do comportamento da criança**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1981. p. 37-66.

BRASIL. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm. Acesso em: 21 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 dez. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 9 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 9 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico: Mortalidade Infantil no Brasil**, Brasília, DF, v. 52, out. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/2021/boletim_epidemiologico_svs_37_v2.pdf. Acesso em: 22 dez. 2021.

CALINA, Flavia. **Sobre**. Estados Unidos, [2022]. Disponível em: <https://www.flaviacalina.com/sobre>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CAMPOS, Sandra Maria C. T. Lacerda. A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de antropologia visual. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 6, p. 275-286, 1996. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1996.109274>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109274>. Acesso em: 1 abr. 2022.

CARDOSO, Tarcísio de Sá. **A epistemologia da mediação em Bruno Latour**. 2015. Tese (Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Programa em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18191/1/Tarcisio%20de%20Sa%20Cardoso.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2022.

CARDOSO, Tarcísio de Sá. O que Latour teria a contribuir para os estudos em comunicação? **Questões Transversais**, São Leopoldo, RS, v. 7, n. 14, 2019. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/19790>. Acesso em: 26 mar. 2022.

CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. Entre amas de leite, especialistas, mães e creches: concepções sobre bebês no Brasil. **Educação**, v. 40, n. 3, p. 375-385, 31 dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2017.3.26831>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/26831>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CERIGATTO, Mariana Pícaro; CASARIN, Helen Castro Silva. As mídias como fonte de informação: aspectos para uma avaliação crítica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. Especial, p. 155-176, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4753>. Acesso em: 20 jul. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução: Enid Abreu Sobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 31-46.

COHEN, Julie E. **Configuring the Networked Self: Law, Code and the Play of Everyday Practice**. New Haven: Yale University Press, 2012.

COMCRIANÇA. **Acervo da Pesquisa Comunicação e Infância**. Brasil, [2022]. Disponível em: <https://comcriancas.com/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

CONKLIN, Beth A.; MORGAN, Lynn. Babies, Bodies, and the Production of Personhood in North America and a Native Amazonian Society. **Revista Ethos**, v. 24, n. 4, p. 657-694, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1525/eth.1996.24.4.02a00040>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/640518?seq=1>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DATAREPORTAL. **Digital 2022 Global Digital Overview**, 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>. Acesso em: 29 jul. 2022.

DEL PRIORE, Mary. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o império. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 47-58.

DESJARDINS, Rita. **L'institutionnalisation de la pédiatrie en milieu franco-montréalais 1880-1980**: Les enjeux politiques, sociaux et biologiques. 1998. Thèse (Doctorat en Histoire) – Département d'histoire, Université de Montréal, Canada, 1998. Disponível em: <https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/6778>. Acesso em: 11 nov. 2021.

DIJCK, Jose Van. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. 2. ed. Nova Iorque: Oxford, 2013.

DOLTO, Françoise. **As etapas decisivas da infância**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DOLTO, Françoise. **Le cas Dominique**. Paris: Points, 1974.

DOLTO, Françoise. **Tudo é linguagem**. Tradução: Luciano Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DOMENICO, Amanda. **Início**. Brasil, [2022]. Disponível em: <https://amandadomenico.com/pv>. Acesso em: 15 set. 2022.

DOSSE, François. **O império do sentido**: a humanização das ciências humanas. Tradução: Ilka Stern Cohen. São Paulo: Unesp, 2018.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução: Carlos Aboim de Brito. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. Tradução: Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

EBERLIN, Fernando Büscher von Teschenhausen. Sharenting, liberdade de expressão e privacidade de crianças no ambiente digital: o papel dos provedores de aplicação no cenário jurídico brasileiro. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 256-273, 2017. DOI: 10.5102/rbpp.v7i3.4821. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/2010007076?pq-origsite=gscholar&fromopenview=true>. Acesso em: 15 jun. 2022.

EVENTO FLAVIA CALINA. **Matrículas abertas**. Estados Unidos, [2022]. Disponível em: <https://eventoflaviacalina.com/matriculas-abertas/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GIBSON, James Jerome. Notes on affordances. *In*: REED, Edward; JONES, Rebecca (org.). **Reasons for realism**: Selected Essays of James J. Gibson. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1982. p. 401-418.

GITELMAN, Lisa. **Always already new: media, history and the data of culture**. Cambridge: The MIT Press, 2006.

GLOBO GENTE. **Sobre**. Rio de Janeiro, [2022]. Disponível em: <https://gente.globo.com/sobre/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GONÇALVES, Carlos Alberto Orellana. **Poética e imaginário em vídeos digitais**. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Midiática) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/12534>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma Antropologia de bebês (e de seus cuidadores). **Revista de Psicologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 313-336, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000300002>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-6564-009000300002. Acesso em: 10 nov. 2021.

GRUPO GLOBO. **Quem somos**. Rio de Janeiro, [2022]. Disponível em: <https://grupoglobo.globo.com/#quem-somos>. Acesso em: 23 ago. 2022.

HEILMAIR, Alex Florian; BAITELLO JUNIOR, Norval. A imagem como outro do corpo: considerações acerca da antropologia da imagem em Hans Belting e Dietmar Kamper. **Matrizes**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 139-159, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i3p139-159>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/151708>. Acesso em: 5 abr. 2022.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. 4. ed. Barcelona: Península, 1991.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101777>. Acesso em: 10 nov. 2021.

INSTAGRAM. **Amanda Domenico**. 2022a. Disponível em: Acesso em: <https://instagram.com/amandadomenico?igshid=OGQ2MjdiOTE=>. Acesso em: jun. 2022.

INSTAGRAM. **Apresentamos o vídeo do Instagram**. Estados Unidos, 2018. Disponível em: https://business.instagram.com/a/igtv?locale=pt_BR. Acesso em: 29 jul. 2022.

INSTAGRAM. **Flavia Calina**. 2022b. Disponível em: Acesso em: <https://instagram.com/flaviacalina?igshid=OGQ2MjdiOTE=>. Acesso em: jun. 2022.

INSTAGRAM. **Tia Dani**. 2022c. Disponível em: Acesso em: <https://instagram.com/tiadanioficial?igshid=OGQ2MjdiOTE=>. Acesso em: jun. 2022.

ITO, Daniel. 4,8 milhões de crianças vivem na pobreza extrema no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília: DF, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2021-01/48-milhoes-de-criancas-vivem-na-pobreza-extrema>. Acesso em: 9 fev. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução: Patricia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JOHNSON-LENZ, Peter; JOHNSON-LENZ, Trudy. Humanizing Hyperspace. **Context Institute**: USA, 1989. Disponível em: <http://www.context.org/iclib/ic23/jnsnlenz/>. Acesso em: 24 mar. 2022.

KAPLAN, Andreas; HAENLEIN, Michael. User of the World, Unite! The Challenges and Opportunities of Social Media. **Business Horizons**, EUA, v. 53, n. 1, p. 59-68, jan./fev. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2009.09.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0007681309001232>. Acesso em: 20 mar. 2022.

KLEIN, Alberto. A dimensão simbólica da imagem e sua sobrevivência na sociedade midiática. In: ARAÚJO, Denize Correa; CONTRERA, Malena Segura (org.). **Teorias da Imagem e do Imaginário**. Belo Horizonte: Compós, 2014. p. 12-27.

LAMPE, Cliff *et al.* Inherent Barriers to the Use of Social Media for Public Policy Informatics. **The Innovation Journal: The Public Sector Innovation Journal**, v. 16, n. 1, p. 2-17, 2011. Disponível em: https://innovation.cc/scholarly-style/2011_16_1_6_lampe_social_media.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LAW, John. Notes on The Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF01059830>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01059830>. Acesso em: 25 mar. 2022.

LEAVER, Tama *et al.* **Instagram: Visual Social Media Cultures (Digital Media and Society)**. Cambridge: Polity, 2020.

LEDOUX, Michel H. **Introducción a la obra de Françoise Dolto**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução: Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne I**. Paris: L'Arche Editeur, 1958.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne III**. Paris: L'Arche Editeur, 1981.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**: Teoria Ator-Rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103-127, 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/geografia-da-infancia-territorialidades-infantis>. Acesso em: 10 dez. 2021.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MARWICK, Alice Emily. **Status update: celebrity, publicity, and branding in the social media age**. EUA: Yale University Press, 2013.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o império. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 74-95.

McNEAL, James U. **Children as consumers of commercial and social products**. Washington: Pan American Health Organization, 2000.

McNEAL, James U. **On becoming a consumer: development of consumer behavior patterns in childhood**. Amsterdã: Elsevier, 2007.

MICROSOFT. **Criar e editar um Wiki**. Washington, 2019. Disponível em: <https://support.microsoft.com/pt-br/office/criar-e-editar-um-wiki-dc64f9c2-d1a2-44b5-ac59-b9d535551a32>. Acesso em: 24 mar. 2022.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 391-403, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KCzYRkzkm6fSdzLFvBQGjwJ/?lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2021.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Tradução: Luciano Trigo. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORUZZI, Andrea Braga; ALONSO, Giovana. Bebês e crianças pequenas no debate sobre cultura infantil. **Revista Internacional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 653-675, maio/ago. 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.45966. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45966/33724>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MOZÈRE, Liane. Como aceder ao desejo das crianças pequenas e como sustentá-lo? **Proposições**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 31-44, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642515>. Acesso em: 17 nov. 2021.

MULLIN, Molly H. Mirrors and windows: sociocultural studies of human-animal relationships. **Annual Review of Anthropology**, v. 28, p. 201-224, 1999.

OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi. Language Socialization: An Historical Overview. *In*: DUFF, Patricia A.; MAY, Stephen S. (org.). **Language Socialization**. 3. ed. New York: Springer, 2017. p. 3-16.

PARSONS, Talcott; BALES, Robert Freed. **Family, Socialization and Interaction Process**. Free Press: Universidade de Michigan, 1955.

PEREIRA, Milena Gomes Coutinho. **A nova face da moeda: a criança na publicidade do setor financeiro da revista Veja**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://ppgcom.uff.br/milena-gomes-coutinho-pereira/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim, Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia? **Horizontes antropológicos**, ano 16, n. 34, p. 137-157, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/3kz5pdFYfh4dZW4XFxDyBqz/?lang=pt#:~:text=Uma%20das%20poss%C3%ADveis%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20dos,produto%20e%20reprodutor%20de%20cultura>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 221-241, abr. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QJPSF95SX5vjS6dPMmbQ8Zr/?lang=pt>. Acesso em: 9 dez. 2021.

PLAISANCE, Eric. Petite enfance et reconnaissance. Analyses à partir de l'œuvre d'Axel Honneth. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, n. 50, jul./set., 2019. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n50.13998>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/13998>. Acesso em: 9 dez. 2021.

PRADO, Patrícia Dias. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro-Posições**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 110-118, mar. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644103>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PRIMO, Alex. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. **Contemporanea: Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 618-641, 2012. DOI: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v10i3.6800>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6800>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/143>. Acesso em: 9 dez. 2021.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 11-30.

RECRIA. Início. Brasil [2022]. Disponível em: <https://rederecria.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

RETTBERG, Jill Walker. Phatic Communication and Ephemeral Social Media. In: MORRIS, Jeremy Wade; MURRAY, Sarah (org.). **Appfield: Culture in the Age of Apps**. Michigan: University of Michigan Press, 2018.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. **Fundamentos pragmáticos da Teoria Ator-Rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais online**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B2QM2U>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SANTOS, Andréia Mendes dos; SCHERER, Patrícia Teresinha. Mídia e obesidade infantil: uma discussão sobre o peso das propagandas. **Revista FAMECOS**, v. 21, n. 1, p. 208-223, 2 jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.1.14304>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14304>. Acesso em: 14 dez. 2021.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, p. 63-78, jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtzwfCq9Twh6ZGq/?lang=pt>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SARMENTO, Manuel. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (org.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 17-39.

SCARANO, Julita. Criança esquecida das Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 59-73.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza (org.). **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 71-86.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Os estudos sobre a educação de bebês no Brasil. **Revista Educação Unisinos**, v. 24, p. 1-19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.18607>. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2020.241.07>. Acesso em: 05 dez. 2021.

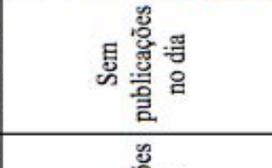
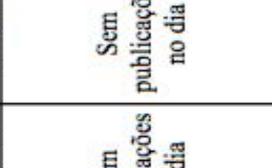
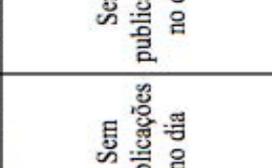
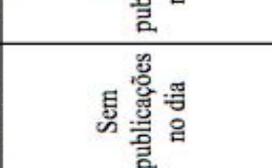
SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SIROTA, Régine. A indeterminação das fronteiras da idade. **Revista Perspectiva**, v. 25, n. 1, p. 41-56, jan./jun. 2007. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1628>. Acesso em: 24 nov. 2021.

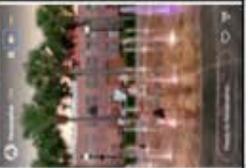
SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 7-31, 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000100001>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742001000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 nov. 2021.

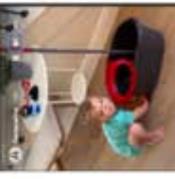
- SIROTA, Régine. L'enfance au regard des Sciences sociales. **AnthropoChildren**, n. 1, p. 1-20, jan. 2012. Disponível em: <https://popups.uliege.be/2034-8517/index.php?id=921>. Acesso em: 2 dez. 2021.
- SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. São Paulo: Papirus, 1994.
- STRUM, Shirley. C.; LATOUR, Bruno. Redefining the social link: from baboons to humans. **Social Science Information**, v. 26, n. 4, p. 783-802, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1177/053901887026004004>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/053901887026004004>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano**: introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- TONIN, Juliana. A imagem em deriva: da dicotomia entre imagem simbólica e imagem técnica. In: ARAÚJO, Denize Correa; CONTRERA, Malena Segura (org.). **Teorias da imagem e do imaginário**. Belo Horizonte: Compós, 2014. p. 196-214.
- TONIN, Juliana. Parole d'enfant: notas sobre a voz das crianças no campo das escolhas dos adultos. In: TONIN, Juliana (org.). **Comunicação, Sociologia da Infância e Imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2022. p. 9-48.
- TURMEL, Andre. **A Historical Sociology of Childhood**: Developmental thinking, categorization and graphic visualization. New York: Cambridge University Press, 2008.
- UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **História dos direitos da criança**. Nova York: EUA, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/historia-dos-direitos-da-crianca>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- VELLOSO, Fernando de Castro. **Informática**: conceitos básicos. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- VIEIRA, Livia Maria Fraga. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 67, p. 3-16, nov. 1988. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1215>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- VIU HUB. **Conectadas e engajadas**: a geração de mães consumidoras de conteúdo digital. Rio de Janeiro, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/conectadas-e-engajadas-a-geracao-de-maes-consumidoras-de-conteudo-digital/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

APÊNDICE A - Figuras referentes ao bebê do perfil de Flavia Calina

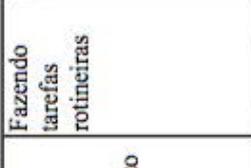
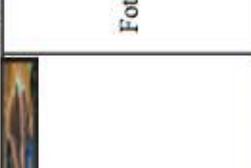
06/06/22		05/06/22	
Fazendo tarefas rotineiras	Fazendo tarefas rotineiras	Sem publicações no dia	Sem publicações no dia
			
Video	Video	Foto	Foto
Fazendo tarefas rotineiras	Fazendo tarefas rotineiras	Sem publicações no dia	Sem publicações no dia
			
Video	Video	Foto	Foto
Fazendo tarefas rotineiras	Fazendo tarefas rotineiras	Sem publicações no dia	Sem publicações no dia
			
Foto	Foto	Foto	Foto
Fazendo tarefas rotineiras	Fazendo tarefas rotineiras	Sem publicações no dia	Sem publicações no dia
			
Foto	Foto	Foto	Foto

07/06/22		08/06/22		09/06/22		11/06/22					
	Brincando	Sem publicações no dia		Sendo cômico	Sem publicações no dia		Foto	Fazendo tarefas rotineiras		Foto	Sendo cômico
	Brincando						Video	Brincando		Foto	Sendo cômico
	Aprendendo tarefas						Foto	Sendo cômico		Foto	Sendo cômico
							Foto	Fazendo tarefas rotineiras		Foto	Sendo cômico

11/06/22		12/06/22				13/06/22			
	Foto		Brincando		Brincando		Sendo cômico		Brincando
	Foto		Brincando		Brincando		Sendo cômico		Brincando
	Foto		Brincando		Brincando		Fazendo tarefas rotineiras		Brincando
	Foto		Brincando		Fazendo tarefas rotineiras		Brincando		Brincando

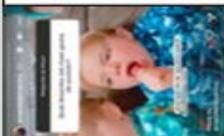
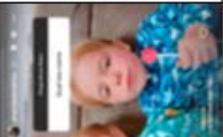
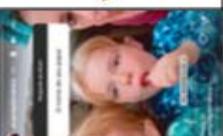
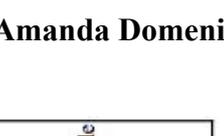
20/06/22		21/06/22		22/06/22		23/06/22	
	Brincando		Aprendendo tarefas		Video		Brincando
Video		Video		Video	Fazendo tarefas rotineiras	Video	
	Sendo cômico		Aprendendo tarefas		Video		Brincando
Video		Video		Video	Fazendo tarefas rotineiras	Video	
	Sendo cômico		Aprendendo tarefas				Sendo cômico
Video		Video				Video	
			Aprendendo tarefas				Brincando
		Video				Foto	

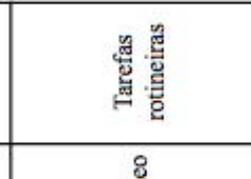
23/06/22		24/06/22		25/06/22		26/06/22		27/06/22																													
	Vídeo	Fazendo tarefas rotineiras	Sem publicações no dia	Sem publicações no dia	Sem publicações no dia		Vídeo		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Aprendendo tarefas

28/06/22		29/06/22		30/06/22	
	Brincando		Brincando		Brincando
Vídeo		Vídeo		Foto	Foto
	Sendo cômico		Brincando		Brincando
Vídeo		Vídeo		Foto	Foto
	Sendo cômico		Sendo cômico		Brincando
Vídeo		Vídeo		Foto	Foto
	Sendo cômico		Brincando		Brincando
Vídeo		Vídeo		Foto	Foto
	Brincando		Fazendo tarefas rotineiras		
Vídeo		Foto		Foto	
			Brincando		Brincando
		Foto		Foto	Brincando
			Brincando		Brincando
		Foto		Foto	Brincando

30/06/22							
	Brincando		Vídeo	Aprendendo tarefas		Foto	Sendo cômico
	Brincando		Vídeo	Aprendendo tarefas		Vídeo	Brincando
	Brincando		Vídeo	Aprendendo tarefas			
	Brincando		Vídeo	Fazendo tarefas rotineiras			

APÊNDICE B - Figuras referentes ao bebê do perfil de Amanda Domenico

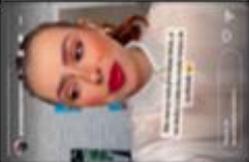
01/06/22		02/06/22				03/06/22		
	Vídeo	Tarefas rotineiras		Vídeo	Brincando		Vídeo	Respostas de perguntas e enquetes
	Vídeo	Brincando		Vídeo	Respostas de perguntas e enquetes			Respostas de perguntas e enquetes
	Foto	Demanda de atenção		Vídeo	Respostas de perguntas e enquetes			Respostas de perguntas e enquetes
				Vídeo	Respostas de perguntas e enquetes			Respostas de perguntas e enquetes
								Demanda de atenção
								Demanda de atenção

05/06/22		06/06/22				07/06/22		08/06/22		
	Foto		Video		Demanda de atenção		Video		Foto	Tarefas rotineiras
	Video		Video		Demanda de atenção		Video		Foto	Respostas de perguntas e enquetes
	Foto		Video		Tarefas rotineiras		Video		Video	Tarefas rotineiras
			Video		Tarefas rotineiras		Video		Video	Tarefas rotineiras

09/06/22		10/06/22		11/06/22		12/06/22								
	Video	Demanda de atenção		Video	Tarefas rotineiras		Foto	Tarefas rotineiras		Foto	Brincando		Video	Brincando
	Video	Tarefas rotineiras		Bocejarang	Demanda de atenção		Video	Tarefas rotineiras		Foto	Brincando		Video	Brincando
	Video	Tarefas rotineiras					Video	Tarefas rotineiras		Foto	Brincando		Video	Brincando
	Video	Tarefas rotineiras								Video	Brincando		Video	Brincando

12/06/22		13/06/22				14/06/22		15/06/22						
	Video	Brincando		Foto	Demanda de atenção		Respostas de perguntas e enquetes		Video	Tarefas rotineiras		Foto	Respostas de perguntas e enquetes	Sem publicações no dia
	Video	Respostas de perguntas e enquetes		Foto	Demanda de atenção		Foto	Demanda de atenção	Video	Tarefas rotineiras				
	Video	Tarefas rotineiras		Foto	Demanda de atenção		Foto	Demanda de atenção						
	Foto	Demanda de atenção		Video	Demanda de atenção		Video	Demanda de atenção						

16/06/22				17/06/22									
	Vídeo	Demanda de atenção		Vídeo	Brincando		Vídeo	Tarefas rotineiras	Foto	Respostas de perguntas e enquetes		Vídeo	Tarefas rotineiras
	Foto	Respostas de perguntas e enquetes		Vídeo	Demanda de atenção		Vídeo	Tarefas rotineiras	Foto	Tarefas rotineiras		Vídeo	Tarefas rotineiras
	Foto	Respostas de perguntas e enquetes		Vídeo	Demanda de atenção				Vídeo	Tarefas rotineiras		Foto	Tarefas rotineiras
	Foto	Demanda de atenção		Vídeo	Demanda de atenção				Vídeo	Tarefas rotineiras		Vídeo	Tarefas rotineiras

18/06/22		19/06/22		20/06/22		21/06/22	
	Video	Tarefas rotineiras	Video	Demanda de atenção		Video	Demanda de atenção
	Foto	Tarefas rotineiras	Video	Brincando		Foto	Tarefas rotineiras
	Video	Brincando	Video	Brincando		Foto	Tarefas rotineiras
	Video	Tarefas rotineiras	Video	Demanda de atenção		Video	Tarefas rotineiras
	Foto	Tarefas rotineiras	Video	Tarefas rotineiras		Foto	Respostas de perguntas e enquetes
	Foto	Tarefas rotineiras	Foto	Brincando		Foto	Respostas de perguntas e enquetes
	Foto	Brincando	Video	Brincando		Foto	Respostas de perguntas e enquetes
	Video	Demanda de atenção	Video	Demanda de atenção		Video	Tarefas rotineiras

29/06/22		30/06/22	
	Video	Brincando	Tarefas rotineiras
	Video	Brincando	Tarefas rotineiras
	Video	Brincando	Tarefas rotineiras
	Video	Tarefas rotineiras	Tarefas rotineiras

06/06/22		07/06/22		08/06/22				10/06/22		11/06/22
	Foto	Contemplação de tarefas rotineiras	Sem publicações no dia		Contemplação de tarefas rotineiras		Contemplação de tarefas rotineiras		Vídeo	Sem publicações no dia
	Vídeo	Contemplação de tarefas rotineiras			Vídeo	Conversa	Conversa			Contemplação de tarefas rotineiras
	Vídeo	Contemplação de tarefas rotineiras			Foto	Contemplação de tarefas rotineiras	Contemplação de tarefas rotineiras			Sem publicações no dia
	Vídeo	Conversa			Foto	Contemplação de tarefas rotineiras	Contemplação de tarefas rotineiras			Sem publicações no dia

16/06/22		17/06/22		18/06/22		18/06/22		19/06/22	
	Foto	Pose para foto	Foto	Pose para foto	Conversa		Foto		Video
	Foto	Pose para foto	Foto	Pose para foto	Conversa		Foto		Foto
	Foto	Pose para foto	Foto	Pose para foto	Conversa		Foto		
	Foto	Contemplação de tarefas rotineiras	Foto	Pose para foto	Conversa		Foto		
	Foto	Contemplação de tarefas rotineiras			Contemplação de tarefas rotineiras		Video		

20/06/22	Sem publicações no dia						
21/06/22		Foto	Contemplação de tarefas rotineiras				
22/06/22		Sem publicações no dia					
23/06/22		Sem publicações no dia					
24/06/22		Vídeo	Contemplação de tarefas rotineiras				
25/06/22		Vídeo	Conversa				
26/06/22		Vídeo	Contemplação de tarefas rotineiras				





Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br